

NOTÍCIAS SOBRE O SEQUESTRO

DE

DOM ADRIANO HYPOLITO

BISPO DE NOVA IGUAÇU

JORNAIS DIÁRIOS,

SEMANÁRIOS, MENSALIS

E

REVISTAS

DE

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

Í N D I C E

JORNAIS DIÁRIOS

DE

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO NORTE

JORNAL DO ESTADO DO PARÁ

Páginas

1. O Norte 01 e 02

NORDESTE

JORNAIS DO ESTADO DA BAHIA

1. A Tarde 03 a 10
2. O Mensageiro 11 a 13
3. Jornal da Bahia 14

JORNAIS DO ESTADO DO MARANHÃO

1. Diário do Povo 15 e 16
2. O Imparcial 17 a 19

JORNAL DO ESTADO DO SERGIPE

1. Jornal da Cidade 20 a 22

SUDESTE

Páginas

JORNAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

| | |
|--------------------------------|---------|
| 1. Diário de Baúru | 24 |
| 2. O Estado de São Paulo | 25 a 32 |
| 3. Folha de São Paulo | 33 a 35 |

REGIÃO SUL

JORNAL DO ESTADO DO PARANÁ

| | |
|-------------------------|----|
| 1. Gazeta do Povo | 36 |
|-------------------------|----|

CENTRO-OESTE

JORNAIS DO DISTRITO FEDERAL

| | |
|---------------------------------------|----|
| 1. Jornal de Brasília | 37 |
| 2. Diário do Congresso Nacional | 38 |

SEMANÁRIOS

DE

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO SUDESTE

JORNAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CIDADE DE NOVA IGUAÇU

| | <u>Páginas</u> |
|-----------------------------|----------------|
| 1. Correio da Lavoura | 39 a 42 |
| 2. Folha de Notícias | 43 |

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

| | |
|------------------|---------|
| 1. Pasquim | 44 a 47 |
|------------------|---------|

JORNAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

| | |
|----------------------|---------|
| 1. Movimento | 48 a 54 |
| 2. O São Paulo | 55 e 56 |

REGIÃO SUL

JORNAL DO ESTADO DO PARANÁ

| | |
|------------------------|---------|
| 1. Voz do Paraná | 57 a 61 |
|------------------------|---------|

JORNAIS MENSAIS

| | |
|----------------------|---------|
| 1. Agora | 62 |
| 2. Coojornal | 63 e 64 |
| 3. Evangelizar | 65 |
| 4. Reporter | 66 e 67 |

REVISTAS

DE

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO SUDESTE

Páginas

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CIDADE DE NOVA IGUAÇU

- | | |
|---|---------|
| 1. Boletim Diocesano - Informativo da Diocese de Nova Iguaçu | 68 a 69 |
| 2. Luz da Alvorada - Editado pela Paróquia Santa Luzia - Bairro da Luz - Nova Iguaçu | 70 a 72 |
| 3. Profeta - Semanário Dominical de Nova Mesquita - Paróquia São José Operário - Diocese de Nova Iguaçu ... | 73 e 74 |

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

- | | |
|---|-----------|
| 1. Blitz | 75 a 78 |
| 2. CEI - Centro Ecumênico de Informação | 79 e 80 |
| 3. CIC - Centro Informativo Católico | 81 a 86 |
| 4. Comunicação Pastoral ao Povo de Deus - (Separata da Comunicação : Pastoral da CNBB) | 87 |
| 5. Manchete | 88 a 91 |
| 6. Notícias - Boletim Semanal da CNBB | 92 e 92B |
| 7. SEDOC - Serviço de Documentação | 93 a 101 |
| 8. Uma Vida de Esperança - Política II - Pronunciamento do Deputado Estadual Aluísio Gama | 102 e 103 |

ESTADO DE SÃO PAULO

- | | |
|---|-----------|
| 1. Comunicação Pastoral ao Povo de Deus - Documentos da CNBB | 104 |
| 2. Departamento dos Meios de Comunicação da Diocese de Uberlândia | 105 e 106 |
| 3. Isto é | 107 e 108 |
| 4. Mundo - Econômico, Político & Social | 109 e 110 |

VÁRIOS ESTADOS DO BRASILREGIÃO SUDESTEPáginasESTADO DO RIO DE JANEIROCIDADE DE NOVA IGUAÇU

| | |
|---|---------|
| 1. Boletim Diocesano - Informativo da Diocese de Nova Iguaçu | 68 a 69 |
| 2. Luz da Alvorada - Editado pela Paróquia Santa Luzia - Bairro da Luz - Nova Iguaçu | 70 a 72 |
| 3. Profeta - Semanário Dominical de Nova Mesquita - Paróquia São José Operário - Diocese de Nova Iguaçu ... | 73 e 74 |

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

| | |
|---|-----------|
| 1. Blitz | 75 a 78 |
| 2. CEI - Centro Ecumênico de Informação | 79 e 80 |
| 3. CIC - Centro Informativo Católico | 81 a 86 |
| 4. Comunicação Pastoral ao Povo de Deus - (Separata da Comunicação : Pastoral da CNBB) | 87 |
| 5. Manchete | 88 a 91 |
| 6. Notícias - Boletim Semanal da CNBB | 92 e 92B |
| 7. SEDOC - Serviço de Documentação | 93 a 101 |
| 8. Uma Vida de Esperança - Política II - Pronunciamento do Deputado Estadual Aluísio Gama | 102 e 103 |

ESTADO DE SÃO PAULO

| | |
|---|-----------|
| 1. Comunicação Pastoral ao Povo de Deus - Documentos da CNBB | 104 |
| 2. Departamento dos Meios de Comunicação da Diocese de Uberlândia | 105 e 106 |
| 3. Isto é | 107 e 108 |
| 4. Mundo - Econômico, Político & Social | 109 e 110 |
| 5. Playboy | 111 a 115 |
| 6. Reflexões a Propósito do Sequestro - Artigo Retirado do Jornal "O São Paulo" | 116 |

Páginas

| | |
|--|-----------|
| 7. Repressão na Igreja do Brasil | 117 |
| 8. Veja | 118 a 126 |

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

| | |
|--|-----------|
| 1. Renovação - Boletim Informativo da Diocese de São Mateus - ES | 127 e 128 |
|--|-----------|

NORDESTE

ESTADO DE PERNAMBUCO

| | |
|--|-----------|
| 1. Notícias - Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil - Recife - PE | 129 a 131 |
|--|-----------|

CENTRO-OESTE

DISTRITO FEDERAL

| | |
|--|-----|
| 1. Resistência - Discursos Pronunciados pelo Deputado Oswaldo Lima | 132 |
|--|-----|

ESTADO DE GOIÁS

| | |
|---|-----|
| 1. Revista da Arquidiocese de Goiânia | 133 |
|---|-----|

JORNAIS DIÁRIOS

DE

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO NORTE

JORNAL DO ESTADO DO PARÁ

| <u>DATA</u> | <u>O NORTE</u> | <u>Páginas</u> |
|--------------------------------|----------------|----------------|
| - 25 de setembro de 1976 | | 01 |
| - 27 de setembro de 1976 | | 02 |

NORDESTE

JORNAIS DO ESTADO DA BAHIA

A TARDE

| | |
|--------------------------------|---------|
| - 24 de setembro de 1976 | 03 a 06 |
| - 25 de setembro de 1976 | 07 e 08 |
| - 27 de setembro de 1976 | 09 |
| - 30 de novembro de 1977 | 10 |

O MENSAGEIRO

| | |
|-----------------------------|---------|
| - 27 de março de 1977 | 11 |
| - 03 de abril de 1977 | 12 e 13 |

JORNAL DA BAHIA

| | |
|--------------------------------|----|
| - 29 de setembro de 1976 | 14 |
|--------------------------------|----|

JORNAL DO ESTADO DO MARANHÃO

VÁRIOS ESTADOS DO BRASILREGIÃO NORTEJORNAL DO ESTADO DO PARÁ

| <u>DATA</u> | <u>O NORTE</u> | <u>Páginas</u> |
|--------------------------------|----------------|----------------|
| - 25 de setembro de 1976 | | 01 |
| - 27 de setembro de 1976 | | 02 |

NORDESTEJORNAIS DO ESTADO DA BAHIAA TARDE

| | |
|--------------------------------|---------|
| - 24 de setembro de 1976 | 03 a 06 |
| - 25 de setembro de 1976 | 07 e 08 |
| - 27 de setembro de 1976 | 09 |
| - 30 de novembro de 1977 | 10 |

O MENSAGEIRO

| | |
|-----------------------------|---------|
| - 27 de março de 1977 | 11 |
| - 03 de abril de 1977 | 12 e 13 |

JORNAL DA BAHIA

| | |
|--------------------------------|----|
| - 29 de setembro de 1976 | 14 |
|--------------------------------|----|

JORNAL DO ESTADO DO MARANHÃODIÁRIO DO POVO

| | |
|--------------------------------|---------|
| - 24 de setembro de 1976 | 15 e 16 |
|--------------------------------|---------|

DATA

Páginas

O IMPARCIAL

- 24 de setembro de 1976 17 a 19

JORNAL DO ESTADO DE SERGIPE

JORNAL DA CIDADE

- 26 e 27 de setembro de 1976 20 a 22

SUDESTE

JORNAIS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

DIRETRIZES

- 15 de setembro de 1976 23

JORNAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIÁRIO DE BAÚRU

- 26 de setembro de 1976 24

O ESTADO DE SÃO PAULO

- 24 de setembro de 1976 25 e 26
- 05 de outubro de 1976 27
- 07 de outubro de 1976 28
- 19 de outubro de 1976 29
- 22 de novembro de 1977 30
- 30 de novembro de 1978 31 e 32

FOLHA DE SÃO PAULO

- 23 de setembro de 1976

| | |
|--------------------------------|---------|
| - 24 de setembro de 1976 | 17 a 19 |
|--------------------------------|---------|

JORNAL DO ESTADO DE SERGIPE

JORNAL DA CIDADE

| | |
|-------------------------------------|---------|
| - 26 e 27 de setembro de 1976 | 20 a 22 |
|-------------------------------------|---------|

SUDESTE

JORNAIS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

DIRETRIZES

| | |
|--------------------------------|----|
| - 15 de setembro de 1976 | 23 |
|--------------------------------|----|

JORNAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIÁRIO DE BAÚRU

| | |
|--------------------------------|----|
| - 26 de setembro de 1976 | 24 |
|--------------------------------|----|

O ESTADO DE SÃO PAULO

| | |
|--------------------------------|---------|
| - 24 de setembro de 1976 | 25 e 26 |
| - 05 de outubro de 1976 | 27 |
| - 07 de outubro de 1976 | 28 |
| - 19 de outubro de 1976 | 29 |
| - 22 de novembro de 1977 | 30 |
| - 30 de novembro de 1978 | 31 e 32 |

FOLHA DE SÃO PAULO

| | |
|--------------------------------|----|
| - 23 de setembro de 1976 | 33 |
| - 10 de outubro de 1976 | 34 |
| - 13 de setembro de 1980 | 35 |

REGIÃO SUL

DATA

Páginas

JORNAL DO ESTADO DO PARANÁ

GAZETA DO POVO

- 07 de outubro de 1976 36

CENTRO-OESTE

JORNAIS DO DISTRITO FEDERAL

JORNAIS DE BRASÍLIA

- 23 de fevereiro de 1978 37

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

- 29 de setembro de 1976 38

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

SEMANÁRIOS

DE

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO SUDESTE

JORNAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

JORNAL DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU

DATA

Páginas

CORREIO DA LAVOURA

| | |
|------------------------------------|----|
| - 02 e 03 de outubro de 1976 | 39 |
| - 09 e 10 de outubro de 1976 | 40 |
| - 25 e 26 de outubro de 1977 | 41 |
| - 08 e 09 de abril de 1978 | 42 |

JORNAIS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

FOLHA DE NOTÍCIAS

| | |
|-------------------------------------|----|
| - 15 a 21 de dezembro de 1979 | 43 |
|-------------------------------------|----|

PASQUIM

| | |
|-----------------------------------|---------|
| - 18 a 24 de agosto de 1978 | 44 a 47 |
|-----------------------------------|---------|

JORNAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

MOVIMENTO

| | |
|-------------------------------------|---------|
| - 03 de agosto de 1978 | 48 |
| - 03 a 09 de dezembro de 1979 | 49 a 51 |

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO SUDESTE

JORNAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

JORNAL DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU

DATA

Páginas

CORREIO DA LAVOURA

| | |
|------------------------------------|----|
| - 02 e 03 de outubro de 1976 | 39 |
| - 09 e 10 de outubro de 1976 | 40 |
| - 25 e 26 de outubro de 1977 | 41 |
| - 08 e 09 de abril de 1978 | 42 |

JORNAIS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

FOLHA DE NOTÍCIAS

| | |
|-------------------------------------|----|
| - 15 a 21 de dezembro de 1979 | 43 |
|-------------------------------------|----|

PASQUIM

| | |
|-----------------------------------|---------|
| - 18 a 24 de agosto de 1978 | 44 a 47 |
|-----------------------------------|---------|

JORNAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

MOVIMENTO

| | |
|-------------------------------------|---------|
| - 03 de agosto de 1978 | 48 |
| - 03 a 09 de dezembro de 1979 | 49 a 51 |

DATAPáginas

| | |
|---|----|
| - 10 a 16 de dezembro de 1979 | 52 |
| - 30 de junho a 06 de julho de 1980 | 53 |
| - 15 a 21 de junho de 1981 | 54 |

O SÃO PAULO

| | |
|-------------------------------------|---------|
| - 07 a 13 de dezembro de 1979 | 55 e 56 |
|-------------------------------------|---------|

REGIÃO SULJORNAL DO ESTADO DO PARANÁVOZ DO PARANÁ

| | |
|------------------------------------|---------|
| - 26 de setembro de 1976 | 57 |
| - 02 de outubro de 1976 | 58 |
| - 03 a 09 de outubro de 1976 | 59 a 61 |

JORNAIS MENSAIS

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

DATA

Páginas

AGORA

- novembro e dezembro de 1979 62

COOJORNAL

- março de 1980 63 e 64

EVANGELIZAR

- outubro de 1976 65

REPORTER

- dezembro de 1977 66 e 67

REVISTAS

DE

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO SUDESTE

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CIDADE DE NOVA IGUAÇU

BOLETIM DIOCESANO

Páginas

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

- N.ºs. 95 e 96 - novembro e dezembro de 1976 68 e 69

LUZ DA ALVORADA

Editado pela Paróquia de Santa Luzia
Bairro da Luz - Nova Iguaçu

- Ano IV - n.º XXXVII - outubro de 1976 70
- Ano V - n.º LVI - maio de 1978 71 e 72

PROFETA

Semanário Dominical de Nova Mesquita
Paróquia São José Operário - Diocese
de Nova Iguaçu 73 e 74

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

BLITZ

VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL

REGIÃO SUDESTE

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CIDADE DE NOVA IGUAÇU

BOLETIM DIOCESANO

Páginas

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

- N.ºs. 95 e 96 - novembro e dezembro de 1976 68 e 69

LUZ DA ALVORADA

Editado pela Paróquia de Santa Luzia

Bairro da Luz - Nova Iguaçu

- Ano IV - n.º XXXVII - outubro de 1976 70

- Ano V - n.º LVI - maio de 1978 71 e 72

PROFETA

Semanário Dominical de Nova Mesquita

Paróquia São José Operário - Diocese

de Nova Iguaçu 73 e 74

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

BLITZ

- Ano I - n.º 03 - outubro de 1976 75 a 78

CEI - CENTRO ECUMÊNICO DE INFORMAÇÃO

| | |
|-----------------------------------|----|
| - Nº 118 - setembro de 1976 | 79 |
| - Nº 125 - abril de 1977 | 80 |

CIC - CENTRO INFORMATIVO CATÓLICO

| | |
|--|----|
| - Ano XXV - nº 1258 - 28 de setembro de 1976 | 81 |
| - Ano XXV - nº 1259 - 05 de outubro de 1976 | 82 |
| - Ano XXV - nº 1264 - 09 de novembro de 1976 | 83 |
| - Ano XXV - nº 1271 - 28 de dezembro de 1976 | 84 |
| - Ano XXV - nº 1288 - 26 de abril de 1977 | 85 |
| - Ano XXVII - nº 1344 - 23 de maio de 1978 | 86 |

COMUNICAÇÃO PASTORAL AO POVO DE DEUS

Separata do Comunicado Mensal da CNBB

| | |
|-------------------------|----|
| - outubro de 1976 | 87 |
|-------------------------|----|

MANCHETE

| | |
|--|---------|
| - Nº 1.277 - 09 de outubro de 1976 | 88 a 91 |
|--|---------|

NOTÍCIAS

Boletim Semanal da CNBB

| | |
|--|-----|
| - Ano VII - nº 39 (339) - 24 de setembro de 1976 | 92 |
| - Ano VII - nº 40 (340) - 01 de outubro de 1976 | 92B |

SEDOC

Serviço de Documentação

| | |
|---|-----------|
| - Volume 09 - dezembro de 1976 | 93 a 97 |
| - Volume 09 - janeiro e fevereiro de 1977 | 98 e 99 |
| - Volume 09 - maio de 1977 | 100 e 101 |

| | |
|-----------------------------------|----|
| - Nº 118 - setembro de 1976 | 79 |
| - Nº 125 - abril de 1977 | 80 |

CIC - CENTRO INFORMATIVO CATÓLICO

| | |
|--|----|
| - Ano XXV - nº 1258 - 28 de setembro de 1976 | 81 |
| - Ano XXV - nº 1259 - 05 de outubro de 1976 | 82 |
| - Ano XXV - nº 1264 - 09 de novembro de 1976 | 83 |
| - Ano XXV - nº 1271 - 28 de dezembro de 1976 | 84 |
| - Ano XXV - nº 1288 - 26 de abril de 1977 | 85 |
| - Ano XXVII - nº 1344 - 23 de maio de 1978 | 86 |

COMUNICAÇÃO PASTORAL AO POVO DE DEUS

Separata do Comunicado Mensal da CNBB

| | |
|-------------------------|----|
| - outubro de 1976 | 87 |
|-------------------------|----|

MANCHETE

| | |
|--|---------|
| - Nº 1.277 - 09 de outubro de 1976 | 88 a 91 |
|--|---------|

NOTÍCIAS

Boletim Semanal da CNBB

| | |
|--|-----|
| - Ano VII - nº 39 (339) - 24 de setembro de 1976 | 92 |
| - Ano VII - nº 40 (340) - 01 de outubro de 1976 | 92B |

SEDOC

Serviço de Documentação

| | |
|---|-----------|
| - Volume 09 - dezembro de 1976 | 93 a 97 |
| - Volume 09 - janeiro e fevereiro de 1977 | 98 e 99 |
| - Volume 09 - maio de 1977 | 100 e 101 |

UMA VIDA DE ESPERANÇA POLÍTICA - II

Pronunciamentos do Deputado Estadual Aluísio Gama

- Ano: 1976 - 1977 102 e 103

ESTADO DE SÃO PAULO

COMUNICAÇÃO PASTORAL AO POVO DE DEUS

Documentos da CNBB 104

DEPARTAMENTO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Diocese de Uberlândia 105 e 106

ISTO É

- Nº 61 - 22 de fevereiro de 1978 107 e 108

MUNDO

Econômico, Político & Social

- Ano III - nº 01 - Trimestre até setembro de 1977 109 e 110

PLAYBOY

- Ano IV - nº 39 - outubro de 1976 111 a 115

REFLEXÕES A PROPÓSITO DE UM SEQUESTRO

Artigo retirado de "O São Paulo" 116

REPRESSÃO NA IGREJA DO BRASIL

Páginas

Documento divulgado pela Comissão Arquidiocesa de
Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados da Ar
quidiocese de São Paulo

117

VEJA

- Nº 421 - 29 de setembro de 1976 118 a 121
- Nº 422 - 06 de outubro de 1976 122 e 123
- Nº 432 - 15 de dezembro de 1976 124
- Nº 567 - 18 de julho de 1979 125
- Nº 590 - 26 de dezembro de 1979 126

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

BOLETIM INFORMATIVO DA DIOCESE DE SÃO MATEUS - ES

- Nº 14 - outubro de 1976 127 e 128

NORDESTE

ESTADO DE PERNAMBUCO

NOTÍCIAS

Da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil
Recife.

- Ano XXIV - nº 10 - outubro de 1976 129 e 130
- Ano XXIV - nº 12 - dezembro de 1976 131

CENTRO-OESTE

DISTRITO FEDERAL

RESISTÊNCIA

Discursos Pronunciados pelo Deputado
Federal Oswaldo Lima 132

ESTADO DE GOIÁS

REVISTA DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA

- Ano XIX - nº 10 - outubro de 1976 133

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ



J O R N A I S

D I Á R I O S

CDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

PROFONAÇÃO

Gonzaga Rodrigues

Não deve ser brasileira a mão ímpia que expôs ao extermo desrespeito um prelado da Igreja.

Pode até ter nascido no Brasil, mas o espírito é outro, nunca o brasileiro.

Até os ateus, neste país, valem-se de Deus.

Conheci um que, como eu, sobrepunha o ser antes do pensar.

O primado da matéria sobre o espírito regia todas as suas lucubrações. Fundamentava-se, como autodidata, no materialismo dialético, subestimando todas as formas de idealismo. A alma ou o espírito era concebida como a suprema manifestação da matéria, o último grau na sua evolução. Deus, nesse caso, era criatura do homem.

Um dia, em apertada hora, agrediram-no de faca em plena rua, sem ninguém próximo, exposto sozinho à sanha assassina. Quando o avisto de longe e atirou-me em seu socorro, pude ouvir, simultâneo ao lance da faca, o grito desafogado de "valha-me Deus". O agnosticismo era livresco, em frontal desencontro com a verdade da alma, cultivada ao condicionamento de 400 anos de orações e temores religiosos.

A Constituição de 46, a que mais refletiu o espírito nacional pelo modo como foi redigida, livre de quaisquer outras pressões a não ser a da nossa própria formação, começava sob a invocação dos poderes sagrados. Quando se esboçou pequena dúvida sobre a legitimidade dessa invocação, o constituinte Gilberto Freyre matou a questão, dizendo: "No Brasil até os ateus acreditam em Deus".

Por isso, sequestrar um bispo, atar-lhe as mãos e soltá-lo nua via pública não é nem pode ser injúria ou afronta brasileira. É prática importada, ato de traição à nossa própria consciência.

Quem fez ou quem mandou não tem religião nem pátria, a exemplo de grandes organizações, aparentemente a serviço do homem, sem nada ter com o homem.

Quem inspirou esse ato é a mesma pessoa ou a mesma entidade para quem o leite, o remédio, o alimento não é nem pode ser alimento, fonte de vida, mas mercadoria, fonte de lucro. So desrespeita um sacerdote, neste país, quem se demitiu por completo da nossa natureza, não sendo homem nem bicho, mas simples manufatura da ideologia global, a que gera bens e consumo por dinheiro.

Só pode ofender a um ministro de Deus, por mais falhas que ele tenha, quem perdeu os vínculos com a pia batismal, com as invocações domésticas, com a religiosidade que acalentou todos os meninos deste país.

É apátrida a mão que ofendeu a Dom Adriano.

Também não pode ser política, quando se tem a política como uma forma de ação em busca do bem comum. A quem teria agrado um ato de ofensa a 100

PROFONAÇÃO

Gonzaga Rodrigues

Não deve ser brasileira a mão ímpia que expôs ao extermo desrespeito um prelado da Igreja.

Pode até ter nascido no Brasil, mas o espírito é outro, nunca o brasileiro.

Até os ateus, neste país, valem-se de Deus.

Conheci um que, como eu, sobrepunha o ser antes do pensar.

O primado da matéria sobre o espírito regia todas as suas lucubrações. Fundamentava-se, como autodidata, no materialismo dialético, subestimando todas as formas de idealismo. A alma ou o espírito era concebida como a suprema manifestação da matéria, o último grau na sua evolução. Deus, nesse caso, era criatura do homem.

Um dia, em apertada hora, agrediram-no de faca em plena rua, sem ninguém próximo, exposto sozinho à sanha assassina. Quando o avisto de longe e atiro-me em seu socorro, pude ouvir, simultâneo ao lance da faca, o grito desafogado de "valha-me Deus". O agnosticismo era livresco, em frontal desencontro com a verdade da alma, cultivada ao condicionamento de 400 anos de orações e temores religiosos.

A Constituição de 46, a que mais refletiu o espírito nacional pelo modo como foi redigida, livre de quaisquer outras pressões a não ser a da nossa própria formação, começava sob a invocação dos poderes sagrados. Quando se esboçou pequena dúvida sobre a legitimidade dessa invocação, o constituinte Gilberto Freyre matou a questão, dizendo: "No Brasil até os ateus acreditam em Deus".

Por isso, sequestrar um bispo, atar-lhe as mãos e soltá-lo nú na via pública não é nem pode ser injúria ou afronta brasileira. É prática importada, ato de traição à nossa própria consciência.

Quem fez ou quem mandou não tem religião nem pátria, a exemplo de grandes organizações, aparentemente a serviço do homem, sem nada ter com o homem.

Quem inspirou esse ato é a mesma pessoa ou a mesma entidade para quem o leite, o remédio, o alimento não é nem pode ser alimento, fonte de vida, mas mercadoria, fonte de lucro. So desrespeita um sacerdote, neste país, quem se demitiu por completo da nossa natureza, não sendo homem nem bicho, mas simples manufatura da ideologia global, a que gera bens e consumo por dinheiro.

Só pode ofender a um ministro de Deus, por mais falhas que ele tenha, quem perdeu os vínculos com a pia batismal, com as invocações domésticas, com a religiosidade que acalentou todos os meninos deste país.

É apátrida a mão que ofendeu a Dom Adriano.

Também não pode ser política, quando se tem a política como uma forma de ação em busca do bem comum. A quem teria agradado um ato de ofensa a 100 milhões de brasileiros? Seria brasileira, esse ato?

Pode ter nascido no Brasil, mas a serviço das forças que o Brasil ajudou a destruir nos campos de Montesi e Monte Castelo.

EDITORIAL

O TERROR CEGO

Marcos Tavares

A tradição de bispos no país, decididamente vai mal. E isso desde os tempos da colonização, quando o desventurado Pero Sardinha serviu de banquete aos gentios depois de um naufrágio na costa brasileira.

Depois foram as revoluções libertárias, quando muitos prelados sofreram martírio por defenderem idéias incompatíveis com o que a coroa portuguesa julgava certo e justo: a exploração das riquezas naturais da terra e exploração dos seus cidadãos.

Os tempos passaram, mas a situação, com pequenas modificações permaneceu. Por suas idéias de reformas sociais e justiça, preconizadas em encíclicas papais, a Igreja brasileira tem sido a vítima principal dos grupos neo-facistas que transitam no cenário político, que invejosos, certamente, do prestígio que desfruta o catolicismo no seio da população, investem como Quixotes loucos, sobre os moinhos de vento cardinálícos.

A TFP, tradicional organização ultra-direitista, e a primeira no ramo de combater a Igreja, normalmente usou a nova política católica como ponto principal dos seus ataques, que apesar de infrutíferos, são de uma constância digna da sem cerimônia com que aqueles senhores tropicalizado nos seus ternos brilhantes, invadem a paz e o sossego nacionais.

Enquanto tudo não passava de menigestações infante juvenis, inconsequentes e pueris, tudo bem. Mas agora, como era de se prevê, o processo se acirra, e outras organizações de iguais tendências, usando métodos mais violentos, começam a promover a desordem e o terrorismo no país, com o lançamento constante de bombas, que atingiram inicialmen-

te a imprensa, e agora se voltam contra a Igreja, numa atitude herética e assassina, totalmente incompatíveis com a tradição nacional de liberalismo e pacifismo.

Não se sabe o que pretendem os autores anônimos dos atentados. Será que eles acreditam que a Igreja realmente é responsável por algum mal? Será, que de sã consciência, eles possam imputar ao catolicismo brasileiro alguma culpa, alguma traição?

A psicologia explica que somente um portador de distúrbio mental se dedica ao terrorismo. Somente um homem que teve todas as portas fechadas, inclusive as da razão, poderia investir contra a vida humana, contra a propriedade, contra a figura venerável de um prelado, em quem todo o Brasil reconhece um homem de fé e de princípios.

O vexame a que foi submetido o bispo brasileiro, não abalou só a ele, mas humilhou totalmente nossos principais princípios, colocou-nos de repente numa posição incômoda no cenário internacional, levou ao mundo uma imagem do que realmente não somos, nem queremos ser.

As autoridades, sempre vigilantes, devem caçar esses novos nazistas, e colocá-los no seu devido lugar: o hospício ou a prisão, afastando-os do convívio dos homens sãos, dos homens que como o prelado brasileiro, apenas se ingravam num esforço nacional de soerguimento do País, e da promoção do bem estar geral.

O terror é sujo. O terror não constrói. O terror indignifica o homem no que ele tem de mais pessoal e intocável. Sua paz para trabalhar sua segurança para progredir.

A TARDE — SEXTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 1976

Terror ataca Bispo e jornalista

PÁGINA 7

Rio (AE)

Os sequestradores do Bispo D. Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, e de seu sobrinho, Fernando Webering, deixaram próximo ao carro de Fernando, que fizeram explodir em seguida ao sequestro, na porta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), um panfleto assinado pela "Aliança Anticomunista do Brasil - AAB", anunciando que entre as autoridades eclesásticas, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes.

A mensagem não foi liberada para a imprensa, mas um policial forneceu a informação, sem contudo lembrar os nomes das próximas vítimas. O panfleto foi encontrado por policiais que seguiram a indicação de um garoto, que viu quando o carro estacionou à porta da CNBB e dele desceram dois homens, colocaram um envelope sobre um monte de terra, afastado do carro, e deixaram o local a pé. Pouco depois o carro explodiu.

BOMBA NA CASA DO DIRETOR DE "O GLOBO"

Quando os policiais abriram o envelope e tomaram conhecimento da mensagem, mudaram seu comportamento em relação à imprensa. Os fotógrafos foram proibidos de continuar a tirar fotos do carro e alguns perderam os filmes já operados. A Delegacia de Polícia Política e Social (DPPS), do Departamento Geral de Investigações Especiais, centralizou todas as investigações em torno dos atentados contra o Bispo D. Adriano Hipólito e seu sobrinho.

A Delegacia de Polícia do município de Nova Iguaçu, em cuja jurisdição ocorreu o sequestro, não fez o registro porque não havia elementos suficientes, segundo o delegado Amil Nei Reichaid. A 29.ª DP, em Madureira, área onde D. Adriano reapareceu, também não registrou o fato, por determinação do DPPS.

A explosão à bomba do carro de Fernando Webering, sobrinho de D. Adriano, que se seguiu ao sequestro de ambos, na porta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e o atentado também à bomba, contra a casa de Roberto Marinho, não foram registrados pela 9.ª DP, na Glória, em cuja jurisdição ocorreram os fatos. Os policiais ali de plantão informaram que todas as informações levantadas nos dois locais foram levadas pelos agentes do DPPS, que liberaram a 9.ª DP de qualquer responsabilidade.

INVESTIGAÇÕES

Com a cobertura de duas guarnições da Rádio-Patrulha da PM, peritos do Instituto de Criminalística permaneceram junto aos escombros do carro, em frente à CNBB, até as duas horas da manhã de ontem. Eles fizeram um exame superficial do que restou do veículo (apenas o chassi, a parte traseira da carroceria e da roda traseira) e em seguida foram à 9.ª DP. Sem conseguir que os policiais dessa delegacia tomassem as providências que se faziam necessárias, já que estavam desobrigados por ordem superior, os peritos tiveram que pedir diretamente ao DPPS para que o carro fosse recolhido em praça pública.

O técnico queixaram-se de que os bombeiros usaram terra para apagar o incêndio do auto, ao invés de espuma. Por causa disto, os destroços do auto, um "Fuscão", terão que ser submetidos a um aspirador, antes de serem levados a exame. Os bombeiros usaram a terra que encontraram na praça em frente à CNBB, próximo ao carro, para combater o incêndio que se seguiu à explosão do veículo, porque na área — Largo da Glória — não havia água e eles não dispunham de espuma em seus carros.

VIOLENCIA E SADISMO

As 19 e 30 de ontem, o Bispo deixou a Catedral de Nova Iguaçu em companhia de seu sobrinho, Fernando Webering, e da noiva deste, Maria Del Rio Pillar D'Eglestas. Embarcaram no "Fuscão" vermelho de Fernando, placa EB-7591 e seguiram para o bairro da Posse, onde deixaram Maria em casa. De lá seguiram para o Parque Flora, a cinco quilômetros de Nova Iguaçu, onde o Bispo mora com o sobrinho.

Assim que o carro parou e Maria desembarcou, em posse, o "Fuscão" de Fernando foi fechado por dois automóveis, dos quais desembarcaram seis homens armados de revólveres. Eles obrigaram o Bispo a passar para outro carro, onde também embarcaram um branco de olhos e outro moreno. O Bispo ouviu os gritos de Fernando, que ficou dominado pelos outros sequestradores em seu próprio carro. D. Adriano foi algemado, amarrado com cordas e encapuçado. Em seguida passaram-no do banco para o chão. A

percorreu caminhos de paralelepípedos e estradas de terra, os sequestradores lhe disseram que muitos comunistas iam morrer, mas que sua vez ainda não havia chegado, por determinação do chefe do grupo.

Em um lugar que o Bispo não sabe precisar, os terroristas rasgaram sua batina e deixaram-no inteiramente despido. Em seguida, pintaram seu corpo de vermelho e o deixaram. D. Adriano foi encontrado duas horas depois — 21h30m — na Rua Japurá, em Jacarepaguá, por Evandro Moreira, candidato a vereador pelo MDB, que passava por sua "Rural Willys" placa KS-5242, ornamentada com propaganda eleitoral. Evandro conduziu o Bispo à casa do fotógrafo Adir Mara, que lhe cedeu roupas e sapatos. Novamente vestido, o Bispo foi encaminhado à Delegacia mais próxima, a 29.ª DP, em Madureira, em cuja jurisdição foi encontrado.

EXPLOSAO

As 23h30m, o "Fuscão" vermelho de Fernando foi estacionado d'ante da sede da CNBB, segundo uma testemunha. Um garoto viu os dois homens descerem e colocarem o envelope com o panfleto sobre um monte de terra e se afastaram. Logo depois o carro explodiu. Após o sequestro, Maria, noiva de Fernando, que a tudo presenciara, comunicou o fato à Delegacia de Nova Iguaçu. O delegado Amil Nei Reichaid entrou em contato imediato com o DGIE e com o Secretário de Segurança. Quando o carro explodiu e os bombeiros e a Polícia chegaram, D. Adriano

Terror ataca Bispo

e jornalista

PÁGINA 7

R'o (AE)

Os sequestradores do Bispo D. Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, e de seu sobrinho, Fernando Webering, deixaram próximo ao carro de Fernando, que fizeram explodir em seguida ao sequestro, na porta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), um panfleto assinado pela "Aliança Anticomunista do Brasil - AAB", anunciando que outras autoridades eclesásticas, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes.

A mensagem não foi liberada para a imprensa, mas um policial forneceu a informação, sem contudo lembrar os nomes das próximas vítimas. O panfleto foi encontrado por policiais que seguiram a indicação de um garoto, que viu quando o carro estacionou à porta da CNBB e dele desceram dois homens, colocaram um envelope sobre um monte de terra, afastado do carro, e deixaram o local a pé. Pouco depois o carro explodiu.

BOMBA NA CASA DO DIRETOR DE "O GLOBO"

Quando os policiais abriram o envelope e tomaram conhecimento da mensagem, mudaram seu comportamento em relação à imprensa. Os fotógrafos foram proibidos de continuar a tirar fotos do carro e alguns perderam os filmes já operados. A Delegacia de Polícia Política e Social (DPPS), do Departamento Geral de Investigações Especiais, centralizou todas as investigações em torno dos atentados contra o Bispo D. Adriano Hipólito e seu sobrinho, e contra a casa de Roberto Marinho, dono das empresas da organização "O Globo", onde foi jogada uma bomba.

A Delegacia de Polícia do município de Nova Iguaçu, em cuja jurisdição ocorreu o sequestro, não fez o registro porque não havia elementos suficientes, segundo o delegado Amil Nei Reichald. A 29.ª DP, em Madureira, área onde D. Adriano reapareceu, também não registrou o fato, por determinação do DPPS.

A explosão à bomba do carro de Fernando Webering, sobrinho de D. Adriano, que se seguiu ao sequestro de ambos, na porta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e o atentado também à bomba, contra a casa de Roberto Marinho, não foram registrados pela 9.ª DP, na Glória, em cuja jurisdição ocorreram os fatos. Os policiais ali de plantão informaram que todas as informações levantadas nos dois locais foram levadas pelos agentes do DPPS, que liberaram a 9.ª DP de qualquer responsabilidade.

INVESTIGAÇÕES

Com a cobertura de duas guarnições da Rádio-Patrulha da PM, peritos do Instituto de Criminalística permaneceram junto aos escombros do carro, em frente à CNBB, até as duas horas da manhã de ontem. Eles fizeram um exame superficial do que restou do veículo (apenas o chassis, a parte traseira da carroceria e da roda traseira) e em seguida foram à 9.ª DP. Sem conseguir que os policiais dessa delegacia tomassem as providências que se faziam necessárias, já que estavam desobrigados por ordem superior, os peritos tiveram que pedir diretamente ao DPPS para que o carro fosse rebocado em prancha para algum lugar onde pudessem periciá-lo.

O técnicos queixaram-se de que os bombeiros usaram terra para apagar o incêndio do auto, ao invés de espuma. Por causa disto, os destroços do auto, um "Fusão", terão que ser submetidos a um aspirador, antes de serem levados a exame. Os bombeiros usaram a terra que encontraram na praça em frente à CNBB, próximo ao carro, para combater o incêndio que se seguiu à explosão do veículo, porque na área — Largo da Glória — não havia água e eles não dispunham de espuma em seus carros.

VIOLENCIA E SADISMO

As 19 e 30 de ontem, o Bispo deixou a Catedral de Nova Iguaçu em companhia de seu sobrinho, Fernando Webering, e da noiva deste, Maria Del Rio Pillar D'Eglestias. Embarcaram no "Fusão" vermelho de Fernando, placa EB-7591 e seguiram para o bairro da Posse, onde deixaram Maria em casa. De lá seguiram para o Parque Flora, a cinco quilômetros de Nova Iguaçu, onde o Bispo mora com o sobrinho.

Assim que o carro parou e Maria desembarcou, em posse, o "Fusão" de Fernando foi fechado por dois automóveis, dos quais desembarcaram seis homens armados de revólveres. Eles obrigaram o Bispo a passar para outro carro, onde também embarcaram um branco de olhos e outro moreno. O Bispo ouviu os gritos de Fernando, que ficou dominado pelos outros sequestradores em seu próprio carro. D. Adriano foi algemado, amarrado com cordas e encapuçado. Em seguida passaram no do banco para o chão. A partir daí o Bispo recebeu uma série de pontapés. Durante a viagem, em que o carro segundo D. Adriano

percorreu caminhos de paralelepípedos e estradas de terra, os sequestradores lhe disseram que muitos comunistas iam morrer, mas que sua vez ainda não havia chegado, por determinação do chefe do grupo.

Em um lugar que o Bispo não sabe precisar, os terroristas rasgaram sua batina e deixaram-no inteiramente despido. Em seguida, pintaram seu corpo de vermelho e o deixaram. D. Adriano foi encontrado duas horas depois — 21h30m — na Rua Japurá, em Jacarepaguá, por Evandro Moreira, candidato a vereador pelo MDB, que passava por sua "Rural Willys" placa KS-5242, ornamentada com propaganda eleitoral. Evandro conduziu o Bispo à casa do fotógrafo Adir Mera, que lhe cedeu roupas e sapatos. Novamente vestido, o Bispo foi encaminhado à Delegacia mas próxima, a 29.ª DP, em Madureira, em cuja jurisdição foi encontrado.

EXPLOSAO

As 23h30m, o "Fusão" vermelho de Fernando foi estacionado diante da sede da CNBB, segundo uma testemunha. Um garoto viu os dois homens descerem e colocarem o envelope com o panfleto sobre um monte de terra e se afastaram. Logo depois o carro explodiu. Após o sequestro, Maria, noiva de Fernando, que a tudo presenciara, comunicou o fato à Delegacia de Nova Iguaçu. O delegado Amil Nei Reichald entrou em contato imediato com o DGIE e com o Secretário de Segurança. Quando o carro explodiu e os bombeiros e a Polícia chegaram, D. Ivo

Lorscheiter, presidente da CNBB, procurou os policiais para saber se o carro que explodiu era o do Bispo que fora sequestrado. Os policiais julgaram, até aquele momento, que o carro explodira com alguém em seu interior e que a pessoa morrera carbonizada. É que havia uma camiseta branca e uma calça preta entre as ferragens retorcidas pelo fogo, além de documentos e cerca de 500 cruzeiros em cédulas chamuscadas pelo fogo. Os agentes recolheram os documentos, conferiram o nome constante na identidade com o que era fornecido por D. Ivo e constataram que o carro era do sobrinho de D. Adriano e que não havia vítima no interior do veículo.

Ao tempo em que D. Adriano contava como ocorrera o sequestro e queixava-se de que os bandidos roubaram seus documentos e Cr\$ 5 mil, com os quais ele ia pagar títulos da Catedral de Nova Iguaçu, seu sobrinho era encontrado na estrada do Catunho, próximo ao Hotel Taba. Fernando estava despido, manietado, encapuçado e apresentava-se bastante ferido. Ele foi levado para um clínica em Nova Iguaçu para ser medicado. Logo depois D. Adriano foi conduzido ao DPDS para prestar depoimento sigiloso.

O ATENTADO CONTRA ROBERTO MARINHO

O automóvel Volkswagen azul, placa LI-8290, está sendo procurado pela Polícia do Rio de Janeiro. Seus ocupantes são os principais suspeitos do atentado a bomba contra a casa de Roberto Marinho, dono das empresas da organização "O Globo", à rua do Cosme Velho, nº 1.105. O carro foi visto rondando a casa pouco antes do atentado às 23h30m.

A Polícia concluiu que a bomba foi jogada pelos ocupantes de um carro que descia a ladeira dos Guaraúpes, que passa nos fundos da propriedade. A bomba caiu sobre o telhado, deslizando sobre o mesmo e explodiu próximo à parede da casa. O petardo destruiu todas as vidraças do quarto de Roberto Marinho, que dormia com sua mulher. Um policial informou que o casal só não foi atingido porque os estilhaços de vidro caí-

ram de encontro à cortina, que estava fechada.

O atentado feriu dois empregados de Roberto Marinho, os copeiros Darcy Alves Faria e Antonio Queiroz. Antonio foi levado para o Hospital Miguel Couto, com ferimentos mais graves. Ele foi liberado após ser medicado, mas retornou ao hospital ontem, para um exame dos olhos que foram atingidos pelos estilhaços.

Logo depois do atentado à casa de Roberto Marinho, quatro soldados da PM foram mandados para garantir a sede do jornal "O Globo". O porteiro da noite e a guarda de segurança particular da empreita receberam instruções para não deixar ninguém subir. C aceso ao prédio só era permitido às pessoas autorizadas após consulta da portaria a funcionários superiores na redação.

NOTA DA CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — divulgou no início da tarde de ontem nota oficial, assinada pela Presidência e pela Comissão Episcopal de Pastoral, na qual se solidariza com o Bispo Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, e considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha de pessoas que têm um "fanatismo primário".

A nota, na íntegra, é a seguinte:

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1 — Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2 — Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com insinuações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e um fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que se aaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3 — agradecendo, em nome das vítimas as inúmeras provas de solidariedade que vem recebendo de todos os recantos do Brasil;

4 — renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam".

Quase na mesma hora, a Assessoria de Imprensa da Arquidiocese do Rio de Janeiro divulgou também uma nota oficial em nome do Cardeal Arcebispo Dom Eugênio Sales. A nota é a seguinte:

"O sequestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Anís, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um País onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos".

A REPERCUSSÃO NO CONGRESSO

Brasília (AE)

O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, condenou ontem o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano e o atentado contra a residência do diretor de "O Globo", Roberto Marinho, recusando-se a admitir que eles possam contribuir para atrasar o desenvolvimento político do País "porque importaria em um ganho de causa aos radicais".

Lorscheiter, presidente da CNBB, procurou os policiais para saber se o carro que explorava era o do Bispo que fora sequestrado. Os policiais julgaram, até aquele momento, que o carro explorava com alguém em seu interior e que a pessoa morreria carbonizada. E que havia uma camiseta branca e uma calça preta entre as ferragens retorcidas pelo fogo, além de documentos e cerca de 500 cruzeiros em cédulas chamuscadas pelo fogo. Os agentes recolheram os documentos, conferiram o nome constante na identidade com o que era fornecido por D. Ivo e constataram que o carro era do sobrinho de D. Adriano e que não havia vítima no interior do veículo.

Ao tempo em que D. Adriano cantava como ocorria o sequestro e queixava-se de que os bandos roubaram seus documentos e Cr\$ 5 mil, com os quais ele ia pagar títulos da Catedral de Nova Iguaçu, seu sobrinho era encontrado na estrada do Catunho, próximo ao Hotel Taba. Fernando estava despido, manietado, encapuçado e apresentava-se bastante ferido. Ele foi levado para um clínica em Nova Iguaçu para ser medicado. Logo depois D. Adriano foi conduzido ao DPSP para prestar depoimento sigiloso.

O ATENTADO CONTRA ROBERTO MARINHO

O automóvel Volkswagen azul, placa LI-8290, está sendo procurado pela Polícia do R'io de Janeiro. Seus ocupantes são os principais suspeitos do atentado a bomba contra a casa de Roberto Marinho, dono das empresas da organização "O Globo", à rua do Cosme Velho, nº 1.105. O carro foi visto rondando a casa pouco antes do atentado às 23h30m.

A Polícia concluiu que a bomba foi jogada pelos ocupantes de um carro que descia a ladeira dos Guaraupes, que passa nos fundos da propriedade. A bomba caiu sobre o telhado, deslizou sobre o mesmo e explodiu próximo à parede da casa. O petardo destruiu todas as vidraças do quarto de Roberto Marinho, que dormia com sua mulher. Um policial informou que o casal só não foi atingido porque os estilhaços de vidro caí-

ram de encontro à cortina, que estava fechada.

O atentado feriu dois empregados de Roberto Marinho, os copeiros Darcy Alves Faria e Antonio Queiroz. Antonio foi levado para o Hospital Miguel Couto, com ferimentos mais graves. Ele foi liberado após ser medicado, mas retornou ao hospital ontem, para um exame dos olhos que foram atingidos pelos estilhaços.

Logo depois do atentado a casa de Roberto Marinho, quatro soldados da PM foram mandados para garantir a sede do jornal "O Globo". O porteiro da noite e a guarda de segurança particular da empresa receberam instruções para não deixar ninguém subir. O acesso ao prédio só era permitido às pessoas autorizadas após consulta da portaria a funcionários superiores na redação.

NOTA DA CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — divulgou no início da tarde de ontem nota oficial, assinada pela Presidência e pela Comissão Episcopal de Pastoral, na qual se solidariza com o Bispo Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, e considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha de pessoas que têm um "fanatismo primário".

A nota, na íntegra, é a seguinte:

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julgou de seu dever pronunciar-se a respeito:

1 — Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2 — Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e um fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3 — agradecendo, em nome das vítimas as inúmeras provas de solidariedade que vem recebendo de todos os recantos do Brasil;

4 — renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam".

Quase na mesma hora, a Assessoria de Imprensa da Arquidiocese do R'io de Janeiro divulgou também uma nota oficial em nome do Cardeal Arcebispo Dom Eugênio Sales. A nota é a seguinte:

"O sequestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um País onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos".

A REPERCUSSÃO NO CONGRESSO

Brasília (AE)

O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, condenou ontem o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano e o atentado contra a residência do diretor de "O Globo", Roberto Marinho, recusando-se a admitir que eles possam contribuir para atrasar o desenvolvimento político do País "porque importaria em ganhar de causa aos radicais".

04

O Senador mineiro identificou nos acontecimentos "sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos devemos nos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que peguem, ao mesmo tempo, um Bispo que dizem de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição".

Ele se negou a admitir que os atentados possam impedir ou atrasar a volta da normalização política do país:

— "Não devem atrasar. Porque aí seria dar ganho de causa aos radicais. Eles estão fazendo isto, porque não estão satisfeitos com as eleições e com o caminho que o Brasil está tomando. O Governo tem instrumentos para coibir tais fatos e nós estamos de acordo em que recorra a eles, com estes objetivos".

"O MDB participa inteiramente das preocupações de todo o país no repúdio às ações terroristas verificadas no Rio, contra o Bispo de Nova Iguaçu, contra a CNEB e na residência do jornalista Roberto Marinho, esperando que o Governo atue vigorosamente na apuração das responsabilidades" — disse ontem em Brasília o presidente nacional do partido, Deputado Ulysses Guimarães.

Disse que o MDB sempre defendeu e continuará defendendo a manutenção da ordem pública e da tranquilidade da ação e nesta missão espera contar com o apoio da Nação para restabelecer a paz e ordem indispensáveis ao desenvolvimento do país.

"Esses métodos são inaceitáveis pelo povo brasileiro", disse, de forma incisiva, o Deputado Herbert Levy (Arena-S.P.), referindo-se ao atentado sofrido por Dom Adriano Hólito, Bispo de Nova Iguaçu, no Estado do Rio, bem como à bomba que foi colocada na residência do Sr. Roberto Marinho, em Cosme Velho, no Rio.

Acrescentou o Deputado Herbert Levy que tal método não se afina com o espírito cristão e pacifista do povo brasileiro, que deseja a paz social e o bom ambiente para o trabalho. Acentuou que os responsáveis pelos dois atentados devem ser identificados e punidos, a fim de que o exemplo venha a impedir a sua repetição.

O Senador Lázaro Barbosa, do MDB de Goiás, afirmou: "O atentado é condenável. O povo brasileiro condena essas atitudes, venham de onde vierem, seja da esquerda ou da direita". Disse que "os extremistas até hoje não foram capazes de construir nada para o homem. O de que precisamos são valores positivos, são os valores da democracia, que nos permitam encontrar o bem comum".

REPULSA DA OAB

Rio (AE)

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Caio Mário da Silva Pereira, classificou os últimos atentados terroristas da Aliança Anticomunista Brasileira como manifestações que "só concorrem para exacerbar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Ernesto Geisel no sentido de se efetivar a distensão". Caio Mário lembrou que os atentados da AAB contra a Associação Brasileira de Imprensa, a própria OAB, contra o Centro Brasileiro de Pesquisas e agora contra a Igreja têm como objetivo atingir instituições desarmadas e empenhadas na solução dos problemas sociais do Brasil.

— Como presidente da OAB e fiel aos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica, manifesto minha repulsa a esses atentados e mais uma vez formulo meus apelos para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição.

Para o presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, Eduardo Seabra Fagundes, é preciso que "o Governo, que já está de posse dos instrumentos legais e técnicos para isso, identifique os culpados por esta série de atentados, a fim de devolver a tranquilidade à Nação, já tão conturbada em função de problemas de ordem política, econômica e de conjuntura. Ressaltou, entretanto, que a ação das órgãos de segurança não pode justificar maiores restrições à vida política do país.

1976

A Tarde
24/09/76

D. Avelar pede providências contra o terror de direita

O Cardeal Brandão Vilela prestou ontem sua solidariedade ao Bispo de Nova Iguaçu sequestrado e encontrado duas horas depois, em Jacarepaguá, no Rio. Dom Adriano Hipólito da Ordem dos Frades Menores prestou serviços à Arquidiocese de Salvador na condição de Bispo Auxiliar de D. Eugênio Salles e D. Augusto Alvaro da Silva.

Assinada pelo Cardeal-Arcebispo Primaz do Brasil, o Departamento de Opinião Pública da Arquidiocese de Salvador distribuiu nota lamentando o acontecimento sob o título "O doloroso caso de D. Adriano Hipólito".

A NOTA

A nota oficial é a seguinte: "O que aconteceu, no caso de D. Adriano Hipólito, OFM, só tem similar nos atos de antropofagia dos índios caetés, no episódio de D. Pero Fernandes Sardinha. O fato de agora é profundamente chocante e depõe contra os foros de civilização cristã de que nos ufanamos.

É difícil acreditar-se nas circunstâncias do minissequestro praticado por grupos radicais de comprovada intolerância.

As causas da violência? Não estão claras, mas desde



multo se supõe que D. Adriano, pelo desenho de suas armas episcopais, pretendesse apoiar ideologias não cristãs. O seu distintivo, porém, tem outro sentido e se explica pelo apelo

do Senhor em favor das vocações sacerdotais. Sua pastoral é aberta e dinâmica, autêntica e forte, sem deixar de ser profundamente evangélica.

Acredito que, à base de in-

terpretações mal conduzidas, sua pessoa viesse a representar para alguns a figura de um bispo ultraprogressista.

A Bahia inteira conhece a D. Adriano, que inclusive, foi Bispo Auxiliar de D. Augusto Alvaro da Silva e de D. Eugênio de Araújo Salles.

Se o fato é abominável, pela sua natureza e inspiração, torna-se ainda mais grave quando o examinamos à luz do sintoma que ele representa. Assim, entendemos que o fato é revelador de graves maquinações subterrâneas que fogem ao controle dos órgãos policiais.

Por isso mesmo, estamos convencidos de que o Governo tomará todas as providências no sentido de que tais grupos sejam identificados e respondem convenientemente pela ação delituosa cometida.

O Brasil já havia ultrapassado aquela fase dolorosa do terrorismo de esquerda. E, agora, surge outra forma de terrorismo, o de direita, desafiando o outro e perturbando a relativa paz em que vivemos.

Confiamos na ação pronta e segura de nosso Governo.

Apresentamos a D. Adriano a nossa solidariedade e as nossas orações".

A TARDE

SALVADOR, BAHIA, 24/09/76

Todo o Brasil repudia ação terrorista



Na 29a. Delegacia de Polícia, Dom Adriano Hipólito falou, ligeiramente aos jornalistas, relatando as incêndias do seqüestro. (AG — A Tarde)



O carro destruído do sobrinho do Bispo seqüestrado. (AG — A Tarde)

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Webering, foram seqüestrados ontem, no Rio, supostamente por elementos da "Aliança Anticomunista do Brasil — AAB", surrados e largados duas horas depois, completamente despidos, em Jacarepaguá. Ao mesmo tempo, uma bomba foi jogada contra a residência do jornalista Roberto Marinho, dono das empresas da organização "O Globo". Os dois atos de terrorismo mobilizaram a opinião pública e entidades como a CNBB, OAB, ABI, divulgaram notas condenando tais acontecimentos. O Cardeal da Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela hipotecou sua solidariedade ao Bispo seqüestrado e pediu providências ao Governo contra o terror de direita. Também o Comando do I Exército emitiu nota oficial afirmando que "a confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos".

A PALAVRA DE D. AVELAR

Dom Avelar Brandão Vilela prestou ontem sua solidariedade a Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, seqüestrado e encontrado duas horas depois, em Jacarepaguá, no Rio. Diz a nota que a Arquidiocese está convencida de que o Governo tomará providências para identificar o grupo seqüestrador, acrescentando: "O Brasil já havia ultrapassado aquela fase dolorosa do terrorismo de esquerda. E, agora, surge outra forma de terrorismo, o de direita, desafiando o outro e perturbando a relativa paz em que vivemos.

O SEQUESTRO E O ATENTADO

Um panfleto assinado pela "Aliança Anticomunista do Brasil — AAB" anunciando que outras autoridades eclesiais, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes ao ocorrido com o Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e seu sobrinho, Fernando Webering, foi deixado próximo ao carro de Fernando, que explodiu na porta da CNBB, no Rio. O DOPS está com todas suas investigações centralizadas em torno dos atentados contra o Bispo e contra a casa de Roberto Marinho, dono das empresas da organização "O Globo", onde foi jogada uma bomba.

NOTA DO I EXÉRCITO

O Comando do I Exército distribuiu ontem, a seguinte nota oficial:

"1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de anteontem e na madrugada de ontem envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

a) O Exército, como o povo brasileiro,

tem a firme consciência democrática e conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b) Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial;

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos".

A NOTA DA ABI

A Associação Brasileira de Imprensa, a propósito da bomba que explodiu na residência do diretor de "O Globo", Roberto Marinho, distribuiu a seguinte nota:

"Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe de "O Globo" e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um Bispo e de um empresário de Imprensa.

É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação" (Págs. 3 e 7).

A TARDE 25. SET. 76

O novo terror

Os acontecimentos ocorridos, esta semana, no Estado do Rio de Janeiro, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito e um seu sobrinho, seviciados por um grupo de terroristas, e mais o Diretor de "O Globo", jornalista Roberto Marinho, que por pouco deixou de ser vitimado juntamente com a esposa, uniu na mesma repulsa toda a opinião pública nacional.

O fato, como acentua a nota distribuída pela Associação Brasileira de Imprensa, "configura uma escalada do terror" e "é sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, os advogados e a Imprensa".

É esta, aliás, a característica desses grupos radicais: conscientes de que constituem insignificante minoria, que se opõe às convicções e aos sentimentos da esmagadora maioria da comunidade nacional, pretendem impor-se pela força brutal dos atentados, dirigidos ora contra inocentes, com o objetivo de criar um clima de angústia e pavor, ora contra entidades que representam o pensamento em favor da evolução dentro da ordem.

Obedientes a esse roteiro, os marginais do terror no Brasil vêm investindo, ultimamente, contra a Imprensa, a Igreja, a Ordem dos Advogados, com o propósito evidente de, pela intimidação, — às violências praticadas eles sempre acrescentam a ameaça de violências maiores — fazer calar as vozes dos que defendem os direitos do homem, fundamento e meta de todo o desenvolvimento social.

X X
X

Mas quem são, afinal, esses marginais?

Nos manifestos que estão distribuindo ultimamente, eles procuram identificar-se como membros de uma chamada "Aliança Anticomunista do Brasil — AAB", o que a situaria como uma organização de extrema-direita, empenhada em deter uma suposta escalada do comunismo, em terras brasileiras.

Tal identificação, porém, possui todas as características de um embuste. Ninguém desconhece a existência de um perigo comunista — tanto maior quanto mais se vale da clandestinidade, — e todos sabemos que, em nenhum momento, desde que alcançou o poder, por um golpe de mão nas estepes, o comunismo deixou de alimentar o sonho de abocanhar o Mundo, por meio de agitações e subversões.

Acontece, todavia, que, no Brasil, embora não haja sido totalmente erradicado — o que parece tarefa impossível — graças à enérgica ação do Governo que lhe destruiu os maiores focos e o pôs sob vigilância constante o comunismo, embora latente, deixou de ser um perigo iminente que, se não justificasse, ao menos explicasse tais ações de violência. E ainda quando assim não fosse, tais violências deveriam ser dirigidas, logicamente, contra os possíveis núcleos de extrema-esquerda.

A agressão contra entidades democráticas, ostensiva e algumas intransigentemente anticomunistas, leva a concluir que o alvo é outro: é a própria Democracia. O que pretendem os profissionais da violência é tumultuar o ambiente político e social, é criar um clima de agitação, com o objetivo final de obstar a marcha, lenta mas segura que vamos empreendendo em direção a um regime que concilie a segurança e a liberdade, que promova o desenvolvimento sem o sacrifício dos inalienáveis direitos do homem.

X X
X

É evidente que os propósitos terroristas serão frustrados.

Não será por medo de um bando de criminosos que a Imprensa deixará de cumprir o seu dever de defender as instituições livres, que a Igreja deixará de lutar pela paz e a felicidade humanas, que os Advogados deixarão de assistir aos que são vítimas da prepotência.

Não será pela ação desvairada de um bando de sicários que o Governo perderá a serenidade e se desviará da linha construtiva que traçou. E dele, que tão pronta e eficientemente, soube e pôde esmagar o terrorismo de esquerda, espera-se que ponha a mesma decisão no extermínio deste novo terrorismo, venha ele de onde vier.

E, sobretudo, encontrará pela frente o terror, a barrar-lhe os desígnios, a unanimidade da consciência nacional, afensa a todas as formas de violência, a todas as ditaduras, ostensivas ou dissimuladas imbuída, por índole dos sentimentos de fraternidade humana, de paz social, de amor à liberdade.

Tais forças conjugadas são invencíveis. E os terroristas deveriam aprender — se é que podem aprender qualquer coisa sensata — que nenhum regime pode existir duradouramente, sem o apoio e a confiança do povo.

PÁGINA 6

A TARDE - SÁBADO, 25 DE SETEMBRO DE 1976

CNBB acusa extrema-direita pelos atos de terrorismo

RIO (AG)

Ao se referir, ontem pela manhã, ao sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, o Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB —, Dom Ivo Lorscheiter, afirmou durante entrevista coletiva à Imprensa que a Igreja já não se afastará de sua luta a favor dos direitos humanos: "ao contrário, esses atos de violência indicam que estamos no caminho certo".

A concorrida entrevista de Dom Ivo Lorscheiter foi presenciada pelos Bispos de Santo André, Cláudio Hummes, e do Acre/Purus, Moacir Grechi, que também repudiram os atos de terrorismo praticados pela organização clandestina. Na opinião do Secretário-Geral da CNBB "há indícios de que a extrema-direita seja a responsável pelos atentados à bomba que vêm ocorrendo de um mês para cá".

SOLIDARIEDADE

Segundo Dom Ivo Lorscheiter, "entidades políticas e eclesásticas de todo o mundo manifestaram solidariedade à Conferência Nacional dos Bispos, especialmente a Dom Adriano Hipólito, um homem bastante universal do campo pastoral e da ação social, agora atacado por grupos extremistas que não querem ser incomodados", observou o Secretário da CNBB.

Sobre a participação da Igreja na política, Dom Ivo Lorscheiter pediu aos repórteres que não escrevessem a palavra política com apenas o "p" maiúsculo:

— Política é o exercício do poder na realização do bem comum e a consequente e consciente participação do povo nessa ação. O que a Igreja faz é educar o povo para a participação consciente e responsável na política.

Entre as muitas mensagens de solidariedade e apoio às causas defendidas pela Conferência Nacional dos Bispos do

Brasil, Dom Ivo Lorscheiter leu trecho de um telegrama do Bispo de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi:

— Alegremo-nos. Isso não é masoquismo. Não devemos ficar em pânico.

JUSTIÇA

Dom Ivo e os bispos Cláudio Hummes e Moacir Grechi, apelaram para que volte "o respeito mútuo, a justiça e o cumprimento das leis, o que significa a volta do bom senso".

— Dom Adriano — comentou o Secretário-Geral da CNBB — sempre defendeu a Baixada Fluminense, através da ação social e pastoral. Nós não vivemos gratuitamente no mundo. Estes atos de terrorismo não nos assustam. Confiamos nos órgãos de segurança e esperamos que os terroristas sejam identificados.

RELATÓRIO AO PAPA

O Nuncio Apostólico Carmine Rocco, que esteve com Dom Adriano Hipólito durante toda a madrugada do sequestro, enviará um relatório sobre os episódios ao Papa Paulo VI. Esta informação também foi prestada pelo Secretário-Geral da CNBB.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil enviou, ontem, um telegrama de felicitações pela passagem do 79.º aniversário do Papa Paulo VI, amanhã. Eis o texto da mensagem:

"Os Bispos do Brasil, através de sua Presidência e Comissão Episcopal de Pastoral, reunidas em assembleia ordinária, formando uma só alma e coração com o Vigário de Cristo na terra, vêm apresentar à Vossa Santidade os mais ardentes votos de felicidade por mais um ano de preciosa vida devotada a Deus e à Igreja, nessa caminhada difícil na fidelidade aos imutáveis valores junto com uma autêntica renovação implorando preciosa bênção apostólica. Dom Geraldo Fernandes, Vice-Presidente em exercício da CNBB".



Solidariedade a D. Adriano

Fortaleza (AG)

Quarenta ex-alunos de Dom Adriano Hipólito, entre eles, médicos, engenheiros, advogados, arquitetos e professores, residentes em Fortaleza, dirigiram, ontem aquele Bispo mensagem de solidariedade e de repúdio à agressão sofrida por parte de elementos que se diziam pertencer a Aliança Anticomunista Brasileira. Diz o telex dirigido a Dom Hipólito:

"Seus antigos alunos de Ipuarana, tomando conhecimento das barbaridades perpetradas por malfetosos contra seu mui estimado e virtuoso educador, lamentam, profundamente, os seus sofrimentos, pedindo a Deus que o restabeleça, prontamente, dos danos corporais e mentais de que foi inocente vítima".

TARDE - SEGUNDA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 1976

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

A TARDE - QUARTA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1977

Bispo de Nova Iguaçu acha que Igreja deve impulsionar política

O bispo de Nova Iguaçu Dom Adriano Hipólito — sequestrado no ano passado e cujo processo encontra-se arquivado, sem solução —, disse ontem, durante uma coletiva concedida à imprensa, que a Igreja é uma instituição que deve impulsar a política, porém, nunca assumi-la. Segundo ele, a política da Igreja visa sobretudo, a uma estabilidade social mais justa, tendo considerado os dois partidos políticos brasileiros artificiais, "pois foram criados de cima para baixo e não correspondem a uma corrente representativa do pensamento do povo".

Dom Adriano Hipólito chegou recentemente de Roma, onde participou do Sínodo Mundial dos Bispos, quando, em conjunto com religiosos do mundo inteiro, discutiu sobre a catequese que, segundo ele deve ser engajada para enfrentar todos os problemas que representam uma violação dos direitos humanos.

CONSTITUINTE

Afirmando não ser político, apenas "um observador do meu povo, da minha nação", Dom Adriano Hipólito disse que o que caracteriza uma democracia é a maior e mais intensa participação das camadas populares na sociedade e que, no entanto, "geralmente, os partidos políticos giram em torno de personalidades fortes que não se preocupam com o povo, a não ser nos períodos das eleições, para a conquista dos votos". O bispo de Nova Iguaçu acha que os dois partidos políticos do país não dispõem de nenhum canal de expressão para o pensamento popular, acrescentando ainda que "os partidos que não fazem parte do ideário do povo, para mim, são do tipo imperialista".



D. Adriano

Indagado sobre o diálogo mantido pelo senador Portela, visando à redemocratização do país, Dom Adriano Hipólito disse que ele se dirige a um pessoal escolhido e que ninguém sabe realmente o que se passa. Para ele, apesar dos limites, o caminho normal seria uma Constituinte, através da consulta direta ao povo. "A consulta de cúpula é elitizante, sobretudo quando todos nós ignoramos o assunto". Quanto à questão da sucessão presidencial, Dom Hipólito afirmou que esteve dois meses fora e quando chegou não viu nenhum progresso. Para ele, embora se trate de uma situação de emergência, as expectativas giram em torno de decisões que estão na dependência de uma pessoa ou grupo de pessoas, enquanto o povo continua totalmente marginalizado.

TORTURAS

Dom Adriano Hipólito falou também sobre a situação dos presos políticos no Brasil afirmando que acredita nas declarações do governo para eliminar as torturas, porém gostaria que "suas declarações encontrassem uma continuidade prática e que as decisões de cúpula encontrassem uma aplicação nas bases". Para Dom Hipólito, a tortura aos presos brasileiros não é coisa nova, é uma violência que tem tradição de muitos anos. Na sua opinião, o crime é um fenômeno social condicionado à mentalidade dominante e o preso, ao invés de receber a "surra" como elemento de castigo, deveria ser um objeto da solicitude de pessoas bem intencionadas.

Falando a respeito da onda de violência que se verifica na Baixada Fluminense, Dom Adriano Hipólito disse que toda a problemática decorre principalmente de a Baixada ser um grande aglomerado de pessoas, que na sua maioria, vêm do nordeste, condicionadas a uma estrutura agrícola e não se adaptam à grande cidade. Essa população, segundo ele, vive completamente marginalizada, pois há um leito para 12 pessoas nos hospitais e cerca de 80 por cento das crianças não chegam a concluir o segundo ano primário.

Por último, Dom Adriano Hipólito falou do processo que apura o seu sequestro, acrescentando que, desde março, foi arquivado pela auditoria da Marinha, "por falta de provas", segundo as publicações dos jornais. Acrescentou que tanto as autoridades do DOPS como do Exército disseram que o resultado seria divulgado, "porém, até agora, ainda não me comunicaram nada".



Clero estuda evangelização

Tendo como conferencista o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, o clero baiano reuniu-se na manhã de ontem para estudar os problemas referentes à evangelização, sob o ângulo específico da catequese. Participaram da reunião também o bispo da Diocese de Sobral, Ceará, Dom Walfrido Vieira, e Dom Florêncio Sizinio,

além dos padres do clero secular e sacerdotes de várias congregações religiosas. O encontro, segundo o padre José Edmilson, da Arquidiocese de Salvador, proporcionou aos seus participantes a oportunidade de apontar as prioridades pastorais que as Dioceses pretendem atingir como metas para seu trabalho durante o ano de 1978.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

27 / 03 / 1977

DR



ENSAGE

CORTESIA

A D

O ame

é c

ANO II — SALVADOR, 27 DE MARÇO DE 1977 — N.º 98 — Cr\$ 2,00

CASOS e COISAS





M. Cantalice

PINGOS NOS "IS"

Um pingo é quase nada. Uma gota, muito pouco. Aquele, porém, pode fazer falta. Este pode ser "a que faltava. . ." Para transbordar. Um pingo a menos é uma gota a mais, falam de carência ou de excesso. Entre uma e outra coisa, estará a diferença entre perfeccionismo e perfeição. São bem diferentes. Um fala de exagero. Outra se refere à medida exata. Geralmente todo perfeccionista é obsessivo. Radicaliza. Chega a ser mesquinho. Se tudo não estiver 100%, não aceita os 99%. Mania. Doença. — Procurar a perfeição é normal. Em todos os setores. Perfeição, porém, não é uma posse. É uma conquista. Sempre renovada. Seria oportuno, talvez, colocar alguns pingos nos "is". Também neste particular.

Jamais desejemos ser a palmatória do mundo. Nada impede, porém, que se apontem alguns "is" que necessitam pingos. Existe uma infinidade. Um deles: foi anunciado que, em Salvador, os carros — gradativamente — seriam retirados do centro da cidade. E o que se vê? Os carros, abusivamente, ocupam ruas. Fecham esquinas. Montam calçadas. . . E o pedestre que se vire. Faça a volta por onde quiser. Ou puder. Há verdadeiros "tranca-ruas" em cada esquina. Nas barbas do Detran. Sob o olhar complacente dos guardas. Algumas vezes, por uma bobagem de nada, a multa bate. . . E os abusos constantes que aí estão? Até mesmo de carros oficiais!



Neste particular, vem um fato especial. Aconteceu no sábado passado. Entre Salvador e Feira. Como cidadão "poupante", viajava com os 80 quilômetros. Obediente. Tranquilo. Nisto passa um "Dodge". Preto. Chapa também preta. No mínimo com 120. Nem deu para divisar a placa. Algo como 013. Lá se foi. . . Daqui a pouco o segundo "Dodge". Também preto. Chapa, idem. Fui logo à placa. 016. Corria. 90. 100. 110. O mau exemplo arrastou: segui o desafio. . . Ele lá. Eu mais cá. Queria só ver a reação do Sr. Radar. Misteriosamente não havia. Ao menos não funcionou. E as patrulhas? Passamos por duas. Cada uma com dois. . . Nada! Ele passou. Eu passei. Ninguém sabe. Ninguém viu. . .

E a Igreja? Será que não dá para ver falhas na Igreja? Dá, sim. Ela não é perfeita. Procura ser. Muito menos é perfeccionista, embora alguns de seus filhos sofram desse mal. É divina, sim. Mas é, também, humana. Ninguém me venha dizer, por exemplo, que foram diamantinas as acusações feitas, recentemente, pelo Arcebispo de Diamantina a dois colegas seus. No sacerdócio. No Episcopado. Não foram não! Foi feio. Superficial. Apaixonado. Pena! A esse respeito, leia-se o que escreve Dalle Mogare: "Bispos Comunistas?" Uma boa lição. Para todos. Antes de condenar é necessário compreender. Cada coisa é o que é, não o que parece ser.

Atinal, um caso ainda. Chega a notícia de que o processo sobre o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, foi arquivado. Leia de novo: foi arquivado. . . — Por quem? Por que? Estas respostas, certamente, não serão dadas. Infelizmente. Será que não descobriram os sequestradores? Ou será por isso mesmo! Por que arquivar? Será que a impunidade não impele e entusiasma para novas façanhas? São coisas assim que deixam o povo sempre mais desconfiado. Inseguro. Apavorado. Em quem ainda acreditar? De quem esperar uma justiça! Tudo isto serve para multiplicar os Idi-Amins e os Docas Streets. É certo, pois, que estão faltando alguns pingos nos "is". . .

defensor

12

Deus dos
e Noe

REPARAÇÃO PÚBLICA DIANTE DA ENT

01

MENSAGEIRO

Salvador

03.04.77

De passagem por Salvador, procedente de Ipuarana, Paraíba, onde fora pregar o retiro para todos os Superiores de Conventos e Residências Franciscanas da Província de Santo Antônio do Norte do Brasil, o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, (fotos) concedeu importante entrevista a este semanário.

Nossa reportagem foi encontrá-lo na Casa de Retiro

São Francisco onde se achava hospedado. Antes, Dom Adriano esteve em visita ao Cardeal Brandão Vilela, na Residência Arquiepiscopal, ao Campo Grande.

Alegre, revelando uma serenidade de quem está refeito da situação difícil porque passou quando do sequestro de que foi vítima, na noite de 22 de setembro do ano passado,

Dom Adriano falou inicialmente das dificuldades encontradas na Baixada Fluminense onde se localiza sua Diocese. Dificuldades que vão sendo contornadas, quando não totalmente superadas, por um esforço conjunto do Povo de Deus, sobretudo quando novas comunidades eclesiais estão surgindo, animadas pelo espírito de renovação pastoral.



MENSAGEIRO — Dom Adriano, como o Sr. recebeu a notícia há pouco veiculada pela imprensa, sobre o arquivamento do inquérito que vinha apurando o ato terrorista de que o senhor foi vítima? O Sr. confirma a notícia?

DOM ADRIANO — Tomei conhecimento em São Paulo de que foi arquivado o inquérito. Não chegou, nem sequer, a haver processo. Após o meu depoimento, soube da abertura de outro inquérito paralelo ao que já existia, por iniciativa do Exército. Creio que foi arquivado o inquérito policial. Fui informado através da imprensa, não podendo, assim, descer a maiores detalhes sobre o assunto.

“É necessária reparação pública diante da injustiça”

MENSAGEIRO — Que dificuldades concretas sua Diocese tem encontrado para marcar a presença da Igreja na Baixada Fluminense? É verdade que há um clima de medo atrapalhando o trabalho pastoral?

DOM ADRIANO — A Diocese de Nova Iguaçu se acha localizada numa área muito difícil. Representa um conglomerado humano, onde houve verdadeira inchação no que se refere ao crescimento populacional. Verifica-se ali uma expansão demográfica que atinge o índice de 10% ao ano. Muitos problemas temos enfrentado, sobretudo no âmbito da promoção humana. A Baixada Fluminense tem sido uma região esquecida pelos poderes públicos. Isto aconteceu principalmente até a fusão dos dois Estados: Rio de Janeiro e Guanabara. Há muita coisa faltando para o povo — energia e transporte são as únicas exceções. O resto é deficiente. Basta dizer que numa região de 1 milhão e 200 mil habitantes não existe, sequer, um hospital público.

Quanto ao clima de medo que possa dificultar a ação pastoral em nossa Diocese infelizmente devo dizer que há uma tensão permanente, um clima de insegurança que

Salvador

03.04.77

De passagem por Salvador, procedente de Ipuarana, Paraíba, onde fora pregar o retiro para todos os Superiores de Conventos e Residências Franciscanas da Província de Santo Antônio do Norte do Brasil, o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, (fotos) concedeu importante entrevista a este semanário.

Nossa reportagem foi encontrá-lo na Casa de Retiro

São Francisco onde se achava hospedado. Antes, Dom Adriano esteve em visita ao Cardeal Brandão Vilela, na Residência Arquiepiscopal, ao Campo Grande.

Alegre, revelando uma serenidade de quem está refeito da situação difícil porque passou quando do sequestro de que foi vítima, na noite de 22 de setembro do ano passado,

Dom Adriano falou inicialmente das dificuldades encontradas na Baixada Fluminense onde se localiza sua Diocese. Dificuldades que vão sendo contornadas, quando não totalmente superadas, por um esforço conjunto do Povo de Deus, sobretudo quando novas comunidades eclesiais estão surgindo, animadas pelo espírito de renovação pastoral.



MENSAGEIRO — Dom Adriano, como o Sr. recebeu a notícia há pouco veiculada pela imprensa, sobre o arquivamento do inquérito que vinha apurando o ato terrorista de que o senhor foi vítima? O Sr. confirma a notícia?

DOM ADRIANO — Tomei conhecimento em São Paulo de que foi arquivado o inquérito. Não chegou, nem sequer, a haver processo. Após o meu depoimento, soube da abertura de outro inquérito paralelo ao que já existia, por iniciativa do Exército. Creio que foi arquivado o inquérito policial. Fui informado através da imprensa, não podendo, assim, descer a maiores detalhes sobre o assunto.

“É necessária reparação pública diante da injustiça”

MENSAGEIRO — Que dificuldades concretas sua Diocese tem encontrado para marcar a presença da Igreja na Baixada Fluminense? É verdade que há um clima de medo atrapalhando o trabalho pastoral?

DOM ADRIANO — A Diocese de Nova Iguaçu se acha localizada numa área muito difícil. Representa um conglomerado humano, onde houve verdadeira inchação no que se refere ao crescimento populacional. Verifica-se ali uma expansão demográfica que atinge o índice de 10% ao ano. Muitos problemas temos enfrentado, sobretudo no âmbito da promoção humana. A Baixada Fluminense tem sido uma região esquecida pelos poderes públicos. Isto aconteceu principalmente até a fusão dos dois Estados: Rio de Janeiro e Guanabara. Há muita coisa faltando para o povo — energia e transporte são as únicas exceções. O resto é deficiente. Basta dizer que numa região de 1 milhão e 200 mil habitantes não existe, sequer, um hospital público.

Quanto ao clima de medo que possa dificultar a ação pastoral em nossa Diocese infelizmente devo dizer que há uma tensão permanente, um clima de insegurança que atrapalha o trabalho de Evangelização. Por exemplo, se queremos reunir grupos de leigos ou dirigentes de comunidades, à noite, o pessoal geralmente tem medo de sair de casa. Durante o dia é praticamente impossível

do poderoso, ilumine! Dom Adriano Hipólito, protetor e
mildes da Baixada Fluminense.
sinceros respeito mestre. Jorge de Souza Ho

REVISTA COM DOM ADRIANO

promover essas reuniões porque todos trabalham longe do lugar em que residem. O mesmo acontece aos sacerdotes que também se sentem envolvidos por este clima de insegurança. A Polícia local é peça importante em face dessa situação, exatamente por se fazer omissa.

Outra dificuldade poderia ser atribuída, como normalmente ocorre a uma Diocese, à extensão territorial. Em Nova Iguaçu isto não acontece. Temos uma área de 1800 km² o que, em termos de território a ser atingido, não apresenta graves problemas. A população está concentrada na terça parte da Diocese, o que facilita o trabalho pastoral. Somos uma Diocese que se caracteriza como

comunidade urbana, proletária e carente de recursos.

É pensamento nosso descentralizar, cada vez mais as paróquias, para facilitar os serviços pastorais e atender melhor à população. Através de uma pesquisa realizada na Diocese, verificou-se que a influência da Igreja diminui à medida que se afasta do centro. Isto se deve à estrutura centralizadora das paróquias e a uma certa mentalidade clerical que coloca o padre como responsável pela pastoral, ou agentes diretamente indicados por ele. Nada disso é correto. A Igreja é o Povo.

MENSAGEIRO — Por falar em Povo, como o Sr. está encarando o esforço empreendido pelo atual Governo para a redemocratização do País?

cese vem realizando em termos de conscientização do povo ou de exercício desta missão profética. Em que sentido "A Folha" vem contribuindo para essa formação de mentalidade eclesial?

DOM ADRIANO — O jornal "A Folha" é um órgão de divulgação da Diocese de Nova Iguaçu que editamos e dirigimos pessoalmente. Traz a Liturgia da Missa Dominical que não é obrigatória como texto para os comentários da Missa em nossas paróquias. Hoje, apenas três entre todas as Paróquias da Diocese ainda não aceitaram o texto litúrgico que "A Folha" publica. O mais importante no que se refere ao nosso jornal é a orientação que ele vem assumindo em defesa do fraco, do oprimido. Nesse sentido, há divergências entre os padres em torno das idéias que o jornal divulga.

Com uma tiragem semanal de 22 mil exemplares, tiragem que tende a crescer de ano para ano, "A Folha" pode ser caracterizada como um jornal de palavras fortes e corajosas, jamais fugindo ao campo específico da evangelização. Nunca foi caracterizado como jornal marxista e nem posso dizer que sua mensagem tem constituído um entrave ao nosso trabalho como Pastor. Até mesmo posso afirmar que após o meu seqüestro os Padres, Religiosos e grupos de Leigos da Diocese de Nova Iguaçu se uniram mais ainda em torno de seu Bispo e na aceitação de suas idéias. O que significa um saldo positivo do seqüestro.

"A insegurança e o medo impedem melhor atuação dos agentes pastorais"

DOM ADRIANO — Vejo que existe boa vontade e esforço da parte do Presidente Geisel. Há, no entanto, distorções dessa boa vontade ou dessa intenção que o Governo tem de acertar. Quanto ao problema dos presos políticos, posso dizer que, desde que me entendo, vejo presos maltratados. O Governo, às vezes, procura modificar esta situação, mas não consegue facilmente. O próprio Presidente, em conversa mantida há pouco tempo com autoridades da Igreja no Brasil, afirmou que não sabia até quando poderia resistir à pressão de certos grupos radicais que estão sempre querendo atuar.

Cabe à Igreja, em sua missão profética, interferir em defesa do Povo, embora nem sempre seja compreendida por todos — tanto fora como dentro da própria Igreja.

MENSAGEIRO — Tem acompanhado

promover essas reuniões porque todos trabalham longe do lugar em que residem. O mesmo acontece aos sacerdotes que também se sentem envolvidos por este clima de insegurança. A Polícia local é peça importante em face dessa situação, exatamente por se fazer omissa.

Outra dificuldade poderia ser atribuída, como normalmente ocorre a uma Diocese, à extensão territorial. Em Nova Iguaçu isto não acontece. Temos uma área de 1800 km² o que, em termos de território a ser atingido, não apresenta graves problemas. A população está concentrada na terça parte da Diocese, o que facilita o trabalho pastoral. Somos uma Diocese que se caracteriza como

comunidade urbana, proletária e carente de recursos.

É pensamento nosso descentralizar, cada vez mais as paróquias, para facilitar os serviços pastorais e atender melhor à população. Através de uma pesquisa realizada na Diocese, verificou-se que a influência da Igreja diminui à medida que se afasta do centro. Isto se deve à estrutura centralizadora das paróquias e a uma certa mentalidade clerical que coloca o padre como responsável pela pastoral, ou agentes diretamente indicados por ele. Nada disso é correto. A Igreja é o Povo.

MENSAGEIRO — Por falar em Povo, como o Sr. está encarando o esforço empreendido pelo atual Governo para a redemocratização do País?

cese vem realizando em termos de conscientização do povo ou de exercício desta missão profética. Em que sentido "A Folha" vem contribuindo para essa formação de mentalidade eclesial?

DOM ADRIANO — O jornal "A Folha" é um órgão de divulgação da Diocese de Nova Iguaçu que editamos e dirigimos pessoalmente. Traz a Liturgia da Missa Dominical que não é obrigatória como texto para os comentários da Missa em nossas paróquias. Hoje, apenas três entre todas as Paróquias da Diocese ainda não aceitaram o texto litúrgico que "A Folha" publica. O mais importante no que se refere ao nosso jornal é a orientação que ele vem assumindo em defesa do fraco, do oprimido. Nesse sentido, há divergências entre os padres em torno das idéias que o jornal divulga.

Com uma tiragem semanal de 22 mil exemplares, tiragem que tende a crescer de ano para ano, "A Folha" pode ser caracterizada como um jornal de palavras fortes e corajosas, jamais fugindo ao campo específico da evangelização. Nunca foi caracterizado como jornal marxista e nem posso dizer que sua mensagem tem constituído um entrave ao nosso trabalho como Pastor. Até mesmo posso afirmar que após o meu seqüestro os Padres, Religiosos e grupos de Leigos da Diocese de Nova Iguaçu se uniram mais ainda em torno de seu Bispo e na aceitação de suas idéias. O que significa um saldo positivo do seqüestro.

“A insegurança e o medo impedem melhor atuação dos agentes pastorais”

DOM ADRIANO — Vejo que existe boa vontade e esforço da parte do Presidente Geisel. Há, no entanto, distorções dessa boa vontade ou dessa intenção que o Governo tem de acertar. Quanto ao problema dos presos políticos, posso dizer que, desde que me entendo, vejo presos maltratados. O Governo, às vezes, procura modificar esta situação, mas não consegue facilmente. O próprio Presidente, em conversa mantida há pouco tempo com autoridades da Igreja no Brasil, afirmou que não sabia até quando poderia resistir à pressão de certos grupos radicais que estão sempre querendo atuar.

Cabe à Igreja, em sua missão profética, interferir em defesa do Povo, embora nem sempre seja compreendida por todos — tanto fora como dentro da própria Igreja.

MENSAGEIRO — Temos acompanhado, através do jornal "A Folha", o que sua Dio-

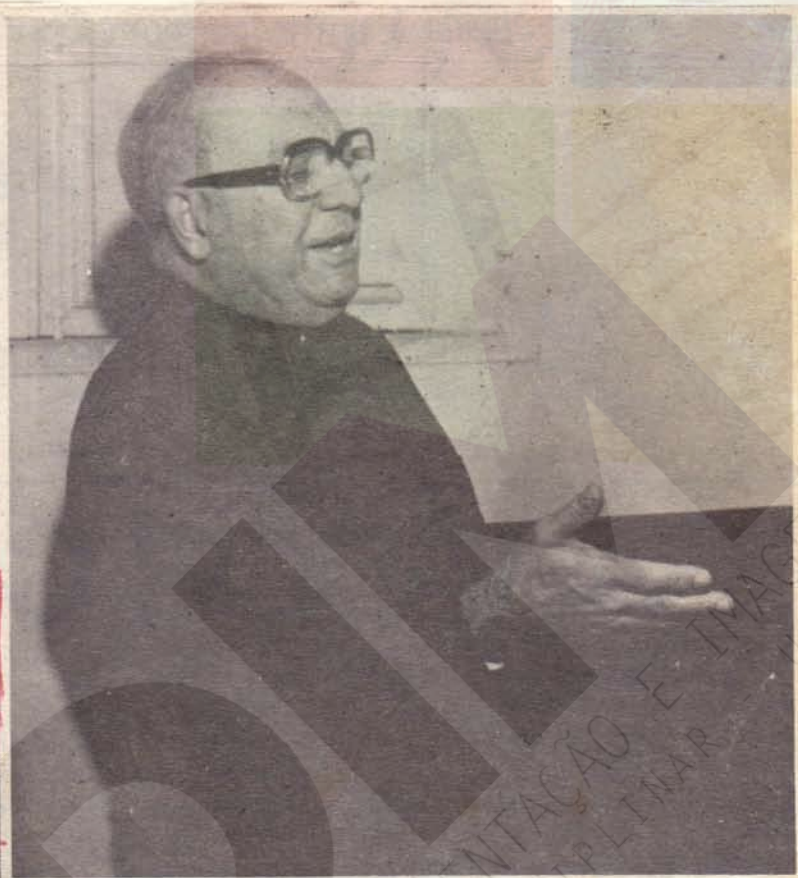
MENSAGEIRO — *Tendo sido indicado o seu nome como Delegado da CNBB junto ao próximo Sínodo, que contribuição espera levar a essa Assembléia Episcopal?*

DOM ADRIANO — Não sei bem, ainda. Somente após as reuniões previstas para 26 e 27 de agosto, e que foram convocadas por

Dom Paulo Ponte, que também vai a Roma, é que teremos algo definido. Essa reunião será no Rio de Janeiro e teríamos que apresentar experiências pastorais vivenciadas em nossas Dioceses. Em Nova Iguaçu pretendemos levantar o problema de uma Catequese voltada para a nossa realidade, deixando de lado qualquer modelo importado. Não existe ainda lá uma Catequese sistemática. Até poderia dizer que nada há de organizado. Há tentativas concretas de implantação de uma Catequese mais orgânica. Não dispomos de Catequistas devidamente preparadas e o ensino religioso se acha ainda deficiente. Nos quadros oficiais do magistério apenas quatro professoras foram liberadas para o ensino religioso em toda a Diocese. Em face dessa situação temos que apelar para o Catecismo Paroquial. Espero que o Sínodo levante o questionamento: "QUAL A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DA FÉ?" Sem uma perfeita integração entre Catequese e Família será infrutífero qualquer esforço de evangelização. É necessário atingir primeiramente os pais.

MENSAGEIRO — *Como o senhor vê as acusações feitas pelo Arcebispo de Diamantina a Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino?*

DOM ADRIANO — Depois daquela unidade assumida pela Assembléia da CNBB, em Itaici, não tenho explicação satisfatória para uma acusação feita diretamente por Dom Sigaud aos dois Bispos. Ele os acusou, evidentemente, de comunistas. Uma atitude mais lamentável ainda quando convidou o Governo a expulsá-los do País. Não vejo em Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino nenhuma orientação marxista. Vejo a preocupação pastoral concretizada no exercício da missão profética numa área marcada por conflitos constantes entre índios e posseiros. É curioso que durante a recente Assembléia da CNBB, Dom Sigaud não tenha aproveitado a oportunidade para formular essas acusações. Chegou até mesmo a recomendar aos Bispos reunidos em Itaici os manuais de catequese do CEPAC (Centro de Pastoral Catequética) de Nova Iguaçu.



Em telegrama que dirigi a Dom Sigaud logo que tomei conhecimento de suas declarações, sugeri a ele uma reparação pública diante da injustiça cometida contra os dois irmãos no Episcopado.

MENSAGEIRO — *O senhor teria alguma mensagem especial a dirigir ao leitor deste semanário?*

DOM ADRIANO — Volto à Bahia sempre com muita alegria, com muito gosto. Depois de passar 18 anos fora, voltei a esta Arquidiocese e trabalhei aqui por vários anos como Diretor Espiritual do Seminário Maior, durante alguns anos, a partir de 1961. Nomeado Bispo Auxiliar do Cardeal da Silva, continuei prestando serviços à Igreja depois que Dom Eugênio veio para a Bahia. Permaneci em Salvador até novembro de 1966. Encontro aqui uma das fontes de minha formação. E outra não poderia ser minha mensagem aos leitores deste semanário, senão de esperança na Igreja de Jesus Cristo, a única perspectiva de uma sociedade que mais corresponde aos nossos anseios de felicidade. Isto nos impõe um compromisso de fidelidade à própria Igreja.

BISPO RELATA

PÁGINA 5

COMO FOI SEQUESTRADO

RIO JB E AE) — Durante uma hora o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, descreveu a ação de seu sequestro, ocorrido há uma semana, afirmando que os seis homens — “naturalmente apenas os executores de um plano, bem elaborado e cronometrado” — tiveram a intenção de amedrontar e humilhar também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Não acredita que o episódio tenha ligação com um suposto Esquadrão da Morte ou que seja uma vingança política, porque seu trabalho é restrito ao campo pastoral.

O presidente da CNBB e do Conselho Episcopal latino-Americano, Dom Aloisio Lorscheider — presente à entrevista, juntamente com o secretário geral da conferência, Dom Ivo Lorscheider e o secretário-geral do CELAM, Dom Afonso Lopes Trujillo — disse que estranhou o silêncio do governo brasileiro em não exprimir publicamente a sua solidariedade, pois esperava “que não houvesse uma discriminação”. Em seguida explicou que “parece ridículo que a igreja, no mundo atual, venha pedir que se tenha respeito à pessoa humana e que muitos interpretem nossa ação como uma subversão da ordem”.

A entrevista começou às 9h55min, logo após Dom Adriano ter pedido que todos rezassem o padre-nosso, agradecer a presença da imprensa no auditório do Centro Comunitário da Diocese e cumprimentar os elementos do DOPS e do SNI ali presentes e mais os operários que estavam construindo a nova igreja local. Procurando “reconstituir da melhor maneira possível o episódio”, o bispo leu em voz firme o comunicado intitulado “nas mãos de Deus”, quando descreveu todos os lances, a partir das 19 horas do dia 22, logo após sair do gabinete na cúria, junto com o sobrinho Fernando Leal Webering e sua noiva Maria Del Pilar Iglesias, que trabalham na secretaria.

O comunicado, na íntegra, é o seguinte:

“Na quarta-feira, dia 22 de setembro pelas 19 horas, saí” do meu gabinete na cúria diocesana. Tinha acabado o expediente normal meia hora mais tarde. O último atendido então foi nosso operário Fidells, que foi assaltado no domingo anterior e vinha pedir um adiantamento em dinheiro. Desci à galeria, mas fiquei conversando ainda uns dez minutos com o Padre Henrique e o Padre David, da catedral. No meu Volkswagen sedan já estavam sentados meu sobrinho Fernando Leal Webering, ao volante e, no banco traseiro, sua noiva Maria Del Pilar Iglesias.

Pelas 19,15 horas me despedi, entrei no VW ao lado de Fernando e saímos, tomamos o caminho de todos os dias. Sem notar nada de extraordinário. “Tamos para casa, no Parque Flora. Pilar, que aproveita todas as tardinhas a carona, ficaria no caminho, na Rua Paraguai.”

Ao entrarmos na rodovia Pres. Dutra (direção de São Paulo), um pouco depois do Km 15, como um caminhão passasse em alta velocidade, tivemos de nos manter no acostamento. Al estava parado um Volkswagen vermelho, que atrapalhou um pouco a nossa entrada na Dutra. Passamos do acostamento para a rodovia e parece que o VW vermelho seguiu atrás de nós.

Passamos sob o viaduto que liga a Rua Roberto Silveira com a estrada de Ambai e o bairro da Posse mas, como fazemos nos últimos meses para evitar um cruzamento perigoso e muito movimento da Praça da Posse, seguimos até o posto de gasolina e dobramos à direita pela Rua Minas Gerais. Continuamos por essa Rua normalmente. No ponto onde a Rua Minas Gerais corta a Rua Gama, na esquina à esquerda, estava parado um carro de faróis acesos que procurou avançar com rapidez na nossa frente. Fernando avançou, à direita, pela Rua Gama, daí entrando pela esquerda na Rua D. Benedita. Dois carros nos seguiram. Fernando observou: “parecem malucos, ou estão brincando”. Eu acrescentei: “apresse mais para a gente não se envolver na briga”. Ele acelerou e assim entramos à esquerda, na Rua Moçambique. Neste momento, um VW vermelho nos fechou.

Paramos um instante e olhamos indignados. Logo retomamos a viagem, sem ainda percebermos a situação real. Eu estive certo de que era mesmo uma briga dos dois carros. Galgamos a Rua Moçambique, que é lajeirosa e curta, e no topo dobramos à direita para a Rua Paraguai, que é onde mora Pilar, no fim, na penúltima casa antes de entrar na estrada de Ambai”. Eu disse a Fernando que se aproximasse mais do meio fio, para Pilar poder saltar sem perigo e os briguentos poderem passar sem nos incomodar.

Uns cinco metros antes do portão de Pilar, o VW vermelho nos cortou pela frente e um outro pelo lado. Saltam cinco ou seis homens armados de pistolas, ameaçadores, e se aproximam do nosso carro. Do meu lado um grita: “é um assalto. Sala logo senão atiro”. Hesitei um pouco, tentando saber de que se tratava. Com palavras abri a porta de meu lado e me puxaram. Tropecei e caí, perguntando ainda: “meu irmão, o que foi que eu lhe fiz?”

Com brutalidade, dois elementos me arrastaram e me atiraram no banco traseiro do carro deles, com pancadas na cabeça e no corpo, para eu me abaixar. Ainda vi por dois ou três segundos a cara do que ia no volante, chamando-me atenção os olhos quadrados sem aro. O outro elemento, de cara redonda e rude, tinha as faces marcadas por cicatrizes de espinhas infeccionadas. Julgo ter visto ainda Pilar imóvel na frente do portão da casa dela e algumas pessoas, imóveis também, nas portas da padaria que fica logo depois da casa de Pilar, na esquina da Rua Paraguai com a estrada de Ambai.

Logo o elemento que estava ao lado do motorista se virou com pancadas para mim e me encapuzou. O capuz era de fazenda grossa, parecendo lona. Senti-me asfixiar. Amarrou o capuz, mas ainda pude ver as algemas: eram pretas, talvez de ferrugem. Ainda me algemando, deram o arranque com toda violência, sempre batendo-me na cabeça e no corpo para eu me abaixar. Alguém me algemou, primeiro no pulso do braço direito e depois na mão esquerda. Senti que viraram pela estrada de Ambai, na direção de Nova Iguaçu. Sempre me batiam, soltando palavras. A cena na porta da casa de Pilar deve ter durado uns oito a dez minutos e foi muito vio-

Depois de uns poucos minutos de encapuzado, com as voltas do carro sempre em disparada louca perdi totalmente a noção de espaço. Não consegui um só instante identificar os lugares por onde passávamos. Andamos por estrada asfaltada, por estrada de paralelepípedos, por estradas de barro. Sempre em alta velocidade. Parecia uma viagem de loucos. Logo no começo, ouvi o elemento da direita dizer para o motorista: “este serviço vai render quatro milhas”.

Daí a pouco, começou a me apalpar, à procura talvez de arma ou de carteira. Como não encontrasse nem uma nem outra, começou a cortar os botões de minha batina, um por um. E quando descobriu os bolsos, esvaziou-os, num eu tinha lenços, os óculos de leitura e um terço. No outro, a agenda de bolsa, com meus documentos e algum dinheiro e ainda lenços. Tirou tudo o que encontrou.

Depois de corrermos como loucos uns trinta ou quarenta minutos, paramos (antes tinha feito duas ou três paradas). Sairam do carro e daí a pouco mandaram que eu saísse também: “saia...” (com palavras). Saí puxado. A primeira coisa que fizeram foi tirar toda a roupa, deixando-me inteiramente nu. Al então tentaram enfiar-me na boca o gargalo de uma garrafa de cachaca. Senti nos lábios o gosto e resisti. Não insistiram, mas um deram a cachaca no capuz. Senti-me asfixiar e caí no chão estrebuchando. Pensei que ia perder completamente os sentidos, mas aos poucos me recuperei.

Eu estava deitado, no lado esquerdo, num chão irregular de pedras e gravetos. A uma distância de 50-100 metros ouvia-se passar algum carro, devíamos estar assim perto de uma estrada.

Começaram os insultos e provocações. Havia um que rugia como fera. Outro me disse: “cheguei tua hora, miserável, traidor verme-

lho. Nós somos da ação (não me recorde se disseram ação, aliança ou comando) anticomunista brasileira e vamos tirar vingança. Você é um comunista traidor.

Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do Bispo Calheiros de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos traidores". Depois acrescentaram: "Diga que é comunista, miserável!" Ao que respondi: "nunca fui, não sou nem serei comunista. O que eu fiz foi sempre defender o povo". De vez em quando me davam pontapés.

A certa altura ouvi, numa distância que calculo de 20 metros aproximadamente a voz de Fernando que gritava: "não façam isto comigo, eu não fiz nada!" Tive a impressão de que estavam batendo nele. Resolvi então falar: "deixem o rapaz, ele não tem culpa de nada. O que foi que ele fez?" Repeti ainda outra vez estas ou palavras semelhantes. Alguém retrucou: "que nada! quem ajuda comunista é comunista!"

Começaram a lançar Spray no meu corpo. Eu sentia o borrifar e o frio do spray. Tinha um cheiro acre. Pensei que iam me queimar. Escutei alguém dizer: "é pra cortar". Depois me disseram duas vezes: "o chefe deu ordem pra não matar, você não vai morrer não. É só pra aprender a deixar de ser comunista". Houve um silêncio mais prolongado e então me deram ordem de entrar novamente no carro. A cena tinha durado entre 30 a 40 minutos.

Empurraram-me, todo nu, para dentro do carro, novamente no banco traseiro. Sempre encapuzado e algemado. Fizera-me abaixar ao máximo no banco, sempre às custas de pancadas, depois colocaram por cima de mim umas tiras de que acho que tinha sido minha batina.

O carro arrancou. Quem falava agora no volante era um elemento de voz fanhosa. O outro indivíduo, ao lado do motorista, falava enrolado, dava berros selvagens, como que para me amedrontar. Recomeçou uma corrida selvagem, como anteriormente. O elemento da direita começou a abrir as algemas, o que consegui com muita dificuldade. Depois me amarraram fortemente com cordas, primeiro as mãos. Com a ponta da mesma corda desceu até os meus pés e amarraram fortemente também os tornozelos.

Senti que andávamos correndo por estrada asfaltada ou de paralelepípedos ou de barro. As vezes, estávamos mais perto de lugar mais habitado, pois eu ouvia vozes de crianças ou latidos. Paramos duas vezes. Em certo momento, julguei que estávamos perto de minha casa, pois os latidos dos cachorros pareciam conhecidos. Sempre em corrida louca. Não falavam. Apenas o elemento da direita acomodava de vez em quando os trapos da batina sobre mim, parece que para que eu não fosse visto. Devemos ter andado uma meia hora. Paramos então.

O elemento da direita saiu do carro e deu-me ordem de sair. O motorista ficou no carro que estava ligado. Puxou-me para fora com violência. Só podia sair arrastado, porque a corda me tolhia o movimento. Devia ficar de cócoras. Assentei-me no estribo. Alí o sujeito me deu uma pancada no pescoço dizendo: "baixa a cabeça!" Nesse momento, passa na rua um carro pesado. Com um safanão violento me atirou na calçada. Cai deitado. Quando me vlttei, o carro tinha arrancado com violência. Notei que era verdadeiro. Foi só antes dessa pancada no pescoço que me retiraram o capuz.

Nu e atado fiquei na calçada. Era uma rua ajeitada, com pouca luz, lembrando alguns abitros de Nova Iguaçu. Na casa de frente, uma luz fraca sala da janela. Tentei desamarrar a corda, mas os nós estavam muito apertados. Passa um carro da esquerda para a direita, bem perto de mim. Faço um gesto com as mãos amarradas. Vem mas não param. De outro lado, vejo andando três mulheres. Prefiro não fazer sinal nenhum. Passa um segundo

carro da esquerda para a direita também. Não me vê. Nisto se aproxima, do lado da rua em que me encontro, um rapaz. Chega-se perto de mim e eu peço: "O sr. pode me desamarrar? Eu sou um padre e fui assaltado". Começa a me ajudar. Nisto chega, vindo da direita, um carro que para e pergunta: "O que é que aconteceu?" Digo o que foi. Um senhor salta vem me ajudar a cortar as cordas e pergunta o que eu preciso. Respondo: "Uma calça". Ele promete ir buscar, porque mora perto. Eram cerca de 21,45 horas.

Juntaram-se alguns homens que me perguntaram o que aconteceu. Tentei explicar. Não entendem nos nomes das ruas e dos bairros. Pergunto então: "em que bairro de Nova Iguaçu a gente está?" Achar certa graça e respondem: "O senhor está em Jacarepaguá." Perguntam ainda se estou ferido. A descobro que o spray me deixou todo vermelho.

Dai a pouco, o carro voltou, trazendo-me uma calça e um blusão. Convida-me em seguida a ir ver o padre

da paróquia. Diz que é perto. Despeço-me das pessoas que me ajudaram e mostraram interesse por mim, entro no carro e seguimos. Alí o motorista se revela como repórter fotográfico da Manchete, Sr. Adir Mera. Revelo-me como bispo de Nova Iguaçu. E acrescento em tom de brincadeira: "O senhor aproveite o furo". Ele responde que agiu por solidariedade, que neste caso não é repórter, que é espirita, mas que todos devemos fazer o bem etc. Chegamos à casa paroquial, na Praça Seca. O vigário demora em atender. Neste momento passa uma rural, cheia de pessoas. Adir descobre na rural um amigo, maior do Exército, a quem comunica o ocorrido. Acharmos no caminho a delegacia de Madureira para declarações à Polícia. Aparece o Pe. Pedro, vigário da paróquia, que me conhece de nome e estranha minha situação.

Na rural, que estava fazendo propaganda eleitoral, Major Kunners. Vamos à entro com o Sr. Adir e o 2ª Delegacia. O delegado Ronald me ouve, acha de início que se trata não de

assalto mas de crime político e afinal declara que a jurisdição, no caso, compete a Nova Iguaçu. Seriam 22,30 hs. Foram chegando alguns padres de Nova Iguaçu, acompanhados de vários leigos, amigos meus. Faço algum relato. Vem repórteres. Vem um funcionário do DOPS, declarando que meu caso está sob a alçada do DOPS. Era mais de meia noite, quando saímos rumo ao DOPS: dois funcionários dessa instituição de segurança, o Sr. Adir, o Pe. David Keegan, da Catedral, e eu. Vamos num veículo do DOPS.

No DOPS, fui interrogado pelo Dr. Borges Fortes. Soube então que o meu VW tinha explodido na frente da CNBB e que meu sobrinho Fernando tinha sido encontrado; ele e a noiva estavam a caminho do DOPS. Durante meu depoimento — interrogatório, avisaram que o Sr. Nuncio Apostólico queria me ver. Como demorassem em atendê-lo, entrou de repente na sala de depoimento, para me cumprimentar e trazer-me solidariedade. Depois saiu da sala, dizendo que esperava por mim até o final do interrogatório.

24/09/76

DIÁRIO DO POVO

TERROURISMO NO RIO

Nota do I Exército

Rio, 23 (AE-DP) - O Comando do I Exército distribuiu nota oficial condenando os atentados de AAB, classificando-os de fatos episódicos que não afetam a segurança da área e dizendo que a Secretaria de Segurança está empenhada em apurar as responsabilidades. É a seguinte a íntegra da nota:

"Nota do Comando do I Exército

O Comando do I Exército em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer.

O Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e com-

bate qualquer atividade extremista.

Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existente na área.

O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial.

A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos".

REPÚDIO DA ABI

Rio, 23 (AE-DP) - O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Prudente de Moraes Neto, visitou hoje à tarde o jornalista Roberto Marinho, na sede do jornal "O Globo", para prestar-lhe solidariedade pelo atentado à bomba contra sua residência, na noite de ontem. Ao mesmo tempo, ABI divulgou uma nota oficial em que qualifica o ato como mais uma ação na escalada do terror.

Depois de lembrar as agressões sofridas recentemente pela ABI e pela OAB,

a nota da Associação considera "sintomático que os alvos desta sanha-incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa". O objetivo estratégico do extremismo, segundo a ABI, visa, na verdade, "ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais em que se envolve historicamente a nação inteira".

Roberto Marinho Explica

RIO, 23 (AE-DP) - O diretor-redator-chefe de "O Globo" distribuiu a seguinte nota oficial:

"A bomba explodiu so-

bre o beiral do telhado de minha casa, aos primeiros minutos de hoje, destruindo pequena parte do telhado e vidraças da casa.

Não imagino qual tenha sido a motivação, nem a autoria deste atentado.

O caso está entregue às autoridades policiais que, desde os primeiros momentos, demonstraram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim

como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo.

O que, acima de tudo, lamento, é que este ato brutal feriu um de meus empregados que está, inclusive, ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro.

Seu estado de saúde é, nesse momento, o fator de nossa maior preocupação."

Palavra da ARENA

Brasília, 23 (AE-DP) - O presidente da ARENA, deputado Francelino Pereira, condenou hoje os atentados contra o bispo de Nova Iguaçu e o diretor de "O Globo".

A ARENA manifesta total repúdio a este tipo de violência, parta de onde partir. Ato desta natureza, de direita ou de esquerda, não pode

receber e não tem o apoio do povo brasileiro. Trata-se de ato efetivamente condenável e que só pode ter sido praticado por tipos anômalos ou doentios.

Ele anunciou que "todas as medidas foram tomadas pelo Governo do Rio no sentido da apuração imediata dos fatos e punição dos culpados".

Igreja de S. Luís e os Atentados



Estamos publicando na 2ª página "Nota Cúria Metropolitana de São Luís", através da qual o Arcebispo D. Mota condena veementemente os atentados contra o Bispo de Nova Iguaçu e o jornalista Roberto Marinho.

PÉS E MÃOS AMARRADOS

RIO, 23 (AE) — O jovem Fernando Leal, sobrinho do bispo de Nova Iguaçu e com ele sequestrado, foi encontrado ao anoitecer de hoje, à margem da rodovia Rio-São Paulo. Trazia mordaça e tinha as mãos e os pés amarrados.

EXTREMISTAS SEQUESTRAM BISPO E LANÇAM BOMBAS NA CASA DO DIRETOR DE "O GLOBO"

Rio, 23 - Dois atentados aconteceram nas últimas vinte e quatro horas no Rio: primeiro, contra o Bispo de Nova Iguaçu, que foi sequestrado, ontem à noite, e o outro às primeiras horas de hoje, quando uma bomba explodiu sobre o telhado da casa do jornalista Roberto Marinho, diretor de "O Globo".

Esses atos de terrorismo vêm merecendo o repúdio total de todas

as instituições e classes representativas nacionais, tendo o deputado Eduardo Galil, vice-líder da ARENA na Câmara afirmado, da tribuna, "que os responsáveis por esse ato de violência, repugnado por toda a Bancada, devem ser devidamente punidos, a fim de que o País não tenha na sua história a marca negra e vermelha das violências que todos nós repudiamos.

Protesto da CNBB

Brasília, 23 (AE-DP) — O secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, monsenhor Hames, esteve hoje no Ministério da Justiça para manifestar as apreensões da entidade em relação à atmosfera reinante no País bem como pedir segurança para o trabalho exercido pela Igreja e seus dignatários.

Monsenhor Hames foi recebido, pela manhã, pelo próprio ministro Falcão, a quem apresentou a versão oficial da CNBB no tocante

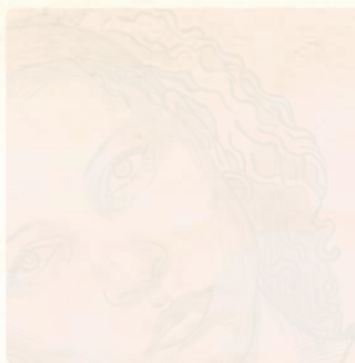
aos atentados ocorridos no Rio de Janeiro contra o Bispo de Nova Iguaçu e seu sobrinho, tendo pedido, na ocasião, a máxima colaboração das autoridades competentes no sentido de apurar e punir os responsáveis.

Hames preferiu não comentar as reações de Falcão sobre o incidente, limitando-se a afirmar que recebera do próprio ministro amplas garantias de que todas as providências seriam tomadas para a pronta solução do caso.

SOLIDARIEDADE

A Direção de "DIÁRIO DO POVO" e quantos trabalham neste jornal manifestam de público sua mais enérgica repulsa aos atentados terroristas ocorridos, no Rio, contra a residência do jornalista Roberto Ma-

rinho e contra o bispo de Nova Iguaçu, com Adriano Hipólito, e deseja chegar aos mesmos, através a Associação Brasileira de Imprensa e à Conferência Nacional de Bispos do Brasil sua integral solidariedade.



Dom Motta Repudia Atitude

"DIÁRIO DO POVO" - São Luís - 24/9/1976

Extremista Contra a Igreja

O arcebispo de São Luís, D. João Mota, declarou que os atentados verificados na noite de quarta-feira, no Rio de Janeiro, "revelam uma tentativa de fazer calar a igreja no Brasil, que através de um de seus bispos vem se constituindo o instrumento mais poderoso de defesa dos direitos da pessoa humana". Para D. Mota, "pouco interessa, como fato, a origem do atentado, se de direita ou de esquerda. O que está no centro é o valor da pessoa humana, se já bispo ou leigo".

A declaração de D. Mota recebeu apoio de mais de 5 padres que se encontravam no acerbispado de São Luís no momento em que ele recebeu a imprensa para condenar o atentado sofrido por D. Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu. Também os deputados Bayma Serra e Isaac Dias, ambos da oposição maranhense, condenaram "a volta da escalada do terror", que atribuíram a "áreas in-



teressadas em criar um clima desfavorável a abertura democrática".

D. João Mota e os dois políticos também esperam "que as autoridades brasileiras, coerentes com as medidas de defesa da pessoa humana tenham todo empenho em impedir que novos atentados sejam cometidos contra qualquer pessoa, sem discriminação", disse o bispo. "Como bispo é

amigo de D. Adriano - Acrescentou - sinto os seus sofrimentos, mas sinto ainda mais forte a alegria de seu testemunho de defensor da justiça".

A repercussão do atentado contra D. Hipólito foi intensa no Clero de São Luís. Hoje padres, freiras e leigos comentavam - sempre

em tom de condenação - o fato ocorrido no Rio de Janeiro, por outro lado, na área política, somente se teve conhecimento da notícia por intermédio das informações prestadas pelo cor-

respondente do sul, em busca de opiniões. Os jornais e rádios de São Luís e Belém do Pará - cujos jornais circulam logo cedo na capital maranhense - Não trouxeram também nenhuma informação sobre os atentados de ontem.

Para Isaac Dias é bastante provável que os novos atentados atribuídos à Aliança Anti-Comunista Brasileira

estejam ligados às entrevistas concedidas pelo Presidente Geisel em Tóquio, "ou melhor, contra o pouco de reabertura democrática que eles encerram". Isaac Dias, observou também, que esses a-

tentados ocorrem sempre no momento em que um grande debate nacional é levantado, como nos casos da mor-

domia e, agora, da Reforma do Judiciário. Coincidência que ele considera "Sem dúvida estranha".

D. Mota também condenou os extremismos, "que se tocam,

sejam de direita ou esquerda, e terminam sempre no crime". Em sua opinião "Vale ressaltar, que o atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu tem também

uma dimensão de Sacramento da Fortaleza da Igreja Fiel à sua missão profética: de denunciar os crimes e as injustiças".

O IMPARCIAL

FUNDADOR DOS DIARIOS ASSOCIADOS ASSIS CHATE AUBRIANDI

ANO L — Nº 18.853 — sexta-feira, 24.09.76 Cr\$ 2,00

Terror executa mais 2 ações no Rio

Dois atentados terroristas ocorreram à noite de ante-ontem no Rio de Janeiro atingindo o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Mandarinho Hipólito, de 58 anos e, a segunda, o jornalista Roberto Marinho, diretor de "O Globo".

Dom Adriano, conhecido na Baía da Fluminense por combater o Esquadrão da Morte, foi sequestrado por dois homens que agarraram o bispo e obrigaram-no a lhes acompanhar, após "fechar" o carro em que ia o prelado, acompanhado de seu sobrinho e a noiva deste.

A noiva do rapaz conseguiu fugir, mas dom Adriano e seu sobrinho foram levados, espancados, manietados e abandonados em dois locais diferentes no bairro de Jacarépaguá. Mais tarde, o carro do sacerdote (roubado durante o sequestro pelo mesmo grupo) foi destruído numa explosão.

A residência do jornalista Roberto Marinho, situada à rua Cosme Velho, 105, próxima à sede da CNBB, também foi alvo de atentado a bomba, causando escoriações e ferimento por estilhaços no copeiro Teotônio de Queirós. O petardo causou danos consideráveis, inclusive num muro, jogando pedaços de tijolos a uma distância superior a oitenta metros.

Os dois atos terroristas foram perpetrados pela Aliança Anti-comunista Brasileira, que enviou nota à Rádio Jornal do Brasil (Página 8).

Seqüestro de bispo alarma o Vaticano

VATICANO - O Jornal do Vaticano, "L'Osservatore Romano" expressou ontem seu horror ante o "desaparecimento" do Bispo de Nova Iguaçu no Brasil, Monsenhor Adriano Hipólito.

O termo "desaparecimento" foi interpretado, a seguir, pela Radio do Vaticano no sentido de que o prelado tivesse sido assassinado.

Informações da Agência France-Presse, procedentes do Rio de Janeiro, indicavam que Monsenhor Hipólito e seu sobrinho tinham sido seqüestrados e algumas horas depois encontrados despidos e manietados num subúrbio carioca.

Meios chegados ao Vaticano indicaram que a notícia do "desaparecimento" do bispo procedia de uma agência estrangeira.

"L'Osservatore Romano" lembrou que Monsenhor Hipólito tinha denunciado, em várias oportunidades, as atividades da organização de extrema

direita denominada "Esquadrão da Morte".

O Seqüestro do bispo foi reivindicado por uma organização denominada Aliança Anticomunista.

Em Brasília, o Ministro da Justiça, Armando Falcão, declarou ao deixar o gabinete do Presidente Geisel no Palácio do Planalto que o Governo está acompanhando as diligências que se realizam no Rio para apurar a responsabilidade pelo atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu. Sua conversa com o Presidente da República versou principalmente sobre a reforma do Judiciário. Falcão esquिवou-se e preferiu ditar uma declaração a respeito do atentado. Antes, quis saber que jornais os repórteres representavam, e falou:

- O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual,

para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis.

Enquanto ditava as suas declarações, o Ministro acompanhou as anotações que os repórteres faziam e, ao final, pediu a um deles que lesse o que havia escrito. Antes de prestar a declaração, não faltou uma advertência do Ministro: "Cuidado com o que vocês vão escrever."

Antes de se despedir, Armando Falcão perguntou se os jornalistas estavam satisfeitos e apenas acrescentou às suas declarações que havia mantido, pela manhã, contato telefônico com o Governador Faria Lima, inteirando-se dos acontecimentos e das providências já adotadas para descobrir os responsáveis pelo seqüestro do Bispo.

O Secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Monsenhor Hames esteve no Ministério da Justiça para manifestar as apreensões da entidade em relação à atmosfera reinante no País.

O GLOBO EMPRESA JORNALÍSTICA BRASILEIRA S.A.
PRESIDÊNCIA

"A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa aos primeiros minutos de hoje, destruindo pequena parte do telhado e vidraças da casa. Não imagino qual tenha sido a motivação nem a autoria desse atentado. O caso está entregue às autoridades policiais, que desde os primeiros momentos demonstram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo.

"O que acima de tudo lamento é que esse ato brutal feriu um de meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação".

Roberto Marinho

Para Faria Lima nada vai alterar eleições

Os atentados da Aliança Anticomunista Brasileira não terão - na opinião do Governador Faria Lima - qualquer repercussão sobre o quadro político e muito menos sobre o resultado das eleições de novembro. Apesar das seguidas críticas do Bispo Dom Hipólito aos crimes do Esquadrão da Morte, o Governador não acredita que aquela organização clandestina tenha tido qualquer participação no seqüestro e sevicia do prelado. Faria Lima revelou que a Polícia estadual agirá normalmente, "sem esquema especial".

Fac-símile da declaração do diretor de O Globo

Magalhães se preocupa com atuação de radicais

BRASÍLIA - O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, recusou-se a admitir que os atentados possam contribuir para atrasar o desenvolvimento político do País "porque importaria em dar ganho de causa aos radicais".

O senador mineiro identificou nos acontecimentos "sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos devemos nos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que peguem, ao mesmo tempo, um Bispo que dizem de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição".

Ele se negou a admitir que os atentados possam impedir ou atrasar a volta da normalização política do País.

- "Não devem atrasar, porque aí seria dar ganho de causa aos radicais. Eles estão fazendo isto porque não estão satisfeitos com as eleições e com o caminho que o Brasil está tomando. O Governo tem instruções para coibir tais fatos e nós estamos de acordo em que recorra e elas com estes objetivos".

a objetivos de Geisel

RIO - o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Caio Mário da Silva Pereira, classificou os últimos atentados terroristas da Aliança Anticomunista Brasileira como manifestações que "só concorrem para exacerbar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Ernesto Geisel no sentido de se efetivar a distensão". Caio Mário lembrou que os atentados da AAB contra a Associação Brasileira de Imprensa, a própria OAB, contra o centro brasileiro de pesquisas e agora contra a igreja tem como objetivo atingir instituições desarmadas e empenhadas na solução dos problemas sociais do Brasil.

- Como presidente da OAB e fiel aos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica manifesto minha repulsa a esses atentados e mais uma vez formulo meus apelos para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição".

Segundo o presidente da OAB, a entidade ainda não foi informada pelas autoridades policiais do Rio sobre qualquer progresso nas investigações realizadas pelo inquérito que apura o atentado frustrado à sede da Ordem. Apesar de haver um conselheiro acompanhando o trabalho da Delegacia de

Polícia Política e Social do Rio - Wilson Mirza, representante de Mato Grosso no Conselho Federal - Caio Mário disse que ainda não foi informado de fatos concretos que possibilitem a identificação dos culpados e sua prisão, com posterior julgamento.

Ao classificar os novos atentados como "atos lamentáveis de recurso à violência sem qualquer resultado prático para se atingirem objetivos socialmente úteis", Caio Mário da Silva Pereira se declarou solidário com o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e com o direito do sistema "Globo" de imprensa, Roberto Marinho, aos quais enviou mensagens de apoio.

Para o presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, Eduardo Seabra Fagundes, é preciso que "o Governo, que já está de posse dos instrumentos legais e técnicos para isso, identifique os culpados por esta série de atentados a fim de devolver a tranquilidade à Nação já tão conturbada em função de problemas de ordem política, econômica e de conjuntura". Ressaltou, entretanto, que a ação dos órgãos de segurança não pode justificar maiores restrições à vida política do País.

MDB quer que Governo puna os responsáveis

BRASÍLIA - "O MDB participa inteiramente das preocupações de todo o País no repúdio às ações terroristas verificadas no Rio contra o Bispo de Nova Iguaçu, contra a CNBB e na residência do jornalista Roberto Marinho, esperando que o Governo atue vigorosamente na apuração das responsabilidades" - disse o presidente nacional do Partido, Deputado Ulysses Guimarães.

Disse ele que MDB "sempre defendeu e continuará defendendo a manutenção da ordem pública e da tranquilidade da ação, e nesta missão pode o Governo contar com o apoio do Partido, o esforço de restabelecer a paz e ordem indispensáveis ao desenvolvimento do País.

Rio de Janeiro, sexta-feira, 24 de setembro de 1976

ABI repele nova agressão

RIO - O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Prudente de Moraes Neto, visitou o jornalista Roberto Marinho, na sede do jornal "O Globo", para prestar-lhe solidariedade pelo atentado a bomba contra sua residência.

Ao mesmo tempo, a ABI divulgou uma nota oficial em que qualifica o ato como mais uma ação na escalada do terror.

Diz a nota oficial da ABI que "mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, diretor-redator-chefe de "O Globo" e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma

escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os alvos desta sanha - incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais - sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe - visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais em que se envolve historicamente a Nação inteira.

24-09-76

TERROR SEQUESTRA BISPO

E

EXPLODE BOMBA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

CNBB manifesta repulsa

O Imparcial -

São Luiz - 24 de Setembro de 1976

pelo ato irresponsável

RIO (ANDA) — A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) reunida ontem com a comissão episcopal de pastoral, manifestou sua repulsa contra o atentado de que foram vítimas o bispo da cidade de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarinho Hipólito de 58 anos, e seu sobrinho, Fernando Leal Wedering. Em nota oficial distribuída a tarde, reafirmou que "considera uma glória para a Igreja do Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos".

Também a Secretaria de Segurança Pública distribuiu outra nota dando conta das diligências que estão sendo realizadas em caráter sigiloso, visando descobrir os autores do sequestro do bispo e da explosão de seu carro, no Largo da Glória, bem como do atentado a bomba a residência do jornalista Roberto Marinho, Diretor do Jornal "O Globo", cujo copeiro Teotônio de Queiros, de 22 anos, sofreu ferimentos generalizados e se encontra em tratamento na Casa de Saúde São Silvestre.

SOLIDARIEDADE

Pela manhã, o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araújo Sales, acompanhado do Nuncio Carmine Rocco, do arcebispo de Niterói, Dom José Gonçalves da Costa, também Secretário Regional Leste 1, que compreende todas as dioceses do Rio de Janeiro e do bispo auxiliar, Dom Eduardo Koalk, avistou-se com o bispo Adriano Mandarinho Hipólito, que se encontra em local ignorado e sob forte proteção policial. Os religiosos foram manifestar-lhe solidariedade e comunicarlhe as providências policiais que vem sendo tomadas com o objetivo de descobrir os seus sequestradores.

O sequestro do bispo de Nova Iguaçu ocorreu por volta das 19,30 horas de ontem quando, ele, em companhia de seu sobrinho, Fernando Leal Wedering, deixou o catedral de Nova Iguaçu, localizada na Rua Marechal Peixoto, naquele município, para levar a noiva do rapaz à sua residência, na Rua Paraguaçu 761, bairro da Posse, naquela mesma cidade.

Os três embarcaram no Fusão velho RJ-EB 7591, de propriedade

em que se aproximavam da residência da moça, o veículo foi "fechado" por dois outros carros — um Volks e um Chevrolet antigo — saltando do segundo, dois rapazes, que agarraram o bispo e o obrigaram a acompanhá-los, enquanto um terceiro tomava o volante do Fusão. A noiva de Fernando, conseguiu escapar e correu até à sua casa, entrando imediatamente em contato com as autoridades policiais de Nova Iguaçu que, por sua vez, transmitiram mensagens através do rádio pedindo a todas as viaturas a apreensão dos três carros e prisão dos sequestradores.

O bispo Adriano Hipólito e seu sobrinho ficaram durante mais de duas horas em poder dos bandidos, que acabaram abandonando o primeiro completamente despido, manietado e com o corpo pintado de mercúrio cromo, na Rua Japará, na praça seca, em Jacarepaguá. Fernando foi deixado horas depois, também despido e com os braços amarrados, no mesmo bairro.

O candidato a vereador pelo MDB, José Menezes, que fazia propaganda eleitoral na Rural RJ dirigida pelo seu motorista, Evandro Moreira, de 42 anos, casado, morador na Rua CM, 131, bloco 24, apartamento 24, no conjunto habitacional de padre Miguel, quando passava pela Rua Japará, avistou um homem despido e amarrado e logo tratou de socorrê-lo. A vítima logo se identificou como sendo o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarinho Hipólito, sendo imediatamente conduzido à 29 Delegacia Policial, em Madureira, depois de receber algumas roupas que lhe foram oferecidas pelo jornalista Acyr Mera, residente nas imediações.

ODISSEIA

Em contato com as autoridades, o sacerdote relatou toda a odisséia por que passam nas mãos dos seus sequestradores, sempre perguntando pelo destino de seu sobrinho que, daquela altura, ainda era ignorado. Disse que os bandidos, tão logo o apanharam, colocaram-lhe um capuz e que o carro em que viajava passou por diversas ruas, algumas calçadas e outras esburacadas. Os sequestradores, durante

a viagem, passaram a cortar a sua batina, até deixá-la em frangalhos e ainda obrigaram-no a beber cachaça, tendo ainda pintado o seu corpo de mercúrio cromo.

sequestradores, segundo o bispo, disseram-lhe que pertenciam à Aliança Ante-Comunista do Brasil e que haviam recebido ordens de seu chefe para não matá-lo naquela oportunidade.

Minutos após a chegada do religioso àquela delegacia, ali compareceram para prestar-lhe solidariedade o vigário da catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann e os padres Manoel Monteiro, Chanceler, André Cook e David Kigan. Também agentes do DOPS, do DGI e de outros órgãos de segurança estiveram naquela dependência policial para ouvi-lo, anotando todas as descrições que ele forneceu dos sequestradores. O bispo, na ocasião reclamou que, em seu carro havia duas pastas tipo 007, uma com a importância de 5 mil cruzeiros e a outra com documentos da catedral de Nova Iguaçu.

24-09-76

Nota da Cúria Metropolitana de São Luís

FATO.

I — Na noite de ontem, vinte dois do corrente, o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito (58.anos) e seu sobrinho Fernando Léal foram sequestrados e torturados tendo sido o Bispo, posteriormente, encontrado, com as mãos e os pés amarrados, despido, num subúrbio do Rio, ignorando-se ainda o paradeiro do seu sobrinho.

• Duas bombas, na mesma noite, explodiram, uma em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e outra na residência do Dr. Roberto Marinho, de "O GLOBO", ferindo seu copeiro, Teotônio de Queirós.

II — A Aliança Antecomunista Brasileira (AAB) se apresenta como a responsável pelos referidos atentados.

III — O Pastor da Igreja de São Luís, ao comunicar ao Rebanho estes atos de terrorismo:

a) Condena veementemente o estúpido método de contestação usado para abafar a voz da Igreja, sempre fiel à sua missão profética, e de impedir a liberdade de imprensa.

b) Sente com seu irmão e amigo Dom Adriano Hipólito suas dores e sofrimentos e se alegra, com santa inveja, do seu heróico testemunho de amor ao próximo cujos sagrados Direitos vem sempre defendendo com prudência e vigor evangélicas.

IV — O Pastor desta Igreja de São Luís, como interprete da voz da Igreja de Cristo, proclama que nenhuma força humana conseguirá jamais vencer a Força Divina que inspira a Voz da Igreja: "A Palavra de Deus não está algemada" (2º Timoteu — 2,9).

V — Espero que as Autoridades competentes, condenando igualmente o terrorismo, e coerentes na defesa dos Direitos da Pessoa Humana, tudo façam para impedir atos que mancham os foros de uma Nação civilizada que se gloria de sua formação cristã.

VI — Pede que o Rebanho se una ao Pastor na oração pela paz no seio da Pátria e para que o Espírito Santo continue fortalecendo cada vez mais os defensores da Verdade e dos sagrados direitos da pessoa humana.

São Luís, 23 de outubro de 1976.

Dom João José da Motta e Albuquerque
Arcebispo Metropolitano de São Luís do Maranhão



704

END, RIGOR PROIBI
EXCLUSIVO DE ASSINAR

JORNAL da cidade

ARACAJU (SE), 26 E 27 DE SETEMBRO DE 1976 -- ANO V -- No. 2228 -- CR\$ 2,00
-- DOMINGO E SEGUNDA FEIRA --

Condenações ao terror

Aumentam nacionalmente as condenações, partidas dos políticos, imprensa, autoridades e da Igreja contra os isolados atos de terrorismo verificadas ultimamente no Rio e em São Paulo. Até o deputado José Bonifácio, conhecido pelo seu radicalismo, condenou e lamentou o atentado cometido contra o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. A polícia já fez a ligação da agressão ao Bispo com os atentados contra a Associação Brasileira de Imprensa, Ordem dos Advogados e a casa do sr. Roberto Marinho. Dia 3, as igrejas de Nova Iguaçu rezarão missa de solidariedade ao seu bispo.

Dilermando adverte "vendilhões"

Do Serviço Local

"Qualquer de nós que praticamos a doutrina de Cristo saberá vibrar o chicote contra aqueles que são vendilhões da Pátria e expulsá-los do templo cívico da Nação" — advertiu ontem o general Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército, depois de lembrar que "é preciso não confundir a amizade, a camaradagem é a boa vontade com fraqueza ou medo de agir."

A advertência do general Dilermando foi feita durante almoço de confraternização pelo Natal, no 2º Batalhão de Polícia do Exército. Em discurso pronunciado na ocasião, o general disse que "lamentavelmente o desenvolvimento humano não permite que

nos consideremos ainda uma família universal", concluindo daí que "portanto, permanece válido o dito: Se queres a paz, prepara-te para a guerra".

Em sua opinião, "temos de estar preparados para enfrentar os ambiciosos, os desejosos de poder, que querem a infiltração para dominar e subjugar. Enquanto isto permanecer — acrescentou Dilermando — precisamos estar preparados para a luta, para empunhar o chicote. Por isso, estamos unidos em torno dos nossos chefes, porque eles sabem o terreno em que estão pisando, conhecem o modo de enfrentar os obstáculos e de vencê-los, sabem como nos levar ao melhor destino".

Somente quando a Pátria estiver confiante em seus dirigentes e unida em torno daqueles que têm autoridade legal para governar os diferentes grupos — concluiu o general — é que poderá se unir a outras pátrias para chegarmos a um futuro em que a humanidade toda será uma só família".

ADESG

Durante a solenidade de encerramento do ciclo de estudos da Adesg — Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra — ontem a noite, no Palácio dos Bandeirantes, o governador Paulo Egydio profereu palestra sobre os aspectos formais e técnicos da administração do Estado de São Paulo.

Durante a sua exposição,

para os 698 formandos — de São Paulo, Santos, ABC, Sorocaba, Jundiaí e São José dos Campos — o governador repetiu, basicamente, vários conceitos já emitidos nas suas mensagens à Assembleia Legislativa, em março deste ano e do ano passado. Além disso, fez um rápido balanço das atividades de seu governo, enfatizando as obras da área social e dizendo que a administração do Estado deve estar baseada em quatro pontos fundamentais: 1 — flexibilidade administrativa; 2 — centralização das informações; 3 — descentralização administrativa e, 4 — planejamento e tática de indução para motivar o indivíduo a participar.

Em seu discurso, o orador

da turma, Murillo Macedo, presidente do Banespa, enfatizou a necessidade da "ação", dizendo que "todas as máximas já foram ditas, o que é necessário é cumprilas". Participaram da solenidade o comandante do II Exército, general Dilermando Gomes Monteiro, o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Vicente Bota, o diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Aeronáutica, tenente-brigadeiro Hugo de Miranda e Silva, o prefeito Olavo Setúbal, o vice-presidente nacional da Adesg, vice-almirante Hilton Beirute Moreira e o delegado da Adesg no Estado de São Paulo, coronel Mário Antonio Machado de Castro Pinto.

O grito de d. Sigaud

GUSTAVO CORÇÃO

Quando ainda mastigávamos e ruminávamos o pomposo documento da CNBB majestosamente intitulado "Exigências Cristãs de uma Ordem Política", no qual a agremiação recentemente inventada pretende falar em nome da Igreja, que ainda tem Papa vivo, e ainda mantém nunciaturas que o representam; quando já buscávamos frases novas e frescas para denunciar a mesma impertinência que pretende subverter, alterar, adulterar a Hierarquia da Igreja Católica; e quando, enjoados da matéria ingrata que nos é imposta, cabeceávamos de enfado e de sono, de repente ouvimos um grito de dor e de amor ferido, um grito de alarme: o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Proença Sigaud, acordando os sonolentos, irritando os omissores e provocando os culpados, denunciava a escandalosa infiltração comunista no episcopado brasileiro e particularmente denunciava dois bispos que já não dissimulam e até se gloriam de suas atividades revolucionárias.

São eles os seguintes: Dom Pedro Casaldáliga, espanhol, e bispo de S. Félix do Araguaia; Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás

Na verdade, a denúncia-bomba de Dom Sigaud soa-nos uma penosa composição de ridículo e de heroísmo. O ridículo de tal grito de alerta recai sobre todos os que estão cansados de saber que não somente esses dois mas a quase totalidade dos eclesásticos no mundo inteiro se agacharam diante do Abominável Homem das Neves que em 1975 teve a força de reunir no Concílio de Helsinque todos os seus adeptos, militantes ou lacaios.

Sim, o ridículo recai sobre uma sociedade que finge se espantar, e de um episcopado que finge se escandalizar. O lado heróico do paradoxo fica somente com Dom Sigaud que teve a coragem de romper o "silêncio ensurdecedor" dos omissores, e de enfrentar a maldade venenosa dos culpados de tais infiltrações. Estranho mundo! Dom Sigaud consegue surpreender todo o mundo com uma revelação que todo o mundo está farto de conhecer.

O segredo atômico e nuclear da denúncia de Dom Sigaud não está na matéria revelada, está antes na sensacional ruptura com que o Arcebispo de Diamantina se afasta do Tratado universal, ecumênico, com que o mundo inteiro, em Helsinque e alhures, em nome da

Dom Ivo Lorscheiter interpela o Arcebispo de Diamantina pedindo provas de sua denúncia.

Detenhamo-nos neste ponto que, em nossa consolidadíssima convicção, está no centro de gravidade de toda a flagelação da Igreja de Cristo: a monstruosa deformação e adulteração de sua Santa Hierarquia por estruturas e máquinas-de-encontros inventadas para melhor servir ao furor dos inimigos, e ao torpor dos omissores e covardes. Ora, depois de se arrogarem uma autoridade para falar em nome da Igreja, os "experts" da agremiação inventada e aperfeiçoada pela "Nova Igreja" do homem que se faz Deus, ousa interpelar e pedir contas a um Hierarca com autoridade de direito divino. Evidentemente, desde que a denúncia de Dom Sigaud tomou forma jornalística, qualquer cidadão tem o direito de pedir-lhe as tais provas. E Dom Sigaud, sem nenhuma diminuição de sua dignidade, poderia amontoar provas abundantíssimas da infiltração comunista nos meios católicos, e poderia encher com elas os jornais de todo um mês, e até de todo um ano. Mas à interpretação feita no tom em que a fez o Secretário da CNBB, Dom Sigaud não pode responder

Foi com grande alegria que, no dia seguinte da impertinente nota Ceenebe-bista, lemos a seguinte declaração publicada com o merecido destaque: "D. Sigaud declara que só apresentará provas ao Nuncio e ao Papa". E no texto da mesma declaração publicada em 3 de março corrente, lemos que mais de uma vez Dom Geraldo Proença Sigaud advertiu os dirigentes da CNBB dos perigos decorrentes de crescente atuação comunista. Não há entretanto, ao que parece, nenhum documento da CNBB demonstrando algum interesse. Como tão bem afirmou D. Antonio Castro Meyer, Arcebispo de Campos, todos os bispos que tanto falam em direitos humanos, nunca fazem nenhuma reserva ao comunismo que, mais do que qualquer outro regime, afronta a lei natural e os direitos das gentes. Na mesma

declaração do dia 3 lemos que Dom Sigaud, ao contrário do que afirmou o Secretário da CNBB, pronunciou-se em Itaipu contra a infiltração comunista e denunciou particularmente os mesmos bispos de São Felix do Araguaia, e de Goiás.

Dilermundo adverte "vendilhões"

Do Serviço Local

"Qualquer de nós que praticamos a doutrina de Cristo saberá vibrar o chicote contra aqueles que são vendilhões da Pátria e expulsá-los do templo cívico da Nação" — advertiu ontem o general Dilermundo Gomes Monteiro, comandante do II Exército, depois de lembrar que "é preciso não confundir a amizade, a camaradagem e a boa vontade com fraqueza ou medo de agir."

A advertência do general Dilermundo foi feita durante almoço de confraternização pelo Natal, no 2º Batalhão de Polícia do Exército. Em discurso pronunciado na ocasião, o general disse que "lamentavelmente o desenvolvimento humano não permite que

nos consideremos ainda uma família universal", concluindo daí que "portanto, permanece válido o dito: Se queres a paz, prepara-te para a guerra".

Em sua opinião, "temos de estar preparados para enfrentar os ambiciosos, os desejosos de poder, que querem a infiltração para dominar e subjugar. Enquanto isto permanecer — acrescentou Dilermundo — precisamos estar preparados para a luta; para empunhar o chicote. Por isso, estamos unidos em torno dos nossos chefes, porque eles sabem o terreno em que estão pisando, conhecem o modo de enfrentar os obstáculos e de vencê-los, sabem como nos levar ao melhor destino".

Somente quando a Pátria estiver confiante em seus dirigentes e unida em torno daqueles que têm autoridade legal para governar os diferentes grupos — concluiu o general — é que poderá se unir a outras pátrias para chegarmos a um futuro em que a humanidade toda será uma só família".

ADESG

Durante a solenidade de encerramento do ciclo de estudos da Adesg — Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra — ontem a noite, no Palácio dos Bandeirantes, o governador Paulo Egydio profereu palestra sobre os aspectos formais e técnicos da administração do Estado de São Paulo.

Durante a sua exposição,

para os 698 formandos — de São Paulo, Santos, ABC, Sorocaba, Jundiaí e São José dos Campos — o governador repetiu, basicamente, vários conceitos já emitidos nas suas mensagens à Assembleia Legislativa, em março deste ano e do ano passado. Além disso, fez um rápido balanço das atividades de seu governo, enfatizando as obras da área social e dizendo que a administração do Estado deve estar baseada em quatro pontos fundamentais: 1 — flexibilidade administrativa; 2 — centralização das informações; 3 — descentralização administrativa e, 4 — planejamento e tática de indução para motivar o indivíduo a participar.

Em seu discurso, o orador

da turma, Murillo Macedo, presidente do Banespa, enfatizou a necessidade da "ação", dizendo que "todas as máximas já foram ditas, o que é necessário é cumprilas". Participaram da solenidade o comandante do II Exército, general Dilermundo Gomes Monteiro, o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Vicente Bota, o diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Aeronáutica, tenente-brigadeiro Hugo de Miranda e Silva, o prefeito Olavo Setúbal, o vice-presidente nacional da Adesg, vice-almirante Hilton Beirute Moreira e o delegado da Adesg no Estado de São Paulo, coronel Mário Antonio Machado de Castro Pinto.

O grito de d. Sigaud

GUSTAVO CORÇÃO

Quando ainda mastigávamos e ruminávamos o pomposo documento da CNBB majestosamente intitulado "Exigências Cristãs de uma Ordem Política", no qual a agremiação recentemente inventada pretende falar em nome da Igreja, que ainda tem Papa vivo, e ainda mantém nunciaturas que o representam; quando já buscávamos frases novas e frescas para denunciar a mesma impertinência que pretende subverter, alterar, adulterar a Hierarquia da Igreja Católica; e quando, enojados da matéria ingrata que nos é imposta, cabeceávamos de enfado e de sono, de repente ouvimos um grito de dor e de amor ferido, um grito de alarme: o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Proença Sigaud, acordando os sonolentos, irritando os omisso e provocando os culpados, denunciava a escandalosa infiltração comunista no episcopado brasileiro e particularmente denunciava dois bispos que já não dissimulam e até se gloriam de suas atividades revolucionárias.

São eles os seguintes: Dom Pedro Casaldáliga, espanhol, e bispo de S. Félix do Araguaia; Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás Velho.

Sem fórmulas evasivas e emolientes Dom Sigaud aponta esses dois bispos como agitadores comunistas.

Na verdade, a denúncia-bomba de Dom Sigaud soa-nos uma penosa composição de ridículo e de heroísmo. O ridículo de tal grito de alerta recai sobre todos os que estão cansados de saber que não somente esses dois mas a quase totalidade dos eclesiásticos no mundo inteiro se agacharam diante do Abominável Homem das Neves que em 1975 teve a força de reunir no Concílio de Helsínque todos os seus adeptos, militantes ou lacaios.

Sim, o ridículo recai sobre uma sociedade que finge se espantar, e de um episcopado que finge se escandalizar. O lado heróico do paradoxo fica somente com Dom Sigaud que teve a coragem de romper o "silêncio ensurdecedor" dos omisso, e de enfrentar a maldade venenosa dos culpados de tais infiltrações. Estranho mundo! Dom Sigaud consegue surpreender todo o mundo com uma revelação que todo o mundo está farto de conhecer.

O segredo atômico e nuclear da denúncia de Dom Sigaud não está na matéria revelada, está antes na sensacional ruptura com que o Arcebispo de Diamantina se afasta do Tratado universal, ecumênico, com que o mundo inteiro, em Helsínque e alhures, em nome da concórdia e da paz entre os povos, proclama o valor vital da mentira.

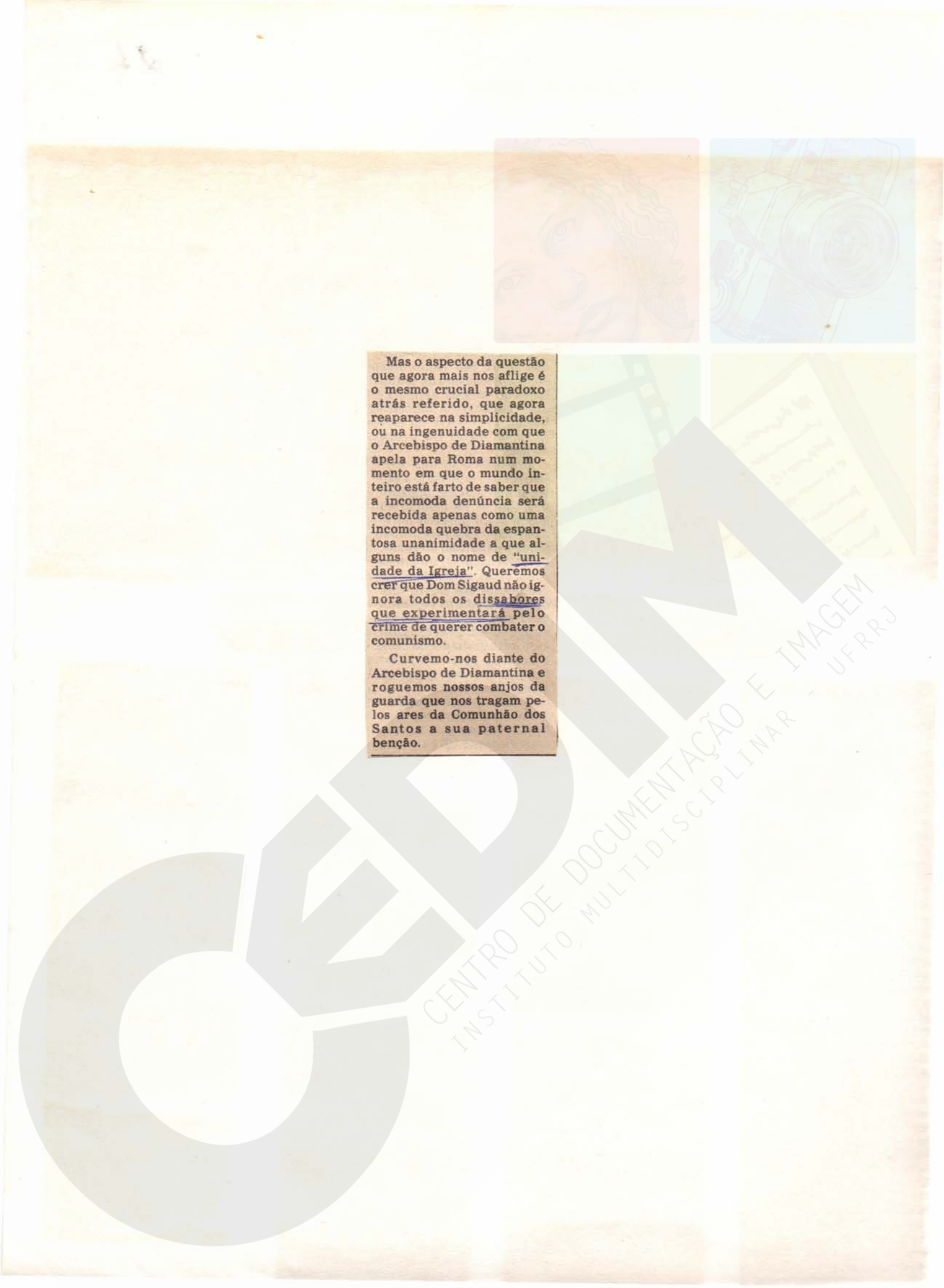
Não tardou a reação da CNBB. Nos jornais do dia seguinte, 28 de fevereiro,

Dom Ivo Lorscheiter interpela o Arcebispo de Diamantina pedindo provas de sua denúncia.

Detenhamo-nos neste ponto que, em nossa consolidadíssima convicção, está no centro de gravidade de toda a flagelação da Igreja de Cristo: a monstruosa deformação e adulteração de sua Santa Hierarquia por estruturas e máquinas-de-encontros inventadas para melhor servir ao furor dos inimigos, e ao torpor dos omisso e covardes. Ora, depois de se arrogarem uma autoridade para falar em nome da Igreja, os "experts" da agremiação inventada e aperfeiçoada pela "Nova Igreja" do homem que se faz Deus, ousa interpelar e pedir contas a um Hierarca com autoridade de direito divino. Evidentemente, desde que a denúncia de Dom Sigaud tomou forma jornalística, qualquer cidadão tem o direito de pedir-lhe as tais provas. E Dom Sigaud, sem nenhuma diminuição de sua dignidade, poderia amontoar provas abundantíssimas da infiltração comunista nos meios católicos, e poderia encher com elas os jornais de todo um mês, e até de todo um ano. Mas à interpretação feita no tom em que a fez o Secretário da CNBB, Dom Sigaud não pode responder sem detrimento de sua alta dignidade.

Foi com grande alegria que, no dia seguinte da impertinente nota Ceenebista, lemos a seguinte declaração publicada com o merecido destaque: "D. Sigaud declara que só apresentará provas ao Nuncio e ao Papa". E no texto da mesma declaração publicada em 3 de março corrente, lemos que mais de uma vez Dom Geraldo Proença Sigaud advertiu os dirigentes da CNBB dos perigos decorrentes de crescente atuação comunista. Não há entretanto, ao que parece, nenhum documento da CNBB demonstrando algum interesse. Como tão bem afirmou D. Antonio Castro Meyer, Arcebispo de Campos, todos os bispos que tanto falam em direitos humanos, nunca fazem nenhuma reserva ao comunismo que, mais do que qualquer outro regime, afronta a lei natural e os direitos das gentes. Na mesma

declaração do dia 3 lemos que Dom Sigaud, ao contrário do que afirmou o Secretário da CNBB, pronunciou-se em Itaipu contra a infiltração comunista e denunciou particularmente os mesmos bispos de São Félix do Araguaia, e de Goiás.



Mas o aspecto da questão que agora mais nos aflige é o mesmo crucial paradoxo atrás referido, que agora reaparece na simplicidade, ou na ingenuidade com que o Arcebispo de Diamantina apela para Roma num momento em que o mundo inteiro está farto de saber que a incomoda denúncia será recebida apenas como uma incomoda quebra da espantosa unanimidade a que alguns dão o nome de "unidade da Igreja". Queremos crer que Dom Sigaud não ignora todos os dissabores que experimentará pelo crime de querer combater o comunismo.

Curvemo-nos diante do Arcebispo de Diamantina e roguemos nossos anjos da guarda que nos tragam pelos ares da Comunhão dos Santos a sua paternal benção.

Repercussões do atentado

CARRO DESTRUIDO

As autoridades ainda interrogavam o bispo, quando forma informada de explosão de um carro no Largo da Glória, tendo rumado para o local o delegado Jacques de Brito, acompanhado do perito Frascalle, do Instituto de Criminalística. Ali chegando, constataram que se tratava do Fusão do sacerdote e que o atentado havia sido praticado por dois rapazes, um de camiseta e outro sem camisa. Populares informaram a polícia que os bandidos deixaram o carro quase no meio da rua e logo saltaram, tendo um deles jogado um embrulho debaixo do veículo. Ato contínuo, saíram correndo em direção da Rua Antonio Mendes Campos, ao mesmo tempo em que o carro voava pelos ares. A explosão ocorreu bem em frente a sede da CNBB, localizada no Largo da Glória, 99, tendo parte do veículo, caído sobre o canteiro de outras atiradas a mais de 50 metros de distância. A explosão causou pânico aos moradores locais, que julgaram, a princípio, ter sido de alguma banana de dinamite das obras do metrô, tendo vários saído a rua para verificar o que havia realmente acontecido.

Quase que simultaneamente, os bandidos faziam explodir uma outra bomba na mansão do jornalista Roberto Marinho, diretor de "O Globo", na Rua Cosme Velho, nº 105, próximo a sede da CNBB, causando sérios danos e ferimentos em seu copeiro Teotônio de Queiros, que foi socorrido no Hospital Miguel Couto.

O jornalista, ao ser procurado pela imprensa, declinou-se de prestar qualquer declaração, limitando-se a informar que o caso estava entregue as autoridades policiais. Cerca das 9,30 horas, embarcou em uma Veraneio de seu jornal, protegido por forte aparato policial, ficando sua residência guardada por vários agentes de segurança.

O copeiro Teotônio de Queiros, que sofreu várias escoriações e teve inclusive de ser atendido no HCM, por um oftalmologista para retirar estilhaços de vidros nos olhos, disse que Roberto Marinho somente não foi atingido porque todas as janelas da casa são protegidas por grossas cortinas.

Acrescentou que, mesmo assim, o petardo causou danos consideráveis, inclusive num muro, jogando pedaços de tijolos a uma distância superior a 80 metros.

Teotônio afirma que a bomba deve ter sido atirada da ladeira dos Guararapes e explodiu sobre o telhado dos fundos da casa. Uma senhora que reside na mesma rua declarou ter ouvido o barulho da bomba mas julgou que fosse em alguma pedreira, embora não exista nenhuma nas proximidades.

REUNIAO E NOTA OFICIAL

Ontem pela manhã, durante a reunião ordinária da CNBB, que contou com a participação de dez bispos, foram tratados diversos assuntos, cinco de expediente e dois de comunicação. Entre os temas abordados, pela ordem, foram: Plano Bienal de Conferência. Detalhamento da Nacional Pastoral. A Campanha da Fraternidade os Respetivos Concursos de Cartazes, Problemas dos Irmãos Carmelitas, Comércio de Armas e Caso Meruri, que diz respeito ao assassinato de um padre há dois meses, na cidade de Meruri, em Mato Grosso.

Logo em seguida, foi analisado, sob todos os aspectos, o sequestro do bispo Adriano Mandarino, Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal, sendo distribuída, a propósito, a seguinte nota:

A opinião pública de todo o Brasil foi informado de terrorismo ocorrido ontem a noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Wedering, cujo carro foi feito explodir, posteriormente, diante da sede da CNBB.

A presidência da CNBB, reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1) Manifestando, de público, sua mais incondicional solidariedade com o seu irmão, episcopado, Dom Adriano, que na igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo a mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2) Reafirmando que considera uma glória para a igreja do Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos.

A igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra os seus filhos, e num fato como esses, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com sangue o seu testemunho cristão.

3) Agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vem recebendo de todos os cantos do Brasil.

4) Renovado, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, onde quer que venham e a quem que atinjam.

RIO (ANDA) — Foi encontrado nu e mãos amarradas, às 21,30 horas de ontem, na Rua Paura em Jacarepaguá, duas horas depois de ser sequestrado, Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu. As 23,30 horas, o carro dos bispos do Brasil no Largo da Glória. As primeiras horas da madrugada de hoje, uma bomba explodiu no número 1.105 da Rua Cosme Velho, residência do Sr. Roberto Marcopério, Teotônio de Queiros.

Os guardas de segurança da Casa do Sr. Roberto Marinho, disse que não notaram qualquer anomalia antes do acidente, admitindo-se que a bomba tenha sido lançada da ladeira dos Guararapes.

A polícia acredita que a explosão tenha ocorrido entre zero hora e 20 minutos e zero hora e 30 minutos. Vizinhos afirmaram que dois homens foram vistos, fugindo do local, assim que a bomba explodiu.

Às 30 minutos de ontem, a Rádio Jornal do Brasil, recebeu telefonema de pessoa que mandou tomar nota de uma mensagem, com rapidez, pois ia desligar em seguida.

A mensagem: O bispo Dom Hipólito, acaba de ser sequestrado, castigado e abandonado num subúrbio da zona norte. O carro dele foi mandado como valso para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O jornalista Roberto Marinho também acabou de receber advertência. Tudo da Aliança Anti-Comunista Brasileira.

Dom Adriano, conhecido na baixada fluminense, por combater o Esquadrão da Morte, disse que foi muito espancado pelos dois homens, um preto e um branco. O bispo foi levado a residência do fotógrafo Adir Meira, que lhe emprestou roupas e sapatos.

Dom Adriano, afirmou que os sequestradores comentaram ter ordem para matar comunistas, mas devido a uma determinação de seu chefe, ainda não o mataram. O bispo, depois de uma rápida passagem pela Delegacia de Madureira, dirigiu-se à sua residência, num bairro afastado de Tinguá.

BRASILIA (Anda) — "Esses métodos são inaceitáveis pelo povo brasileiro", disse o deputado Herbert Levy, da Arena (SP), referindo-se ao atentado sofrido por Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, bem como a bomba que foi colocada na residência do sr. Roberto Marinho, em Cosme Velho, no Rio, quando saiu ferido o seu copeiro, Teotônio de Queirós.

Acrescentou o deputado Herbert Levy, que tal método não se afina com o espírito cristão e pacifista do povo brasileiro, que deseja a paz social e o bom ambiente para o trabalho. Acentuou que os responsáveis pelos dois atentados devem ser identificados e punidos, a fim de que o exemplo venha a impedir a sua repetição.

O senador Lázaro Barbosa, do MDB de Goiás, afirmou: "O atentado é condenável. O povo brasileiro condena essas atitudes, venham de onde vierem seja da esquerda ou da direita". Disse que "o extremismo até hoje não foi capaz de construir nada para o homem. O que precisamos são valores positivos, são os valores da democracia, que nos permitam encontrar o bem comum".

O deputado Nosser de Almeida, (ARENA-ACRE), condenou de forma enérgica o atentado ao bispo de Nova Iguaçu. "Atitudes dessa natureza perturbam a ordem pública e devem ser contidas o mais rápido possível. A busca dos terroristas deve ocorrer com toda a presteza e eficácia, para que se ponha um ponto final nesses atentados, iniciados com a bomba colocada na sede da A.B.I., no Rio.

A ação simultânea, com o sequestro de Nova Iguaçu e a bomba na Rua Cosme Velho, mostra que os criminosos desejam perturbar a vida do povo brasileiro.

Seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu

O seqüestro de Dom Adriano Hipólito e do seu sobrinho, ocorrido em Nova Iguaçu, RJ, na noite de 22 de setembro, e a posterior explosão do automóvel dos mesmos em frente à sede da CNBB no Rio, recebeu total e maciço repúdio da opinião pública, das Igrejas e dos Poderes Públicos.

O Bispo e seu sobrinho, abandonados pelos seqüestradores depois de algumas horas de vexames, estão bem e estão recebendo inúmeras manifestações de solidariedade.

A CNBB divulgou sobre os fatos a seguinte Nota Oficial: "A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

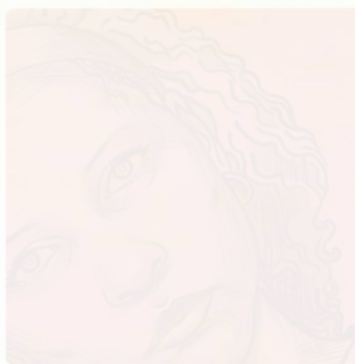
1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem

dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2. reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esses, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue seu testemunho cristão;

3. agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil;

4. renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam" (Notícias da CNBB).



Diário de Bauru

— BAURU — Domingo, 26 de Setembro de 1976 —

DOM PADIN: A VIOLÊNCIA NÃO CONDUZ A FIM ALGUM

"Estou solidário com Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu e com a CNBB, no episódio do sequestro daquele religioso. Peço a Deus para que tenha pena daqueles que, desviados pela paixão apelam à violência. Esta não conduz a nada" — disse ontem o bispo Diocesano de Bauru, Dom Cândido Padin, à reportagem do DB.

Sobre uma notícia publicada ontem na "Folha de São Paulo" a qual — afirmava que "Dom Padin não tinha

opinião formada sobre o assunto e que os sacerdotes de sua Diocese não devem dar palpites", o bispo de Bauru disse que não deu entrevista alguma a jornal algum, sobre esse assunto.

Com referência ao folheto distribuído "ABC do Eleitor", "para o esclarecimento de todos — segundo Dom Padin — é uma publicação dentro dos preceitos eleitorais". "Não basta analisar nos candidatos as qualidades de honesti-

dade e capacidade. Importa conhecer quais as suas ideias sobre a própria ordem política e social, incluindo suas principais opções".

Ainda com alusão ao sequestro e espancamento de Dom Adriano, Dom Ivo Lorscheider, secretário da CNBB, afirmou no Rio de Janeiro que "Achamos penoso que no momento em que nossa sociedade chegou a requintes de refinamento do chamado trato social, estamos desaprendendo a ver-

dadeira prática dos direitos a respeito aos outros. Fico perplexo com o fato de como estamos ficando cada vez mais bestas".

Por outro lado, Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo, declarou: "Nossa única preocupação é o povo, que não pode sentir medo. É importante que o povo não sinta uma nova pressão, ele que já vive com outras pressões, como a econômica".

Governo quer punir o terror

ESP 24-09-76

Das Sucursais
e do Serviço Local

Enquanto o ministro Armando Falcão, da Justiça, afirmava ontem em Brasília que o Governo repudia os crimes praticados e acompanha as diligências para descobrir seus autores e punir os eventuais responsáveis, o comando do Exército distribuiu nota oficial no Rio (integral na página seguinte), acentuando que o Exército, como o povo brasileiro, "condena e combate qualquer atividade extremista". Em São Paulo, o general Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército, disse que em sua área reina a mais absoluta tranquilidade, "com uma população conscientizada, dedicada a seu trabalho normal e confiante na segurança de suas autoridades". O sequestro do bispo de Nova Iguaçu e o atentado à residência do diretor de "O Globo" também foram combatidos no Congresso e pelas lideranças políticas nacionais.

Ao deixar o gabinete presidencial, o ministro da Justiça não respondeu aos jornalistas se focalizara o problema com o general Ernesto Geisel, preferindo ditar uma declaração: "O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual, para descoberta da autoria e punição legal dos eventuais responsáveis."

Por sua vez, o senador Magalhães Pinto, presidente do Congresso, classificou os acontecimentos como "um sinal de que os radicais estão atuando" e assinalou que "isto não é bom". Depois de enfatizar ser necessária a união de todos os brasileiros na condenação dos extremismos, estranhou que "sequestrem, ao mesmo tempo, um bispo que dizem de esquerda e lancem uma bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, que combate essa corrente". Magalhães Pinto negou-se a admitir que os atentados possam retardar ou impedir a normalização da vida política nacional.

No entanto, os anais do Senado não vão registrar a única referência feita na sessão de ontem à ação terrorista no Rio: a presidência, exercida na ocasião pelo emedebista Benjamin Fa-

rah, censurou o pronunciamento do senador Evandro Carneira (MDB-AM), no qual afirmou haver uma conjuração contra a Igreja no País, com a participação de Flávio de Brito, presidente da Confederação Nacional de Agricultura e ex-senador pelo Amazonas.

Em três frases, o presidente da Arena, deputado Francelino Pereira, resumiu sua posição ante os atentados: "A Arena manifesta total repúdio a esse tipo de violência, parta de onde partir. Atos dessa natureza, de direita ou de esquerda, não podem receber e não têm o apoio do povo brasileiro. Por todas as formas condenáveis, só podem ter sido praticados por tipos anômalos ou doentios".

Também o líder do Governo no Senado, Petrônio Portella, declarou que "os terroristas de direita e de esquerda se nivelam nos meios e se confundem nos fins. Fanáticos, desprezam o diálogo democrático e não crêem no poder de persuasão, preferindo a violência".

Em nome da bancada da Arena na Câmara, o vice-líder Eduardo Galil fez um apelo para que "os responsáveis por esses atos de violência, repudiados por todos, sejam devidamente punidos, a fim de que o País não tenha em sua história a marca negra e vermelha das violências". Pela liderança do MDB, o deputado Celso Barros acentuou que o terrorismo desvirtua "o sentido de solidariedade e de comportamento do povo brasileiro" e manifestou-se a todos os que, "neste momento, sentem a dor por atos atentatórios à dignidade humana e à sua liberdade".

Ulysses Guimarães, presidente nacional do partido, afirmou que "o MDB participa inteiramente das preocupações de todo o País, no repúdio às ações terroristas verificadas no Rio, contra o bispo de Nova Iguaçu, contra a CNBB e a residência do jornalista Roberto Marinho, esperando que o Governo atue vigorosamente na apuração das responsabilidades".

O governador fluminense, Faria Lima, considerou os fatos "uma ação localizada, que não terá repercussões sobre o quadro político e muito menos no resultado das eleições de novembro".

Recusou-se a admitir a participação do "esquadrão da morte" — em cuja existência não acredita — no sequestro do bispo.

CNBB diz que a ameaça não atemorizará a Igreja

Em nota oficial divulgada ontem a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil condenou o atentado terrorista contra D. Adriano, reafirmando que "considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objetos da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-os com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos".

No mesmo documento, a CNBB afirmou que "a Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão".

A Arquidiocese do Rio de Janeiro também emitiu nota oficial, dizendo que o atentado "fere os sentimentos do nosso povo" e acrescentando: "triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns". Já o presidente em exercício da CNBB, D. Geraldo Fernandes, disse não acreditar que o atentado tenha relação com as posições de D. Adriano contra o "Esquadrão da Morte". A seu ver, houve uma intenção clara de se intimidar toda a CNBB, e não apenas o bispo de Nova Iguaçu. O presidente efetivo da entidade, D. Ivo Lorscheiter, anunciou que hoje dará uma entrevista sobre o assunto.

O cardeal Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, lembrou que fatos como esse só tinha acontecido anteriormente com d. Pero Fernandes Sardinha (primeiro bispo do Brasil), que foi devorado pelos índios Caetés. Também declarou que o atentado "é o sintoma que denuncia estarmos pisando em cima de um vulcão".

Igualmente condenando de forma veemente o episódio, o cardeal-arcebispo de

São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, disse esperar que o povo tenha tranquilidade e não seja prejudicado, "que não sinta uma nova pressão — a do medo — pois ele já sofre outras pressões".

As autoridades eclesiais de São Paulo supõem que a próxima vítima do terrorismo possa ser o bispo de Volta Redonda e Barra do Piraí, d. Valdir Calheiros, uma vez que os sequestradores teriam mencionado o seu nome como constante de uma lista de pessoas a serem "punidas" pela Aliança Anticomunista Brasileira.

Em Curitiba, ontem à noite, o núncio apostólico no Brasil, d. Carmine Rocco (que na madrugada anterior acompanhou D. Adriano às repartições policiais), também admitiu a existência de uma carta contendo a relação de nomes de possíveis vítimas de futuros atentados da AAB, entregue ao bispo de Nova Iguaçu pelos sequestradores, os quais — disse — estão automaticamente excomungados.

Em São Luís, o arcebispo da capital maranhense, d. João Mota, afirmou que o atentado revela uma tentativa de fazer calar a Igreja no Brasil, a qual, por intermédio de um de seus bispos, "vem se constituindo no instrumento mais poderoso de defesa dos direitos da pessoa humana". Disse que, embora sentindo também os sofrimentos de d. Adriano, sente "ainda mais forte a alegria de seu testemunho de defensor da Justiça".

Ontem o secretário da CNBB, monsenhor Hames, esteve no Ministério da Justiça, sendo recebido pelo ministro Armando Falcão, a quem relatou o atentado e solicitou providências. Recebeu garantias de que todas as providências seriam adotadas para apurar o caso. Por outro lado, informou-se, no Rio, que o bispo de Nova Iguaçu está cansado, um pouco machucado, mas psicologicamente passa muito bem. A informação foi confirmada pela CNBB e na sede do arcebispado do Rio.

Repúdio à violência é geral

Várias instituições e entidades de classe manifestaram ontem repúdio ao atentado à bomba praticado contra a residência do diretor do jornal O Globo, Roberto Marinho, e ao sequestro do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB.

No Rio, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil — OAB — Caio Mário da Silva Pereira, classificou os últimos atentados terroristas da Aliança Anticomunista Brasileira — AAB — como manifestações que “só concorrem para exacerbar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo presidente Ernesto Geisel no sentido de se efetivar a distensão”. Caio Mário da Silva Pereira lembrou que os atentados da AAB contra a ABI, a própria OAB, contra o Centro Brasileiro de Pesquisas, e agora contra a Igreja têm como objetivo atingir instituições desarmadas e empenhadas na solução dos problemas sociais do Brasil. O presidente da entidade afirmou ainda que até agora não foi informado pelas autoridades policiais do Rio de qualquer progresso nas investigações realizadas para apurar o atentado frustrado contra a OAB.

O presidente do Instituto dos Advogados do Brasil — IAB — Eduardo Seabra Fagundes, lembrou que “o governo, que está de posse dos instrumentos legais e técnicos, precisa identificar os culpados por essa série de atentados, a fim de devolver a tranquilidade à Nação já tão conturbada em função de problemas de ordem política, econômica e de conjuntura”.

A Associação Brasileira de Imprensa divulgou ontem nota oficial qualificando o atentado à bomba contra a residência do dire-

tor do jornal O Globo, Roberto Marinho, como mais uma ação na escalada do terror. “É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a imprensa”, diz a nota. Ontem à tarde, o presidente da ABI, Prudente de Moraes, neto, visitou o diretor de O Globo, Roberto Marinho, na sede do jornal, para prestar-lhe solidariedade pelo atentado à bomba contra a sua residência.

O próprio diretor de O Globo, Roberto Marinho, divulgou ontem uma nota oficial: “A bomba explodiu sobre o beiral do telhado de minha casa, aos primeiros minutos de hoje, destruindo pequena parte do telhado e vidraças da casa. Não imagino qual tenha sido a motivação, nem a autoria deste atentado. O caso está entregue às autoridades policiais que, desde os primeiros momentos demonstraram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo. O que, acima de tudo, lamento é que este ato brutal feriu um de meus empregados que está, inclusive, ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos

estilhaços de vidro”, diz a nota.

Em São Paulo, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo também divulgou nota oficial manifestando “repúdio aos novos atentados à bomba”. Segundo a nota, “os jornalistas de São Paulo condenam os grupos extremistas interessados em tumultuar a vida do país, através de atos terroristas, e manifestam crença em que só o diálogo, o debate e o desenvolvimento normal do processo político poderão conduzir aos objetivos de liberdade e democracia que todo o país deseja”. O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo enviou ainda telegrama de apoio ao diretor do jornal O Globo. Também a Federação Nacional dos Jornalistas distribuiu nota condenando o atentado ao diretor de O Globo.

CENSURA

A partir das 19 e 30 de ontem, todas as emissoras de rádio e televisão do País foram proibidas de divulgar qualquer informação sobre o atentado contra a residência de Roberto Marinho e o sequestro do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito. Em Santos, os jornais A Tribuna e Cidade de Santos foram proibidos pela Polícia Federal de divulgar qualquer notícia sobre o sequestro do bispo e o atentado contra a residência do diretor de O Globo.

24/09/76

20

Exército ressalta segurança

O comando do I Exército distribuiu nota oficial, ontem, condenando os atentados da AAB, que classifica de fatos episódicos que não afetam a segurança da área, e dizendo que a Secretaria da Segurança está empenhada em apurar responsabilidades. É a seguinte a íntegra da nota:

"1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o bispo de Nova Iguaçu e a residência do dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

— a) o Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e, consequentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

— b) os fatos criminosos episódicos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área.

2. O governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial.

3. A confiança no governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos."



No carro totalmente destruído, dinheiro e roupas do bispo sequestrado

Telefotos Sucursal do Rio

Algemas, chutes, ofensas, na amarga noite do bispo

ESP 24-09-76

Da Sucursal do
RIO

Anteontem, dom Adriano Mandarino Hipólito trabalhou até mais tarde na Cúria da Diocese de Nova Iguaçu, no centro da cidade. Antes de sair, ainda conversou um pouco com o padre Henrique, vigário da catedral local, e, quando já passava de 19 horas, entrou no Volkswagen de seu sobrinho, Fernando Leal Webering, que estava acompanhado da noiva, Maria Del Pilar Iglesias Vila.

Meia hora mais tarde, padre Henrique voltaria a ter notícias do bispo, por intermédio de Maria Del Pilar, que entrou chorando em sua casa, nos fundos da catedral. E soube que, depois de uma viagem tranquila até o bairro da Posse, o carro de Fernando Leal foi cercado por outros três veículos — um deles Corcel —, quando parava em frente à casa da noiva, número 671 da rua Paraguassu, quase na esquina com a estrada do Ambai. Maria del Pilar ainda conseguiu correr em direção à sua casa, mas o bispo e seu sobrinho — que dali pretendiam seguir para o parque Flora, onde residem

A moça não pôde ver muita coisa e muito nervosa, sequer conseguiu anotar as placas de algum dos carros. Segundo o padre irlandês David John Kiegam, que comunicou o sequestro à delegacia de Nova Iguaçu, às 20 e 15, d. Adriano e seu sobrinho, encapuzados e algemados, foram colocados em dois carros diferentes dos sequestradores.

A partir daí, o depoimento é do próprio bispo, feito ontem, no Rio. Ele ainda ouviu os gritos do sobrinho, antes de ser jogado, já amarrado com cordas, para o interior do carro em que embarcaram, a seguir um homem branco, de óculos, e um moreno. Durante a viagem — segundo d. Adriano, por vias de paralelepípedos e estradas de terra —, os sequestradores

agrediram-no com uma série de pontapés e disseram que muitos comunistas iam morrer. E informaram-lhe que sua vez ainda não havia chegado, por determinação do chefe do grupo.

Em lugar que o bispo não sabe precisar, os terroristas rasgaram sua batina e deixaram-no inteiramente despido. Em seguida, pintaram seu corpo de vermelho e, depois, tentaram obrigá-lo a beber um litro de cachaça, o que quase lhe causou um desmaio. Com a advertência de que a Aliança Anticomunista Brasileira vai executar todos os padres comunistas da Igreja Católica no Brasil, os sequestradores o abandonaram.

D. Adriano foi encontrado duas horas depois — 21 e 30 —, na rua Japurá, em Jacarepaguá, por Evandro Moreira, candidato a vereador pelo MDB, que passava pelo local com sua Rural Willys ornamentada com propaganda eleitoral. Evandro levou o bispo à casa do fotógrafo Adir Mera, que lhe cedeu roupas e sapatos, e, em seguida, à 29ª Delegacia, em Madureira.

Em Nova Iguaçu, enquanto, até esse momento sabia-se apenas que o bispo havia sido sequestrado. E a notícia logo provocou um grande congestionamento na esquina da rua João Walmar e avenida Marechal Floriano, onde estão a catedral de Santo Antônio de Jacutinga e a Cúria Metropolitana. Ali, amigos e parentes de D. Adriano procuravam informações sobre o seu paradeiro. No entanto, ninguém tinha nada a dizer e os padres pareciam ainda mais nervosos que aqueles que os procuravam.

Só por volta das 23 horas a multidão começou a se dispersar. Foi quando chegou a informação de que o bispo já havia sido encontrado e, naquele momento, prestava depoimento na 29ª DP. Mesmo assim, sabendo que embora bastante machucado, d. Adriano estava salvo, muitas pessoas resolveram esperá-lo, acreditando que ainda aquela noite ele voltaria para casa. Enquanto o bispo prestava depoimento, de que os sequestradores roubaram seus documentos e Cr\$5 mil em dinheiro, Fernando Leal era encontrado na estrada do Catonho, perto do hotel Tabo. Estava despido, mas

Exército ressalta segurança

O comando do I Exército distribuiu nota oficial, ontem, condenando os atentados da AAB, que classifica de fatos episódicos que não afetam a segurança da área, e dizendo que a Secretaria da Segurança está empenhada em apurar responsabilidades. É a seguinte a íntegra da nota:

"1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o bispo de Nova Iguaçu e a residência do dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

— a) o Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e, consequentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

— b) os fatos criminosos episódicos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área.

2. O governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial.

3. A confiança no governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos."



Telefotos Sucursal do Rio

No carro totalmente destruído, dinheiro e roupas do bispo sequestrado

Algemas, chutes, ofensas, na amarga noite do bispo

Da Sucursal do
RIO

Anteontem, dom Adriano Mandarinino Hipólito trabalhou até mais tarde na Cúria da Diocese de Nova Iguaçu, no centro da cidade. Antes de sair, ainda conversou um pouco com o padre Henrique, vigário da catedral local, e, quando já passava de 19 horas, entrou no Volkswagen de seu sobrinho, Fernando Leal Webering, que estava acompanhado da noiva, Maria Del Pilar Iglesias Vila.

Meia hora mais tarde, padre Henrique voltaria a ter notícias do bispo, por intermédio de Maria Del Pilar, que entrou chorando em sua casa, nos fundos da catedral. Esoube que, depois de uma viagem tranquila até o bairro da Posse, o carro de Fernando Leal foi cercado por outros três veículos — um deles Corcel —, quando parava em frente à casa da noiva, número 671 da rua Paraguassu, quase na esquina com a estrada do Ambaí. Maria del Pilar ainda conseguiu correr em direção à sua casa, mas o bispo e seu sobrinho — que dali pretendiam seguir para o parque Flora, onde residem — foram rapidamente dominados por seis homens, armados de revólveres.

A moça não pôde ver muita coisa e muito nervosa, sequer conseguiu anotar as placas de algum dos carros. Segundo o padre irlandês David John Kiegam, que comunicou o sequestro à delegacia de Nova Iguaçu, às 20 e 15, d. Adriano e seu sobrinho, encapuzados e algemados, foram colocados em dois carros diferentes dos sequestradores.

A partir daí, o depoimento é do próprio bispo, feito ontem, no Rio. Ele ainda ouviu os gritos do sobrinho, antes de ser jogado, já amarrado com cordas, para o interior do carro em que embarcaram, a seguir um homem branco, de óculos, e um moreno. Durante a viagem — segundo d. Adriano, por vias de paralelepídeos e estradas de terra —, os sequestradores

agrediram-no com uma série de pontapés e disseram que muitos comunistas iam morrer. E informaram-lhe que sua vez ainda não havia chegado, por determinação do chefe do grupo.

Em lugar que o bispo não sabe precisar, os terroristas rasgaram sua batina e deixaram-no inteiramente despidido. Em seguida, pintaram seu corpo de vermelho e, depois, tentaram obrigá-lo a beber um litro de cachaça, o que quase lhe causou um desmaio. Com a advertência de que a Aliança Anticomunista Brasileira vai executar todos os padres comunistas da Igreja Católica no Brasil, os sequestradores o abandonaram.

D. Adriano foi encontrado duas horas depois — 21 e 30 —, na rua Japurá, em Jacarepaguá, por Evandro Moreira, candidato a vereador pelo MDB, que passava pelo local com sua Rural Willys ornamentada com propaganda eleitoral. Evandro levou o bispo à casa do fotógrafo Adir Mera, que lhe cedeu roupas e sapatos, e, em seguida, à 29ª Delegacia, em Madureira.

Em Nova Iguaçu, entre tanto, até esse momento sabia-se apenas que o bispo havia sido sequestrado. E a notícia logo provocou um grande congestionamento na esquina da rua João Walmor e avenida Marechal Floriano, onde estão a catedral de Santo Antônio de Jacutinga e a Cúria Metropolitana. Ali, amigos e parentes de D. Adriano procuravam informações sobre o seu paradeiro. No entanto, ninguém tinha nada a dizer e os padres pareciam ainda mais nervosos que aqueles que os procuravam.

Só por volta das 23 horas a multidão começou a se dispersar. Foi quando chegou a informação de que o bispo já havia sido encontrado e naquele momento, prestava depoimento na 29ª DP. Mesmo assim, sabendo que embora bastante machucado, d. Adriano estava salvo, muitas pessoas resolveram esperá-lo, acreditando que ainda aquela noite ele voltaria para casa. Enquanto o bispo prestava depoimento, de que os sequestradores roubaram seus documentos e Cr\$5 mil em dinheiro, Fernando Leal era encontrado na estrada do Catonho, perto do hotel Taba. Estava despidido, manietado, encapuzado, bastante ferido e foi levado para uma clínica em Nova Iguaçu, para ser medicado.

Duas bombas e novas ameaças

Um garoto viu bem quando o Volkswagen parou em frente à porta do prédio da CNBB, no largo da Glória, e dele saíram dois homens. Eles jogaram um pacote sob o carro, afastaram-se correndo e ainda deixaram um envelope sobre um monte de terra, antes de desaparecerem em meio à confusão que se formou após a explosão. Eram 23 e 30 e foi o garoto que levou os policiais até o local onde estava o envelope. O carro era o mesmo Volkswagen vermelho, placas EB 7591, de Nova Iguaçu, pertencente a Fernando Leal Webering, sobrinho de d. Adriano Mandarino Hipólito.

No envelope, uma mensagem assinada pela Aliança Anticomunista Brasileira — AAB, anunciando que outras autoridades eclesásticas, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes. A leitura da mensagem, não liberada à imprensa, mudou completamente o comportamento dos policiais em relação aos jornalistas. Os fotógrafos foram impedidos de continuar tirando fotos do automóvel destruído e alguns perderam filmes já operados.

Entre as ferragens retorcidas pelo fogo, os policiais encontraram uma camiseta branca e uma calça preta — pertencentes ao bispo —, além de documentos e cerca de 500 cruzeiros em cédulas chamuscadas. Com a cobertura de duas guarnições da rádio-patrolha da PM, peritos do Instituto de Criminalística permaneceram junto ao carro até 2 horas da madrugada de ontem. Eles fizeram um exame superficial do que restou do veículo e queixaram-se que os bombeiros usaram terra para apagar o fogo, em lugar de espuma. A terra, entretanto, foi o único recurso de que dispunham os bombeiros, uma vez que não havia água no local e seus carros não tinham espuma.

Antes, por volta de 30 minutos da madrugada, explodiu a bomba na casa de Roberto Marinho, na rua Cosme Velho, 1.105. Segundo a polícia ela foi jogada pelos ocupantes de um carro que descia a ladeira dos Guararapes. A bomba caiu sobre o telhado de uma das dependências dos fundos da propriedade, rolou e explodiu ao lado da parede, ferindo dois empregados que dormiam no local: os copeiros Darcy Alves Faria e Antônio Queiroz. Ficaram destruídas, também, as vidraças do quarto de Roberto Marinho, que dormia com sua mulher.

Antônio Queiroz recebeu assistência no Hospital Miguel Couto, foi liberado, mas, ontem, teve de retornar para um exame dos olhos, atingidos pelos estilhaços.



D. Adriano, cansado mas psicologicamente bem

Bispo agora vai elaborar pastoral sobre as eleições

Das Sucursais

Depois de concelebrar com um arcebispo e mais seis bispos, a missa de domingo à tarde em sua homenagem na presença de mais de 5 mil fiéis da Baixada Fluminense, o próximo trabalho do bispo de Nova Iguaçu, d. Adriano Hypólito, após o sequestro de que foi vítima na noite de 22 de setembro, será a elaboração de uma pastoral sobre as próximas eleições municipais, quando enfatizará a necessidade de participação e de conscientização do eleitorado.

O documento da Diocese de Nova Iguaçu, que em breve será distribuído à comunidade cristã da Baixada, segundo assessores diretos do bispo mostrará que não basta ao eleitor cumprir simplesmente o dever do voto, sendo necessária uma participação anterior nos problemas da sua região, de seu bairro. A orientação evangélica alertará ainda o eleitorado para não se deixar seduzir pelos interesses imediatos e promessas que jamais serão cumpridas.

A maciça participação dos cristãos de Nova Iguaçu e de outros municípios abrangidos pela Diocese dirigida por d. Adriano Hypólito e o comparecimento de um arcebispo e seis bispos deram à missa de domingo à tarde, na catedral de Nova Iguaçu, o sentido de uma demonstração de solidariedade não só à figura do bispo daquela cidade, mas, sobretudo, a seu trabalho evangélico, explicaram ontem os padres mais diretamente ligados a ele.

CARTA

As autoridades de segurança divulgaram domingo, uma carta escrita há dois meses pelo advogado Jobe Silva da Nova, que estava preso em Santa Catarina, sob a acusação de fazer parte do Partido Comunista Brasileiro, e na qual ele repudia o comunismo, dizendo que o "PCB não conduz a coisa alguma".

No documento (encaminhado à Auditoria Militar), o advogado contou que seu ingresso no PCB ocorreu em 1970, "movido mais por curiosidade de conhecer os propósitos e objetivos do Partido", numa época em que "torna-se difícil, e por vezes até impossível

mesmo para pessoas de relativo nível cultural discernir o que é certo, o que é bom, o que serve para a nossa Pátria, nosso povo e até para nós mesmos".

"Não senti no PCB qualquer possibilidade nem mesmo a intenção de resolver os problemas brasileiros. Tive a oportunidade de verificar e sentir que o PCB não conduz a coisa alguma", destacou Jobe da Nova, antes de descrever o comunismo como "uma forma evoluída de escravidão humana".

No final da tarde, o advogado (que teve sua prisão preventiva relaxada no último dia 22), conclamou o povo, especialmente a juventude, "para que não se dizem envolver por qualquer propaganda mal orientada, comprometedora e de má fé daqueles, que, embora rotulados de progressistas, avançados, são, na verdade, contrários aos interesses nacionais".

Foram absolvidos ontem pelo Conselho Permanente de Justiça, da 3ª Auditoria do Exército, Nelson Rodrigues Filho, Paulo Roberto Jabour, Sérgio Rubens de Araújo Torres, Sérgio Landulfo Furtado e Norma de Sá Pereira Torres, incursores na Lei de Segurança Nacional, acusados de assaltos a estabelecimentos comerciais com a finalidade de obterem recursos financeiros destinados à manutenção de organizações subversivas.

Processo político não deve ignorar o povo, diz bispo

o ESTADO DE SÃO PAULO 07-10-76

Da Sucursal
do RIO

"O aperfeiçoamento do regime democrático do governo e de suas instituições concreta precisa do povo, é necessário que os políticos autênticos, de visão larga, também de formação cristã, aproveitem as chances políticas do momento, não para contestar simplesmente, não para remendar, não para imitar, mas para ir à fonte de inspiração democrática autêntica que é o povo, para integrá-lo mais rapidamente no processo histórico e social que estamos vivendo sem povo".

O parágrafo consta da introdução do folheto "conscientização e participação democrática", editado pelo bispo de Nova Iguaçu, recentemente sequestrado pela Aliança Anticomunista Brasileira, d. Adriano Hipólito, com vistas à preparação dos seus diocesanos para as eleições de 15 de novembro. A publicação, de 55 laudas, aponta a democracia como o melhor sistema e tenta levar o eleitorado à reflexão.

O documento é dividido em cinco partes, nas quais analisa "A democracia como forma de governo", "A democracia no Brasil", "As eleições de novembro", "O dever do eleitor" e "As nossas esperanças: que esperamos dos candidatos vencedores?"

Ao final de cada trecho, foram colocadas perguntas para o eleitor refletir e responder. Também foram enxertados no folheto um capítulo da encíclica "Gaudium et spes", que analisa a vida da comunidade política, trechos de artigos dos jornalistas Carlos Castelo Branco e Luís Alberto Bahia, pedaços dos discursos de posse do general Argus Lima, como comandante do IV Exército, e opiniões de políticos da Arena e MDB sobre a Constituição de 1946.

MARGINALIZAÇÃO

"Este caderno oferece a contribuição da Diocese de Nova Iguaçu para o proces-

so político — social do nosso povo, especialmente desta área sofrida e esperançosa que chamamos Baixada Fluminense" — Destaca D. Adriano Hipólito na introdução.

Explica que seu objetivo imediato é dar aos católicos e cristãos uma orientação objetiva para as eleições de novembro, e sua meta a médio e longo prazo é conscientizar e responsabilizar os eleitores.

"Para quem ama o povo, dói vê-lo situado à margem do processo histórico. Para quem ama o seu país, é indiscutível que não se deve desprezar o povo nem agravar sua marginalização, e sim tentar, por todos os meios lícitos, integrá-lo no processo político-social, fazendo-o, em camadas sempre mais largas, participar com responsabilidade do desenvolvimento nacional" — afirma o bispo.

Ele lembra que "a grandeza de um país e seu desenvolvimento sadio fazem-se com a participação do povo como povo, o povo enquanto fonte soberana do poder político; enquanto delega, por instituições legítimas, seu poder a representantes qualificados; enquanto acompanha de perto e fiscaliza e censura e revoga a qualificação de seus representantes e mandatários; enquanto é sujeito, sempre mais consciente, e sempre mais responsável, do processo político-social".

A democracia é apontada como a melhor forma de governo pelo documento, que destaca: "Sabemos que a Revolução de 1964 foi desencadeada com a intenção de preservar a democracia. Sabemos que a preservação nos tem custado a perda de alguns elementos básicos da democracia, como sentimentos, e como não apenas a oposição, mas também revolucionários de projeção têm reconhecido, com toda a sinceridade".

TERÇA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1976

CNBB contesta a tese de Falcão

O Estado de São Paulo 19-10-76 1.111 x 2.300

Das Sucursais e
dos correspondentes

"A consciência brasileira não pode mais ser aquietada com a simples afirmação de que esses atos são fatos lamentáveis, mas isolados. Lamentáveis, sim, e lamentabilíssimos, porque a brutalidade tem o sinistro poder de cometer erros irreparáveis. Mas isolados, não, porque seus responsáveis encontram e encontrarão sempre as presenças incômodas daqueles que estão decididos, em nome das exigências do Evangelho, a dar voz aos que não têm voz. Isolados, não, porque, naquela empreitada iníqua, está incluída a operação silêncio: fazer calar, pelas ameaças que se multiplicam e pelos atentados que confirmam as ameaças, a voz dos que denunciam e continuarão a denunciar a iniquidade".

Esse é um trecho da nota oficial divulgada, ontem, no RIO, pela Comissão Nacional de Pastoral, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que se reuniu no fim-de-semana para analisar "o caminho da Igreja no Brasil, hoje e amanhã". A posição foi adotada diante do assassinio do padre João Bosco Penido Burnier, baleado por um soldado da PM de Mato Grosso, na semana passada.

Enquanto isso, em Brasília, o ministro da Justiça, Armando Falcão, reafirmava sua tese — que deu origem à manifestação da Comissão da CNBB — de que atos como o assassinio do padre João Bosco são "profundamente lamentáveis, mas isolados".

O mesmo tema foi abordado em nota prometida desde a morte do padre, aguardada como "um pronunciamento violento" e só ontem divulgada pelo diretório regional do MDB em Mato Grosso. Segundo essa nota, "não há que se interpretar este crime isoladamente, mas como uma decorrência de uma estrutura social ou um modelo de desenvolvimento político-econômico injusto, principalmente no tocante à distribuição de terras, na política incentivadora do governo, beneficiando os grandes latifúndios em detrimento de milhares de famílias de camponeses e índios".

O assunto deverá voltar a debate na reunião da Comissão Representativa da CNBB, que se inicia hoje e se prolongará até o dia 25, no Convento do Cenáculo, no Rio. A morte do padre Burnier, e ainda a do missionário Rodolfo Lunkenbein e do índio Simão Cristino, assassinados durante a invasão da aldeia de Merure, em Mato Grosso, por fazendeiros, no dia 15 de julho, deverão alimentar as discussões sobre o tema

"Atuação da Comissão Pastoral da Terra e do Conselho Indigenista Missionário — Cimi"

Analisando o assunto os religiosos deverão se dividir em duas correntes: uma que defende um comportamento moderado da CNBB em relação ao governo, e outra mais radical, que propõe uma atitude enérgica diante das violências sofridas nos últimos tempos pelo clero no Brasil.

MISSAS

"Estão enganados os que querem fazer calar a Igreja de sua missão junto aos pobres com a violência. Os religiosos encontram forças superiores às forças naturais para se aproximar de seus irmãos mais abandonados", afirmou, ontem, no Rio, o frei dominicano Pierre Secondi, ao concelebrar com oito padres missa em memória do padre João Bosco, realizada na Igreja do Convento dos Dominicanos, no Leme, e presenciada por mais de 200 pessoas.

No serão, frei Pierre Secondi observou que os padres, apesar das injustiças que sofrem, sabem conservar a serenidade e respondem muito bem ao apelo do Evangelho. Comparando a ação do padre João Bosco à dos primeiros jesuítas, o frei lembrou que a missa de ontem era de ação de graças a Deus por mais um mártir.

A noite, no Rio, foi celebrada outra missa em memória do padre João Bosco, no Colégio Santo Inácio, pelo cardeal dom Eugênio Salles.

Em Belo Horizonte, as comunidades de jesuítas celebraram missa, ontem à noite, e divulgaram manifesto de condenação ao assassinio do padre João Bosco, denunciando uma "onda de perseguição à Igreja e de manifestações de opressão numa sociedade injusta, baseada no lucro, no egoísmo e na lei do mais forte".

Em Vitória, o arcebispo metropolitano, dom João Batista da Mota de Albuquerque, concelebrou com 33 padres missa pela alma dos padres João Bosco e Rodolfo Lunkenbein e do índio Simão Cristino. O comerciante Paulo Buriê, que recentemente foi preso e torturado pela polícia do Estado, postou-se, a convite dos padres, no centro do altar, entre os celebrantes, "como símbolo da ação da violência nacional".

Após lembrar que o soldado que matou o padre "era mais uma vítima que um agressor", o arcebispo pediu "uma justiça que diga basta aos poderosos".

Em Teresina, os padres jesuítas distribuíram nas igrejas da cidade um manifesto afirmando que o padre João Bosco morreu "como mártir da verdade e da justiça".

Fragoso diz que no Brasil a Justiça não protege o pobre

Da Sucursal de
SALVADOR

cia ou pelo prestígio, ou pela
corrupção".

A afirmação foi feita on-

"Os pobres, que vivem nas
favelas, são os alvos predile-
tos do aparelho repressivo

a tese de Falcão

O lúbu a) e (amb 19-10-76 lúbu x 2m)

Das Sucursais e
dos correspondentes

"A consciência brasileira não pode mais ser aquietada com a simples afirmação de que esses atos são fatos lamentáveis, mas isolados. Lamentáveis, sim, e lamentabilíssimos, porque a brutalidade tem o sinistro poder de cometer erros irreparáveis. Mas isolados, não, porque seus responsáveis encontram e encontrarão sempre as presenças incômodas daqueles que estão decididos, em nome das exigências do Evangelho, a dar voz aos que não têm voz. Isolados, não, porque, naquela empreitada iníqua, está incluída a operação silêncio: fazer calar, pelas ameaças que se multiplicam e pelos atentados que confirmam as ameaças, a voz dos que denunciam e continuarão a denunciar a iniquidade".

Esse é um trecho da nota oficial divulgada, ontem, no RIO, pela Comissão Nacional de Pastoral, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que se reuniu no fim-de-semana para analisar "o caminhar da Igreja no Brasil, hoje e amanhã". A posição foi adotada diante do assassinio do padre João Bosco Penido Burnier, baleado por um soldado da PM de Mato Grosso, na semana passada.

Enquanto isso, em Brasília, o ministro da Justiça, Armando Falcão, reafirmava sua tese — que deu origem à manifestação da Comissão da CNBB — de que atos como o assassinio do padre João Bosco são "profundamente lamentáveis, mas isolados".

O mesmo tema foi abordado em nota prometida desde a morte do padre, aguardada como "um pronunciamento violento" e só ontem divulgada pelo diretório regional do MDB em Mato Grosso. Segundo essa nota, "não há que se interpretar este crime isoladamente, mas como uma decorrência de uma estrutura social ou um modelo de desenvolvimento político-econômico injusto, principalmente no tocante à distribuição de terras, na política incentivadora do governo, beneficiando os grandes latifúndios em detrimento de milhares de famílias de camponeses e índios".

O assunto deverá voltar a debate na reunião da Comissão Representativa da CNBB, que se inicia hoje e se prolongará até o dia 25, no Convento do Cenáculo, no Rio. A morte do padre Burnier, e ainda a do missionário Rodolfo Lunkenbein e do índio Simão Cristino, assassinados durante a invasão da aldeia de Merure, em Mato Grosso, por fazendeiros, no dia 15 de julho, deverão alimentar as discussões sobre o tema

"Atuação da Comissão Pastoral da Terra e do Conselho Indigenista Missionário — Cimi"

Analisando o assunto os religiosos deverão se dividir em duas correntes: uma que defende um comportamento moderado da CNBB em relação ao governo, e outra mais radical que propõe uma atitude enérgica diante das violências sofridas nos últimos tempos pelo clero no Brasil.

MISSAS

"Estão enganados os que querem fazer calar a Igreja de sua missão junto aos pobres com a violência. Os religiosos encontram forças superiores às forças naturais para se aproximar de seus irmãos mais abandonados", afirmou, ontem, no Rio, o frei dominicano Pierre Secondi, ao concelebrar com oito padres missa em memória do padre João Bosco, realizada na igreja do Convento dos Dominicanos, no Leme, e presenciada por mais de 200 pessoas.

No serão, frei Pierre Secondi observou que os padres, apesar das injustiças que sofrem, sabem conservar a serenidade e respondem muito bem ao apelo do Evangelho. Comparando a ação do padre João Bosco à dos primeiros jesuítas, o frei lembrou que a missa de ontem era de ação de graças a Deus por mais um mártir.

A noite, no Rio, foi celebrada outra missa em memória do padre João Bosco, no Colégio Santo Inácio, pelo cardeal dom Eugênio Salles.

Em Belo Horizonte, as comunidades de jesuítas celebraram missa, ontem à noite, e divulgaram manifesto de condenação ao assassinio do padre João Bosco, denunciando uma "onda de perseguição à Igreja e de manifestações de opressão numa sociedade injusta, baseada no lucro, no egoísmo e na lei do mais forte".

Em Vitória, o arcebispo metropolitano, dom João Batista de Mota de Albuquerque, concelebrou com 33 padres missa pela alma dos padres João Bosco e Rodolfo Lunkenbein e do índio Simão Cristino. O comerciante Paulo Burié, que recentemente foi preso e torturado pela polícia do Estado, postou-se, a convite dos padres, no centro do altar, entre os celebrantes, "como símbolo da ação da violência nacional".

Após lembrar que o soldado que matou o padre "era mais uma vítima que um agressor", o arcebispo pediu "uma justiça que diga basta aos poderosos".

Em Teresina, os padres jesuítas distribuíram nas igrejas da cidade um manifesto afirmando que o padre João Bosco morreu "como mártir da verdade e da justiça".

Fragoso diz que no Brasil a Justiça não protege o pobre

Da Sucursal de
SALVADOR

"Infelizmente, sabemos muito bem que a Justiça não é igual para todos. A experiência demonstra que as classes mais favorecidas são praticamente imunes ao sistema repressivo, do qual se livram, seja através de de-

cia ou pelo prestígio, ou pela corrupção".

A afirmação foi feita ontem, em Salvador, pelo advogado Heleno Fragoso, durante a abertura da VI Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, quando apresentou o trabalho intitulado "Advocacia: Igualdade e Desigualdade na Administração da Jus-

"Os pobres, que vivem nas favelas, são os alvos predileitos do aparelho repressivo policial-judiciário e, quando colhidos, são virtualmente massacrados pelo Sistema.

São as grandes vítimas das detenções ilegais. Somente os pobres são presos por vagabundagem. Vagabundo rico, pode; pobre, não pode", dis-

Bispo depõe e promotor vai pedir a pena máxima

Do correspondente
em Cuiabá

Como testemunha mais importante do inquérito que apura a morte do padre João Bosco Penido Burnier, o bispo dom Pedro Casaldáliga, da Prelazia de São Félix do Araguaia, prestou, ontem, um depoimento de uma hora e 45 minutos, em local não revelado e na presença de agentes do Ministério da Justiça enviados de Brasília.

Mais tarde, durante um rápido contato com a imprensa, antes de viajar para Goiânia, o prelado explicou que "não havia mesmo necessidade de se alongar no depoimento, pois tudo está tão claro". E acrescentou: "Agora é esperar pela Justiça".

Na segunda-feira da semana passada, dom Pedro Casaldáliga havia comparecido à delegacia de polícia de Ribeirão Bonito, em companhia do padre Burnier, com o objetivo de interceder em favor de três mulheres — Santana Rodrigues dos Santos, Eloísa Penalva e Margarida Barbosa da Silva —, que estavam sendo torturadas para que revelassem o paradeiro do posseiro Jovino Barbosa da Silva, que dias antes assassinara o soldado da PM Felix de Oliveira. Os dois religiosos foram recebidos agressivamente pelos policiais e o soldado Ezy Feitosa Ramalho atirou na cabeça do padre jesuíta, que morreu no dia seguinte, em Goiânia.

PENA

Após acompanhar os depoimentos do assassino, de sete outros policiais implicados, das três mulheres sequestradas e de duas testemunhas do crime, o promotor de Justiça de Barra do Garças, João Filgueiras Neto, afirmou que o ex-soldado Ezy Feitosa Ramalho poderá ser condenado à pena de 30 anos. E garantiu que pedirá a mesma pena para todos os responsáveis pela morte do padre João Bosco.

Expulsos na quinta-feira passada da Polícia Militar de Mato Grosso, Ezy Feitosa Ramalho e seis ex-policiais envolvidos no caso encontraram-se presos no 58º Ba-

talhão de Infantaria, em Aragarças, na divisa de Goiás com Mato Grosso.

Na sexta, perante o coronel José Diniz, delegado que preside o inquérito, Ezy Feitosa confirmou ter atirado no jesuíta, mas disse que o tipo de revólver calibre 38 foi disparado acidentalmente, quando ele pretendia apenas dar uma coronhada na cabeça do padre, que estaria, segundo suas declarações, agredindo o sargento Juracy Pedro Martins.

"O sargento Juracy — declarou o assassino do padre — estava trocando socos com os homens, quando entrei para ajudá-lo. Também levei um soco na boca, quebrando a dentadura. Saquei a arma e, ao tentar dar uma coronhada no padre, o tiro saiu acidentalmente".

Em seu longo depoimento, o ex-soldado da PM afirmou que só então ficou sabendo que "os dois homens eram religiosos" e procurou socorrer a vítima.

Ainda segundo Ezy Feitosa, o sargento Juracy aconselhou-o a desaparecer após o incidente, mas ele teria se recusado a fugir, alegando que, "acontecesse o que acontecesse iria se apresentar aos superiores em Barra do Garças". No entanto, continuou, embora tenha chegado a essa cidade às 10 horas da manhã do dia seguinte, foi preso só às 21 horas, pelo próprio comandante da polícia local, major João Monteiro da Costa Filho.

O advogado da Missão Salesiana de Mato Grosso e da família do padre Rodolfo Lunkenbein, José Vidal, enviou um ofício ao ministro

da Justiça, qualificando de "acinte à Justiça" e "incentivo a outros criminosos em potencial" o fato de, até agora, as autoridades policiais não terem tomado providências para prender os líderes dos posseiros e jagunços que invadiram a reserva de Merure, há pouco mais de três meses, matando o religioso e o índio Simão. Isso apesar de, no mês passado, o presidente da Federação Nacional da Agricultura, Flávio Brito, ter se reunido, em Barra do Garças, com o fazendeiro João Marques de Oliveira, o "João Mineiro", acusado de liderar o ataque.

22.11.77



D. Adriano: a democracia é irreversível.

*O Estado de São Paulo / 1º Plan
22-11-77*

Bispo fala da imagem do Brasil

Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, revelou ontem em entrevista coletiva que a saída do general Sylvio Frota do Ministério do Exército foi encarada no exterior — ele chegou há pouco do Sínodo Internacional dos Bispos — como “uma esperança muito grande de democratização do País”. Aliás, a imagem do País “melhorou muito depois que o governo levantou a censura de grande parte da Imprensa”.

O bispo, que recebeu o título de doutor “honoris causa” pela Universidade de Tübingen, na Alemanha, teve um rápido contato com o Papa Paulo VI, quando este manifestou sua preocupação pelo seqüestro de que dom Hipólito foi vítima.

Sobre o Sínodo, revelou que não teve a repercussão que se esperava, e que as críticas da Imprensa — principalmente a alemã — foram rigorosas: “Aliás, a Igreja admite a crítica como um elemento construtivo, pois a Imprensa tem sempre uma missão profética”.

Ele condenou qualquer tipo de tortura a presos comuns ou políticos — “uma maneira muito primitiva de castigo, que não encontra nenhuma solução a não ser agravar o mal” — e aproveitou para dizer que o livro de Hélio Bicudo sobre o Esquadrão da Morte já está à venda na Alemanha e com a tradução francesa pronta. Sobre o futuro político, afirmou: “O processo democrático é irreversível”.

30/11/78



O bispo dom Adriano Hipólito chegou a ser seqüestrado por bandidos, que pretendiam fazê-lo recuar na sua luta decidida contra os crimes misteriosos da Baixada. Mas, depois do atentado, a disposição do bispo continua a mesma. A Igreja, diz ele, "tem obrigação de estar ao lado dos sofredores".

A maior violência do mundo

Quinta de uma série de reportagens

Os que na Baixada matam impunemente (bandidos assalariados ou a própria polícia) sempre tiveram contra os seus crimes irados acusadores, na própria região. Vozes anônimas ou de reconhecido prestígio — como a do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano — levantaram-se decididas contra o terrível Esquadrão da Morte. Esses defensores da Baixada, que também acusam os políticos corruptos, estão nesta reportagem de *Percival de Souza* (texto) e *Oswaldo Jurno* (fotos).



O tenente-coronel reformado Ivy Teixeira Xavier, da Polícia Militar, foi um dos primeiros a protestar, na Baixada Fluminense, contra o chamado Esquadrão da Morte. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu, estudioso das origens, evolução e problemas do município, Ivy morreu — já estava doente há algum tempo — no ano passado.

Deixou em casa um arquivo que, acreditam seus amigos, seja "memorável". Por enquanto, nem os amigos do Instituto Histórico e Geográfico conseguiram que esses documentos, considerados "preciosos", sejam doados ao órgão. Os protestos de Ivy, que possuía um sítio no povoado de Cabuçu, bairro de Campo Alegre, começaram em 1969: cartas aos presidentes da República; cartas aos ministros da Justiça. A última das cartas, doze folhas datilografadas, foi escrita em 1975.

Trechos das cartas em que o coronel Ivy denunciava as chacinas e impunidades na Baixada e o abandono sistemático de corpos, numa lixeira próxima ao seu sítio:

"(...) Essa minha região está pior do que o Vietnã ou do que um campo de concentração nazista. Se a pena de morte está implantada no Brasil, que se faça a coisa oficialmente. Se querem matar com essa impunidade, que peguem os corpos e levem para suas ruas, para suas casas, e não deixem nos lugares onde moram pessoas honestas e trabalhadoras;

"(...) Não falo sem provas. Tenho o local exato onde ocorrem, exatamente, 49 execuções, e de quase todas elas tenho testemunhos. Em muitos lugares existiam até ossadas, abandonadas. No mês de julho de 1975, meus empregados viram um Volkswagen chegar. Do carro, saltaram vários homens que conduziam um rapaz. Entraram no matagal e, logo depois, ouviram-se tiros. Por medo, os empregados só se aproximaram no dia seguinte. E ali encontraram o corpo de um rapaz de pouco mais de 20 anos, com as mãos amarradas às costas e muitos tiros pelo corpo. Outra vez, estava voltando para casa, a cavalo, quando o animal empacou. Desviei o animal e voltei para ver. Estavam lá dois corpos, com várias marcas de balas."

No mês de abril de 1972, o tenente-coronel Ivy Teixeira Xavier recebeu a visita de um membro da Comissão de Direitos Humanos, que não o deixou muito alentado com relação aos resultados das investigações que, na verdade, nem chegaram a ser feitas. O oficial reformado da PM, que se tornou conhecido por sua insistência — inútil — em denunciar as execuções, acreditava que as matanças eram organizadas por "policiais, ex-policiais, alcaçuetes, esse tipo de gente". Ele observava, também, que os assassinos só poderiam ser pessoas que conheciam bem a região. E explicava por quê: as ruas escolhidas para abandono de corpos são todas sem nome, sem qualquer sinalização. Dedução: "Quem entra por uma dessas entradinhas de terra tem que conhecer a área."

Adriano Hipólito, bispo diocesano de Nova Iguaçu, tem tido uma atuação marcante na Baixada Fluminense. O episódio de seu seqüestro não alterou em nada os seus métodos de trabalho. O seqüestro, conforme ele mesmo afirmou, foi visto pela comunidade da Baixada com "repugnância e surpresa", e também como "sinal claro da insegurança em que vivemos".

— Antigamente, em situações de aperto e de impasse, costumava dizer-se: "Vá queixar-se ao bispo." O bispo era a instância suprema. Pode ser que o ditado esteja ainda em curso. Mas os bispos, graças a Deus, se tornaram muito mais povo. Estão expostos à mesma insegurança generalizada. Há portanto uma sensação de solidariedade muito maior, como consequência indireta do seqüestro. A Igreja sofre com o povo, sem privilégio ou exceção para o clero.

As pastorais têm sido vigorosas. Já em 1972, dom Adriano falava de "Páscoa e Baixada Fluminense", frisando que dava a ela um enfoque pastoral, "como cristão":

"Como cristão, como sacerdote e como bispo diocesano me ocupo de problemas fundamentais de nossa Baixada Fluminense, desta área singular onde nos colocou a Divina Providência para o serviço da comunidade dos homens. Fala o cristão: não fala nem o economista nem o sociólogo nem o político nem o psicólogo de massa. Sim, fala apenas e sobretudo um cidadão brasileiro que é cristão e bispo. Fala o irmão que sente os problemas de todos os irmãos da Baixada, que sente a insegurança social de nossa região. Fala quem, apesar de tudo, ainda confia que, com a graça de Jesus Cristo ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, é possível aos homens de boa vontade enfrentar a problemática da Baixada, para encontrar algumas soluções. Desde que tenhamos a humildade da verdade e a sinceridade da procura em comum."

OS PROBLEMAS, NA PASTORAL.

Essa pastoral abordava alguns problemas que continuam sendo atuais:

Educação — "(...) aqui aparece mais falha, mais deficiente, em vista da concentração demográfica, da proximidade com o centro de cultura que é o Rio de Janeiro, da industrialização explosiva, do número de crianças que, para ajudarem o salário dos pais, deixam a escola pelo biscate. Faltam salas de aula, faltam escolas convenientemente distribuídas pelas áreas. As professoras são desestimuladas, pois grande número delas são apenas contratadas, sem direitos, a não ser o salário que recebem periodicamente;"

Saúde — "(...) São poucos os hospitais, postos de saúde, maternidades, ambulatórios etc. de nossa região. O caso de Nova Iguaçu que, sendo o 8º ou 9º município do País em população, tem apenas um hospital (este mesmo de uma associação de caridade) para atender o grande público, de modo particular os pobres e indigentes, sempre ameaçado de fechar à falta de recursos, é uma situação clamorosa que deveria levar os responsáveis a uma reflexão séria sobre as deficiências de nossa Baixada Fluminense".

30/11/78

OS ADVERSÁRIOS DO ESQUADRÃO

Segurança — "(...) Em nossa Baixada chegamos a uma situação de insegurança que desencoraja toda iniciativa e atuação honestas. Devemos baixar todos ao nível dos marginais para podermos viver aqui? Deveremos todos empregar os mesmos recursos, para sobreviver? Os responsáveis podem tentar explicações técnicas ou sociológicas — geralmente superficiais e insustentáveis — quantas quiserem. Todo mundo vê e diz à boca pequena — inclusive pessoas lotadas na própria Polícia, ainda que sob reservas e ameaças de desmentidos — que a insegurança social da Baixada Fluminense é em grande parte fruto da atuação de uma força policial mal recrutada, mal preparada, mal remunerada";

Política — "(...) A história dos costumes políticos da Baixada Fluminense ainda não foi escrita. Mas tem sido vivida há vários decênios. E não é uma história brilhante. Nem tampouco exemplar. Todas as comunidades de nossa região sofrem a inépcia ou o despreparo ou a desonestidade dos que se conseguem impor à decisão dos eleitores. Temos exceções. Mas a imagem de nossos políticos é marcada pela mediocridade, pela incapacidade, pelo puxa-saquismo, pelo primarismo dos muitos que — será castigo de Deus, pondo-nos à prova para aprendermos a refletir, através do sofrimento, sobre a responsabilidade cristã? — fazem política em nosso meio (...). Sobem e descem os políticos, vão e vêm as eleições, aparecem e desaparecem os grupos políticos, e nada se modifica definitivamente na paisagem destas formidáveis comunidades da Baixada Fluminense que bem mereciam melhor sorte."

Elites — "(...) Todos sabemos que o povo da Baixada é um povo bom, ordeiro, ativo, sofrido, com uma reserva inesgotável de paciência, de otimismo e de energia. O povo é admirável. Daí porque as elites responsáveis encontraram colaboração decisiva e grata em nosso meio. Não nos encontramos em situação irremediável. Ainda podemos contar com muita gente boa que aprovará as medidas de saneamento moral e com elas haverá de colaborar. O que nos falta é unirmos nossas forças para o bem de nosso povo."

A MENSAGEM DOS POLÍTICOS

A campanha dos políticos, na Baixada Fluminense, este ano, foi montada sobre os grandes problemas, a violência e a insegurança da Baixada.

Miro Teixeira, candidato a deputado federal pelo MDB (eleito com quase 600 mil votos), afirmou, por exemplo, que "Nova Iguaçu vai deixar de ser um município-problema". E disse ter consultado as lideranças empresariais, sindicais e estudantis do município para equacionar a curto prazo, seus principais problemas.

Miro Teixeira anunciou ter feito "um estudo", no qual "defende" a criação imediata de um hospital de pronto-socorro para o município, "a fim de atender os casos de urgência, que atualmente são transferidos para os hospitais do Rio, já também totalmente superlotados".

O candidato anunciou ter "ficado impressionado" com a inexistência de estradas entre as localidades da Baixada, "sendo estas, como a total insegurança, falta de luz, água, escolas, postos de saúde, as grandes reclamações do povo de Queimados, Austin, Morro Agudo, Chatuba, Mesquita, Miguel Couto, Belford Roxo, Rosa dos Ventos e dezenas de outras localidades".

O deputado também ficou "seriamente impressionado" com uma pesquisa feita pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, segundo a qual somente no ano passado mais de 100 mil pessoas foram "acometidas de doenças nervosas". E, segundo o deputado, "tais doenças foram causadas especialmente pelas dificuldades de vida, a tensão constante por falta de segurança, a péssima condução e ausência completa de áreas de lazer". Enfático, aquele que seria o deputado mais votado na Baixada, declarou:

— O que não pode continuar é o atual estado de coisas. Nova Iguaçu, pelo muito que representa para a economia do Estado e por ser um grande centro, tem que deixar de ser apenas o município número um em problemas cruciais, como até agora.

A Baixada Fluminense, segundo os candidatos Fernando Leandro (MDB) e Marcelo Medeiros (MDB), "é a região do Estado do Rio mais abandonada pelo governo, e isto vem sendo denunciado a todo o instante". Esses problemas, disseram os dois candidatos, "são de água, esgotos, escolas, policiamento, pavimentação de ruas e iluminação, e crescem por culpa exclusiva da omissão das autoridades". Os dois candidatos prometeram "estar juntos para solucionar estes graves problemas" e "lutar em favor de Meriti, Caxias, Nova Iguaçu e Nilópolis".

Em sua campanha, outro candidato a deputado, e então presidente da Câmara Municipal de Caxias, vereador José Carlos Lacerda, falou: "A presença de lixo, poeira, lama, buraco, esgoto mau cheiroso correndo pelos valões, os assaltos, a ausência de iluminação pública e a falta de ônibus são problemas terríveis, que afligem a população da Baixada, numa prova de que os atuais administradores não ligam para a sorte do povo."

O INCRÍVEL CORREA

De modo geral, os candidatos anunciavam "planos" e "providências" para "amenizar o sofrimento da população". Um candidato a deputado estadual pela Arena, Samuel Correa, fez uma campanha especial distribuindo

rança, no impresso que dramatizava a situação assim:

"Minha amiga:

Neste momento, eu sei que você está preocupada. Você e todas as mulheres. Se tudo mudou muito depressa, também está mudando a sua importância no lar e na sociedade. No lar, você é esposa e companheira, mãe talvez, mas ainda e sempre mulher. E como mulher, você se assusta e não sabe o que está acontecendo. Todos falam de seus direitos, mas ninguém se lembra da sua proteção. Da proteção de todos aqueles que lhe são caros. Da proteção dos seus dependentes.

Você sabe que a violência chegou a tal ponto que, nem mesmo na sua casa você se sente segura. Você sabe que quando sai tem que pedir a Deus para voltar em paz. Você sabe que quando se despede do seu marido e companheiro, você tem que rezar para que ele volte são e salvo. Quando seus filhos se ausentam, você tem que implorar aos Céus para que nada lhes aconteça. E você — minha jovem — quando se despede de seu namorado não sabe se amanhã o verá com vida, porque a violência se instalou entre nós.

A quem reclamar? De quem esperar proteção? Com quem contar numa hora dessas? Muitas são as promessas que você já ouviu e sabe que não foram cumpridas. Foi por isso, e ouvindo os reclamos do meu irmão, deputado federal Hydekkel (Hydekkel de Freitas Lima, genro de Tenório Cavalcanti), que eu resolvi voltar à política. Porque eu sei que você não tem mais ninguém para defender seus ideais... você não confia em mais ninguém, não espera dos poderes públicos a obrigação de zelar pela sua proteção. Foi por isso que resolvi voltar à política... Em verdade, nunca me distanciei de você e, pelo microfone da Rádio Globo, eu sempre clamei... eu sempre combati os que a você levam o desespero, a revolta e o medo. O microfone é importante, mas importante, também, é uma voz que possa clamar na tribuna da Assembleia Legislativa... que possa responsabilizar os que se omitem no combate ao crime, à marginalidade e à violência. Você tem o direito de viver em paz, de não ter medo, de confiar em alguém e saber que seus pais, seu companheiro, seus filhos, têm uma voz que clame por eles, que os proteja e os defenda. Não se esqueça: 1883 é o meu número. De agora em diante, que seja o 1883 o seu número. O número que você vai divulgar, promover e eleger, sabendo que está elegendo aquele que vai ser na Assembleia Legislativa a sua proteção e defesa.

A PALAVRA DA IGREJA

A orientação da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu para os paroquianos da região foi impressa e distribuída. Dizia: "Os ditadores, os autocratas, os tecnocratas, os falsos demo-

OS ADVERSÁRIOS DO ESQUADRÃO

Segurança — "(...) Em nossa Baixada chegamos a uma situação de insegurança que desencoraja toda iniciativa e atuação honestas. Devemos baixar todos ao nível dos marginais para podermos viver aqui? Deveremos todos empregar os mesmos recursos, para sobreviver? Os responsáveis podem tentar explicações técnicas ou sociológicas — geralmente superficiais e insustentáveis — quantas quiserem. Todo mundo vê e diz à boca pequena — inclusive pessoas lotadas na própria Polícia, ainda que sob reservas e ameaças de desmentidos — que a insegurança social da Baixada Fluminense é em grande parte fruto da atuação de uma força policial mal recrutada, mal preparada, mal remunerada";

Política — "(...) A história dos costumes políticos da Baixada Fluminense ainda não foi escrita. Mas tem sido vivida há vários decênios. E não é uma história brilhante. Nem tampouco exemplar. Todas as comunidades de nossa região sofrem a inépcia ou o despreparo ou a desonestidade dos que se conseguem impor à decisão dos eleitores. Temos exceções. Mas a imagem de nossos políticos é marcada pela mediocridade, pela incapacidade, pelo puxa-saquismo, pelo primarismo dos muitos que — será castigo de Deus, pondo-nos à prova para aprendermos a refletir, através do sofrimento, sobre a responsabilidade cristã? — fazem política em nosso meio (...). Sobem e descem os políticos, vão e vêm as eleições, aparecem e desaparecem os grupos políticos, e nada se modifica definitivamente na paisagem destas formidáveis comunidades da Baixada Fluminense que bem mereciam melhor sorte."

Elites — "(...) Todos sabemos que o povo da Baixada é um povo bom, ordeiro, ativo, sofredor, com uma reserva inesgotável de paciência, de otimismo e de energia. O povo é admirável. Daí porque as elites responsáveis encontrarão colaboração decisiva e grata em nosso meio. Não nos encontramos em situação irremediável. Ainda podemos contar com muita gente boa que aprovará as medidas de saneamento moral e com elas haverá de colaborar. O que nos falta é unirmos nossas forças para o bem de nosso povo."

A MENSAGEM DOS POLÍTICOS

A campanha dos políticos, na Baixada Fluminense, este ano, foi montada sobre os grandes problemas, a violência e a insegurança da Baixada.

Miro Teixeira, candidato a deputado federal pelo MDB (eleito com quase 600 mil votos), afirmou, por exemplo, que "Nova Iguaçu vai deixar de ser um município-problema". E disse ter consultado as lideranças empresariais, sindicais e estudantis do município para equacionar a curto prazo, seus principais problemas.

Assim, segundo Miro Teixeira, em campanha, a situação na Baixada é de "verdadeira calamidade pública". Suas informações: "Quase 70 mil crianças não recebem educação (na verdade, é mais do que o dobro disso), o índice de criminalidade é dos mais altos do País e menos de 20% do território iguaçuano possui saneamento básico e a mortalidade infantil é das mais elevadas — é rara a criança que não apresenta doenças principalmente verminose."

Miro Teixeira anunciou ter feito "um estudo", no qual "defende" a criação imediata de um hospital de pronto-socorro para o município, "a fim de atender os casos de urgência, que atualmente são transferidos para os hospitais do Rio, já também totalmente superlotados".

O candidato anunciou ter "ficado impressionado" com a inexistência de estradas entre as localidades da Baixada, "sendo estas, como a total insegurança, falta de luz, água, escolas, postos de saúde, as grandes reclamações do povo de Queimados, Austin, Morro Agudo, Chatuba, Mesquita, Miguel Couto, Belford Roxo, Rosa dos Ventos e dezenas de outras localidades".

O deputado também ficou "seriamente impressionado" com uma pesquisa feita pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, segundo a qual somente no ano passado mais de 100 mil pessoas foram "acometidas de doenças nervosas". E, segundo o deputado, "tais doenças foram causadas especialmente pelas dificuldades de vida, a tensão constante por falta de segurança, a péssima condução e ausência completa de áreas de lazer". Enfatizou, aquele que seria o deputado mais votado na Baixada, declarou:

— O que não pode continuar é o atual estado de coisas. Nova Iguaçu, pelo muito que representa para a economia do Estado e por ser um grande centro, tem que deixar de ser apenas o município número um em problemas cruciais, como até agora.

A Baixada Fluminense, segundo os candidatos Fernando Leandro (MDB) e Marcelo Medeiros (MDB), "é a região do Estado do Rio mais abandonada pelo governo, e isto vem sendo denunciado a todo o instante". Esses problemas, disseram os dois candidatos, "são de água, esgotos, escolas, policiamento, pavimentação de ruas e iluminação, e crescem por culpa exclusiva da omissão das autoridades". Os dois candidatos prometeram "estar juntos para solucionar estes graves problemas" e "lutar em favor de Meriti, Caxias, Nova Iguaçu e Nilópolis".

Em sua campanha, outro candidato a deputado, e então presidente da Câmara Municipal de Caxias, vereador José Carlos Lacerda, falou: "A presença de lixo, poeira, lama, buraco, esgoto mau cheiroso correndo pelos valões, os assaltos, a ausência de iluminação pública e a falta de ônibus são problemas terríveis, que afligem a população da Baixada, numa prova de que os atuais administradores não ligam para a sorte do povo."

O INCRÍVEL CORREA

De modo geral, os candidatos anunciavam "planos" e "providências" para "amenizar o sofrimento da população". Um candidato a deputado estadual pela Arena, Samuel Correa, fez uma campanha especial, distribuindo impressos nas feiras e lugares bastante frequentados por mulheres. Nesse impresso, Samuel omite a circunstância de ser filiado à Arena. E justificava assim: "Não importa o partido. Sabemos que Arena e MDB vão acabar em janeiro. Serão criados 4 partidos e nós estaremos naquele que, de fato, reunir perspectivas de melhores dias para a família do nosso Estado".

A campanha de Samuel enfatiza a insegurança, no impresso que dramatizava a situação assim:

"Minha amiga:

Neste momento, eu sei que você está preocupada. Você e todas as mulheres. Se tudo mudou muito depressa, também está mudando a sua importância no lar e na sociedade. No lar, você é esposa e companheira, mãe talvez, mas ainda e sempre mulher. E como mulher, você se assusta e não sabe o que está acontecendo. Todos falam de seus direitos, mas ninguém se lembra da sua proteção. Da proteção de todos aqueles que lhe são caros. Da proteção dos seus dependentes.

Você sabe que a violência chegou a tal ponto que, nem mesmo na sua casa você se sente segura. Você sabe que quando sai tem que pedir a Deus para voltar em paz. Você sabe que quando se despede do seu marido e companheiro, você tem que rezar para que ele volte são e salvo. Quando seus filhos se ausentam, você tem que implorar aos Céus para que nada lhes aconteça. E você — minha jovem — quando se despede de seu namorado não sabe se amanhã o verá com vida, porque a violência se instalou entre nós.

A quem reclamar? De quem esperar proteção? Com quem contar numa hora dessas? Muitas são as promessas que você já ouviu e sabe que não foram cumpridas. Foi por isso, e ouvindo os reclamos do meu irmão, deputado federal Hydekel (Hydekel de Freitas Lima, genro de Tenório Cavalcanti), que eu resolvi voltar à política. Porque eu sei que você não tem mais ninguém para defender seus ideais... você não confia em mais ninguém, não espera dos poderes públicos a obrigação de zelar pela sua proteção. Foi por isso que resolvi voltar à política... Em verdade, nunca me distanciei de você e, pelo microfone da Rádio Globo, eu sempre clamei... eu sempre combati os que a você levam o desespero, a revolta e o medo. O microfone é importante, mas importante, também, é uma voz que possa clamar na tribuna da Assembléia Legislativa... que possa responsabilizar os que se omitem no combate ao crime, à marginalidade e à violência. Você tem o direito de viver em paz, de não ter medo, de confiar em alguém e saber que seus pais, seu companheiro, seus filhos, têm uma voz que clame por eles, que os proteja e os defenda. Não se esqueça: 1883 é o meu número. De agora em diante, que seja o 1883 o seu número. O número que você vai divulgar, promover e eleger, sabendo que está elegendo aquele que vai ser na Assembléia Legislativa a sua proteção e defesa.

A PALAVRA DA IGREJA

A orientação da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu para os parquianos da região foi impressa e distribuída. Dizia: "Os ditadores, os autocratas, os tecnocratas, os falsos democratas têm medo do Povo, odeiam o Povo, servem-se do Povo. Por isso isolam o Povo; negam capacidade ao Povo; tentam, por todos os meios, infantilizar e anestesiá-lo o Povo. Eles se julgam donos da verdade absoluta. E o Povo? Apenas multidão de crianças ou débeis mentais, aos quais não se deve nenhum direito, nenhuma satisfação." As orientações para votar, feitas pela Cúria Diocesana, dom Adriano Hipólito à frente:

— Em todo processo social, o Povo deve

estar no centro das preocupações e das medidas de ordem prática. O Povo e não um grupo qualquer. O Povo e não o Estado. O Povo e não o regime político. O Povo e não a Igreja. O Povo e não a Segurança e o Desenvolvimento. Daí a clareza deste princípio: merece o nosso voto o candidato que se identifica com a causa do Povo. Os candidatos devem ser examinados pelos líderes comunitários e pelo Povo a partir do que fizeram e/ou querem fazer para o Povo como Povo, e não para determinadas pessoas, para determinados grupos, para determinadas religiões ou seitas etc.;

(...) "Se os escolhermos com bom conhecimento de causa, se os considerarmos nossos representantes legítimos, teremos o dever de acompanhar com interesse e cuidado sua atuação política, assim como é nossa obrigação acompanhar de perto a atuação dos prefeitos de nossos municípios e de nossos vereadores municipais. Acompanhar por quê? Para quê? Para ver se de fato realizam aquilo que prometeram realizar para o bem do Povo; para ver se correspondem às nossas expectativas; para ver se realmente representam os interesses do Povo; para ver se de fato servem ao Povo ou se servem a si mesmos, a interesses de grupos divorciados do Povo, ao Estado onipotente e dominador, às grandes empresas nacionais e multinacionais, aos interesses econômicos das minorias capitalistas, etc."

Evidentemente, nem todos gostaram dessa orientação. Um candidato pela Arena, Inácio Nunes, escreveu um indignado artigo ("A verdade") no Jornal de Hoje, de Nova Iguaçu:

— Li alhures um convite da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, segundo o qual haveria a orientação diocesana para as eleições de novembro. Li, reli e não entendi. Não entendi, porque sempre quis acreditar que o poder espiritual se houvesse sublimado para não envolver-se em questões temporais. Não entendi, porque sempre acreditei que a Igreja sempre houvesse tido por escopo, desde Cristo, a conciliação, que só é possível se houver neutralidade. Não entendi porque, ao que pude saber, à frente dessa Comissão deveria estar o bispo d. Adriano Hipólito, a quem dei crédito em tentativas que fez de humanização da vida iguaçuana. Não entendi, porque sempre julguei d. Adriano uma pessoa inteligente e esse convite é um ato de profunda burrice. Não entendi, porque sempre acreditei que d. Adriano servisse aos princípios cristãos e o vejo agora, se ainda está comandando o triste espetáculo, a serviço do comunismo...

Este ano, um dos conferencistas do Centro de Formação de Líderes, que possui auditório no bairro de Moquetá, foi o arcebispo de João Pessoa, d. José Maria Pires. Ele citou a Bíblia como fonte para situar a posição de Deus ante a violação dos direitos do homem:

— Desde que o homem traz a imagem e semelhança de Deus, ele passa a ter direitos conferidos não pelo Estado, mas pelo Criador. Desrespeitar os direitos humanos é desrespeitar a Deus. Qualquer que seja a condição do homem, criminoso ou não, ele merece respeito como pessoa humana. No entanto, desde o início a Força vem dominando o Direito. Abel tinha direitos, mas a força de Caim o matou. Os Cains prosseguem até hoje, e a posição tomada por Deus em favor dos direitos de Abel é que nos dá a noção desta defesa.

O arcebispo negro disse que Cristo poderia ter sido um médico, um doutor da lei, mas era um João-ninguém nascido em Nazaré ("e de Nazaré pode nascer alguma coisa que presta?")

— Cristo lutava pelos direitos humanos dos órfãos, das prostitutas, dos marginalizados, dos pobres. E hoje, quais são os pobres? Os que não decidem, não têm voz, vez, nem poder.

Dom Adriano Hipólito dedica muita atenção a esse Centro de Formação de Líderes. E explica por quê:

— Desde o primeiro plano pastoral da Diocese de Nova Iguaçu (1968), a formação intensiva de lideranças estava entre os objetivos especiais da Pastoral. Distinguíamos lideranças pessoais (padres, religiosos e leigos) e lideranças comunitárias — grupos humanos, comunidades de base. Em todos os anos seguintes as comunidades de base continuaram prioridade pastoral, até hoje. É verdade que comunidades eclesiais de base, como núcleo básico da Igreja, são muito variadas e oferecem uma extraordinária riqueza de aspectos, daí por que será difícil defini-las rigorosamente. Encontramo-las na maioria das paróquias e são a garantia do bom funcionamento do nosso empenho pastoral. De outro lado convém lembrar que a comunidade eclesial de base não é um instrumento de política, embora dela possam originar-se impulsos que vão fecundar os mais diversos setores da vida comunitária, inclusive a política. O que elas são e procuram ser, em primeiro lugar, é isto: expressão da Igreja como comunhão dos santos, sinal irradiante da libertação total que Cristo oferece à humanidade.

Por que o empenho na formação de líderes? Porque, diz dom Adriano, "mesmo que não se admita que a falta de líderes cause o problema social na Baixada Fluminense, é certo que o agrava e o perpetua".

— Falta de líderes, ou também a atuação de falsos líderes, mais preocupados com seus interesses particulares do que com os interesses da comunidade. A causa, melhor: as causas de nossos problemas são em parte históricas, vêm de longe; em parte são políticas. Como resolver os nossos problemas? Creio que a solução estaria na conscientização do povo, para assumir sua responsabilidade, para participar conscientemente do processo social. Enquanto o povo, aqui na Baixada e nas diversas regiões de nosso país, for marginalizado, nunca resolveremos esses problemas. Tudo o que se faz é paliativo. Um povo conscientizado terá mais cedo ou mais tarde os seus líderes capacitados. Aqui vejo eu um papel formidável reservado à Igreja, como "mãe e mestra" nesse esforço de conscientização. Sem segundas intenções, sem vontade de poder, sem apego a privilégios e vantagens, os cristãos engajados deveriam considerar como o aspecto mais positivo e mais fecundo de seu engajamento precisamente a conscientização do povo. Mas esta conscientização leva necessariamente ao espírito crítico, à crítica, à contestação. Compreendemos assim os riscos que corremos, nós pastores da Igreja, nós cristãos engajados, quando tentamos conscientizar o povo. Grupos do poder consideram-nos subversivos, quando de fato queremos ser num mundo desesperado um sinal daquela esperança fundamental que Cristo nos trouxe.

— E a Igreja, como tem atuado na Baixada Fluminense?

— Estou na Baixada faz já onze anos. Há muito que fazer, sem dúvida nenhuma, nesta região problemática. Mas seria uma injustiça negar que se tem feito já muita coisa. Sobre tudo no campo da conscientização e da participação do laicato na missão da Igreja. O acento principal da Pastoral está numa fé integrada na vida, numa vivência sacramental que deve, por assim dizer, sacramentalizar os acontecimentos, isto é: que deve marcar os acontecimentos com a marca libertadora de Jesus Cristo, para ser sinal eficaz da graça, do amor fraterno, da libertação, etc. Daí tiramos os impulsos construtivos para os mais diversos aspectos da vida social. Temos certeza de que, além do pecado pessoal, existe, muito mais grave e muito mais entranhado, um pecado social ou comunitário, que vicia e corrompe o homem, tornando-o incapaz da conversão. Cito um exemplo: a corrupção de fulano ou sicrano pode ser facilmente verificada pelos que não são corruptos, pelos que estão fora do clima de corrupção; se a corrupção penetra a sociedade, a ponto de ninguém mais ficar fora, como será difícil corrigir o mal e resistir à pressão corrupta do ambiente. São inúmeras as obras da Igreja, na Baixada Fluminense, umas em nível diocesano, outras em nível de região ou de paróquia. Em toda a parte sente-se o pulsar de uma coisa nova que, para a pessoa de fé, não se explica senão pela ação do Espírito Santo.

Autoridades condenam os atos terroristas no Rio

Ministro da Justiça e I Exército se pronunciam

Das Sucursais do Rio e Brasília,
Serviço Local e Correspondentes

O comando do I Exército divulgou ontem à noite, no Rio, nota oficial condenando os atentados contra o bispo de Nova Iguaçu, d. Adriano Hipólito e contra a residência do jornalista Roberto Marinho, ocorridos no fim da noite de anteontem.

Em Brasília, enquanto a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil solicitava ao Ministério da Justiça garantias para os padres brasileiros, o ministro Armando Falcão, da Justiça, também condenava os atentados e ditava aos jornalistas a seguinte declaração:

"O Governo repudia com veemência os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro.

"Condena-os, partam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências em âmbito estadual para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis".

Em nota distribuída no Rio, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil afirma que "considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentimento cristão dos oprimidos".

A íntegra da nota do I Exército é a seguinte:

"1. O comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o bispo de Nova Iguaçu e a residência do dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

"a. O Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e, consequentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

"b. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área.

"2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria da Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial;

"3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos."

Em São Paulo, o general Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército, disse ontem que a área sob seu comando está na mais absoluta calma e tranquilidade, "pois temos em São Paulo uma população conscientizada, dedicada ao trabalho normal e confiante na segurança de suas autoridades", ao ser indagado sobre a ação do grupo que se auto denominou Aliança Anticomunista Brasileira.



D. Adriano Hipólito, o bispo sequestrado.

AAB anuncia autoria de sequestro e explosões

"Ele foi muito espancado. Levou socos na cabeça e pontapés em todo o corpo. Mas está bem física e moralmente" — dizia ontem o cardeal-arcebispo d. Eugênio Sales, do Rio, ao relatar aos jornalistas que o procuraram no Palácio São Joaquim o estado de d. Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, sequestrado na noite de anteontem em frente ao n.º 671, da rua Paraguaçu, no bairro da Posse, naquela cidade.

Em um telefonema à rádio Jornal do Brasil, aos 30 minutos da madrugada de ontem, após o sequestro do bispo e a explosão de duas bombas no Rio — uma destruindo o carro do religioso e outra na casa do proprietário de "O Globo", Roberto Marinho, uma pessoa ditava a seguinte mensagem, gravada pela emissora: "O bispo d. Hipólito Mandarino acaba de ser sequestrado, castigado e abandonado num subúrbio da Zona Norte. O carro dele foi mandado como aviso para a Conferência dos Bispos do Brasil. O jornalista Roberto Marinho também acabou de receber advertência. Tudo da Aliança Anticomunista Brasileira".

O SEQUESTRO

Eram pouco mais de 19 horas, quando o religioso em companhia de seu sobrinho, Fernando Leal Webereng, deixava a noiva do rapaz, Maria del Rio Deglesias, em casa, quando surgiram três carros que fecharam o Volks do religioso. De um Chevrolet antigo descem quatro homens e de um Volks vermelho dois outros homens armados de revólveres.

O bispo foi colocado no banco de trás do Volks vermelho, dos sequestradores, e junto dele sentou-se um homem armado, de óculos, que teria 30 anos de idade aproximadamente. A moça não foi importunada, porque corra para sua casa. Fernando, o sobrinho do bispo, é sequestrado no Chevrolet.

"Acho que eram seis homens. Aparentavam 35 anos, eram todos brancos, bem trajados, cabelos curtos e ralos, falando português fluente" — contaria depois d. Albina Vila Lourenço, mãe de Maria del Rio. Ambas assistiram o sequestro, mas não anotaram as placas dos carros, porque ficaram muito nervosas ao serem ameaçadas de morte.

Por volta de 20 horas, Maria del Rio procurou a Delegacia de Nova Iguaçu e deu o alarme. As demais autoridades da Secretaria da Segurança Pública do Rio foram alertadas, mas o delegado Borges Fortes, da Delegacia de Polícia Política e Social manteve a ocorrência sob sigilo até o início da madrugada de ontem.

Cerca de 22 horas o bispo Adriano Hipólito foi abandonado, nu, com as mãos e os pés amarrados, na rua Japurá, perto da praça Barão de Taquara, em Jacarepaguá. O motorista Evandro Moreira e um candidato a vereador encontraram o religioso, e o levaram para a casa do fotógrafo Adir Mera, nas proximidades. D. Hipólito recebeu roupas emprestadas e todos seguiram para a delegacia de Jacarepaguá, onde o bispo contou:

"Os homens desceram e foram logo empunhando revólveres. Nada pude identificar, porque assim que entrei no carro me puseram um capuz e tive as mãos amarradas. Logo depois o sequestrador que estava ao meu lado começou a retalhar minha roupa com algo que parecia gilete. O capuz só foi tirado uma vez, quando pintaram meu rosto com mercúrio".

D. Hipólito contou ainda que o sequestrador lhe dizia que "o chefe não quer, ainda te matar, embora a ordem fosse matar comunistas". De acordo com o relato do bispo, os sequestradores o algemaram e levaram Cr\$ 5 mil que estavam em sua pasta, junto a documentos paroquiais.

AS EXPLOSÕES

As 23h30, uma forte explosão abalou o largo da Glória, no Rio, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A Polícia informaria depois que uma bomba

havia destruído o Volks vermelho de D. Adriano Hipólito. Algumas partes do carro foram lançadas a 50 metros de distância. Os restos da batina, documentos e panfletos se espalharam pelo largo. Testemunhas disseram que dois homens — um deles sem camisa — jogaram um embrulho sob o carro e correram.

Quase ao mesmo tempo, uma outra bomba explodia na casa do jornalista Roberto Marinho, proprietário de "O Globo", na rua Cosme Velho, no Rio, ferindo o copeiro Teotônio e outro empregado, Darci Faria. O copeiro contaria que ouviu o barulho de um pacote jogado no telhado e percebeu que dele saíam centelhas. A tarde, numa nota de 16 linhas, Roberto Marinho, depois da grande insistência dos jornalistas, afirmava que "não imagino qual tenha sido a motivação do atentado. O caso está entregue às autoridades policiais que desde os primeiros momentos demonstram estar empenhadas na sua elucidação. Conflito delas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo".

Um forte esquema de segurança foi montado em torno da casa de Roberto Marinho, que deixou sua residência às 10h45 de ontem.

Fernando Leal Webereng, sobrinho de D. Hipólito, foi encontrado por volta das 22 horas no Jardim Sulacap, por soldados de uma Rádio Patrulha. Estava amordaçado e sem sapatos. E muito nervoso.

Líderes negam efeitos

Dirigentes nacionais da Arena admitiram, ontem, numa análise sobre os atos terroristas no Rio, que "o objetivo é a interrupção do processo de distensão gradual do Governo", mas recusaram-se a admitir que tais atos possam atrasar o desenvolvimento político do País.

"Eles fazem isso porque não estão satisfeitos com as eleições e com o caminho que o Brasil trilha. O Governo, no entanto, tem instrumentos para coibir a violência e estamos de acordo em que recorra a esse instrumental" — declarou em Brasília o presidente do Congresso Nacional, senador Magalhães Pinto.

O líder da Maioria no Senado, senador Petrônio Portela, após encontro com o presidente Geisel, disse que "os terroristas de direita e de esquerda se nivelam nos meios e se confundem nos fins".

"Fanáticos, — acrescentou — desprezam o diálogo democrático e não creem no poder de persuasão, preferindo violência. Têm, no entanto, o nosso mais veemente repúdio. Eles atingem a Imprensa, que é de suma importância para a vida democrática, a qual repelem".

O presidente nacional da Arena, Francelino Pereira, manifestou, em nome do partido, "total repúdio a esse tipo de violência, parta de onde partir".

CONTRÁRIOS

O presidente nacional do MDB, deputado Ulisses Guimarães, declarou que, como das vezes anteriores, o MDB manifesta-se inteiramente contrário aos atos de violência. "O MDB se situa onde está a Nação, no sentido de prestigiar o Governo, com vistas ao restabelecimento da tranquilidade" — afirmou.

No Rio, o governador Faria Lima lamentou as ocorrências, destacando que todas as forças policiais do Estado do Rio estão empenhadas nas investigações para identificação dos criminosos. Manifestou também o entendimento de que esses atos não terão influência na política eleitoral do Estado e do País.

REAÇÃO DA IGREJA

Em Nova Iguaçu, sacerdotes, religiosos e leigos da diocese local distribuíram em todas as missas um documento de denúncia e solidariedade ao bispo dom Adriano, "que foi selvagemmente sequestrado, encapuçado, torturado e algemado". O documento acentua que "os autores do monstruoso crime nós conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos".

O cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, interrogado sobre as razões dos atentados, disse em S. Paulo ter ouvido comentários de políticos, intelectuais e religiosos de que "se trata de um grupo não satisfeito com a liberalização do regime, liberdade de imprensa e realização de eleições".

Para o cardeal Vicente Scherer, de Porto Alegre, "os atentados representam um atropelo não só dos direitos fundamentais da própria pessoa atingida, como também de toda a criatura humana".

EM SÃO PAULO

"Todas as formas de violência repugnam a alma nacional" — afirmou o presidente regional da Arena, Cláudio Lembo acrescentando que, neste instante, "o tema fundamental é o aperfeiçoamento do processo político, que só pode se verificar no interior do regime democrático".

Para o presidente interino do MDB paulista, deputado José Camargo, "os atentados são injustificáveis sob todos os aspectos e o MDB condena quaisquer radicalismos".

OAB E ABI

A Ordem dos Advogados do Brasil e a Associação Brasileira de Imprensa, assim como os Sindicatos de Jornalistas de São Paulo e Minas Gerais, distribuíram nota de repúdio aos atentados.

10/ 10/ 78

Polícia carioca alarmada com a onda de sequestros

RIO (Sucursal) — Uma onda de sequestros e assassinatos misteriosos, na Baixada Fluminense, está colocando em sobressalto a própria Polícia, conforme ficou claro, ontem, nos discursos durante o sepultamento do escrivão Antonio Eilu de Albuquerque Melo, da delegacia de Itaguaí. O policial foi sequestrado sexta-feira passada, em seu automóvel, e apareceu morto domingo, junto com duas outras pessoas: uma mulher branca, sequestrada não se sabe onde; e Jorge Andrade da Silva, sequestrado em pleno dia, também na sexta-feira, quando se encontrava com três outros policiais num carro da Delegacia de Homicídios. As investigações em torno dos crimes confirmam, praticamente, que os autores são os mesmos homens que sequestraram o juiz José Carlos Rangel na cidade de Três Rios, e o criaram de tiros numa estrada de Nova Iguaçu.

Nos discursos no cemitério Jardim da Saudade, onde compareceram cerca de 300 policiais e vários juizes da região da Baixada, ficou claro, também, a existência de um clima de revolta entre os companheiros do escrivão. Muitos não esconderam o desejo de fazer justiça com as próprias mãos, dizendo que tanto os matadores do juiz como o do escrivão e do casal, poderão sofrer um "acidente" na delegacia, isto se forem levados até lá. A atuação da Polícia Militar também foi criticada durante o funeral, tendo o delegado Silvio Ribeiro Ferreira, da 23.ª DP, afirmado que "ela tem que ser apenas um apoio, e nunca encarregada de investigar o que está acontecendo no Rio". É pensamento geral na Polícia que a onda de criminalidade violenta aumentou no estado depois que o ex-secretário de segurança, general Antonio Faustino, atribuiu à PM a tarefa de vigilância.

A série de sequestros e mortes levou à Baixada Fluminense, nos últimos dias, um contingente de quase mil policiais. O aparato das diligências, tem alarmado também a população, que teme a ocorrência de outras violências devido ao declarado desejo de vingança por parte de muitos agentes. Ontem foram encontrados mais três corpos na Baixada Fluminense, mas o fato não indica que o Esquadrão da Morte tenha reativado suas atividades. Um dos cadáveres, localizado em Miguel Couto, tinha as mãos amarradas com tiras de pano e estava crivado de tiros — nos moldes do "EM". A Polícia foi avisada à noite sobre a existência de um quarto cadáver em Jaceruba, mas este só será recolhido hoje.

A mulher loura encontrada junto com o escrivão Antonio Eilu ainda não foi identificada e permanece no necrotério em Nova Iguaçu junto com o comerciante Jorge Andrade da Silva, cujo sequestro, no carro da Polícia, ressalta a audácia dos criminosos em ação na Baixada Fluminense. Jorge Andrade estava com a mulher, Maria do Carmo, ajudando os detetives da DH quando estes foram dominados pelos bandidos que viajavam no Volks do escrivão. Além do comerciante, os sequestradores levaram também a metalhadora, dois revólveres e até os documentos do policiais. O caso aconteceu na localidade de Vila de Cava, em Nova Iguaçu. O escrivão e o casal morreram na localidade de Rio D'Ouro, cada um com tiro de pistola 9 milímetros nas pernas e na cabeça.

Em Itaguaí, o delegado Milton dos Santos pediu segurança especial para a Delegacia e ao foro local, onde o juiz Reginaldo de Carvalho se sente ameaçado pelos bandidos da região. Cavalheiros da PM estão rondando a cidade, enquanto o delegado confirma que um assaltante, Carlos Ferreira Gonzaga, o "Bambu", ameaçou invadir a delegacia para libertar três comparsas presos.

O assaltante "Bambu", no momento, é o personagem mais procurado na Baixada. Há outros, contudo, que figuram no rol dos suspeitos da morte do juiz e no massacre do Rio D'Ouro. Os retratos-falados dos assassinos do juiz até agora não resultaram em nenhuma pista. A Baixada Fluminense já registrou, este ano, quase 400 crimes misteriosos, a maioria atribuída ao Esquadrão. Uma mobilização policial como a que vem ocorrendo nos últimos dias, vinha sendo reclamada desde março passado, quando a relação de "mistérios" ainda contava 95 casos. O bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, chegou a escrever ao ministro da Justiça, Armando Falcão, pedindo providências. Foram também realizados na área vários simpósios sobre o problema da criminalidade, mas nenhuma medida foi adotada pelo secretário de Segurança, general Brum Negreiros, que refutava a existência de uma onda de violências no lugar.

13.09.80



Dom Adriano solidariza-se com Seabra Fagundes.

Responsáveis são os mesmos, diz d. Adriano

Folha de São Paulo 13-09-80

O bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito, afirmou ontem, no Rio, acreditar que "os terroristas que jogaram e enviaram bombas aqui, recentemente, fazem parte do mesmo grupo que me sequestrou".

Após realizar uma visita de solidariedade ao presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Eduardo Seabra Fagundes, dom Adriano lembrou ter sido sequestrado em 76. "Apesar de ter fornecido pistas concretas à polícia, até hoje — quatro anos depois — não tive a menor notícia sobre as investigações realizadas pelo Dops e Polícia do Exército. Nem ao menos me disseram que os trabalhos foram arquivados, conforme li nos jornais ano passado. Espero que as investigações sobre a morte de da. Lida Monteiro da Silva não terminem também neste caminho" — observou.

"Do episódio do meu sequestro, o que mais lamento é a impunidade. Fornecemos pistas concretas à polícia, reconstituímos todo o fato, o Dops e o Exército prometeram inclusive a d. Eugênio Sales que iriam chegar aos culpados, mas nada aconteceu. O

sequestro, aliás, teve um detalhe que até hoje me intriga: na reconstituição, ficou provado que o grupo passou comigo — encapuzado — e meu sobrinho, pela Vila Militar. Na época, até o secretário de Segurança, general Ignácio Domingues, estranhou este detalhe."

SOCIEDADE CIVIL

A criação de um "fórum permanente de debates", sem sede física e não-institucionalizado, congregando as entidades representativas de todos os segmentos da sociedade civil em torno dos problemas mais graves do País, foi anunciada ontem pelo presidente da OAB, Eduardo Seabra Fagundes. O "fórum" (ainda não existe um nome oficial para o movimento) terá sua primeira reunião possivelmente em outubro, seguindo-se outras, sempre mensais.

A idéia de criá-lo surgiu há alguns meses e cresceu com o atentado sofrido pela OAB. O "fórum" já conta com a participação de entidades como a ABI, algumas associações de professores, a própria OAB e outras que estão sendo contactadas.

07 / 10 / 1976

"Gazeta do Povo"

Curitiba, Quinta-Feira, 7 de Outubro de 1976

A VISTA DE MEU PONTO

Quanto vale a fotografia de um bispo nu?

José Wanderley Dias

Nós, cristãos, temos uma crença realmente estranha, e até mesmo incompreensível se analisada exclusivamente em termos humanos.

Nosso Deus é modesto e humilde. Infinito, quis compartilhar de nossa finidade.

Seu Filho, pelo Espírito Santo se encarnou, fazendo-se um de nós.

Nasceu numa caverna, numa gruta que servia de manjedoura para animais.

Teve vida pobre, difícil. Foi perseguido, injuriado, mal-compreendido.

Dele se dizia, para zombar: "Também, veio de Nazaré, donde nunca saiu o que prestasse!"

Não terminou gloriosamente os seus dias. Pelo contrário, morreu nu, crucificado entre dois ladrões, depois de ter sido submetido ao mais ignominioso e cruel tratamento que se pudesse infligir ao pior dos criminosos.

Tudo se fez para descrédito de Sua Ressurreição, que foi apontada como uma invenção de Seus discípulos, como uma história absurda, impossível, alucinada e alucinatória.

Como o discípulo não é melhor que o Mestre, para podermos seguir o Cristo, não podemos esperar facilidades, destaques, projeção.

Devemos ser sinal de contradição.

Perdoar inimigos, amar aos que nos fazem mal, ter espírito de pobre, respeitar mas não dar valor a títulos e honrarias, ser honesto até mesmo em pensamentos e intenções.

Crescer pela auto-imolação e pela humildade; dar a vida pelo irmão; confessar-se pecador e tentar levar vida de santo.

Isso é tão absurdo, é tão inaceitável sob conceitos materialistas, hedonistas que se compreende a prevenção e o descaso que os descrentes têm pelos que realmente crêem e professam o que o Rabi da Galiléia pregou há dois mil anos para sempre!

Uma das principais exigências é que não nos classifiquemos em rótulos.

Embora a crença se manifeste exteriormente, é no íntimo que ela vive, é no coração e na consciência que ela se firma.

É por isto mesmo que aceitamos e pregamos que nem todos os que se dizem cristãos o são na realidade; que é uma caminhada difícil, permanente, penosa o cristianismo; como também reconhecemos que, fora de nossas moradas religiosas, há quem tenha espírito de cristão e participe de nossa comunhão com o infinito. Exemplos felizmente os há incontáveis.

Quero citar um. Não é o maior, não é o menor, não é o único, se bem que seja único, como são únicos todos os passos de nossa vida, da vida de cada um.

Chamou-se a atenção por envolver um jornalista, do que tanto me desvanço de ser.

Há alguns dias, foi sequestrado, seviciado, humilhado, agredido e deixado nu um Bispo, Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu.

Nu, como Seu Mestre fora posto um dia; nu, como São

Certificando-se
Professor de Filosofia
Teologia da Pádua



particular de nossa finitude.

Seu Filho, pelo Espírito Santo se encarnou, fazendo-se um de nós.

Nasceu numa caverna, numa gruta que servia de manjedoura para animais.

Teve vida pobre, difícil. Foi perseguido, injuriado, mal-compreendido.

Dele se dizia, para zombar: "Também, veio de Nazaré, donde nunca saiu o que prestasse!"

Não terminou gloriosamente os seus dias. Pelo contrário, morreu nu, crucificado entre dois ladrões, depois de ter sido submetido ao mais ignominioso e cruel tratamento que se pudesse infligir ao pior dos criminosos.

Tudo se fez para descrédito de Sua Ressurreição, que foi apontada como uma invenção de Seus discípulos, como uma história absurda, impossível, alucinada e alucinatória.

Como o discípulo não é melhor que o Mestre, para podermos seguir o Cristo, não podemos esperar facilidades, destaques, projeção.

Devemos ser sinal de contradição.

Perdoar inimigos, amar aos que nos fazem mal, ter espírito de pobre, respeitar mas não dar valor a títulos e honrarias, ser honesto até mesmo em pensamentos e intenções.

Crescer pela auto-imolação e pela humildade; dar a vida pelo irmão; confessar-se pecador e tentar levar vida de santo.

Isso é tão absurdo, é tão inaceitável sob conceitos materialistas, hedonistas que se compreende a prevenção e o descaso que os descrentes têm pelos que realmente crêem e professam o que o Rabi da Galiléia pregou há dois mil anos para sempre!

Uma das principais exigências é que não nos classifiquemos em rótulos.

Embora a crença se manifeste exteriormente, é no íntimo que ela vive, é no coração e na consciência que ela se firma.

É por isto mesmo que aceitamos e pregamos que nem todos os que se dizem cristãos o são na realidade; que é uma caminhada difícil, permanente, penosa o cristianismo; como também reconhecemos que, fora de nossas moradas religiosas, há quem tenha espírito de cristão e participe de nossa comunhão com o infinito. Exemplos felizmente os há incontáveis.

Quero citar um. Não é o maior, não é o menor, não é o único, se bem que seja único, como são únicos todos os passos de nossa vida, da vida de cada um.

Chamou-se a atenção por envolver um jornalista, do que tanto me desvanço de ser.

Há alguns dias, foi sequestrado, seviciado, humilhado, agredido e deixado nu um Bispo, Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu.

Nu, como Seu Mestre fora posto um dia; nu, como São Francisco, seu Pai espiritual, se pôs um dia para ensinar desapego às coisas humanas.

Mas houve também quem socorresse Dom Adriano: gente que lhe deu roupa, que o ajudou a voltar à sua cidade.

E dentre os que auxiliaram o Bispo estava um repórter fotográfico de Manchete, a grande revista brasileira. Ao identificar-se quem o auxiliava, Dom Adriano ainda teve espírito para dizer: "Olhem que aí está um furo de reportagem, moço!"

De fato... Imaginem quanto não valeria uma fotografia de um Bispo nu...

Revistas do mundo pagariam fortunas para publicá-la... Seria a sensação jornalística do mundo...

Não houve, há tempos atrás, quem publicasse as memórias do médico que tratara de um Papa mobibundo?

Pois bem... o moço respondeu simplesmente... "Dom Adriano... eu sou espírito... mas aqui sou um irmão que quer ajudar o senhor..."

E não foi feita fotografia, mas foi feita a caridade de vestir um nu, de estender a mão a quem estava em aflição.

Para Dom Adriano, para mim, e creio que para qualquer homem de boa vontade, aí está um gesto cristão, fraterno, dignificante da conduta e da condição humana...

Isto é muito mais religião, é muito mais servir a Deus no serviço aos homens do que por máscara de bom e ingressar em qualquer associação ou seita religiosa!

Jornal de Brasília

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, QUINTA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO DE 1978

CPI do Esquadrão

Será requerida, no início dos trabalhos legislativos, pela oposição, uma Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar os sequestros e execuções sumárias que vêm ocorrendo em todo o país, nos últimos anos e, especialmente, as registradas na Baixada Fluminense. Esta informação foi prestada ontem, pelo deputado Oswaldo Lima (MDB-RJ) que requereu e foi presidente da CPI dos Minérios que funcionou na Câmara no segundo semestre do ano passado.

Esta CPI, além de investigar com mais profundidade os crimes cometidos pelo Esquadrão da Morte no Estado do Rio, deverá tratar de outros atos de violência com sentido político que ainda não foram suficientemente esclarecidos. O parlamentar carioca, lembrou, inclusive, o sequestro e as sevícias de que foram vítimas o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, que até hoje é um caso ainda não solucionado.

No seu entender, é necessário que o Governo, «que dispõe de meios e força para manter o estado de exceção», demonstre à nação o seu interesse em normalizar o regime, providenciando medidas urgentes para esclarecer o autêntico genocídio que se verifica em vários pontos do país, com maior intensidade no Estado do Rio.

— A onda de terror e de violência no município de Nova Iguaçu vem aumentando assustadoramente, com sequestros e execuções sumárias, fazendo com que o povo fique sobressaltado, clamando aos céus pelas garantias que deveriam ser prestadas pelas autoridades.

Oswaldo Lima citou inúmeros casos de massacre ocorridos nos últimos dias: Ivan Guedes, jovem oficial da Justiça Criminal de Nova Iguaçu, encontrado morto com inúmeras perfurações produzidas por arma de fogo; Valter de tal, sequestrado em sua residência na Rua Austim, em Queimados, por um

grupo de homens que portavam armas de grosso calibre e se identificaram como policiais (posteriormente também, foi encontrado morto com sinais de sevícias, além de grande número de tiros); Antonio Albino de Souza, cunhado do vereador José Américo, do MDB de Nova Iguaçu, sequestrado provavelmente pelo mesmo grupo de policiais (este até hoje encontra-se desaparecido). A esses são somados Sebastião Moreira Soares, bombeiro hidráulico; Aluísio Araújo, encontrado morto; Adilson de Melo Silva e Cláudio Mendes de Oliveira, ambos encontrados mortos a tiros por armas de grosso calibre.

Além desses casos, ocorridos nos últimos dias, Oswaldo Lima referiu-se a outros atos de violência com sentido político que vêm sendo cometidos por grupos de indivíduos que ninguém sabe da existência, que deverão ser investigados pela Comissão de Inquérito «já que as autoridades ainda não deram o tratamento devido».

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, 23 de fevereiro de 1978

Deputado quer uma CPI para investigação dos crimes da Baixada

O deputado oposicionista Oswaldo Lima anunciou, ontem, que no reinício dos trabalhos legislativos solicitará a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar "os sequestros e execuções sumárias registradas em todo o país, especialmente na Baixada fluminense".

Segundo o parlamentar carioca, "é necessário que o Governo, que dispõe de meios e força para manter o estado de exceção, demonstre à Nação o seu interesse em normalizar o regime democrático providenciando medidas urgentes para esclarecer o autêntico genocídio que se verifica na Baixada fluminense".

Lembrando que o sequestro e as sevícias de que foram vítimas o bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano

Para dar uma idéia da onda de massacres, Oswaldo Lima citou os seguintes casos: Ivan Guedes, jovem oficial de justiça da 2ª Vara Criminal de Nova Iguaçu, encontrado morto com várias perfurações produzidas por arma de fogo; Valter de tal - sequestrado em sua residência na rua Austin, em Queimados, Nova Iguaçu, durante a madrugada, por um grupo de homens que, segundo informações, portavam armas de grosso calibre e se identificaram como policiais. Seu cadáver foi encontrado com várias perfurações produzidas por arma de fogo, além de sevícias e mutilado; Antonio Albino de Sousa, 25 anos, residente na rua Austin, Queimados - Nova Iguaçu, sequestrado provavelmente pelo mesmo grupo de homens. A vítima é cunhado do vereador José Américo, do MDB de Nova Iguaçu. Segundo informações, o sequestro verificou-se no último dia 14, e até agora a família não tem notícias de seu paradeiro; Sebastião Moreira Soares, 28 anos, bombeiro hidráulico, também vítima do mesmo grupo de homens; Aluísio Araújo, solteiro, 21 anos, encontrado morto com três tiros na cabeça; Adilson de Melo Silva, de cor preta, aparentando 20 anos, e Cláudio Mendes de Oliveira, encontrados mortos a tiros por armas de grosso calibre.

CPI do Esquadrão

Será requerida, no início dos trabalhos legislativos, pela oposição, uma Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar os sequestros e execuções sumárias que vêm ocorrendo em todo o país, nos últimos anos e, especialmente, as registradas na Baixada Fluminense. Esta informação foi prestada ontem, pelo deputado Oswaldo Lima (MDB-RJ) que requereu e foi presidente da CPI dos Minérios que funcionou na Câmara no segundo semestre do ano passado.

Esta CPI, além de investigar com mais profundidade os crimes cometidos pelo Esquadrão da Morte no Estado do Rio, deverá tratar de outros atos de violência com sentido político que ainda não foram suficientemente esclarecidos. O parlamentar carioca, lembrou, inclusive, o sequestro e as sevícias de que foram vítimas o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, que até hoje é um caso ainda não solucionado.

No seu entender, é necessário que o Governo, « que dispõe de meios e força para manter o estado de exceção », demonstre à nação o seu interesse em normalizar o regime, providenciando medidas urgentes para esclarecer o autêntico genocídio que se verifica em vários pontos do país, com maior intensidade no Estado do Rio.

— A onda de terror e de violência no município de Nova Iguaçu vem aumentando assustadoramente, com sequestros e execuções sumárias, fazendo com que o povo fique sobressaltado, clamando aos céus pelas garantias que deveriam ser prestadas pelas autoridades.

Oswaldo Lima citou inúmeros casos de massacre ocorridos nos últimos dias: Ivan Guedes, jovem oficial da Justiça Criminal de Nova Iguaçu, encontrado morto com inúmeras perfurações produzidas por arma de fogo; Valter de tal, sequestrado em sua residência na Rua Austim, em Queimados, por um

grupo de homens que portavam armas de grosso calibre e se identificaram como policiais (posteriormente também, foi encontrado morto com sinais de sevícias, além de grande número de tiros); Antonio Albino de Souza, cunhado do vereador José Américo, do MDB de Nova Iguaçu, sequestrado provavelmente pelo mesmo grupo de policiais (este até hoje encontra-se desaparecido). A esses são somados Sebastião Moreira Soares, bombeiro hidráulico; Aluisio Araújo, encontrado morto; Adilson de Melo Silva e Cláudio Mendes de Oliveira, ambos encontrados mortos a tiros por armas de grosso calibre.

Além desses casos, ocorridos nos últimos dias, Oswaldo Lima referiu-se a outros atos de violência com sentido político que vêm sendo cometidos por grupos de indivíduos que ninguém sabe da existência, que deverão ser investigados pela Comissão de Inquérito « já que as autoridades ainda não deram o tratamento devido ».

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, 23 de fevereiro de 1978

Deputado quer uma CPI para investigação dos crimes da Baixada

O deputado oposicionista Oswaldo Lima anunciou, ontem, que no reinício dos trabalhos legislativos solicitará a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar « os sequestros e execuções sumárias registradas em todo o país, especialmente na Baixada fluminense ».

Segundo o parlamentar carioca, « é necessário que o Governo, que dispõe de meios e força para manter o estado de exceção, demonstre à Nação o seu interesse em normalizar o regime democrático providenciando medidas urgentes para esclarecer o autêntico genocídio que se verifica na Baixada fluminense ».

Lembrando que o sequestro e as sevícias de que foram vítimas o Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e seu sobrinho, até agora não foram esclarecidos, ele adverte que, nos últimos dias, a onda de terror e de violência no município de Nova Iguaçu recrudescceu com sequestros e execuções sumárias, fazendo com que o povo fique sobressaltado, clamando aos céus pelas garantias que deveriam ser prestadas pelas autoridades.

Para dar uma idéia da onda de massacres, Oswaldo Lima citou os seguintes casos: Ivan Guedes, jovem oficial de justiça da 2ª Vara Criminal de Nova Iguaçu, encontrado morto com várias perfurações produzidas por arma de fogo; Valter de tal - sequestrado em sua residência na rua Austin, em Queimados, Nova Iguaçu, durante a madrugada, por um grupo de homens que, segundo informações, portavam armas de grosso calibre e se identificaram como policiais. Seu cadáver foi encontrado com várias perfurações produzidas por arma de fogo, além de sevícias e mutilado; Antonio Albino de Sousa, 25 anos, residente na rua Austin, Queimados - Nova Iguaçu, sequestrado provavelmente pelo mesmo grupo de homens. A vítima é cunhado do vereador José Américo, do MDB de Nova Iguaçu. Segundo informações, o sequestro verificou-se no último dia 14, e até agora a família não tem notícias de seu paradeiro; Sebastião Moreira Soares, 28 anos, bombeiro hidráulico, também vítima do mesmo grupo de homens; Aluisio Araújo, solteiro, 21 anos, encontrado morto com três tiros na cabeça; Adilson de Melo Silva, de cor preta, aparentando 20 anos, e Cláudio Mendes de Oliveira, encontrados mortos a tiros por armas de grosso calibre.

— Não é possível a continuação desses massacres coletivos sem que o Governo tome providências, apresentando à Nação os verdadeiros responsáveis e suas origens - diz Oswaldo Lima, acrescentando, que a « violência reinante, além de abalar a opinião pública nacional, compromete nossa imagem no exterior ».



REPÚBLICA

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO I

ANO XXXI — Nº 121

CAPITAL FEDERAL QUARTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 1976

CÂMARA DOS DEPUTADOS

OSWALDO LIMA. — Sequestro de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu.

O SR. OSWALDO LIMA (MDB — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, há pouco mais de um ano, protestei desta tribuna contra setores da ARENA de Nova Iguaçu, que, segundo a imprensa local, investiram contra a pessoa de Dom Adriano Hipólito, Bispo Diocesano daquela importante cidade fluminense, com acusações desprovidas de qualquer fundamento e que não passaram de um absurdo e irresponsável comportamento de quem não tem sensibilidade política.

Hoje, diferente daquela época, venho lamentar o acontecimento violento, selvagem e desumano que vitimou o Bispo Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando.

Venho alertar os homens de bom senso desde País para o ocorrido em Nova Iguaçu e que, de maneira alguma, é um fato isolado dos inúmeros acontecimentos registrados nos últimos meses.

Forças malignas, Sr. Presidente, modificam o cenário pacífico da vida dos brasileiros. Cenários deprimentes e violentos marcam nossos dias, em que o sangue, as lágrimas e a dor são o preço exigido.

Não faz muito tempo, vidas foram cruelmente exterminadas na Baixada Fluminense pelos próprios policiais: o jovem Lúdio Martins Coelho Filho foi sequestrado e executado por integrantes da Força Pública do Estado de Mato Grosso; o furor das bombas fez estremecer os alicerces da ABI; deixou em pânico estagiários e dirigentes da OAB; destruiu o carro do Sr. Bispo Dom Adriano Hipólito em frente à CNBB; e fez vítima na residência do Diretor do jornal O Globo no Rio de Janeiro.

Tudo isso nos deixa perplexos quando imaginamos a audácia dos criminosos e, em especial, o sangue frio daqueles que investiram contra Dom Adriano Hipólito. — Bispo da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Tudo isso, Sr. Presidente, faz com que me lembre de Carlos Drummond de Andrade:

"Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiou mais aberto dos subterrâneos. Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços; não cantaremos o ódio porque esse não existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro... cantaremos o medo da morte e medo de depois da morte, depois morreremos de medo; e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas."

Nos dez anos de permanência em Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito sempre se preocupou profundamente com a solução dos problemas que afligem nosso povo, especialmente os mais humildes.

Tem revelado, em todos os momentos, sua tendência de homem amante da justiça e da liberdade, procurando incutir em seus fiéis e nas autoridades uma consciência crítica sobre nossa realidade, sem com isso demonstrar facciosismo político por esta ou aquela corrente ideológica mas, tão-somente, amor pelas coisas de Deus.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

OSWALDO LIMA. — Sequestro de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu.

O SR. OSWALDO LIMA (MDB — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, há pouco mais de um ano, protestei nesta tribuna contra setores da ARENA de Nova Iguaçu, que, segundo a imprensa local, investiram contra a pessoa de Dom Adriano Hipólito, Bispo Diocesano daquela importante cidade fluminense, com acusações desprovidas de qualquer fundamento e que não passaram de um absurdo e irresponsável comportamento de quem não tem sensibilidade política.

Hoje, diferente daquela época, venho lamentar o acontecimento violento, selvagem e desumano que vitimou o Bispo Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando.

Venho alertar os homens de bom senso desde País para o ocorrido em Nova Iguaçu e que, de maneira alguma, é um fato isolado dos inúmeros acontecimentos registrados nos últimos meses.

Forças malignas, Sr. Presidente, modificam o cenário pacífico da vida dos brasileiros. Cenários deprimentes e violentos marcam nossos dias, em que o sangue, as lágrimas e a dor são o preço exigido.

Não faz muito tempo, vidas foram cruelmente exterminadas na Baixada Fluminense pelos próprios policiais; o jovem Lúcio Martins Coelho Filho foi sequestrado e executado por integrantes da Força Pública do Estado de Mato Grosso; o furo das bombas fez estremecer os alicerces da ABI; deixou em pânico estagiários e dirigentes da OAB; destruiu o carro do Sr. Bispo Dom Adriano Hipólito em frente à CNBB; e fez vítima na residência do Diretor do jornal *O Globo* no Rio de Janeiro.

Tudo isso nos deixa perplexos quando imaginamos a audácia dos criminosos e, em especial, o sangue frio daqueles que investiram contra Dom Adriano Hipólito — Bispo da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Tudo isso, Sr. Presidente, faz com que me lembre de Carlos Drummond de Andrade:

"Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiou mais aberto dos subterrâneos. Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços; não cantaremos o ódio porque esse não existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro... cantaremos o medo da morte e medo de depois da morte, depois morreremos de medo; e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas."

Nos dez anos de permanência em Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito sempre se preocupou profundamente com a solução dos problemas que afligem nosso povo, especialmente os mais humildes.

Tem revelado, em todos os momentos, sua tendência de homem amante da justiça e da liberdade, procurando incutir em seus fiéis e nas autoridades uma consciência crítica sobre nossa realidade, sem com isso demonstrar facciosismo político por esta ou aquela corrente ideológica mas, tão-somente, amor pelas coisas de Deus.

Quantas vezes os que servem a Deus no Ministério Sagrado são vítimas de insatisfações e provocações e até mesmo de consequências graves que implicam no perigo de sua própria vida.

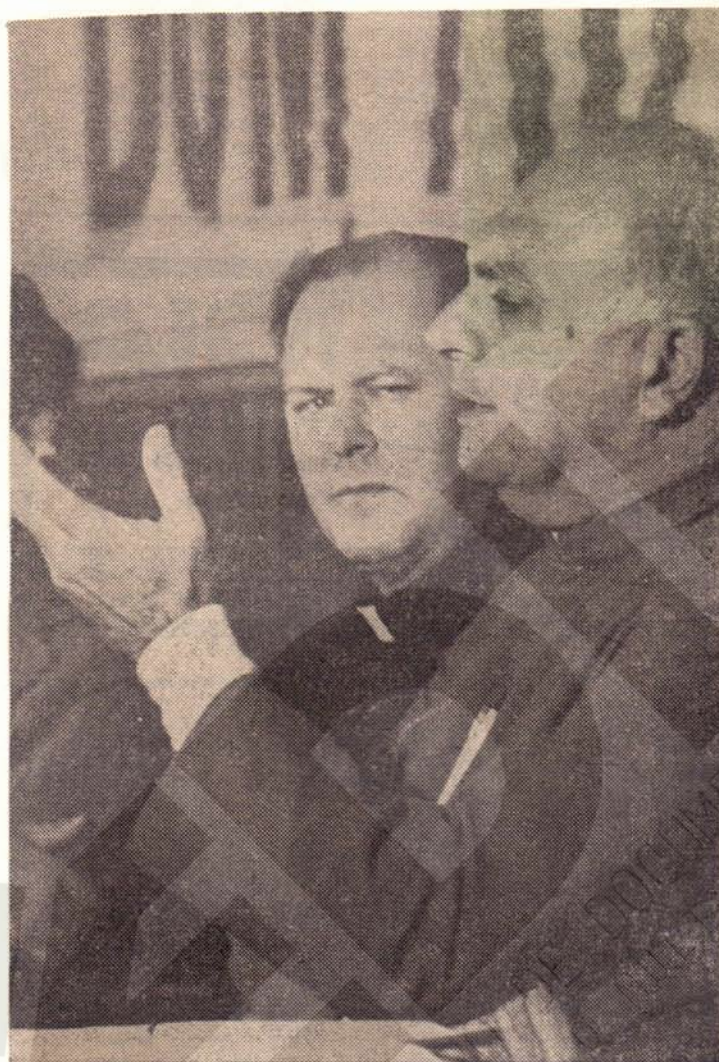
A Nação espera, Sr. Presidente, que as autoridades resolvam com urgência o caso dessa grave ameaça que paira sobre o povo brasileiro.



SEMANÁRIOS

CPDM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

CORREIO DA LAVOURA
NOVA IGUAÇU
02e03/10/1976



D. Aloisio Lorscheider observa D. Adriano, quando este relatava os lances do sequestro aos representantes da imprensa, no Centro de Formação de Líderes.

"Correio da Lavoura" - Nova Iguaçu,
2 e 3/10/76

D. ADRIANO RELATOU SEQUESTRO EM ENTREVISTA COLETIVA

— Não será fácil determinar as causas do sequestro. Mas tenho para mim que não foi um assalto nem uma vingança do Esquadrão da Morte. Se fosse teriam me eliminado num lugar ermo de Nova Iguaçu. Houve, sim, uma intenção de me humilhar e desmoralizar. Não ao bispo, isoladamente, tanto que levaram e explodiram o carro em frente à CNBB.

Com estas palavras D. Adriano iniciou sua entrevista coletiva à imprensa, concedida no auditório do Centro de Formação de Líderes de Nova Iguaçu, situado no bairro de Moquetá. Vários repórteres de jornais, revistas, rádios e emissoras de tevê compareceram ao CFL, além de correspondentes estrangeiros. Depois de proferir suas palavras iniciais, D. Adriano pediu que todos se levantassem para rezar o Padre Nosso e fez a seguinte saudação: "Cumprimento meus irmãos religiosos, meus irmãos jornalistas, meus irmãos do SNI e do DOPS aqui presentes". Ao lado de D. Adriano, na mesa ornada de flores, estavam o Vigário Geral da Diocese de Nova Iguaçu, Monsenhor Arthur Hartman, David Keegan, D. Aloísio Lorscheider (Presidente da CNBB e do Conselho Episcopal Latino-Americano), D. Afonso Lopes Trujillo (Secretário Geral do CELAM) e D. Ivo Lorscheiter (Secretário Geral da Conferência).

NÃO SOU POLÍTICO

Diante das perguntas dos vários repórteres presentes à entrevista, D. Adriano disse não ser político e não ter inimigos pessoais. "Não sei — acrescentou — se este sequestro tem algum paralelo com o meu trabalho episcopal. O grupo se declarou da Aliança Anticomunista Brasileira. Não tenho elementos para afirmar se eram

ou não. As investigações podem concluir de modo diferente. Só sei que foi uma ação organizada e que os meus sequestradores conheciam os meus hábitos".

NÃO ERAM DE NOVA IGUAÇU

— Tenho a impressão — acentuou D. Adriano — que os elementos eram agentes de um plano e que, apesar de conhecerem os meus hábitos, não eram pessoas aqui de Nova Iguaçu, pois se fossem teriam tentado resolver o caso por aqui mesmo, pois existem muitos lugares desertos em Morro Agudo, Belford Roxo ou Tinguá, por exemplo. Percorro sempre as mesmas ruas e a meu ver havia um cronograma de meus passos.

— Não sou comunista! Faço apenas a defesa dos pobres e marginalizados. O resto é questão de interpretação — disse D. Adriano.

FALA D. IVO

Depois da entrevista de D. Adriano, D. Ivo Lorscheiter (Secretário Geral da CNBB) disse que o bispo de Nova Iguaçu é um homem reto, que segue a linha da Igreja. "Há pessoas que confundem isso com subversão da ordem. Nós não queremos subverter a ordem. Deveriam entender a ação da Igreja, o que infelizmente não vem acontecendo. E este sequestro é a prova disso".

D. Afonso Lopez Trujillo também falou, manifestando-se contra os extremismos de esquerda e de direita.

Amanhã (domingo) D. Adriano celebrará missa na Catedral de Santo Antonio de Jacutinga, às 16 horas. Sua presença nas celebrações das festas em louvor a Nossa Senhora de Fátima também já foi confirmada.

09,10 / 10 / 1976

CORREIO DA LAVOURA

FUNDADO A 22 DE MARÇO DE 1917

DUARCA (RJ), sábado, 9 e domingo, 10 de outubro de 1976 — N. 3.108

PREÇO DESTA

EXEMPLAR

CR\$ 2,00

Homenagens a D. Adriano Hypólito destacam sua condição de autêntico líder de nossa comunidade

A primeira missa celebrada por D. Adriano Mandarino Hypólito após o sequestro de que foi vítima a 22 de setembro



A oração de D. Adriano foi breve mas vibrante, adequada a um momento de grande concentração pública.

último, constituiu-se numa demonstração de solidariedade ao nosso bispo diocesano realmente impressionante, que a todos comoveu pela espontaneidade da manifestação pública de domingo (dia 3), na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga. A partir das 15,30 horas grande massa de fiéis já se encontrava no interior do templo, que se tornou pequeno para abrigar todas as pessoas, católicas e não católicas, interessadas em prestar, de corpo presente, sua homenagem a D. Adriano.

O ATO RELIGIOSO

Ante de iniciar-se o ato religioso propriamente dito, foram lidas várias mensagens de solidariedade, sobretudo de prelados, vindas de todos os recantos do Brasil e também do exterior. Cerca de sessenta bispos lá compareceram e todos se pronunciaram com palavras de apreço a D. Adriano, ora ressaltando suas qualidades indiscutíveis de grande pastor da Igreja Católica, ora para relembrar o seu comportamento ativo e corajoso diante das agressões de que foi vítima durante o sequestro. No capítulo da "Oração dos fiéis", participou até mesmo o Sr. João Batista Barreto Lubanco, Prefeito de Nova Iguaçu.

O CARINHO DO PÚBLICO

Fiéis de toda a área de nossa Diocese, presentes à missa, vibraram em calorosos aplausos logo após os pronunciamentos dos bispos que tomaram parte no ato, quando indicada a figura de D. Adriano, que até aquele instante mantivera-se sentado, ao fundo do altar, atento às manifestações e visivelmente emocionado. E ao dirigir-se ao imenso público que lotava a Catedral, D. Adriano mais uma vez, em breve mas vibrante oração, revelou a todos sua determinação de permanecer na luta a favor das classes menos favorecidas e que vivem marginalizadas nesta sofrida região da Baixada Fluminense, apesar das constantes ameaças daqueles que pretendem abafar, pela violência, a voz dos que, como ele, enfrentam com fé e coragem a secular batalha pela construção, entre nós, de um reino de paz, justiça e liberdade.

A EXALTAÇÃO DE UMA LIDERANÇA AUTÊNTICA

As últimas manifestações prestadas ao bispo diocesano reforçam, mais uma vez, a nossa convicção de que D. Adriano é, no momento — pela sua ativa e humilde participação em todos os problemas do Município, pelas recentes e amargas experiências sofridas no caso do sequestro e ainda pelo esforço, único em nosso meio, de empreender um trabalho de crítica social através do jornalzinho *A Folha* —, um autêntico líder de nossa comunidade, indiscutivelmente o mais importante e de maior projeção, pelos valores já revelados e que nele realçam a probidade moral e intelectual de sua forte personalidade.

Alves de Brito defende D. Adriano

União da Barra, 25/26-06-77

O Deputado Alves de Brito pronunciou na última quarta-feira, dia 22, um pequeno discurso em que ressaltou as qualidades humanas de D. Adriano Hypólito, Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, e principalmente, a sua atividade como batalhador pelos direitos inalienáveis da pessoa humana.

Em seu discurso, o Deputado Estadual ressaltou a atuação da Igreja como instituição que se tem mostrado intrínseca defensora dos direitos humanos, por sua capacidade humanística de defender os direitos de todo e qualquer cidadão, no momento em que são violados.

Em sua fala, o parlamentar fluminense fez alusão às perseguições de que D. Adriano Hypólito tem sido vítima, lembrando o sequestro e as sevícias que sofreu. Lembrou ainda o episódio recente da falsificação d' "A Folha", órgão da Cúria Diocesana; lamentou que até o momento nenhuma providência tenha sido tomada no sentido de localizar os elementos que vêm difamando a Igreja, tentando incompatibilizar o Bispo de Nova Iguaçu com a população. Segundo o Deputado, as ações contra D. Adriano Hypólito se inserem numa estratégia geral com o interesse de incompatibilizar a Igreja com a Nação brasileira.

O Deputado Alves de Brito fez igualmente referências à proibição de uma palestra programada no Centro de Formação de Líderes da Diocese de Nova Iguaçu sobre direitos humanos, onde o Bispo D. Adriano Hypólito pretendia — segundo as palavras do Deputado — apenas levar uma mensagem de fé, amor e esperança à população defendendo os princípios humanísticos e democráticos.

Finalizando, o parlamentar emedebista hipotecou integral solidariedade ao Bispo de Nova Iguaçu, associando-se à luta por ele travada e congratulando-se com sua eleição para delegado membro do Congresso Ecumênico que será realizado em Roma, em outubro próximo.

O SEQUESTRO DE D. ADRIANO

Diocese de N. Iguacu vai apurar denúncia que envolve Cel. Zamith

Uma reunião geral na próxima terça-feira, da qual devem participar, pela primeira vez nesse ano, todos os 11 membros da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, além do advogado e Deputado Francisco Amaral, deve decidir sobre as medidas a serem adotadas pela Diocese de Nova Iguaçu na apuração das denúncias apresentadas esta semana pelo semanário "Mo-

vimento" contra o tenente-coronel José Ribamar Zamith, apontado pelo jornal como articulador e executor do sequestro do Bispo D. Adriano Hipólito, em setembro de ... 1976. Para o advogado Paulo Amaral, "o momento é muito sério e as provas apresentadas pelo "Movimento" são por demais contundentes para deixarmos de ir até ao fundo dessa questão". Estranhando a falta de repercussão da denúncia nos órgãos da chamada "grande imprensa", Amaral adiantou que a Comissão de Justiça e Paz vai estudar a possibilidade de contratar o advogado Tício Lins e Silva, famoso por sua atuação em processos políticos, para representar a Diocese na Justiça. Também está nos planos da CDJP formar uma "frente parlamentar de ação" para garantir a ampliação da denúncia a todos os setores da sociedade.

RECOLHIDO NAS BANCAS

Os membros da Comissão de Justiça e Paz vêm evitando fazer declarações a respeito das denúncias apresentadas pelo "Movimento", na expectativa da reunião de terça-feira, quando o Bispo D. Adriano Hipólito também deverá apresentar o resultado de contactos por ele mantido com diversos setores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). De momento, apenas o advogado Paulo Amaral, porta-voz da Comissão, tem feito alguns comentários, adiantando que "a denúncia do jornal vem trazer concretude a algumas suspeitas que se tinha e nos fornece material suficiente para sacudir esse assunto, que ninguém demonstrou interesse em esclarecer oficialmente, tendo chegado a ser dado como encerrado "por falta de provas".

Nas bancas de Nova Iguaçu, já na terça-feira os exemplares do "Movimento" estavam desaparecidos. Alguns

jornaleiros informaram que "um cara veio aqui e comprou todos os números que havia". Os jornaleiros garantiram que "não houve um recolhimento policial, o cara simplesmente chegou e comprou tudo, não sei com que intenções". Esse fato, segundo membros da Comissão de Justiça e Paz, reflete a preocupação de elementos que ainda hoje atuam em Nova Iguaçu de "acobertar a ação desses extremistas de direita. A gente deve lembrar que essas denúncias contra Zamith, que atuou abertamente durante o tempo em que o Ruy de Queiroz era interventor federal, essas denúncias aparecem poucos dias depois do Bispo sofrer novas ameaças, com uma série de pichações pela cidade. O caso é grave e a gente precisa pensar muito bem o que vai fazer".

(Na página 5 desta edição, o CORREIO DA LAVOURA reproduz os principais trechos da reportagem-denúncia divulgada por "Movimento").



PAULO AMARAL

DE 15 A 21 DEZEMBRO DE 1979

FOLHA DE NOTÍCIAS

BASTIDORES POLÍTICOS**Antônio
Bandeira****ASSUNTO SÉRIO E DELICADO**

O Seminário "Movimento" publicou em sua edição de 3 a 9/12/79 uma importante reportagem, onde aponta o possível responsável pelo sequestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, ocorrido há três anos e três meses passados e que teve grande repercussão no mundo inteiro.

Segundo aquele seminário, o maior atentado praticado contra a Igreja Católica no País, teve como responsável principal o Coronel José Ribamar Zamith, oficial do Exército, que durante todos os longos anos de repressão ditatorial, foi o homem forte aqui na Baixada Fluminense.

A Comissão de Justiça e Paz estuda a possibilidade de contratar os serviços do advogado Tício Lins e Silva para representar a Diocese na Justiça.

Por incrível que pareça, um assunto de tanta importância não despertou na população nem mesmo nos parocos iguaçuanos uma atitude de solidariedade à D. Adriano, na dimensão do que era esperado e natural.

No final disto tudo, é capaz do sistema provar que o bispo é que sequestrou Zamith, já que a impunibilidade, é o único castigo praticado pelos governos ditos revolucionários contra os algozes do povo.

**D. ADRIANO VAMOS
ACERTAR OS
PONTEIROS!**

Há vários meses que cada mostrador do relógio da igreja de Santo Antonio de Jacutinga, está marcando uma hora diferente. Sei que não cabe ao bispo subir à torre da igreja para regular a "hora nossa de todo o dia", mas já que os seus assessores, pensam que aquele relógio foi feito somente para enfeitar a torre da igreja, seria bom que o bispo, diretamente tomasse uma atitude que o caso exige.

Carmary, 9.4.1978

Caríssimo Irmão Dom Adriano,

Nós, do Conselho Paroquial da Paróquia Nossa Senhora das Graças do Parque Flora, reunidos em sessão, na comunidade de Carmary, viemos através desta demonstrar nossa solidariedade pelas ameaças referentes ao senhor.

Nós sabemos que nos tempos atuais, nossa Igreja, estamos sendo perseguidos, da mesma forma em que os cristãos dos primeiros tempos foram perseguidos.

Nestes dias da Páscoa esperamos que haja uma nova ressurreição entre nós.

Sendo que o senhor mora em um dos bairros da nossa paróquia, e portanto é vizinho de todos nós, abrimos nossas portas das nossas casas à sua disposição.

Estamos unidos em oração pela sua paz e a nossa paz, mantendo nossa esperança na primeira leitura da Missa de hoje Atos 4,14-28. Essa mesma ressurreição haja para nós.

Maria José Toledo de Oliveira
Petúlio Gomes dos Santos

Paulo Carvalho
Ernesto Gomes de Faria
Júlio de Faria

Levi Nunes de Oliveira
José Epitácio da Silva

José Dias

José Pereira de Souza

Luís Lopes Faria

Luís Antônio de Assunção
Antonio Ferreira da Silva

Francisco de Sales da Silva

Valério J. de

Tr. Verônica de
Guilherme Santana

3/08/78

Carta aberta aos caloteiros

"Continuam lançando mão do texto alheio sem a menor contemplação", denuncia a **Movimento** o conhecido escritor João Antonio. E o calote não é só nacional: a embaixada do Brasil na Argentina lançou em convênio com a Editora Sudamerica uma coletânea de contos brasileiros cujos direitos autorais até hoje não chegaram aos bolsos de quem de direito, isto é, o autor. João Antonio diz a **Movimento** que começa a se sentir um autor "delirante" pois, até agora não teve nem uma prova material da existência do referido livro - o que seria a mínima delicadeza de se esperar da editora pirata.

Salomão, rei sábio e mulherengo, diria que tudo que este sol cobre é aflição do espírito e impunidade. Faz pouco, a onda do momento era a aflição do futebol e fiquei sabendo, entre os fragores, que um gráfico de vinte anos de carreira perdeu uma das mãos, distraído, a ouvir durante o trabalho a irradiação do jogo do Brasil. Depois dos jogos, as depredações a restaurantes, bares e botequins deram para virar praxe neste Rio de Janeiro.

Enquanto isso, nossa seleção pererecava. Haviam transformado o futebol num espetáculo asséptico, pasteurizado, limpinho e absolutamente de nada. Os arroubos individuais foram pra cucuia, a improvisação acabou e não se sassaricava mais. Garrincha, Jairzinho, Almir, Pelé não teriam vez na seleção poli-

valente, biônica e correta. Agora, nas modernidades, a coisa é na base do pluripartido.

Na faixa da literatura, o jogo prossegue duro, difícil, desigual.

Além da ocupação maciça do livro estrangeiro mal traduzido nas livrarias, o autor nacional continua um colecionador. De calotes, principalmente. Os tempos idos, nunca esquecidos daquela marcha carnavalesca que dizia que o cordão dos puxa-sacos cada vez aumenta mais, poderão ser substituídos pelo cordão dos caloteiros. Oficiais e não.

Aqui na terra, continuam lançando mão do texto alheio sem a menor contemplação. Ou dignidade. Até hoje, dez anos após o lançamento, não recebi um centavo sequer pela inclusão do meu conto "Afinação da Arte de Chutar Tampinhas" na antologia "Literatura Brasileira em Curso", de Bloch Editores. O livro, no entanto, vai bem. Está em sétima edição. Mas recebi, dia desses, novidades equivalentes. A Rio Gráfica e Editora lançou mão de um trecho meu de "Malagueta, Perus e Bacanaço", e o incluiu numa dessas antologias vendidas em bancas de jornais e que se destinam ao uso nos cursos supletivos. Claro que não me foi solicitada licença ou autorização e, obviamente, minha editora, a Civilização Brasileira, também não ficou sabendo de nada.

Em que País estamos? A situação me lembra umas palavras ouvidas, certa vez, no Norte do Paraná, da boca de um colonizador feroz e determinado: mulher e terra é de quem está em cima delas. No território das letras nacionais texto pa-

rece não ter dono. E de quem pega primeiro.

Rapinantes há e irresponsáveis também, em quantidade. A revista "Cultura", editada pelo MEC, em Brasília, cuja direção é do senhor Mozart Baptista Benquerer (não, não se trata de nenhum dos personagens do meu querido Afonso Henriques de Lima Barreto em "Bruzundangas"), me encomendou em setembro passado, um texto especial sobre a cidade do Rio de Janeiro. Iria a revista homenagear a cidade outrora dirá maravilhosa.

Fiz o texto, umas treze laudas de trinta linhas. Tudo as pressas, pois, me foi pedida urgência. No entanto, até hoje, não recebi a menor resposta. Nem me publicaram e nem me pagaram a matéria. Vários telefonemas meus ao MEC recebem, em uníssono, a justificativa: "calma, governo é assim mesmo, governo é assim mesmo". Não é uma graça?

E, como não tenho nenhuma prova por escrito da matéria, é muito provável que um dia me mandem reclamar com Estácio de Sá ou com o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, que terminou seqüestrado e abandonado nu, no mato, em agosto de 1976, por se atrever a denunciar as mazelas da Baixada Fluminense.

Quanto aos meus direitos na filmagem de "Malagueta, Perus e Bacanaço" o calote prossegue. Até o nome da obra mudaram, à minha revelia. Agora virou "O Jogo da Vida", título naturalmente bastante mais brilhante que o meu. Ah, o talento perpendicular de certos cineastas brasileiros! E a acuidade popular, que solerte!

03 a 09/12/79

O SEQUESTRADOR DO BISPO DE NOVA IGUAÇU

Abril Press



Abril Press



Em frente à CNBB,
os destroços do carro
de D. Hypólito,
destruído por uma
bomba. E o bispo
seqüestrado e
perseguido pela
extrema direita,
por causa de seu

O SEQUESTRADOR DO BISPO DE NOVA IGUAÇU



Em frente à CNBB,
os destroços do carro
de D. Hypólito,
destruído por uma
bomba. E o bispo
seqüestrado e
perseguido pela
extrema direita,
por causa de seu
trabalho pastoral

O ACUSADO

Três anos
depois do
atentado,
Movimento
revela quem
sequestrou
o bispo de
Nova Iguaçu,
D. Adriano
Hipólito

Páginas 12, 13 e 14

M
POLIS



03 a 09/12/79

REVELAÇÃO

Há três meses completou o seu terceiro aniversário o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Mandarino Hypólito — o maior atentado já praticado contra a Igreja Católica no país desde que dom Pero Fernandes Sardinha (o primeiro bispo do Brasil) foi devorado pelos índios caetés, como disse na ocasião o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, cardeal Avelar Brandão Vilela. Como se recorda, no dia 22 de setembro de 1976, o bispo de Nova Iguaçu foi seqüestrado por um grupo de terroristas que se diziam membros da "Aliança Anticomunista Brasileira". Depois de encapuzado e algemado, dom Hypólito foi despido, espancado e servido pelos seqüestradores, que ainda o pintaram de vermelho antes de o abandonarem, nu e amarrado, em uma rua deserta de um subúrbio carioca. Algumas horas depois, o seu carro, deixado por dois dos seqüestradores em frente à sede da CNBB, no Rio, era praticamente destruído por uma bomba.

Apesar de já ter se passado todo esse tempo e da enorme repercussão que o caso alcançou, os autores do atentado continuam impunes. Mas isto não quer dizer que as autoridades não conseguiram elucidar o caso e desvendar a identidade dos criminosos. Além da Secretaria da Segurança do Estado do Rio, pelo menos o DOPS, o Cenimar (serviço secreto da Marinha) e o Exército fizeram suas investigações. E destes, pelo menos o Exército chegou a seguras conclusões. Os motivos pelos quais o Exército deixou de revelar os resultados de seu inquérito são desconhecidos mas, certamente, têm a ver com as razões pelas quais, por exemplo, o Exército não reconhece a existência da guerrilha do Araguaia e insiste em manter impunes os militares que praticaram torturas contra prisioneiros políticos durante estes anos negros de repressão policial-militar às atividades políticas contrárias ao regime.

Contudo, da mesma forma como começa a surgir a verdade sobre tantos episódios que vinham sendo apresentados de forma falsa ou mesmo sonegados ao conhecimento da população, também começa a vir à tona a história do seqüestro do bispo de Nova Iguaçu.

No ano passado, durante a cobertura dos fatos relacionados com a disputa presidencial, um repórter de Movimento recebeu de um ex-membro do gabinete do ex-ministro do Exército Sylvio Frota, uma inesperada informação sobre o seqüestro de dom Hypólito. Nos últimos meses, uma pequena equipe de Movimento trabalhou a fundo nas investigações sobre o atentado ouvindo

Reynaldo pede a cassação de Zamith

A se acreditar na versão de fontes militares que serviram no gabinete do ex-ministro do Exército, Sylvio Frota, o seqüestro de dom Adriano Hypólito foi praticado por um grupo de militares e o autor intelectual da operação, o seu chefe, foi o tenente-coronel José Ribamar Zamith. Esta teria sido a conclusão a que chegou a investigação então realizada por ordem do comandante do I Exército, general Reynaldo Melo de Almeida, hoje ministro do Superior Tribunal Militar. Segundo revelou a Movimento um oficial que auxiliava diretamente o general Sylvio Frota, o general Reynaldo compareceu pessoalmente ao ministério do Exército para apresentar a Frota as conclusões do in-

quérito. Após ter apontado o coronel Zamith como o chefe do seqüestro, Reynaldo sugeriu a Frota que pedisse ao presidente Geisel a sua cassação. "Isto terá um reflexo muito favorável ao governo", argumentou. Desconfiado das intenções do comandante do I Exército, pois, afinal, constava que o coronel Zamith integrava o grupo de militares que apoiavam a sua (de Reynaldo) candidatura à sucessão de Geisel, Frota ainda perguntou: "você tem certeza de que foi o Zamith?" Diante da resposta afirmativa, pediu-lhe: "Então, mande-me isto amanhã por escrito".

O general Reynaldo, ainda segundo essa mesma fonte, não mandou a denúncia por escrito. Na verdade, nunca mais voltou a falar no assunto com o general Sylvio Frota. Ironicamente, os dois acabaram aliados da sucessão presidencial de forma violenta. Sylvio Frota, através de sua exoneração do cargo de ministro do Exército com a consequente transferência para a reserva. Reynaldo, por meio de uma chantagem na qual foi usada uma gravação que o comprometia, de uma conversa telefônica sua com uma jovem (*).

O seqüestro de dom Hypólito teve alguns importantes antecedentes que eliminam quaisquer dúvidas sobre o envolvimento de militares no episódio. Eles começam alguns dias antes de 7 de setembro, com o convite ao bispo para participar das solenidades oficiais do dia da independência em Nova Iguaçu, como representante da Igreja na região. O convite foi feito por alguns empresários da região, entre os quais o empresário Alternir Alarcón (do setor de construção) e Marques Rolo (de transportes urbanos), em nome do coronel Moraes, comandante do Regimento Sampaio, da Vila Militar. Dom Hypólito recusou o convite, alegando que, por uma questão de temperamento, preferia não participar destas festas grandiosas, mas ficar junto aos pobres

Após os festejos do dia da independência, no dia 10, o próprio coronel Moraes esteve em Nova Iguaçu e conversou com dom Hypólito sobre a sua ausência na parada. O coronel também falou-lhe sobre a "Folha", periódico editado pela sua diocese, dizendo que ele estaria veiculando matérias inconvenientes politicamente e impróprias de um órgão católico. Dom Adriano respondeu-lhe que a Igreja de Cristo tem de ficar ao lado daqueles que não têm poder e nem voz e acrescentou que se responsabilizava por tudo que o periódico publicava. O coronel Moraes retrucou dizendo que dom Hypólito precisava tomar cuidado, numa advertência que tanto podia significar preocupação pela sua segurança como uma velada ameaça.

O coronel Moraes era o responsável militar pela Baixada Fluminense, posto que evidentemente extrapola as suas funções militares mas que já é praticamente consagrado na região. O responsável direto era um tal de major Carneiro, uma espécie de "pombo-correio" entre a Baixada e a Vila Militar, que cumpre hoje o mesmo papel desempenhado até 1968 pelo então capitão José Ribamar Zamith. Durante sua conversa com dom Hypólito, o coronel Moraes não se conteve diante da descrição da situação social da Baixada feita pelo bispo e interveio: "O senhor não acha que no tempo do Médiçi era melhor?"

A Globo e um cineasta entram na confusão

Menos de duas semanas depois desse encontro acontecia o seqüestro. Exatamente no dia 22, o cineasta Joaquim

Pedro de Andrade estava em Nova Iguaçu para entrevistar dom Hypólito sobre a realidade fluminense para um especial que estava realizando para a TV Globo, cujo tema era "a ordenação de um padre católico a partir de sua formação como seminarista marista. Como parte deste roteiro, cabia aos próprios seminaristas entrevistarem bispos, padres e leigos. O cineasta e a equipe da TV Globo estiveram filmando com dom Hypólito em vários lugares, incluindo a estação de trem, por onde passam milhares de pessoas todos os dias. Naquele mesmo dia à noite, pouco depois das 19 horas, dom Hypólito era seqüestrado quando voltava de carro para casa, juntamente com um sobrinho e sua noiva, depois de ter trabalhado em seu gabinete na Cúria Diocesana. Quase ao mesmo tempo, uma kombi da TV Globo era arrombada e roubado o material que estava

REVELAÇÃO

Há três meses completou o seu terceiro aniversário o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Mandarino Hypólito — o maior atentado já praticado contra a Igreja Católica no país desde que dom Pero Fernandes Sardinha (o primeiro bispo do Brasil) foi devorado pelos índios caetés, como disse na ocasião o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, cardeal Avelar Brandão Vilela. Como se recorda, no dia 22 de setembro de 1976, o bispo de Nova Iguaçu foi seqüestrado por um grupo de terroristas que se diziam membros da "Aliança Anticomunista Brasileira". Depois de encapuzado e algemado, dom Hypólito foi despido, espancado e servido pelos seqüestradores, que ainda o pintaram de vermelho antes de o abandonarem, nu e amarrado, em uma rua deserta de um subúrbio carioca. Algumas horas depois, o seu carro, deixado por dois dos seqüestradores em frente à sede da CNBB, no Rio, era praticamente destruído por uma bomba.

Apesar de já ter se passado todo esse tempo e da enorme repercussão que o caso alcançou, os autores do atentado continuam incógnitos. Mas isto não quer dizer que as autoridades não conseguiram elucidar o caso e desvendar a identidade dos criminosos. Além da Secretaria da Segurança do Estado do Rio, pelo menos o DOPS, o Cenimar (serviço secreto da Marinha) e o Exército fizeram suas investigações. E destes, pelo menos o Exército chegou a seguras conclusões. Os motivos pelos quais o Exército deixou de revelar os resultados de seu inquérito são desconhecidos mas, certamente, têm a ver com as razões pelas quais, por exemplo, o Exército não reconhece a existência da guerrilha do Araguaia e insiste em manter impunes os militares que praticaram torturas contra prisioneiros políticos durante estes anos negros de repressão policial-militar às atividades políticas contrárias ao regime.

Contudo, da mesma forma como começa a surgir a verdade sobre tantos episódios que vinham sendo apresentados de forma falsa ou mesmo sonegados ao conhecimento da população, também começa a vir à tona a história do seqüestro do bispo de Nova Iguaçu.

No ano passado, durante a cobertura dos fatos relacionados com a disputa presidencial, um repórter de Movimento recebeu de um ex-membro do gabinete do ex-ministro do Exército Sylvio Frota, uma inesperada informação sobre o seqüestro de dom Hypólito. Nos últimos meses, uma pequena equipe de Movimento trabalhou a fundo nas investigações sobre o atentado, ouvindo militares, o próprio bispo e várias outras pessoas envolvidas no episódio ou com informações sobre ele. Eis o resultado de nosso trabalho:

Reynaldo pede a cassação de Zamith

A se acreditar na versão de fontes militares que serviram no gabinete do ex-ministro do Exército, Sylvio Frota, o seqüestro de dom Adriano Hypólito foi praticado por um grupo de militares e o autor intelectual da operação, o seu chefe, foi o tenente-coronel José Ribamar Zamith. Esta teria sido a conclusão a que chegou a investigação então realizada por ordem do comandante do I Exército, general Reynaldo Melo de Almeida, hoje ministro do Superior Tribunal Militar. Segundo revelou a Movimento um oficial que auxiliava diretamente o general Sylvio Frota, o general Reynaldo compareceu pessoalmente ao ministério do Exército para apresentar a Frota as conclusões do in-

quérito. Após ter apontado o coronel Zamith como o chefe do seqüestro, Reynaldo sugeriu a Frota que pedisse ao presidente Geisel a sua cassação. "Isto terá um reflexo muito favorável ao governo", argumentou. Desconfiado das intenções do comandante do I Exército, pois, afinal, constava que o coronel Zamith integrava o grupo de militares que apoiavam a sua (de Reynaldo) candidatura à sucessão de Geisel, Frota ainda perguntou: "você tem certeza de que foi o Zamith?" Diante da resposta afirmativa, pediu-lhe: "Então, mande-me isto amanhã por escrito".

O general Reynaldo, ainda segundo essa mesma fonte, não mandou a denúncia por escrito. Na verdade, nunca mais voltou a falar no assunto com o general Sylvio Frota. Ironicamente, os dois acabaram aliados da sucessão presidencial de forma violenta. Sylvio Frota, através de sua exoneração do cargo de ministro do Exército com a consequente transferência para a reserva. Reynaldo, por meio de uma chantagem na qual foi usada uma gravação que o comprometia, de uma conversa telefônica sua com uma jovem (*).

O seqüestro de dom Hypólito teve alguns importantes antecedentes que eliminam quaisquer dúvidas sobre o envolvimento de militares no episódio. Eles começam alguns dias antes de 7 de setembro, com o convite ao bispo para participar das solenidades oficiais do dia da independência em Nova Iguaçu, como representante da Igreja na região. O convite foi feito por alguns empresários da região, entre os quais o empresário Alternir Alarcón (do setor de construção) e Marques Rolo (de transportes urbanos), em nome do coronel Moraes, comandante do Regimento Sampaio, da Vila Militar. Dom Hypólito recusou o convite, alegando que, por uma questão de temperamento, preferia não participar destas festas grandiosas, mas ficar junto aos pobres de sua paróquia.

Após os festejos do dia da independência, no dia 10, o próprio coronel Moraes esteve em Nova Iguaçu e conversou com dom Hypólito sobre a sua ausência na parada. O coronel também falou-lhe sobre a "Folha", periódico editado pela sua diocese, dizendo que ele estaria veiculando matérias inconvenientes politicamente e impróprias de um órgão católico. Dom Adriano respondeu-lhe que a Igreja de Cristo tem de ficar ao lado daqueles que não têm poder e nem voz e acrescentou que se responsabilizava por tudo que o periódico publicava. O coronel Moraes retrucou dizendo que dom Hypólito precisava tomar cuidado, numa advertência que tanto podia significar preocupação pela sua segurança como uma velada ameaça.

O coronel Moraes era o responsável militar pela Baixada Fluminense, posto que evidentemente extrapola as suas funções militares mas que já é praticamente consagrado na região. O responsável direto era um tal de major Carneiro, uma espécie de "pombo-correio" entre a Baixada e a Vila Militar, que cumpre hoje o mesmo papel desempenhado até 1968 pelo então capitão José Ribamar Zamith. Durante sua conversa com dom Hypólito, o coronel Moraes não se conteve diante da descrição da situação social da Baixada feita pelo bispo e interveio: "O senhor não acha que no tempo do Médiçi era melhor?"

A Globo e um cineasta entram na confusão

Menos de duas semanas depois desse encontro acontecia o seqüestro. Exatamente no dia 22, o cineasta Joaquim

Pedro de Andrade estava em Nova Iguaçu para entrevistar dom Hypólito sobre a realidade fluminense para um especial que estava realizando para a TV Globo, cujo tema era "a ordenação de um padre católico a partir de sua formação como seminarista marista. Como parte deste roteiro, cabia aos próprios seminaristas entrevistarem bispos, padres e leigos. O cineasta e a equipe da TV Globo estiveram filmando com dom Hypólito em vários lugares, incluindo a estação de trem, por onde passam milhares de pessoas todos os dias. Naquele mesmo dia à noite, pouco depois das 19 horas, dom Hypólito era seqüestrado quando voltava de carro para casa, juntamente com um sobrinho e sua noiva, depois de ter trabalhado em seu gabinete na Cúria Diocesana. Quase ao mesmo tempo, uma kombi da TV Globo era arrastada e roubado o material que estava

em seu interior. No local foram deixados folhetos que acusavam a Igreja, os comunistas e seus aliados, entre os quais era citado o proprietário do jornal *O Globo* e da Rede Globo de Televisão Roberto Marinho, a quem os folhetos acusavam de ser um protetor de comunistas e vendido ao capital estrangeiro. Os panfletos também criticavam o governo Geisel, acusando-o de fraco e corrupto. Porém, o material roubado da kombi não era o que estava sendo trabalhado pelo cineasta Joaquim Pedro. E horas mais tarde, na madrugada do dia 23, acontecia um outro atentado que também se relacionava com o caso: a explosão de uma bomba sobre a residência de Roberto Marinho, destruindo parte dos telhados e vidraças da casa e ferindo gravemente um dos empregados. Alguns dias depois, a TV Globo recebeu a visita de alguns militares do I Exército, que re-

quisitaram o material que já tinha sido filmado por Joaquim Pedro para fazer uma história. Depois disso o cineasta ainda rodou o resto do filme e concluiu o trabalho de edição, mas a TV Globo nunca jogou o filme no ar e tampouco lhe explicou a razão.

Na mesma noite do seqüestro, a moça que viajava com dom Hypólito e que desembarcou instantes antes dos terroristas assaltarem o carro do bispo, Maria del Pilar Iglesias, comunicou-se com os padres de Nova Iguaçu e estes com dom Eugênio Salles, arcebispo do Rio de Janeiro. Dom Eugênio, por sua vez, avisou o comandante do I Exército, general Reynaldo Melo de Almeida. Soube-se algum tempo depois que as guarnições militares do Rio entraram em regime de serniprontidão na mesma noite.

As investigações feitas pelo Exército tiveram caráter secreto e foram rea-

lizadas por dois oficiais que o general Reynaldo requisitou de Brasília. De acordo com dom Hypólito, estes oficiais realmente entendiam do assunto. Na reconstituição do seqüestro, descobriu-se que o carro em que estava dom Hypólito com seu sobrinho passou várias vezes dentro da Vila Militar. Essa descoberta só foi possível porque o rapaz não foi encapuzado, como ocorreu com dom Hypólito. Soube-se ainda que o carro também passou pela Escola de Formação de Oficiais da PM e pelo Campo dos Afonsos, uma base da Aeronáutica que fica perto da Vila Militar.

Durante as investigações, o general Reynaldo chegou a revelar a dom Eugênio Salles que o seqüestro fora preparado por um grupo de extrema direita existente dentro do Exército e mais tarde afirmou já ter elementos bastante concretos para identificá-los.

MOVIMENTO - 3 a 9/12/79



O general Reynaldo de Mello Almeida (à esquerda) quis "entregar" o tenente-coronel Zamith. E o general Sylvio Frota hoje não desmente seu diálogo com Reynaldo



Essas informações "vazaram" com a matéria publicada pela revista *Veja* de 15 de dezembro daquele ano, quando foram divulgados inclusive os retratos falados dos que executaram a ação. Mas as promessas do general Reynaldo acabaram não sendo cumpridas, o que descontentou profundamente dom Eugênio Salles, que até hoje não teve mais informações sobre o resultado das investigações. Um membro da alta hierarquia da Igreja Católica ouvido por Movimento está convencido de que o seqüestro foi executado por militares ligados ao ex-presidente Médici. Mas esta opinião eles manifestam apenas reservadamente.

As investigações são interrompidas

Um general de três estrelas, hoje na reserva, revela que, na época do seqüestro, correu a informação entre os militares de que ele teria sido praticado sob o comando do brigadeiro Burnier, da extrema direita. Esse general duvida disso, argumentando que, na reserva, Burnier "não se atreveria a realizar uma operação dessa envergadura contra um bispo da Igreja Católica". Mas afirma peremptoriamente: "Aquilo foi ação de uma organização. O bispo foi seqüestrado por um grupo militar, disso não tenho dúvida".

Teria havido algum arranjo entre o grupo de militares que preparou e executou o seqüestro de dom Hypólito e o governo Geisel? Esta foi uma hipótese insistentemente ouvida por Movimento. O fato é que em 31 de março de 1977, Geisel comemorou os 13 anos de "Revolução" na Vila Militar, exatamente no Regimento Sampaio, ao lado do seu comandante, coronel Moraes. Segundo interpretaram algumas pessoas ouvidas por Movimento, este gesto pode ter sido um aviso aos navegantes, de que já estava tudo acertado entre o governo e esta dissidência de extrema-direita.

Durante as investigações sobre o caso, Movimento tentou confirmar com o próprio general Sylvio Frota o diálogo que ele teria mantido com o general Reynaldo, no qual este lhe teria revelado os resultados do inquérito realizado pelo I Exército e denunciado

10 a 16/1979

SEQUESTRO

Igreja exige investigação

A identificação do tenente-coronel José Ribamar Zamith, como o autor do sequestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito, ocorrido há três anos, pela equipe de Movimento, provocou a reação imediata da Igreja que, agora, exige a reabertura do inquérito e o indiciamento imediato do autor do crime.

Assim que foi publicada a matéria o secretário geral da CNBB, D. Luciano Mendes de Almeida, afirmou que os bispos continuam "seguindo este caminho lento e difícil para a apuração dos responsáveis pela violência utilizada contra a Diocese de Nova Iguaçu e aguardam que a justiça seja aplicada".

Em São Paulo, a Comissão da Pastoral dos Direitos Humanos e dos Marginalizados da Arquidiocese de São Paulo divulgou nota oficial onde, após destacar o papel que Movimento e outros órgãos da imprensa democrática vêm cumprindo, afirma: "Face às evidências apontadas no caso do sequestro do bispo de Nova Iguaçu, cumpre às autoridades reabrir o inquérito e indiciar, imediatamente, o oficial do Exército como autor do crime, sob pena de mais uma vez ficar configurada a sua conivência".

A Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese também se manifestou, através de seu presidente José Carlos Dias. E já se colocou a serviço de D. Hypólito, para que todos os fatos sejam apurados.

MOVIMENTO — O jornal Movimento publicou na semana passada, uma ampla reportagem, apontando os nomes dos seqüestradores do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito. Pelas nossas informações o Exército também tinha estes dados há meses e no entanto os seqüestradores continuam impunes. O que acha dessa situação?

D. PAULO — Eu acompanhei muito de perto o problema porque D. Adriano, além de ser franciscano, como eu, foi educado no mesmo seminário. Segui

bem de perto o processo e tinha esperança que as coisas seriam elucidadas. Mas com o tempo percebi que, nunca, nenhuma coisa feita por órgãos oficiais ou por gente de direita foi elucidada. E quantas vezes nós pedimos! Desde as primeiras torturas que ocorreram, de 68 em diante. Mas nunca, nenhuma vez, fomos atendidos. Nem quando as pessoas apareciam machucadas, mortas por tortura. Acho que era hora de toda a sociedade se mexer para estes fatos aparecerem como são, ou poderão se repetir. Haviam ocorrido no tempo de Getúlio e se repetiram agora, de uma forma extremamente brutal e continuada. Eu sou testemunha disto.

30/06 a 06/07/80

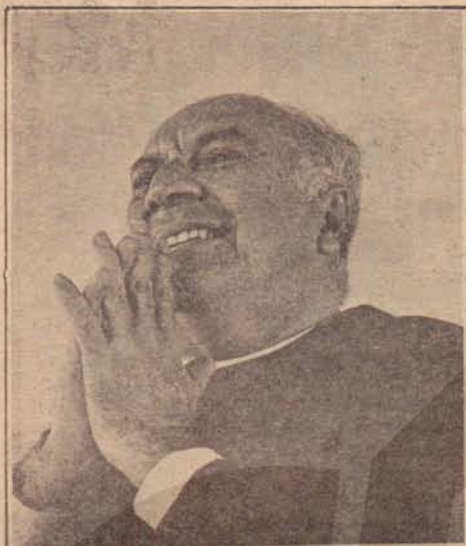


O Papa
no
Brasil

“Esperamos que as
tramas dos falsos
profetas e
realizadores dos
ilusórios milagres
econômicos
não o enganarão”

Veja esta Igreja

perseguida



D. Adriano, seqüestrado

Amicucci Gallo/AbraPress



D. Pedro, ameaçado

Maurício Simonetti/Agência F-4



D. Helder, perseguido

Sueli Tomazini

O papa é convidado oficial do regime que desde 64 vem perseguindo seus fiéis

Roldão Oliveira

Cuidado, Senhor Papa, pois vai cumprimentar muito lobo no Brasil vestido com pele de cordeiro.

Esta recomendação pode ser o resumo simplificado de uma carta que chegou na semana passada a Roma, endereçada ao papa João Paulo II e assinada pelos coordenadores dos 51 setores de todas as regiões episcopais da arquidiocese de São Paulo.

Uma carta simples, onde os coordenadores confirmam sua fidelidade àquele que consideram “o continuador da missão de Jesus Libertador”, falam do trabalho nas comunidades eclesiais de base e, principalmente, manifestam preocupações e temores com a utilização política da visita papal, que começou esta semana e termina no próximo dia 11. Dizem eles:

“Pessoas e grupos interesseiros estão se intrometendo para tirar proveito dessa visita. Sob a pele de ovelhas, os lobos procurarão esconder suas injustiças e crimes... Temo receio de que, com suas manipulações eles levistem cortinas de fumaça, impedindo a visão clara da injustiça imposta à Nação. Receamos que os mestres da mentira armem um carnaval de ilusões, tentando impedir denúncia vigorosa e evangélica dum ordem sócio-político-econômica mas sacrate. Muitos dos que, com a tortura e a morte, emudeceram as vozes legítimas e representativas das oprimidas camadas populares, estão agora...”



O Papa
no
Brasil

“Esperamos que as
tramas dos falsos
profetas e
realizadores dos
ilusórios milagres
econômicos
não o enganarão”

Veja esta Igreja

perseguida



Anicuci Gallo / AbriPress

D. Adriano, seqüestrado



D. Pedro, ameaçado



Sueli Tomazini

D. Helder, perseguido

O papa é convidado oficial do regime que desde 64 vem perseguindo seus fiéis

Roldão Oliveira

Cuidado, Senhor Papa, pois vai cumprimentar muito lobo no Brasil vestido com pele de cordeiro.

Esta recomendação pode ser o resumo simplificado de uma carta que chegou na semana passada a Roma, endereçada ao papa João Paulo II e assinada pelos coordenadores dos 51 setores de todas as regiões episcopais da arquidiocese de São Paulo.

Uma carta simples, onde os coordenadores confirmam sua fidelidade àquele que consideram “o continuador da missão de Jesus Libertador”, falando do trabalho nas comunidades eclesiais de base e, principalmente, manifestam preocupações e temores com a utilização política da visita papal, que começou esta semana e termina no próximo dia 11. Dizem eles:

“Pessoas e grupos interesseiros estão se intrometendo para tirar proveito dessa visita. Sob a pele de ovelhas, os lobos procurarão esconder suas injustiças e crimes... Temos receio de que, com suas manipulações, eles levantem cortinas de fumaça, impedindo a visão clara da injustiça imposta à Nação. Receamos que os mestres da mentira armem um carnaval de ilusões, tentando impedir a denúncia vigorosa e evangélica duma ordem sócio-político-econômica massacrante. Muitos dos que, com a tortura e a morte, emudeceram as vozes legítimas e representativas dos operários, camponeses, índios, posseiros e marginalizados, querem agora falar em nome do povo desrespeitado e ofendido”.

No final do documento, para que não parem dúvidas sobre quem são os lobos disfarçados de cordeiros, os 51 religiosos de São Paulo, que constituem uma espécie de "senado" da arquidiocese, acrescentam: "Nós esperamos, Santo Padre, que as tramas dos falsos profetas e realizadores dos ilusórios milagres econômicos, pagos à custa do esmagamento dos salários do pobre e do arrocho salarial sofrido por ele durante anos, não o enganarão".

O recado é claro. E a preocupação dos que o deram é justíssima.

Desde quando foi eleito Papa, em outubro de 1978, o polonês Carol

Wojtyla, então com 58 anos, vem demonstrando qualidades de um verdadeiro astro, capaz de encantar as multidões com seu tipo atlético e sua voz ressonante. Por onde passa irradia autoridade e procura ser o centro da atenção pública mundial, como se convencesse de que através de uma liderança carismática, como a sua, a Igreja pudesse aumentar a sua força e a fé pudesse crescer no mundo.

Idéias conservadoras

Além do tipo simpático e da autoridade irradiante, o papa João Paulo II tem uma outra característica, talvez a mais importante de todas: não esconde suas idéias essencialmente conservadoras. E já teve oportunidade de demonstrar isso diversas vezes, nas viagens que fez aos Estados Unidos, Irlanda, Turquia, África, Polônia e outros países.

Estas características certamente foram levadas em conta pelo governo brasileiro quando decidiu, depois de anunciada a visita pelo Vaticano, convidar o Sumo Pontífice para vir ao país como hóspede oficial. O convite foi aceito e é por isto que todas as despesas desta viagem de 12 dias, através de 12 mil quilômetros, correrão por conta do governo, desde o avião que o transportará pelo país, aos palanques e altares.

O governo do general Figueiredo está dando o melhor que pode, sem dúvida. Por exemplo: para garantir a segurança do Papa nesta segunda-feira em Brasília — onde gastou-se mais de 10 milhões de cruzeiros nos preparativos — foram deslocados efetivos da Marinha que estavam no Rio de Janeiro. Na terça, no Rio, mais de 20 mil homens trabalharão no esquema de segurança. Frise-se, aliás, que a segurança ficará exclusivamente por conta dos órgãos oficiais do governo, ao contrário de outros países, onde os católicos também eram mobilizados para esta atividade. Na Irlanda 14 mil voluntários colaboraram; e na Polônia toda a tarefa de direção, organização e controle da multidão ficou por conta dos serviços

de segurança da própria Igreja.

Não é só o governo, porém, que está interessado em dar ares de superprodução à visita papal. Pelo menos três das maiores agências de publicidade do país (Salles Interamericana, MPM e Norton) foram mobilizadas para promover sua ida ao Rio, na terça e quarta-feira. Fatos que acontecerão "espontaneamente" — como o nome João de Deus — foram na verdade meticulosamente preparados pelas agências.

Grandes empresas nacionais e multinacionais trabalharam também nos preparativos, como a Coca-Cola, Esso, Petrobrás, Shell, Unibanco, Banco Nacional, Bradesco e outras.

A primeira vista tudo isto poderia até parecer contraditório. Afinal, há menos de dois meses o general Figueiredo, que conseguiu incluir no roteiro da visita uma entrevista particular de 30 minutos com o Papa, dizia irritado que o cardeal Paulo Evaristo Arns, de São Paulo, era o insuflador da greve dos metalúrgicos do ABC. Na mesma época, o senador Jarbas Passarinho, um dos mais antigos e categorizados porta-vozes do Planalto, dizia que as posições políticas assumidas pela Igreja constituíam o "problema político número um" do governo.

Dividendos políticos

No caso particular de São Paulo, o governador Salim Maluf, que está procurando tirar o máximo proveito político da visita, nem parece o mesmo que, no último dia 22, insuflou milícias particulares a espancar pacíficos manifestantes na região da Freguesia do O, entre os quais havia padres e seminaristas.

Ainda em São Paulo, o heliporto que os dirigentes do II Exército colocaram à disposição do Papa, no Ibirapuera, é o mesmo de onde partiram os helicópteros, em abril, para tentar amedrontar os metalúrgicos grevistas do ABC, que contavam com todo o apoio da Igreja. Por causa desse apoio o bispo de Santo André, D. Cláudio Hummes, foi ameaçado de

enquadramento na Lei de Segurança Nacional.

As duas atitudes do governo (atacar o clero mais progressista e fazer medidas para o Papa) não são contraditórias, mas partes de um mesmo lado da moeda, ou de uma mesma tática: a de isolamento dos progressistas, procurando sempre caracterizá-los como um setor minoritário e desvirtuador do Evangelho dentro da Igreja Católica. Figueiredo, posando ao lado do Papa, quer deixar claro que não é contra a Igreja, mas contra a Igreja que pretende livrar o povo das injustiças através do Evangelho.

Mas não é só. O regime militar também quer passar uma borracha no seu passado, dizer que tudo mudou com a abertura, que o país é outro. Isso é de grande importância, considerando o grande número de jornalistas de todo o mundo que para cá virão e considerando que este regime perseguiu ferozmente a Igreja desde os primeiros dias do golpe militar em abril de 1964.

Longa perseguição

Dois dias após o golpe, policiais armados com metralhadoras cercaram um seminário dos dominicanos em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde residiam poucos religiosos e um grupo numeroso de meninos e adolescentes seminaristas. Os policiais procuravam "subversivos" e obrigaram o diretor da escola a depor na Auditoria Militar.

Era o começo de uma perseguição que dura até os dias de hoje, com mártires que os padres progressistas não querem esquecer. Por isto irritaram-se visivelmente semanas atrás, quando foi anunciada a possibilidade de um encontro reservado entre o Papa e os oficiais do II Exército e seus familiares, no Ibirapuera. Afinal, vários padres seminaristas e leigos pertencentes às associações cristãs ou movimentos de base foram torturados em outras dependências do mesmo II Exército; e os responsáveis por isto

MOVIMENTO15 a 21.06.81**ZAMITH DENUNCIADO**

Mais uma ponta de véu que cobre o negro passado do hoje tenente-coronel do Exército José Ribamar Zamith (foto) sobre quem recaí a suspeita de ter comandado o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Hipólito — acaba de ser levantada pelo jornalista Álvaro Caldas, autor do livro "Tirando o Capuz" — lançado na semana passada pela editora Codecri. Em seu livro, Caldas relata as torturas que sofreu no quartel da Polícia do Exército no Rio de Janeiro, onde o então capitão, Zamith aparece como um dos principais torturadores. Zamith é descrito como um "obcecado pela eficiência que o uso continuado da força e da violência podem produzir". Álvaro Caldas, que à época foi preso com mais algumas dezenas de militantes do "Partido Comunista Brasileiro Revolucionário" diz que Zamith, ao contrário de outros torturadores, mantinha o sangue frio e a calma nas mais violentas seções de torturas.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRJ

O SÃO PAULO

07 a 13/12/79

Oficial do Exército sequestrou o bispo de Nova Iguaçu/RJ



Este homem da foto, D. Adriano Hipólito, foi sequestrado por um grupo de terroristas que se auto-intitulavam "Aliança Anticomunista Brasileira", e depois de encapuzado e algemado, foi despido, espancado e seviciado por seus sequestradores, que ainda o pintaram de vermelho antes de o abandonarem, nu e amarrado numa rua deserta no Rio de Janeiro. Isso foi no dia 22 de setembro de 1976. Três anos depois, o jornal Movimento desvendou o autor intelectual da manobra: o tenente-coronel José Ribamar Zamith, do I Exército. A Comissão Arquidiocesana dos Direitos Humanos e Marginalizados de São Paulo emitiu uma nota em que exige enérgicas e eficientes medidas para o caso. A CNBB e a Comissão Justiça e Paz de SP também se manifestaram. Página 9.

Descoberto o homem que sequestrou D. Adriano

Sem dúvida, foi o maior atentado já praticado contra a Igreja nos últimos anos. Ocorreu há três anos: o sequestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito. Agora o jornal **Movimento** revela o nome do autor intelectual da operação-sequestro, o tenente-coronel José Ribamar Zamith. Esta teria sido a conclusão a que chegou a investigação então realizada por ordem do comandante do I Exército, general Reynaldo de Melo Almeida, hoje ministro do Superior Tribunal Militar.

Um oficial que auxiliava diretamente o general Sylvio Frota, revelou ao **Movimento** que o general Reynaldo compareceu pessoalmente ao Ministério do Exército para apresentar a Frota as conclusões do inquérito. Após ter apontado o coronel Zamith como chefe do sequestro — como se recorda, o bispo de Nova Iguaçu foi encapuzado, e depois de encapuzado e algemado, foi despido, espancado e seviciado pelos sequestradores, que ainda o pintaram de vermelho antes de o abandonarem nu e amarrado —, o general Reynaldo sugeriu a Frota que pedisse a sua cassação. Fro-

A Igreja se manifesta

D. Luciano Mendes de Almeida, Secretário-Geral da CNBB, fez a seguinte declaração a respeito da revelação do autor do sequestro de D. Adriano Hypólito: "A CNBB continua seguindo este caminho lento e difícil para a apuração dos responsáveis pela violência utilizada contra a Diocese de Nova Iguaçu e aguarda que a justiça seja aplicada. Quanto às últimas declarações, não possui a CNBB canais próprios de informação, mas espera que sejam devidamente apuradas as responsabilidades diante das últimas revelações".

O presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, José Carlos Dias, afirmou: "Já mantive contatos de natureza pessoal com a Diocese de Nova Iguaçu no sentido de expressar todo apoio da CJP/SP, e que o apoio não se expresse somente na solidariedade, mas colocando todo nosso serviço à disposição de D. Adriano, a fim de que os fatos sejam apurados com todo o rigor. É indispensável que fixemos a responsabilidade e denunciemos episódios que marcam a perseguição à Igreja neste momento em que ela reassume um compromisso da catacumba, no processo de libertação do povo".

ta ainda perguntou: "Você tem certeza de que foi o Zamith?". Diante da resposta afirmativa, pediu-lhe: "Então, mande-me isto amanhã por escrito".

No entanto, o general Reynaldo não mandou a denúncia por escrito. E nunca mais voltou a falar com Sylvio Frota. Ironicamente tanto os generais Sylvio Frota como Reynaldo de Melo Almeida foram alijados da sucessão presidencial de forma violenta.

Passados mais de três anos, os autores do sequestro parecem certos

da impunidade, revelou ainda o semanário. Tão certos que os mesmos autores, seus amigos e companheiros, ousaram repetir novo ataque contra D. Adriano, no dia 9 passado, quando picharam as paredes da Igreja de Nova Iguaçu com frases obscenas e ofensivas ao bispo e ainda mataram, com quatro tiros, o cão-vigia da Casa Paroquial. O vice-presidente da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, Paulo Amaral, declarou que a arma usada contra o cachorro "é uma arma de caráter militar e fora do comércio".

Descoberto o homem que sequestrou D. Adriano

Sem dúvida, foi o maior atentado já praticado contra a Igreja nos últimos anos. Ocorreu há três anos: o sequestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito. Agora o jornal **Movimento** revela o nome do autor intelectual da operação-sequestro, o tenente-coronel José Ribamar Zamith. Esta teria sido a conclusão a que chegou a investigação então realizada por ordem do comandante do I Exército, general Reynaldo de Melo Almeida, hoje ministro do Superior Tribunal Militar.

Um oficial que auxiliava diretamente o general Sylvio Frota, revelou ao **Movimento** que o general Reynaldo compareceu pessoalmente ao Ministério do Exército para apresentar a Frota as conclusões do inquérito. Após ter apontado o coronel Zamith como chefe do sequestro — como se recorda, o bispo de Nova Iguaçu foi encapuzado, e depois de encapuzado e algemado, foi despido, espancado e sequestrado pelos sequestradores, que ainda o pintaram de vermelho antes de o abandonarem nu e amarrado —, o general Reynaldo sugeriu a Frota que pedisse a sua cassação. Fro-

A Igreja se manifesta

D. Luciano Mendes de Almeida, Secretário-Geral da CNBB, fez a seguinte declaração a respeito da revelação do autor do sequestro de D. Adriano Hypólito: "A CNBB continua seguindo este caminho lento e difícil para a apuração dos responsáveis pela violência utilizada contra a Diocese de Nova Iguaçu e aguarda que a justiça seja aplicada. Quanto às últimas declarações, não possui a CNBB canais próprios de informação, mas espera que sejam devidamente apuradas as responsabilidades diante das últimas revelações".

O presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, José Carlos Dias, afirmou: "Já mantive contatos de natureza pessoal com a Diocese de Nova Iguaçu no sentido de expressar todo apoio da CJP/SP, e que o apoio não se expresse somente na solidariedade, mas colocando todo nosso serviço à disposição de D. Adriano, a fim de que os fatos sejam apurados com todo o rigor. É indispensável que fixemos a responsabilidade e denunciemos episódios que marcam a perseguição à Igreja neste momento em que ela reassume um compromisso da catacumba, no processo de libertação do povo".

ta ainda perguntou: "Você tem certeza de que foi o Zamith?". Diante da resposta afirmativa, pediu-lhe: "Então, mande-me isto amanhã por escrito".

No entanto, o general Reynaldo não mandou a denúncia por escrito. E nunca mais voltou a falar com Sylvio Frota. Ironicamente tanto os generais Sylvio Frota como Reynaldo de Melo Almeida foram aliados da sucessão presidencial de forma violenta.

Passados mais de três anos, os autores do sequestro parecem certos

da impunidade, revelou ainda o semanário. Tão certos que os mesmos autores, seus amigos e companheiros, ousaram repetir novo ataque contra D. Adriano, no dia 9 passado, quando picharam as paredes da Igreja de Nova Iguaçu com frases obscenas e ofensivas ao bispo e ainda mataram, com quatro tiros, o cão-vigia da Casa Paroquial. O vice-presidente da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, Paulo Amaral, declarou que a arma usada contra o cachorro "é uma arma de caráter militar e fora do comércio".

26/09/76

opinião

VOZ DO PARANÁ - 26/9/76

Resposta violenta

Um apóstolo da não violência, uma testemunha do Evangelho com responsabilidade sobre o Povo de Deus na Baixada Fluminense, área onde a miséria e a arbitrariedade policial atuam geminadas, Dom Adriano Hypólito foi uma nova vítima da escalada terrorista, na madrugada da última quarta-feira. Seqüestrado, seviciado barbaramente, abandonado nú e de mãos atadas, em lugar ermo, o bispo de Nova Iguaçu sofre uma preliminar de martírio a que, parece, estão dispostos a pagar todos os homens e mulheres perfeitamente engajados no espírito de uma Igreja — a de Cristo — à qual não é lícito silenciar e compactuar com o amplo leque de injustiças e desmandos cometidos em nome da ordem e do bem comum.

Dias atrás, outras manifestações do espírito terrorista fizeram recrudescer no País o ignominioso espírito de vindita e justiça pelas próprias mãos. Ontem foi a Associação Brasileira de Imprensa, depois um órgão da Justiça Militar em Porto Alegre, agora, o bispo da Igreja. Do homem de Deus justificado pelo terror, sabe-se, à saciedade, ser um espírito inconformado com o quadro de raquítica indigência material e violência física de organismos policiais que, na Baixada, acoitam e são caldo de cultura para o crescimento do malfadado Esquadrão da Morte.

Na verdade, não há surpresa no acontecido. De certa forma, algum tipo de resposta era esperado, já que Dom Adriano, desde que assumiu a Diocese, vem caracterizando sua linha pastoral por uma profunda inserção no meio, fazendo-se um líder que passou a clamar, através de órgãos de divulgação e cartas pastorais, a par de uma atuação direta, em lugar daquela multidão que não encontra acústica aos seus reclamos e gritos de desespero.

voz do paraná

N.º 1009

Semanário editado por leigos católicos —

Curitiba, semana de 26 de setembro a 2 de outubro de 1976 -

ANO XX — Número Avulso: 2,00

Seqüestrado bispo de Nova Iguaçu

As 21:30 horas de quarta-feira, dia 22 de setembro, em Nova Iguaçu, o bispo D. Adriano Mandarino Hypólito e seu sobrinho foram seqüestrados por desconhecidos. Espancado, nú e de mãos amarradas, D. Hypólito foi encontrado duas horas mais tarde, numa rua de Jacarepaguá. Meia hora depois, seu carro, que havia sido levado, explodiu diante da sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Glória, no Rio de Janeiro, quase ao mesmo tempo em que explodiu uma bomba na residência de Roberto Marinho diretor-presidente da Rede Globo. Todos estes fatos, progressivamente encadeados, tem um autor comum, que se identificou num aviso enviado por telefone, à rádio Jornal do Brasil: Aliança Anticomunista Brasileira, que avisou do seqüestro e das bombas. Todos estes fatos, que agitaram os meios políticos e religiosos brasileiros, obrigam a remontar à figura de D. Adriano:

Bispo de Nova Iguaçu, denunciou em inúmeras oportunidades, as arbitrariedades policiais ocorridas na Baixada Fluminense. Em entrevista concedida ao semanário *O São Paulo*, de 14 a 20 de agosto de 1976, assim se expressou sobre o assunto: "Não creio em bruxas, mas que existem, existem! Quem se dá ao trabalho de acompanhar a atuação de Polícia aqui na Baixada (como aliás no Rio e em outras áreas do país) verifica como estamos ainda longe de um mínimo de segurança pública. O povo tem tanto medo dos marginais como da polícia. Pessoa do governo afirmou que um dos problemas mais sérios da administração era modificar a imagem que o povo faz da polícia. Há policiais honestos, dedicados, sacrificados. Mas as arbitrariedades, as corrupções, as incompetências continuam marcando a imagem da polícia. Até quando? Casos como o de Maríel, Nelson Duarte, Fleury, Fininho, etc., acontecimentos como o assassinato de dois adolescentes na Vila Cava (...) como muitos outros que se repetem aqui e acolá fazem esquecer o sacrifício de policiais dignos e forçam uma revisão de todo o sistema policial". Condenando veementemente o Esquadrão da Morte e defendendo "o povo ordeiro e ativo que no caso da Baixada luta para sobreviver", D. Adriano é, agora, alvo da solidariedade geral da grande maioria da população brasileira. (leia Opinião, na página 4)

VOZ do

**TAXA
PAGA**
DR. PR
E.C.T.
Inscrição
nº 003/73

paraná

Curitiba, semana de 03 a 09 de outubro de 1976 — N.º 1010 ANO XX — Número Avulso: 2,00

Semanário editado por leigos católicos

No encontro da CNBB regional Bispos opinam sobre sequestro

CNBB excomunga autores e mandantes do sequestro do bispo de Nova Iguaçu

"No momento em que os que cometem esse crime se arvoram católicos e anticomunistas, é conveniente lembrá-los de que os católicos estão sujeitos às normas do direito canônico". Com estas palavras dom Ivo Lorscheider apresentou à imprensa a nota oficial da CNBB, excomungando os autores e mandantes do sequestro de D. Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu. Diz a nota:

1 — A presidência da CNBB faz público o teor do canon 2343, pág. 3 do Código de Di-

reito Canônico: "Quem praticar violência contra a pessoa de um patriarca, arcebispo ou bispo embora só titular, incorre em excomunhão "latae sententiae" reservada de modo especial à Sé Apostólica".
2 — Castiga este canon as injúrias reais, consistentes em ações contra o corpo, ou contra a liberdade, ou contra a dignidade.

3 — Recorda a mesma presidência que este castigo canônico aponta a gravidade do delito cometido contra dom Adriano Mandarino Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, RJ.

4 — Com toda a comunidade católica, a presidência da CNBB pede a Deus que inspire os melhores sentimentos aos que ora incorreram na dolorosa mas necessária sanção eclesiástica.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1976.

Cardeal Aloisio Lorscheider presidente da CNBB.

(Leia na página 12 uma entrevista com D. Adriano e a opinião de alguns bispos paranaenses sobre os acontecimentos que envolveram o bispo de Nova Iguaçu).

Papa: 79 anos

No domingo, dia 26, Sua Santidade, o Papa Paulo VI completou 79 anos e, em sua costumeira saudação dos domingos, da janela de sua moradia no Vaticano, agradeceu os milhares de telegramas recebidos pela passagem de seu aniversário. O aniversário do Papa, que coincide com o Dia da Bíblia, foi marcado, no Brasil, pelo início, no Rio de Janeiro, da terceira etapa das missões populares. O Papa, na segunda-feira, dia 27, enviou telegrama de solidariedade ao bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito, lamentando os acontecimentos do final da semana passada, no Rio.

voz do paranã

N.º 1010 — Curitiba, semana de 03 a 09 de outubro de 1976 — ANO XX

O seqüestro de Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, causou espanto e indignação em todo o País. Desde a região perigosa e complicada da diocese em que atua o bispo e suas denúncias sobre crimes e arbitrariedades policiais, até o atentado como um fato vinculado a outros semelhantes, as opiniões divergem na forma, mas não no conteúdo. VOZ DO PARANÁ, aproveitando a coincidência da XXI.^a Assembléia Regional do Sul, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ouviu a opinião da maioria presente sobre o caso de Dom Adriano Hypólito. A Assembléia está reunida no Colégio Madalena Sofia, onde 10 bispos dos 17 existentes no Paraná, discutem o programa de ação de todas as paróquias para o próximo ano.

Paralelamente à opinião dos bispos paranaenses, que de certa forma define a posição dos representantes da Igreja, no Paraná sobre o ocorrido, VOZ DO PARANÁ registra na íntegra o pensamento de Dom Adriano sobre os mais diversos assuntos incluindo política, menor abandonado, Baixada Fluminense, autoridades policiais e a própria Igreja, divulgado no jornal "O São Paulo", alguns dias antes do seqüestro. "Nossa revolta, diz Dom Adriano, diante das injustiças não deve nos levar ao desespero, mas à maior consciência de nossa responsabilidade e de nossa participação."

das e de recursos escassos, preferimos, sem qualquer hesitação conscientizar, despertar as consciências para suas responsabilidades."

Marginalização da Baixada pelos que vivem no centro do Rio: "Poucos pensam qualquer coisa. A grande maioria acostumou-se ao que parece à uma fatalidade. Entra governo e sai governo e aqui pouca coisa mudou."

Sobre as barreiras a vencer para melhoria de vida: "A maior barreira me parece, o despreparo das chamadas elites, inclusive as políticas (com as devidas exceções). Talvez um impulso de fora, uma vez que vivemos num regime autoritário, pudesse modificar certos hábitos político-sociais da Baixada. Se nossos políticos tivessem um pouco de humildade ou capacidade de auto-crítica, talvez comessem a cair as barreiras que atrapalham a marcha de nossa região. Eu atribuo às lideranças políticas um papel preponderante na dinâmica social, porque é através da Política que se promove o bem estar em dimensão comunitária. Também não podemos ignorar as limitações impostas hoje em dia, à plena atuação do poder legislativo. Os políticos pisam em terreno minado. Pisam com prudência e medo. Daí voltarem-se freqüentemente para bagatelas e probleminhas de pequeno porte. Esta situação, se se demorar por longo tempo, pode anular as lideranças autênticas."

à lei da selva, onde vence o mais forte e o mais astuto. O povo é quem sofre as consequências dessas deformações sociais."

Problema da cultura: "O crescimento da Baixada foi desordenado, quase que somente numérico. Cultura supõe uma certa organicidade de vida, uma aceitação dos valores espirituais, uma tradição comunitária. Tenho certeza que tudo isso acontecerá mais tarde. Mais tarde será possível tirar dos sofrimentos, das angústias, das frustrações, da miséria do nosso povo a matéria-prima para as criações do espírito. No momento, a luta é dura demais, apesar da força quantitativa da Baixada. Até se podia pensar naquele provérbio latino "Inter arma silent Musae" — no caos, as musas se mudam."

Ação social na Baixada: "A falta de recursos e também a pouca compreensão dos poderes públicos impede muito o crescimento da ação social. O que eu gostaria de encontrar no Estado não era auxílio financeiro, mas sim uma legislação prática e transparente, que tornasse menos árduos os trâmites burocráticos. Uma legislação surrealista e uma burocracia ainda mais surrealista entrava a iniciativa — e paradoxalmente — alimentam a corrupção. A conscientização, com a necessária formação do espírito crítico, pertence à missão profética da Igreja. Este é um campo indiscutivelmente pastoral."

Seguem suas afirmações:

Sobre a Baixada Fluminense:

"Comumente dá-se o nome do BFI ao território vizinho ao Rio de Janeiro que abranje os municípios de Duque de Caxias, São João do Meriti, Ninópolis e Nova Iguaçu. Alguns acrescentam ainda Magé, Itaguaí e Paracambi. Socialmente é uma área marginal do Grande Rio.

Perfil dos moradores da Baixada: "Povo ordeiro, ativo, que no caso da BFI luta por sobreviver; povo sofrido e marginalizado; povo sem muitas esperanças, porque sempre se vê frustrado."

Trabalho da Igreja no local: "O trabalho da Igreja, isto é, da diocese no campo social, será sempre subsidiário embora possa e deva ser importante, como pista para os homens de boa vontade e como sinal de esperança para os que ainda contam com melhores dias. A diocese, por seu bispo, pelos seus padres, e por seus leigos engajados, julga prioritário o esforço de conscientização porque o maior problema da BFI (e possivelmente de muitas outras áreas do Brasil) é a falta de consciência comunitária, a falta de um senso de responsabilidade, a abertura para a necessidade dos pequenos. Somente a conscientização pode garantir um trabalho sólido no campo social. A tentação de muita gente boa é cair no mero assistencialismo — que é mais fácil e mais imediato, que olha somente os fenômenos sem atender as causas, o que normalmente contribui para anestesiar as consciências. Devendo fazer opções como devemos já por razões de forças limita-

Sobre o Esquadrão da Morte:

"Eu não creio em bruxas, mas que elas existem, existem. Quem se dá ao trabalho de acompanhar a atuação da Polícia na Baixada (como aliás no Rio e em outras áreas do País), verifica como estamos longe ainda de um mínimo de segurança pública. O povo tem tanto medo dos marginais quanto da polícia. Pessoa do Governo afirmou recentemente que um dos problemas mais sérios da administração era modificar a imagem que o povo faz da polícia e do policial. Há policiais honestos, dedicados e sacrificados. Mas as arbitrariedades, as corrupções, as incompetências continuam marcando a imagem da polícia. Até quando? Casos como o de Mariel, Nelson Duarte, Fininho, Fleury, etc. acontecimentos como o assassinato de dois adolescentes na Vila de Cava (com a interferência pessoal do Presidente da República e com o desfecho que todos nós sabemos), como muitos outros que se repetem aqui e acolá fazem esquecer o sacrifício de policiais dignos e forçam uma revisão de todo o sistema policial. Não só: também do direito penal e do carcerário. Pessoas que moram perto de nossas cadeias e se confessam horrorizadas com os espancamentos, as torturas cometidas contra presos. A frequência e repetição desses processos vão embotando a sensibilidade de muita gente bem, a ponto de repetirem de consciência tranquila: criminoso merece bala. Este embotamento das consciências é um problema grave, porque nos faz regressar do estado de direito

Sobre as arbitrariedades das autoridades, principalmente policiais:

"É um horror. As arbitrariedades destroem toda a segurança social. E isso tanto é mais grave porque as autoridades públicas só existem para o serviço da comunidade. É por isso que falamos de serviços públicos de servidores públicos."

Sobre os jovens na política:

"Se admitirmos que a juventude oferece à sociedade o elemento dinâmico, renovador, idealista, então será indispensável a participação do jovem na política, a começar do próprio ambiente escolar e profissional. Mas a política que os jovens fazem é marcada pelos defeitos e pelas virtudes juvenis. Só assim tem sentido. Querer que a juventude fazendo política ou qualquer outra coisa, como também, por exemplo, religião, proceda a maneira dos adultos e dos velhos é uma negação substantiva dos jovens. Querer que as atividades dos jovens sejam bem comportadas, isto é, de acordo com os padrões estabelecidos, é privar a comunidade de seu elemento renovador e de seu idealismo. Nossos partidos políticos não podem fazer o que quiserem para aliciar os jovens: os jovens não se deixam bitolar, mas à falta de chances para seu crescimento adequado correm enorme perigo de se alienar e de se acomodar. Com isto se frustra perigosamente o surgir de novas lideranças, que a seu tempo, assumam seu papel na comunidade. O idealismo transbordante, por vezes demolidor dos jovens faz parte da humanidade. Corrije-se pela vida, não pela violência. Agora, que esse idealismo incomoda, incomoda. Creio que a comunidade precisa do espírito revolucionário, desinstalador dos jovens."

Sobre a Igreja:

"A Igreja sempre é uma igreja encarnada. Mesmo assim temos que confessar que através dos séculos se criou uma igreja de atmosfera de intolerância e de absolutismo que pouco tinha de evangélico. Sei que essas fraquezas e misérias não atingem a essência da Igreja. Sei também que apesar dessa atmosfera dolorosa sempre foi possível viver-se dentro da Igreja com mais liberdade do que em muitas monarquias ou repúblicas. Mas era contra-testemunho. A liberdade de expressão que eu defendo aqui para a vida pública defendo também para a Igreja na vida interna. E se perguntassem: então a Igreja permite todas as liberdades? Direi que não. Mas direi ao mesmo tempo que pior que as liberdades assumidas são as crenças impostas. A Igreja tem de anunciar a verdade e o amor de Deus que se revela sobretudo em Jesus Cristo. Mas não pode querer converter a ferro e fogo. Partindo dessa convicção profunda que acho essencial a vida do homem, é que vejo com preocupação e repugnância qualquer coerção às liberdades fundamentais da pessoa humana, entre as quais se encontra a liberdade de expressão. Será bom lembrar que um dos aspectos da liberdade de expressão é a liberdade de crença religiosa. Deve haver possibilidade de se coíbiem os exageros de liberdade sem sacrificar a própria liberdade. Deve haver um meio de chamar à responsabilidade os que transgridem às leis, sem recorrer aos critérios inquisitoriais de censores eventuais."

Sobre o menor abandonado:

"O problema do menor abandonado é consequência de um outro muito mais grave: o problema do adulto irresponsável. Quando se diz isso, logo estamos dispostos "a atirar pedras nos pais, que abandonam seus filhos", nas "famílias numerosas que procriam sem condições de educar." Há quem parta dessas premissas para postular a limitação compulsória dos filhos. O menor abandonado é vítima inocente de uma sociedade pecadora. O assunto é fecundo e de algum modo explorável. O problema do menor abandonado tem uma ligação íntima com o problema das escolas insuficientes da educação precária, dos salários de fome, do trabalho da mulher. Tem havido casos de escolas que mantêm quatro turnos diários, cabendo a cada turno duas horas diárias de aula. Muitas escolas ainda não chegaram a funcionar no mês de maio. As professoras desestimuladas procuram outras ocupações mais suaves e mais rendosas. Tenho para mim que o Brasil ainda não levou a sério o problema da criança. Tomou a sério a industrialização, tomou a sério o petróleo. Tomou a sério a siderurgia. Tomou a sério as grandes estradas de integração nacional. Tomou a sério um bocadinho de coisas. Só não tomou a sério problema mais sério, porque fundamental, que é o da educação. É por isso que o milagre brasileiro tem toda a aparência de mistificação. Houve um "milagre alemão", um "milagre japonês", um "milagre italiano": derrotados fragorosamente pelo regime monstruoso que os infelicitou e pela massa militar do poderio aliado, estes grandes povos, no amargor da derrota encontraram a força da ressurreição, porque eram povos educados, conscientes de sua dignidade e de sua missão. O que é no Brasil podemos oferecer de semelhante?"

"Sim, seria possível isto acontecer no Paraná, ou em qualquer lugar do Brasil. Mas devemos considerar que o Paraná é uma região muito diferente de Nova Iguaçu, e não registra os mesmos problemas. Nós vivemos num ambiente muito mais tranquilo e mais calmo". Dom Pedro Fedalto.

"Estou há 35 anos no Brasil, sou americano e essas atitudes, partindo de um povo de tradição ordeiro e tranquilo como o brasileiro, isso é surpreendente. Não existe clima para isso. Como foi acontecer? Por que? Como? Esse é um caso misterioso". Dom Bernardo Nolker, bispo de Paranaguá.

"Claro que isso poderia acontecer no Paraná. Mas os bispos não vão se intimidar por isso. Seguimos o evangelho e respeitamos os direitos humanos". Dom Geraldo Fernandes.

"Fato semelhante com um bispo no Brasil só mesmo com Dom Pedro Fernandes Sardinha, que foi comido pelos índios, na época do descobrimento. Mas o fato é lamentável, seja com um bispo ou qualquer outra pessoa. Eu não sei qual a índole do povo de Nova Iguaçu, conheço apenas o povo do Paraná e por isso não posso julgar nada. As ameaças são contra um bispo e automaticamente contra a Igreja, mas não significam que haverá retração. Ao contrário, esse tipo de atitude apenas aguçam ainda mais as atividades contra as quais lutam". Dom Jaime Luiz Coelho, bispo de Maringá.

"Não tenho opinião sobre o assunto. O que sei está nos jornais e não posso dizer nada sobre isso. Na minha região nunca houve padre ou bispo preso, pelo que me lembro. Os problemas de terras e os grileiros são coisas do passado e não motivaram atitudes iguais a essa". Dom Armando Círio, bispo de Toledo.

"Você gostaria que isso também acontecesse com você? Nem eu. Então essa situação não é privilegiada e nós não queremos que aconteça o que aconteceu com Dom Adriano com ninguém. Entretanto, a posição da Igreja é imutável, e nós não temos medo de ninguém, não vamos pedir segurança. Somos contra a violência, venha de quem vier e atinja a quem possa atingir". Dom Geraldo Fernandes, arcebispo de Londrina.

"O fato aconteceu porque a região é um caldo propício para isso. Será que aconteceria em Curitiba? Ninguém pode afirmar nem negar". Dom Albano Cavallin, bispo auxiliar da região metropolitana de Curitiba.

"A Diocese de Dom Adriano é muito difícil, com muitos problemas. Ele é um bispo responsável pelo povo e vem advertindo sobre problemas que vê em seu povo. Talvez tenha sido essa a causa do seqüestro. Eu me solidarizo com o bispo pela coragem de profeta, desmascarando erros, injustiças e defendendo os direitos humanos e cristãos de seus diocesanos. Cristo também foi crucificado e nós o seguimos. Não devemos temer nada". Dom Pedro Fedalto.



"Eu soube do caso poucas horas depois e se tivesse um jornal teria dado um "verdadeiro furo de reportagem". Não posso contar como consegui a informação. Mas o que eu acho é que o fato é de espírito extremista e pode ser tanto ato de esquerda como de direita. O objetivo é atemorizar a igreja para que abandone o sentido do evangelho e deixe de exercê-lo no seu sentido pleno. O que pode resultar é a proliferação de novos atos, se for de esquerda pode gerar reação na direita e vice-versa. Mas a liberdade de opinar deve continuar existindo, a despeito de atitudes semelhantes. Antes de tudo, o que aconteceu com Dom Adriano é um fato lamentável". Dom Agostinho Sartori, bispo de Palmas.





J O R N A I S M E N S A I S

CDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

AGORA

62

(Nova Iguaçu)

nov.e dez. 79

D. Adriano ameaçado de morte



83

AGORA

(SEGUE ATO)

ET. 1234 5678

No dia 20 de dezembro, as 11 horas da manhã, uma potente bomba explodiu o altar da Catedral de Nova Iguaçu, tendo assumido a responsabilidade pelo profano e covarde atentado, o grupo VCC, ou seja, Vanguarda de Caça aos Comunistas. Na noite anterior a explosão, foram encontrados no interior da Igreja, panfletos, nos quais ameaçavam de morte ao Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, com os seguintes dizeres: "Vemxº já passou por amargas experiências acreditamos que e não gostaria de ser eliminado violentamente pelo mesmo processo"...

A maioria da população iguaçuana que já conhece a fama do Coronel Zamith, e que leu a reportagem do semanário "Movimento", apresentando provas de que fora ele, o sequestrador do Bispo, acredita ter sido ele, o principal responsável pelo atentado. Apesar de estar atualmente em oposição ao governo em virtude da propalada abertura do Presidente Figueiredo, e ter sido este um ponto citado no panfeto encontrado na Diocese, não existe provas concretas de que tenha sido obra do perigoso Coronel Zamith. O Presidente da Comissão de Justiça e Paz, advogado Paulo de Almeida Amaral declarou que as primeiras providências a serem tomadas pela Diocese serão exigir o desarquivamento do processo do sequestro e a apuração rigorosa do último atentado, que tem as mesmas características dos anteriores. Mas detalhes nas páginas 2, 4 e 5.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Março de 1980

DOM ADRIANO:**UM PROFETA NA TERRA DA VIOLÊNCIA**

Fotos Agência Globo



O bispo à frente do povo: uma Diocese com três milhões de pessoas, uma cidade de 1,5 milhão de habitantes pobres.

**UM PROFETA NA
TERRA DA VIOLÊNCIA**

Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu: "Não é por capricho que se cumpre a missão"

Perseguido, humilhado, sequestrado e espancado, ameaçado de morte várias vezes por cartas e telefonemas anônimos e até mesmo com bombas, o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Mandarino Hipólito, sergipano de Aracaju há 62 anos, passou a ser, dentro da Igreja, o alvo principal da violência dos grupos de extrema-direita. Pastor da Baixada Fluminense há 14 anos, ele não recua: "Não é por um capricho do bispo que se cumpre a missão profética da Igreja", diz.

Em sua defesa milhares de pessoas já saíram às ruas de Nova Iguaçu e houve até quem quisesse sair no tapa para que o nome de dom Adriano Hipólito não continuasse sendo difamado em Nova Iguaçu como foi o caso de "seu" Edmundo, empregado da Cúria da Diocese da Baixada há 20 anos, que ameaçou brigar com um deputado federal do PDS, Darcílio Aires, que denegria a imagem do bispo de 3 milhões de pessoas, recentemente.

Voz mansa, de corpo avantajado, sem ser gordo, de largo e expressivos gestos, dom Hipólito tem a alegria pura de menino. Defensor da justiça social, homem cordial e justo, o bispo da sétima cidade do país — mais de 1,5 milhão de habitantes, a maioria marginalizada, sem direito a água, luz, esgoto e escolas — "a favor de quem vive dentro de uma realidade hostil e brutal — a Baixada fluminense.

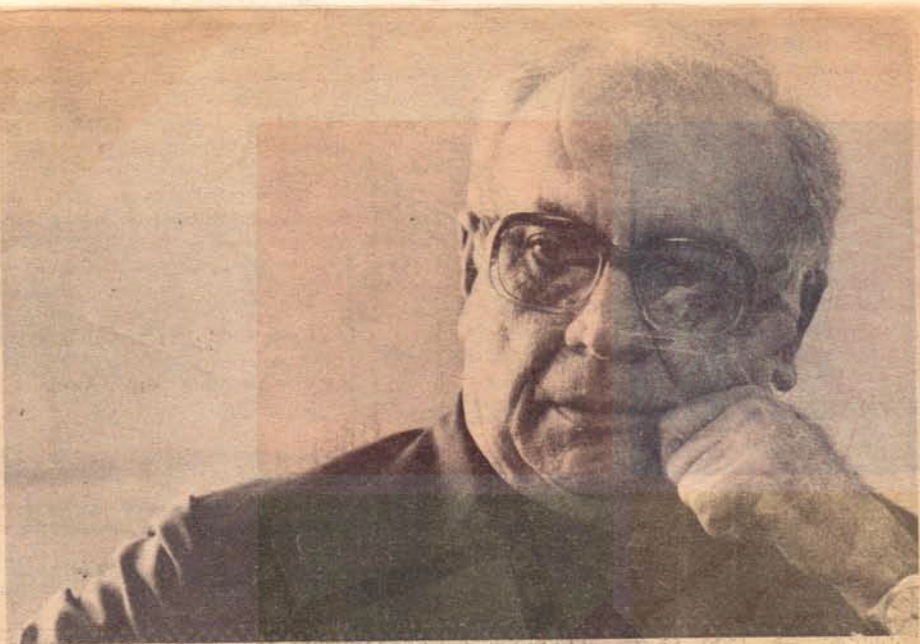
Sempre de batina — "o progressivo não

está em tirar a batina" —, ele acorda por volta das 5h. Dom Hipólito mora no alto de uma colina, no Parque Flora, a 15 minutos do centro nervoso de Nova Iguaçu, um bairro inseguro e de moradores pobres, gente humilde como ele. Depois de celebrar, às 7h, a primeira missa, ainda na capelinha de sua residência, ele vai para o Centro de Formação de Líderes, em Moquetá, para discutir problemas que lhes são trazidos pelo clero; e à tarde, na Cúria, ele pode ser encontrado conversando com líderes comunitários, religiosos, jornalistas, professores e com gente do povo.

Ele não gosta de subir em palanques oficiais e detesta gabinetes atapetados. No início deste ano, ao ser perguntado se compareceria, caso fosse convidado, à inauguração do novo prédio da Prefeitura de Nova Iguaçu, para juntamente com

políticos do PDS recepcionar o presidente João Figueiredo — que acabou mandando o ministro Eliseu Resende representá-lo —, respondeu negativamente, acrescentando: "Ali não é o meu lugar".

Professor de Português, Literatura, Música, dom Adriano tem brigado muito na terra da violência, da qual ele tem sido uma vítima constante, protestando contra a existência do Esquadrão da Morte — só no ano passado, em apenas uma das cinco delegacias de polícia, foram registrados mais de 500 homicídios, dos quais apenas 20 por cento foram con-



Dom Adriano Hipólito: "O progressivismo não está em tirar a batina"

plicado pelo apoio irrestrito que deu a professores e a metalúrgicos grevistas que se reuniram no ano passado no Centro de Formação de Líderes pertencente à Diocese, que também abriu suas portas para os parentes de presos políticos que faziam greve de fome por uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Aos que o acusam de comunista, ele respondeu com a defesa que vem fazendo de 16 mil famílias que vivem ameaçadas de despejo por financeiras do Banco Nacional de Habitação. Em 1978, foi dom Hipólito quem comandou a reação de 3 mil famílias do Conjunto Residencial Monte Líbano contra a ordem judicial de despejo. Liderados pelo bispo, os moradores conseguiram uma de suas primeiras vitórias: o despejo em massa foi suspenso e o caso ganhou repercussão nacional.

Aos que o acusam de agitador, ele responde com o apoio de sua Diocese ao Movimento Amigos de Bairro, entidade que reúne 96 associações de moradores e que tem como meta principal reivindicar junto às autoridades melhores condições de vida. No mês de novembro do ano passado, por exemplo, milhares de manifestantes protestaram, em frente ao gabinete do prefeito Rui Queirós — afilhado da Revolução de 31 de Março, contra o descaso de Queirós com suas reivindicações feitas há um ano. Os moradores protestavam ainda contra o fato de o prefeito possuir vários colégios, enquanto seus filhos continuavam dependendo das vagas distribuídas a políticos do PDS — só em Nova Iguaçu existem mais de 80 mil crianças em idade escolar sem ter onde estudar.

Justiça e paz. São dois bens e são direitos extremamente escassos em Nova Iguaçu, onde a certeza da impunidade tem enriquecido da noite para o dia os homens que têm poder decisório. São alguns destes homens que fomentam, nos bares de maior concentração e nos gabinetes refrigerados, críticas ao trabalho pastoral de dom Adriano, acusando-o de "bispo vermelho e pederasta", protegidos pelo anonimato e pela escuridão das noites desertas e despolicadas do município.

Catorze anos de pastor vive dom Adriano na Baixada Fluminense. Numa área de mais de 1.850 quilômetros quadrados em que se localiza sua Diocese, vivem quase 3 milhões de pessoas, a maioria com medo. A população aumenta com a chegada, a cada ano, de novas levas de imigrantes, na proporção de 10 a 15 por cento vindos principalmente do nordeste. Aumenta a população, aumentam os problemas, as carências e o índice de mortalidade infantil — mês passado em apenas dois dias morreram 15 crianças de desidratação em um único hospital de Nova Iguaçu.

Acostumado com os dissabores do autoritarismo — seu pai foi preso, casado na Revolução de 1924 como prefeito interino de Aracaju e secretário de Intendência —, ele se chamava Fernando quando, aos 11 anos, foi com a família para a Bahia. Era 1929. Lá, ele fez o curso ginasial. Foi quando manifestou o desejo de ser franciscano. Em 1932, foi para um seminário na Paraíba, onde ficou até 1934, e em 36 estudou no Paraná.

Formado em Olinda (Filosofia) e na Bahia (Teologia), no princípio sua opção foi meio carregada pela família, "mas eu tinha certa clareza a respeito. Nunca tive dúvidas de que meu caminho é este". Quando não existia nada desse movimento de renovação na Igreja, em 1942, Fernando tornou-se padre. Ordenado, padre Fernando achava que tudo estava perfeito, que tudo estava no seu lugar, e que a Igreja, bem-organizada, era dona da verdade.

Essa dúvida e angústia — recorda hoje dom Hipólito — só começou no Vaticano II, do qual participou. Ele era bispo-auxiliar de Salvador, junto de dom Augusto, que estava com 84 anos, e "não se pensava em métodos ou procura de aproximação com o povo". Ficou lá até 66, quando foi designado pelo Papa Paulo VI para a Diocese de Nova Iguaçu.

Quando chegou à Baixada Fluminense, substituindo dom Honorato Piazzera, transferido para Santa Catarina, dom Hipólito recebeu pesâmes e alguns parabéns misturados com pesâmes. Diziam que seria a Diocese mais difícil do Brasil. "É a fama que a Baixada continua tendo

Hipólito, bispo de Nova Iguaçu: "Não é por capricho que se cumpre a missão"

Perseguido, humilhado, sequestrado e espancado, ameaçado de morte várias vezes por cartas e telefonemas anônimos e até mesmo com bombas, o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito, sergipano de Aracaju há 62 anos, passou a ser, dentro da Igreja, o alvo principal da violência dos grupos de extrema-direita. Pastor da Baixada Fluminense há 14 anos, ele não recua: "Não é por um capricho do bispo que se cumpre a missão profética da Igreja", diz.

Em sua defesa milhares de pessoas já saíram às ruas de Nova Iguaçu e houve até quem quisesse sair no tapa para que o nome de dom Adriano Hipólito não continuasse sendo difamado em Nova Iguaçu como foi o caso de "seu" Edmundo, empregado da Cúria da Diocese da Baixada há 20 anos, que ameaçou brigar com um deputado federal do PDS, Darcílio Aires, que denegria a imagem do bispo de 3 milhões de pessoas, recentemente.

Voz mansa, de corpo avantajado, sem ser gordo, de largo e expressivos gestos, dom Hipólito tem a alegria pura de menino. Defensor da justiça social, homem cordial e justo, o bispo da sétima cidade do país — mais de 1,5 milhão de habitantes, a maioria marginalizada, sem direito a água, luz, esgoto e escolas — "é a favor de quem vive dentro de uma realidade hostil e brutal — a Baixada fluminense.

Sempre de batina — "o progre

— não está em tirar a batina" —, ele acorda por volta das 5h. Dom Hipólito mora no alto de uma colina, no Parque Flora, a 15 minutos do centro nervoso de Nova Iguaçu, um bairro inseguro e de moradores pobres, gente humilde como ele. Depois de celebrar, às 7h, a primeira missa, ainda na capelinha de sua residência, ele vai para o Centro de Formação de Líderes, em Moquetá, para discutir problemas que lhes são trazidos pelo clero; e à tarde, na Cúria, ele pode ser encontrado conversando com líderes comunitários, religiosos, jornalistas, professores e com gente do povo.

Ele não gosta de subir em palanques oficiais e detesta gabinetes atapetados. No início deste ano, ao ser perguntado se compareceria, caso fosse convidado, à inauguração do novo prédio da Prefeitura de Nova Iguaçu, para juntamente com

políticos do PDS recepcionar o presidente João Figueiredo — que acabou mandando o ministro Eliseu Resende representá-lo —, respondeu negativamente, acrescentando: "Ali não é o meu lugar".

Professor de Português, Literatura, Música, dom Adriano tem brigado muito na terra da violência, da qual ele tem sido uma vítima constante, protestando contra a existência do Esquadrão da Morte — só no ano passado, em apenas uma das cinco delegacias de polícia, foram registrados mais de 500 homicídios, dos quais apenas 20 por cento foram apurados pelas autoridades.

O verdadeiro pugilato deste homem que gosta de fotografar seus operários festejando o final de mais uma obra da Diocese de Nova Iguaçu e com eles senta à mesa sem qualquer cerimônia, com os inimigos do povo, também pode ser ex-



Dom Adriano Hipólito: "O progressismo não está em tirar a batina"

plicado pelo apoio irrestrito que deu a professores e a metalúrgicos grevistas que se reuniram no ano passado no Centro de Formação de Líderes pertencente à Diocese, que também abriu suas portas para os parentes de presos políticos que faziam greve de fome por uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Aos que o acusam de comunista, ele respondeu com a defesa que vem fazendo de 16 mil famílias que vivem ameaçadas de despejo por financeiras do Banco Nacional de Habitação. Em 1978, foi dom Hipólito quem comandou a reação de 3 mil famílias do Conjunto Residencial Monte Libano contra a ordem judicial de despejo. Liderados pelo bispo, os moradores conseguiram uma de suas primeiras vitórias: o despejo em massa foi suspenso e o caso ganhou repercussão nacional.

Aos que o acusam de agitador, ele responde com o apoio de sua Diocese ao Movimento Amigos de Bairro, entidade que reúne 96 associações de moradores e que tem como meta principal reivindicar junto às autoridades melhores condições de vida. No mês de novembro do ano passado, por exemplo, milhares de manifestantes protestaram, em frente ao gabinete do prefeito Rui Queirós — afilhado da Revolução de 31 de Março, contra o descaso de Queirós com suas reivindicações feitas há um ano. Os moradores protestavam ainda contra o fato de o prefeito possuir vários colégios, enquanto seus filhos continuam dependendo das vagas distribuídas a políticos do PDS — só em Nova Iguaçu existem mais de 80 mil crianças em idade escolar sem ter onde estudar.

Justiça e paz. São dois bens e são direitos extremamente escassos em Nova Iguaçu, onde a certeza da impunidade tem enriquecido da noite para o dia os homens que têm poder decisório. São alguns destes homens que fomentam, nos bares de maior concentração e nos gabinetes refrigerados, críticas ao trabalho pastoral de dom Adriano, acusando-o de "bispo vermelho e pederasta", protegidos pelo anonimato e pela escuridão das noites desertas e despolicadas do município.

Catorze anos de pastor vive dom Adriano na Baixada Fluminense. Numa área de mais de 1.850 quilômetros quadrados em que se localiza sua Diocese, vivem quase 3 milhões de pessoas, a maioria com medo. A população aumenta com a chegada, a cada ano, de novas levas de imigrantes, na proporção de 10 a 15 por cento vindos principalmente do nordeste. Aumenta a população, aumentam os problemas, as carências e o índice de mortalidade infantil — mês passado em apenas dois dias morreram 15 crianças de desidratação em um único hospital de Nova Iguaçu.

Acostumado com os dissabores do autoritarismo — seu pai foi preso, casado na Revolução de 1924 como prefeito interino de Aracaju e secretário de Intendência —, ele se chamava Fernando quando, aos 11 anos, foi com a família para a Bahia. Era 1929. Lá, ele fez o curso ginásial. Foi quando manifestou o desejo de ser franciscano. Em 1932, foi para um seminário na Paraíba, onde ficou até 1934, e em 36 estudou no Paraná.

Formado em Olinda (Filosofia) e na Bahia (Teologia), no princípio sua opção foi meio carregada pela família, "mas eu tinha certa clareza a respeito. Nunca tive dúvidas de que meu caminho é este". Quando não existia nada desse movimento de renovação na Igreja, em 1942, Fernando tornou-se padre. Ordenado, padre Fernando achava que tudo estava perfeito, que tudo estava no seu lugar, e que a Igreja, bem-organizada, era dona da verdade.

Essa dúvida e angústia — recorda hoje dom Hipólito — só começou no Vaticano II, do qual participou. Ele era bispo-auxiliar de Salvador, junto de dom Augusto, que estava com 84 anos, e "não se pensava em métodos ou procura de aproximação com o povo". Ficou lá até 66, quando foi designado pelo Papa Paulo VI para a Diocese de Nova Iguaçu.

Quando chegou à Baixada Fluminense, substituindo dom Honorato Piazzera, transferido para Santa Catarina, dom Hipólito recebeu pesames e alguns parabéns misturados com pesames. Diziam que seria a Diocese mais difícil do Brasil. "É a fama que a Baixada continua tendo

"Pensem no mal que causa a mentira institucionalizada"

de ser antro de marginais e violência, o que não é verdade, mas pra mim isso não teve peso porque eram palavras ditas sem fundamento, baseadas apenas na fama".

Membro do Sínodo Romano em 1967 e do Concílio Vaticano II, dom Adriano recebeu em 1977, na Alemanha Ocidental, o título de doutor em Teologia *honoris causa* pela Universidade de Tübingen, quando dos festejos dos 500 anos de fundação da Universidade. Além de ser membro da Conferência Episcopal Latino-Americana em Puebla (México), dom Hipólito é mestre dos teólogos franciscanos.

Quem o conhece na intimidade, garante que ele jamais deixará, por conta própria, a Baixada Fluminense e que os atentados — que nunca foram apurados pelos órgãos de segurança — jamais modificarão sua linha pastoral. O sorriso com que dom Hipólito chegou ao Centro de Formação de Líderes, horas depois de explodir uma bomba no altar do Santíssimo Sacramento da Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, às vésperas do último Natal, para mais uma entrevista coletiva, confirmava para os jornalistas a tranquilidade com que este pastor encara a sua missão profética na terra da violência.

— Se eu distribuisse semanalmente um prato de sopa para os pobres, se fizesse um trabalho apenas assistencial, nada disto estaria acontecendo — garantiu dom Hipólito.



Passeata em Nova Iguaçu protestando contra o atentado de dezembro último

**JESUS CRISTO
FOI CRUCIFICADO DE NOVO
NESTE LOCAL EM 2012-79 (as 11 HR).**
*Uma bomba profanou e destruiu
SS^{ma} Eucaristia*



tentar uma experiência democrática mais corajosa e mais identificada com o povo. Nossos líderes políticos têm agora uma oportunidade única de corrigirem erros graves do passado, sobretudo o erro fundamental, causa direta ou indireta de muitos outros erros graves, que é a marginalização quase total do povo. Eu só creio numa abertura política verdadeira quando o povo tiver instrumentos de participação no processo social. Votar somente é pouco. Não basta. É preciso que o povo seja conscientizado para se unir e, unido, participar no processo social.

— O que o senhor acha da pena de morte? É a favor ou contra? Por quê?

— A violência generalizou-se. No mundo e no Brasil também. Podemos falar de uma epidemia, como talvez raramente aconteceu na história da humanidade. Se o fenômeno é geral, a causa deve ser também geral. Não basta aludir ao pecado original à condição pecadora da pessoa humana. Que pecado concretamente causa, motiva, condiciona, favorece a violência? São João descobre três causas ou pecados básicos que ele chama "desejo da carne", "desejo dos olhos", "soberba de vida" (cf 1 Jo 2, 16). Em termos mais modernos poderíamos falar talvez de sexo, *consumismo*, *poder/violência*, entendendo esta trilogia como um fenômeno de rejeição a Deus e à sua Vontade, aos valores religiosos e morais. Sexo, bens materiais, poder, não são mais aquilo que devem ser no plano de Deus. São absolutizados, são divinizados. E escravizam a humanidade. Quando as coisas chegaram a este ponto crucial, não adianta mais castigo nem mesmo o mais radical que seria a pena de morte. Dominado pelo sexo, pela ambição, desmedida de bens materiais, pela embriaguez do poder, o homem não teme mais a morte. Sou contra a pena de morte. Pelo motivo profundo que citei anteriormente. E por vários outros motivos que não apresentados: a experiência negativa da pena capital em outros lu-

ideológica e se faz acusação de comunismo.

— O que o senhor acha da anistia?

— Passados os tempos agudos de radicalização e de esperança exagerada em fórmulas e pessoas messiânicas, passados os tempos de perseguição dura aos adversários, impõem-se como fórmula de conciliação e reconciliação nacional e como início de uma nova etapa da história, aquilo que na linguagem política se chama anistia: um grande perdão nacional dado por todos a todos. Os grandes homens são generosos. Os grandes povos são generosos. Uma perspectiva profunda e ampla da história nacional, que é muito mais do que um período histórico; uma visão mais profunda e mais ampla do povo, que é muito mais do que

prometimento que nasceu com a descoberta. Com os descobridores, vieram os missionários espanhóis e portugueses. Dentro de uma visão bem própria do século XVI, a evangelização estava a serviço da colonização. Também a colonização servia à evangelização. Camões exprime esta identificação quando no início de *Os Lusíadas* se dispõe a cantar "as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando a Fé e o Império" (Lus. 1,2). Em mais de quatrocentos anos de História a Igreja participou intensamente da vida dos países da América Latina. E mesmo quando hoje nos distanciamos, ou tentamos distanciar, do poder político, a Igreja continua tendo um papel importante na vida de nossos povos. Também no Brasil. Se eu pudesse resumir a atuação que a Igreja deveria e tanta assumir na América Latina, diria que consiste sobretudo na integração das grandes massas marginalizadas do processo social: político, econômico, cultural e mesmo religioso infelizmente. Cabe apenas às elites decidir tudo e impor tudo a uma imensa multidão de pessoas que nada tem para fazer conscientemente, a não ser servir às elites. Logo se vê que o papel da Igreja na América Latina está na conscientização do povo.

— Como é que o senhor entende este esforço de conscientização?

— Conscientizar é tornar consciente, isto é, dar à pessoa a consciência, a clareza de sua dignidade, de sua missão, de sua capacidade. A conscientização deve abranger diversos aspectos que, todos, levam a pessoa a se assumir e a assumir o seu papel na construção do mundo. Conscientização é um postulado indispensável da Fé cristã e também a única maneira de eliminar a marginalização e de integrar as pessoas marginalizadas no plano de Deus e no processo social. Com a imensa riqueza que recebeu de Jesus Cristo, a Igreja está presente em toda a parte. Se ela em tempos antigos se aliou ao poder para conservar o *status quo*, hoje ela se identifica com o povo. E nesta atitude não se afasta do Evangelho. Pelo contrário: descobriu a melhor lição do Evangelho e de Jesus Cristo. Assumindo este papel conscien-



E o altar destruído na catedral

tizador — e tomara que assuma sempre e em toda parte —, a Igreja se expõe a penosas incompreensões, sobretudo quando atua em áreas dominadas por qualquer tipo de extremismo.

— Será por isso que grupos de extrema-direita combatem por todos os meios a Igreja que se identifica com o povo?

— Exatamente. E o mesmo fazem os grupos radicais de extrema-esquerda, onde têm poder. A sorte da Igreja é ser perseguida por grupos radicais de direita ou de esquerda. Compreende-se: os grupos radicais fazem de sua ideologia uma religião. E por isso não compreendem o papel da Igreja, a não ser quando a Igreja se curva ao radicalismo e se torna instrumento dócil nas mãos dos radicais. Isto aparece claramente em diversos países. Também no Brasil. Olhando bem os fatos, somente a Igreja — quando volta às fontes puras do Salvador: — pode oferecer resistência a qualquer exploração do homem pelo homem ou pelo sistema econômico ou pelo regime político. Entre nós a acusação mais sensível, no clima ideológico implantado desde 1964, é a acusação de comunista e de comunismo. Criou-se uma quase psicose em grupos do poder. De boa fé ou de má fé descobrem comunismo em tudo que se opõe à sua mentalidade, aos seus interesses. Se a partir de uma situação concreta que está à vista de todos, eu afirmo que é impossível uma família de três pessoas — pai, mãe e filho — viver de um salário mínimo, logo se avista aí marxismo, comunismo, luta de classe, subversão. A luta pela justiça social, por exemplo, por uma distribuição mais justa de renda, por um equilíbrio mais honesto e mais humano entre capital e trabalho, pela diminuição do fosso salarial — numa firma, um diretor de segundo escalão ganha Cr\$ 80 mil e um continuo apenas salário mínimo —, logo se dá interpretação

cia de que só o amor constrói, também na vida das nações: tudo isto nos aconselha a defender uma anistia ampla, irrestrita e universal. Tão depressa quanto possível.

— Qual é a sua opinião sobre o pluripartidarismo?

— Tenho para mim que o pluripartidarismo é uma exigência da Democracia. Regime de partido único é negação do regime democrático. Quantos partidos? O número vai depender das grandes correntes de pensamento político que existem no país e que atingem o povo. Nossa tradição político-partidária tem, sido excessivamente, talvez exclusivamente, elitista. O povo só é lembrado na hora das eleições. Quase sempre os nossos partidos do passado ficavam num plano superior de elite, girando em torno de algumas idéias e de algumas personalidades, que o mais importante na reformulação partidária que está acontecendo agora entre nós seria a identificação maior dos partidos com o povo e um esforço dos partidos para formar os seus membros — sobretudo os que são povo, os que são base — politicamente, de modo que assumam sua parte no processo político global, não apenas na votação em tempo de eleições. Agora, acho que além dos partidos políticos deveria haver outros instrumentos de participação no processo social, com repercussão também na política. Por exemplo: os sindicatos, os grupos intermediários, os movimentos de amigos de bairros, etc. Quanto mais ampla for a participação da base no processo social, tanto mais autêntica será a democracia.

— Está existindo realmente abertura política no Brasil?

— Parece-me que sim. Ainda não total, já que ainda há muitas restrições e vaivéns, muitos receios e algumas ameaças. A experiência dos últimos 16 anos deveria abrir os olhos daqueles que fazem parte do grupo do poder, militares ou civis. O desgaste foi enorme. E os resultados? A concluir da inflação que se aproxima dos níveis de 1963-64 e sobretudo da corrupção que, sob a censura e sob a doutrina da Segurança Nacional, pôde vicejar sem medo, o Brasil deve

somente morbidez mental dos ditadores. Antes de recorrer à pena capital, deveríamos rever toda a estrutura de nossa civilização e todos os nossos órgãos de segurança pública. O tema do Dia Mundial da Paz, de 1980, foi este: "A verdade-força da Paz". Seria um bom começo se os responsáveis pela política, pelo comércio, pela indústria, pela segurança, pela cultura, pela educação pensassem no prejuízo terrível que causa a mentira institucionalizada como instrumento do poder e da vida social. O policial, encarregado da segurança do cidadão, nega-se a dar identificação: acha que a condição de policial lhe dá o direito e o poder de agir como acha melhor, e não se identifica. O assaltante apresenta-se como policial e na esteira dos policiais que acham humilhação identificar-se, também não se identifica. Como é possível saber quem é o policial e quem é o marginal? E se o policial, vítima da corrupção, emprega recursos de marginais, onde fica a segurança dos cidadãos?

— O que o senhor acha do Esquadrão da Morte?

— Posso estar enganado: não existe um Esquadrão da Morte organizado, estruturado, mas existe um espírito de Esquadrão da Morte, de vingança, de justiça feita com as próprias mãos. Este clima de violência e de arbitrariedade que não hesita em eliminar a vida de quem quer que seja, é o aspecto mais grave da violência. Elimina-se a estabilidade e a segurança que só o Direito e a Lei dão: ficamos à mercê de marginais criminosos, de marginais policiais, de marginais linchadores. Este é um desafio tremendo para todos nós.

— Ser cristão na Baixada Fluminense ainda significa correr riscos?

— Em qualquer tempo e em qualquer lugar — não apenas na Baixada Fluminense — ser cristão inclui necessariamente risco. Na Baixada Fluminense as pessoas de fé, que se comprometem com a sua Fé, que se engajam no esforço pastoral da Igreja, que desejam viver integralmente a sua Fé, criam necessariamente áreas de atrito. Melhor: não criam

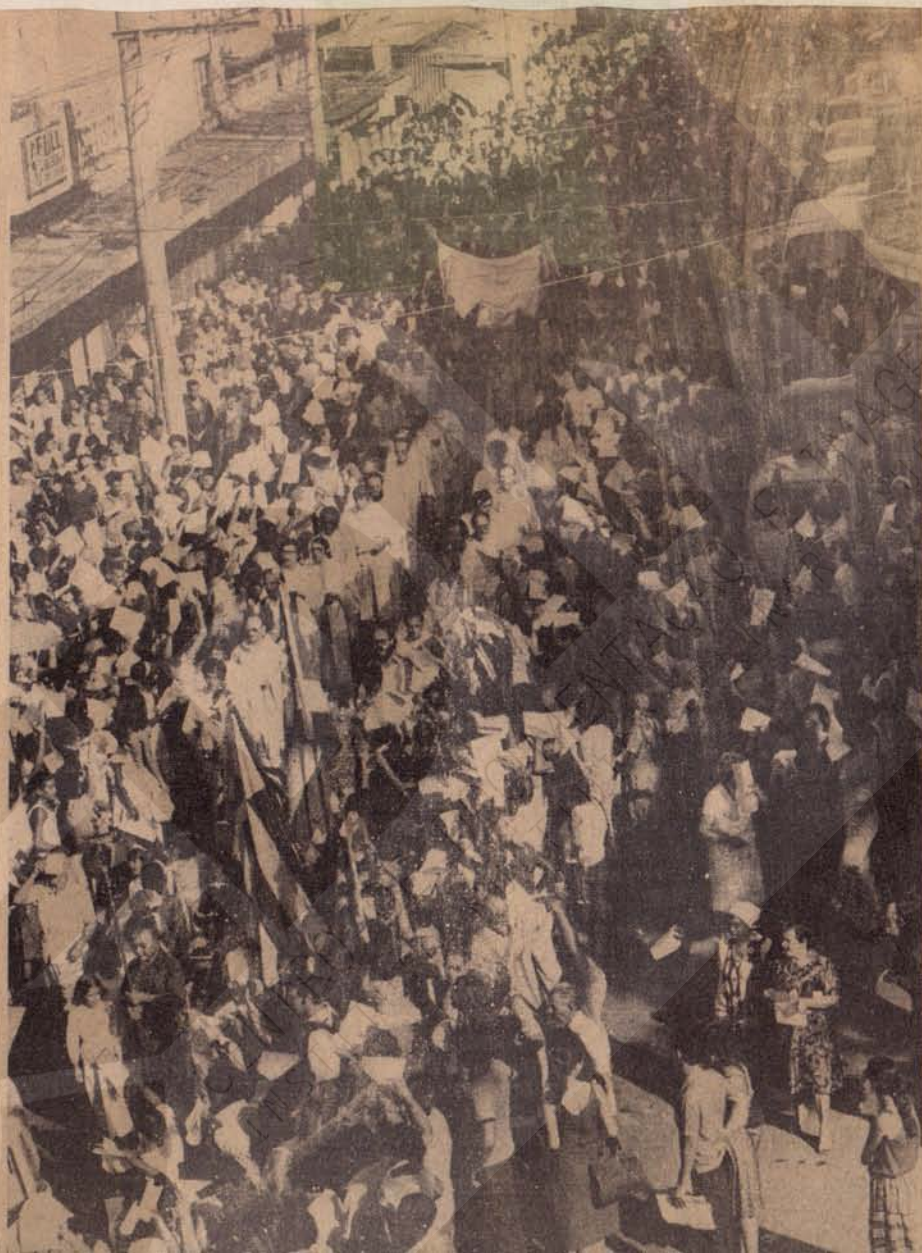
(Continua)

"Os inimigos da Igreja são os que procuram privilégios"

áreas de atrito, mas se vêem colocadas dentro de áreas de atrito. O engajamento do cristão significa um comprometimento com a esperança. Mas a esperança implica necessariamente numa crítica do que está aí aos nossos olhos. Daí, desta atitude crítica e deste apontar para novos rumos, nascem incompreensões e outros problemas. Creio que vale a pena correr este risco. Aliás um risco já previsto por Jesus Cristo mesmo.

— Na Diocese de Nova Iguaçu existem quase 100 núcleos de Movimento de Amigos de Bairros. Esta é a solução, já que os vereadores e os deputados nada fazem pelo povo?

— O Movimento de Amigos de Bairros, como eu o entendo, não quer esvaziar os partidos políticos nem afastar a influência dos políticos. Nem isto seria possível. O Movimento de Amigos de Bairros quer ser um instrumento de participação das bases no processo social. É um instrumento de ação solidária, comunitária. Quem mais sente as dores é o povo. Quem está no contato imediato, dia-dia, com os problemas que afligem a população, é o povo. Daí o seu valor complementar para a política sobretudo municipal. Para os políticos mesmos, que se interessam pelo povo e no povo querem basear a sua sobrevivência, o MAB oferece pistas e sugestões apreciáveis. Importante para o MAB é preservar-se de uma identificação compro-



Cratêus ou no Recife. Tanto no Brasil como em outros países.

— Em sua opinião qual é o problema principal da Baixada Fluminense? O que mais lhe chamou a atenção quando chegou a Nova Iguaçu em 1966?

— Sem logo de início que a Baixada Fluminense era a grande enjeitada do estado do Rio. Como se tratava de uma população enorme, mas pobre, não merecia a atenção dos governantes e dos grandes políticos. Tive a sensação de um povo abandonado, entregue à própria sorte. Outro aspecto: a inchação de nossas cidades, tudo atropelado, tudo caótico, tudo confuso. Quase terra de ninguém. Aqui o problema é o mesmo do Brasil, embora agravado pela proximidade dos grandes centros que são o Rio, São Paulo, Belo Horizonte: a marginalização. Um Povo humilde, ordeiro, trabalhador, sacrificado, mas colorado à margem do processo social, objeto e não sujeito da História. Outro aspecto que chama a atenção: o crescimento demográfico, sobretudo graças à imigração de pessoas vindas das áreas agrícolas do Brasil, lavradores simples que são jogados dentro da problemática urbana, industrial sem perderem os seus traços fundamentais de camponeses. Outro problema — que aqui se agrava por ser quase terra de ninguém — é a insegurança, a violência, a impunidade. O povo vive inseguro: insegurança econômica, insegurança policial, insegurança jurídica, também insegurança religiosa. Basta acompanhar durante uns dias os passos da população na direção da Igreja, do INPS, do trabalho, do hospital, da escola, do divertimento para se ter uma noção, embora fraca, do peso, da sobrecarga emocional que esmaga o povo da Baixada Fluminense. Acho que a fusão trouxe perspectivas de melhora para a Baixada. A Igreja de Nova Iguaçu procura dar uma contribuição decidida aos esforços de conscientização, ela mesma procura conscientizar o povo, vendo na conscientização um aspecto importan-

...pois assim se desliza de sua
nalidade: defesa, reivindicação dos di-
reitos da comunidade, acompanhamento/
fiscalização/cobrança das promessas e
deveres dos políticos. Atributo ao MAB
— ou instituição semelhante — um papel
de grande importância para a consoli-
dação da democracia, para integração
das massas, para participação consciente
do povo na vida nacional.

— Qual é a sua opinião sobre a legalização do Partido Comunista?

Continuo pensando que os partidos políticos, mais do que expressão política das elites, deveriam corresponder às correntes do pensamento político que alimentam o povo. Aqui seria possível perguntar: até que ponto o Marxismo está presente nas elites do Brasil, justificando assim um partido próprio? Outro problema sério: nos países onde o Marxismo atingiu o poder através de um partido político — no caso o Partido Comunista —, logo impôs pela força a ditadura de um partido único, disfarçado em partido do proletariado. Deixando de lado os caminhos tortuosos pelos quais chegou ao poder, o Partido Comunista que domina a Rússia, a Polônia, a Alemanha Oriental, a Romênia, a Bulgária, e também a Iugoslávia e a Albânia, eliminou toda a possível concorrência democrática de outros partidos, tornou-se partido único, ditatorial, absoluto. Não é isto que desejamos nem para o Brasil nem para qualquer outro país.

O partido que se apodera definitivamente do poder, como direito seu, e que, para garantir esse pretensão direito, julga as Forças Armadas, a Justiça, a Cultura, a Religião, a Economia, e a Fé um bloco monolítico, do poder, nega totalmente a democracia.

— Depois da morte do senador Petrônio Portela, ministro de Justiça do governo Figueiredo, quais são agora as perspectivas das relações entre o estado e a Igreja? O político Petrônio Portela realmente fará falta dentro do atual quadro político?

— O Senador Petrônio Portela era um hábil negociador, praticava com bons resultados o instrumento social que é o diálogo. Coube-lhe um papel importante no esforço e na prática da abertura política e na democratização do sistema. Assim estavam-se afastando certos problemas que dificultavam as relações da



Procissão de desagravo ao atentado que destruiu o altar da Igreja

Igreja com o Estado. Agora, o que estava — ainda está e sempre estará — em jogo no relacionamento entre a Igreja e o estado são os valores mais profundos da pessoa humana e da comunidade. A Igreja sabe de sua própria experiência que as realidades humanas são imperfeitas e frágeis. Por isso sua missão profética será sempre atual, despertará sempre reações e atritos. A Igreja nunca se identificará com o estado, nem com um regime de governo, nem com um sistema econômico, nem com um tipo de cultura, nem com um partido político.

— A propósito da anunciada visita do Papa João Paulo II: até que ponto a visita de um Papa contribui para uma melhor relação entre o Governo e a Igreja? Podemos esperar uma tal melhora no Brasil?

— A visita do Papa é em primeiro lugar um acontecimento de Igreja. Tem um aspecto pastoral e não político, embora repercuta politicamente de algum modo. Qual a repercussão? Vai depender muito do desenrolar da visita do Papa. Creio que o Santo Padre também falará das injustiças sociais que desfiguram a face de nosso povo. Creio que se dirigirá aos católicos, cobrando deles uma contribuição válida para a solução dos problemas. Estamos num país de maioria católica. Com isto se admite implicitamente que os católicos são responsáveis pelo que aí está e, se tiverem consciência de sua missão, também são responsáveis pela transformação social necessária para a construção da Paz.

— Qual a saída para a atual crise institucional brasileira?

— A crise institucional brasileira é complexa: são fatores acumulados faz muito tempo; uns importados, outros produzidos pela nossa fantasia criadora; uns anteriores, outros posteriores à revolução de 64. Há uma grande confusão. Parece-me que uma primeira etapa seria a grande conciliação ou reconciliação nacional. Depois um esforço sério para criar instituições políticas sólidas e dinâmicas, instrumento, expressão e garantia de uma autêntica Democracia. Creio

que a Igreja, pelo seu contato fácil e constante com as bases, tem uma tarefa muito importante, muito grata e muito evangélica na conscientização do Povo. Sem que isto signifique comprometimento ideológico ou político-partidário.

— Quais são os inimigos da Igreja?

— Em sentido rigoroso a Igreja não tem inimigos. Pode ser que certas pessoas se julguem inimigas da Igreja e procedam assim. Num sentido mais lato os inimigos da Igreja podem ser: a procura de vantagens e privilégios; a identificação com grupos do poder; a preocupação com os problemas humanos sem o alimento profundo da Fé; um espiritualismo alienado das realidades concretas; o clericalismo; a intolerância e o fanatismo; o desequilíbrio entre a tradição e a renovação; a sedução do espírito do mundo que é negação do evangelho, em especial negação do sermão da motanha, etc. Nesta colocação é fácil compreender por que a Igreja é perseguida.

— Por que o senhor é tão perseguido?

— A resposta anterior vale aqui também. Pode ser ainda que a situação concreta de nossa Baixada — abandono, pobreza, insegurança, impunidade, elitismo dominador e manipulador — contribua também para se rejeitar a ação pastoral da Igreja. Certos grupos manipuladores gostariam de uma Igreja que se acomodasse, que sustentasse os poderosos, que dependesse dos riscos. Uma Igreja que na sua pastoral procure assistir somente, — asilos, orfanatos, sopa dos pobres, — ou somente rezar — festas litúrgicas, procissões, administração dos sacramentos, culto — pouca resistência desperta, a não ser por questões pessoais. Uma Igreja que reza mas de oração, isto é: da Fé tira motivo, força, criatividade para melhor servir os irmãos pela assistência e sobretudo pela promoção/conscientização, aí está a causa mais profunda da incompreensão, da oposição, da perseguição, tanto na Baixada Fluminense como em Santana do Araguaia, tanto em João Pessoa como em São Paulo, tanto em Propriá ou Bacabal como em Juazeiro ou Teófilo, Ottoni ou Volta Redonda ou

Neste sentido se estende o apoio que a Diocese de Nova Iguaçu deu a alguns movimentos populares — a uma greve dos professores e dos metalúrgicos por exemplo e que dá ao Movimento de Amigos do Bairro. Para a Igreja não se trata de atividade política mas social, ética, humana, por isso mesmo pastoral. A Igreja de Nova Iguaçu não procura nem quer o poder. Quer somente conservar-se fiel à mensagem libertadora de Jesus.

— Para que setor está voltado o trabalho pastoral da Diocese de Nova Iguaçu? O senhor fala muito em conscientização do povo, no esforço da Igreja neste sentido. Gostaria que estendesse o assunto.

— Conscientizar é fazer, tornar consciente. Consciente é aquele que tem consciência, isto é: conhecimento mais ou menos claro, percepção mais ou menos clara dos fatos, dos fenômenos. Ter consciência, ser consciente é um aspecto básico do ser humano. A criança como o cachorrinho sente dor mas não tem consciência da dor; sofre, alegra-se sem saber jamais o quê e por quê. Quanto mais ampla e profunda for a consciência de nossas ações, das causas e efeitos dos fenômenos, mais nós mesmos seremos. Se quisermos analisar um pouco melhor o processo da conscientização, diremos que inclui, suponho, a Fé cristã como dado indispensável ao nosso esforço de conscientizar: a) a certeza de que somos filhos de Deus e sujeitos de nossa libertação; b) conhecimento sempre mais profundo, sempre mais claro da realidade: fatos, causas, consequências, inter-relação; c) atitude crítica que analisa, discute, contesta, sugere, assume; d) participação nos diversos momentos do processo social; e) solidariedade e espírito comunitário; f) inserção no plano de amor do Pai; g) fraternidade cristã. Aí está o ponto de partida, fonte alimentadora, o específico da Igreja e de sua ação. No mundo a Igreja dá preferência ao pequeno, ao fraco, ao pobre, ao marginalizado, ao perseguido. Como na vida histórica de Jesus Cristo haverá sempre na vida da Igreja — corpo misterioso de Cristo — uma tensão dialética entre a luz e a treva, entre o pecado e a graça. Na história muitas vezes a vitória é da treva e do pecado. Nossa Fé porém nos garante que a vitória definitiva é da luz, da graça e do Amor.

"O martírio não é um acidente na vida da Igreja"

A propósito do abominável seqüestro de D. Adriano Hypólito e do seu sobrinho, Fernando Leal Webering, ocorrido em Nova Iguaçu, os Sacerdotes, Religiosos e Líderes Leigos da Diocese de Nova Iguaçu, publicaram a seguinte nota:

"Dom Adriano Hypólito, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente seqüestrado, encapuçado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos. A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: "Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa no céu, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (Mt 5,11-12). O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os "clamores do povo" (Êxodo 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o seqüestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado. O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas, não devemos temer tais ameaças: "Sereis odiados por todos, por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. E pela constância que alcançareis a vossa salvação" (Lucas 21,17-19). Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nossos compromissos de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição."

Nova Iguaçu, setembro de 1976.

gando sobre os fatos, uma nota na qual faz, entre outras citações, as seguintes:

"1 — Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, D. Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2 — reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil, o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-os com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esse, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão."

O FATO E AS REAÇÕES

O seqüestro de Dom Adriano Hypólito e do seu sobrinho, ocorrido em Nova Iguaçu, RJ, na noite de 22 de setembro, e a posterior explosão do automóvel dos mesmos em frente à sede da CNBB no Rio, recebeu total e maciço repúdio da opinião pública, e das Igrejas.

— Em mensagem pastoral, a Província Eclesiástica de S. Paulo, tendo à frente, o Cardeal Paulo Evaristo Arns, condena a agressão de que foi vítima D. Adriano Hypólito e lamenta que se divulguem "ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis. O documento dos Bispos paulistas ressalta que "alguns por ignorância, outros por má-fé procurarão ver nesta ação comprometimento com ideologias que nunca aceitamos nem defendemos, pois nossa vinculação é somente com o Evangelho de Cristo".

— Dom Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina e presidente interino da CNBB afirmou: "É claro que colocando o carro estacalhado em frente à CNBB os terroristas pretendiam nos fazer uma advertência. Há aí um grupo que nos quer intimidar para que não defendamos os injustiçados." D. Geraldo Fernandes disse que a Conferência não solicitará qualquer medida de segurança especial para ela e os bispos. A única coisa que podemos fazer é recorrer às autoridades para ver se deslindam este caso. Se vão chegar até o fim, também não sei."

— Na Capital baiana, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil D. Avelar Brandão

— O Cardeal de Porto Alegre, D. Vicente Scherer, afirmou que o seqüestro de D. Adriano "é um atropelo de um direito fundamental, não só da própria pessoa atingida como também de qualquer criatura humana".

— A Arquidiocese do Rio de Janeiro emitiu nota oficial dizendo que o atentado fere os sentimentos do nosso povo, acrescentando: "triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns".

— Em S. Luís, o Arcebispo da capital maranhense, D. João Mota, afirmou que o atentado revela uma tentativa de fazer calar a Igreja no Brasil, a qual, por intermédio de um de seus bispos, "vem se constituindo no instrumento mais poderoso de defesa dos direitos da pessoa humana". Disse que embora sentindo também os sofrimentos de D. Adriano, "sente ainda mais forte a alegria de seu testemunho de defensor da Justiça".

AQUI DE JUIZ DE FORA

— Foram enviados os seguintes telegramas: DOM IVO — Rio de Janeiro — Estado do Rio ARCEBISPO BISPO AUXILIAR CLERO POVO JUIZFORA APRESENTAM ORGAO MAXIMO AFETO COLEGIAL EPISCOPAL TESTEMUNHO SOLIDARIEDADE OCASIAO SOFRIMENTOS NOSSO DOM ADRIANO PT IGREJA ORGULHA-SE SUA MISSAO DEFESA DESAMPARADOS PT.

DOM GERALDO PENIDO

MONSENHOR ARTHUR HARTMANN — Nova Iguaçu — E. do Rio

PEÇO APRESENTAR QUERIDO IRMAO DOM ADRIANO SOLIDARIEDADE ARCEBISPO AUXILIAR CLERO POVO ARQUIDIOCESE JUIZ DE FORA TESTEMUNHO GRATIDAO SUA BRAVURA PASTORAL DEFESA SUAS OVELHAS ARROSTANDO SOFRIMENTOS PERIGOS MORTE RISCOS TODA SORTE PT SALVE NOVO SAO PAULO PT ABRAÇOS DOM GERALDO PENIDO

— D. Ivo, Secretário-Geral da CNBB, informou que desde o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu teve a consolação de receber por telefone, telegramas e outras vias, inúmeras manifestações de solidariedade à CNBB e repúdio à violência não só por parte dos bispos de todo o país, como da ABI, OAB e outros órgãos representativos. A Igreja, disse ele, não pode ser ingênua nem muitos menos masoquista, "mas nós nos alegramos por vermos assim que nossa ação não é indiferente e não estamos assim tão errados no que fazemos", disse D. Ivo, ao ler algumas das mensagens, inclusive a do Bispo de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi: "Todos nós somos atingidos por estes atos." Por isso, alegremo-nos."

D. Ivo referiu-se ainda a Dom Adriano Hy-

"O martírio não é um acidente na vida da Igreja"

A propósito do abominável seqüestro de D. Adriano Hypólito e do seu sobrinho, Fernando Leal Webering, ocorrido em Nova Iguaçu, os Sacerdotes, Religiosos e Líderes Leigos da Diocese de Nova Iguaçu, publicaram a seguinte nota:

"Dom Adriano Hypólito, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente seqüestrado, encapuçado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos. A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: "Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa no céu, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (Mt 5,11-12). O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os "clamores do povo" (Êxodo 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o seqüestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado. O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas, não devemos temer tais ameaças: "Sereis odiados por todos, por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. E pela constância que alcançareis a vossa salvação" (Lucas 21,17-19). Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nossos compromissos de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição."

Nova Iguaçu, setembro de 1976.

IGREJA CONTINUA SELANDO COM SANGUE SEU TESTEMUNHO CRISTÃO

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, julgou de seu dever pronunciar-se a respeito do seqüestro de D. Adriano Hypólito e seu sobrinho, divul-

gando sobre os fatos, uma nota na qual faz, entre outras citações, as seguintes:

"1 — Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, D. Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2 — reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil, o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-os com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão."

O FATO E AS REAÇÕES

O seqüestro de Dom Adriano Hypólito e do seu sobrinho, ocorrido em Nova Iguaçu, RJ, na noite de 22 de setembro, e a posterior explosão do automóvel dos mesmos em frente à sede da CNBB no Rio, recebeu total e maciço repúdio da opinião pública, e das Igrejas.

— Em mensagem pastoral, a Província Eclesiástica de S. Paulo, tendo à frente, o Cardeal Paulo Evaristo Arns, condena a agressão de que foi vítima D. Adriano Hypólito e lamenta que se divulguem "ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis. O documento dos Bispos paulistas ressalta que "alguns por ignorância, outros por má-fé procurarão ver nesta ação comprometimento com ideologias que nunca aceitamos nem defendemos, pois nossa vinculação é somente com o Evangelho de Cristo".

— Dom Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina e presidente interino da CNBB afirmou: "É claro que colocando o carro esfaqueado em frente à CNBB os terroristas pretenderam nos fazer uma advertência. Há aí um grupo que nos quer intimidar para que não defendamos os injustiçados." D. Geraldo Fernandes disse que a Conferência não solicitará qualquer medida de segurança especial para ela e os bispos. A única coisa que podemos fazer é recorrer às autoridades para ver se deslindam este caso. Se vão chegar até o fim, também não sei."

— Na Capital baiana, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, D. Avelar Brandão Vilela, disse que "o abominável atentado sofrido pelo Bispo de Nova Iguaçu só tem similar nos atos de antropofagia dos índios caetés no episódio de D. Pedro Sardinha, no século XVI".

— O Cardeal de Porto Alegre, D. Vicente Scherer, afirmou que o seqüestro de D. Adriano "é um atropelo de um direito fundamental, não só da própria pessoa atingida como também de qualquer criatura humana".

— A Arquidiocese do Rio de Janeiro emitiu nota oficial dizendo que o atentado fere os sentimentos do nosso povo, acrescentando: "triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns".

— Em S. Luís, o Arcebispo da capital maranhense, D. João Mota, afirmou que o atentado revela uma tentativa de fazer calar a Igreja no Brasil, a qual, por intermédio de um de seus bispos, "vem se constituindo no instrumento mais poderoso de defesa dos direitos da pessoa humana". Disse que embora sentindo também os sofrimentos de D. Adriano, "sente ainda mais forte a alegria de seu testemunho de defensor da Justiça".

AQUI DE JUIZ DE FORA

— Foram enviados os seguintes telegramas: DOM IVO — Rio de Janeiro — Estado do Rio ARCEBISPO BISPO AUXILIAR CLERO POVO JUIZFORA APRESENTAM ORGAO MAXIMO AFETO COLEGIAL EPISCOPAL TESTEMUNHO SOLIDARIEDADE OCASIAO SOFRIMENTOS NOSSO DOM ADRIANO PT IGREJA ORGULHA-SE SUA MISSAO DEFESA DESAMPARADOS PT.

DOM GERALDO PENIDO

MONSENHOR ARTHUR HARTMANN — Nova Iguaçu — E. do Rio

PEÇO APRESENTAR QUERIDO IRMAO DOM ADRIANO SOLIDARIEDADE ARCEBISPO AUXILIAR CLERO POVO ARQUIDIOCESE JUIZ DE FORA TESTEMUNHO GRATIDÃO SUA BRAVURA PASTORAL DEFESA SUAS OVELHAS ARROSTANDO SOFRIMENTOS PERIGOS MORTE RISCOS TODA SORTE PT SALVE NOVO SÃO PAULO PT ABRAÇOS DOM GERALDO PENIDO

— D. Ivo, Secretário-Geral da CNBB, informou que desde o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu teve a consolação de receber por telefone, telegramas e outras vias, inúmeras manifestações de solidariedade à CNBB e repúdio à violência não só por parte dos bispos de todo o país, como da ABI, OAB e outros órgãos representativos. A Igreja, disse ele, não pode ser ingênua nem muitos menos masoquista, "mas nós nos alegramos por vermos assim que nossa ação não é indiferente e não estamos assim tão errados no que fazemos", disse D. Ivo, ao ler algumas das mensagens, inclusive a do Bispo de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi: "Todos nós somos atingidos por estes atos." Por isso, alegremo-nos."

D. Ivo referiu-se ainda a Dom Adriano Hypólito como "um homem universal, para quem as questões sociais não podem ficar de fora" e "um Bispo que se tornou admirado pelo Episcopado sobretudo pelas vocações sacerdotais que atraiu e a acolhida que deu ao Seminário Stella Maris".

DEPOIMENTO

- No dia 22 de outubro de 1976, eu saí da Cúria Diocesana às 7 e 15 mais ou menos com meu sobrinho e a noiva dele e ia para casa no meu Volkswagen. Os sequestradores tentaram cortar nosso carro duas vezes e falharam. Diante da casa da moça, fizeram a terceira tentativa: Eram três carros. Me tiraram do meu carro, me botaram num corcel ou Chevette me encapuçaram e me algemaram. Procurei dialogar, mas não aceitaram diálogo nenhum, só diziam palavrões. Diziam: "filho desta", esse negócio vai nos render quatro milhões. Eu estava no banco de trás e havia dois elementos no banco da frente. Antes de me encapuçarem, vi a cara dos dois durante uns trinta segundos. Mais tarde, fiz o retrato falado dos dois para o Exército e para o Dops.

Seguimos por uma rua que me parecia ser a Via Dutra e depois por uma rua de paralelepípedos. Depois eu me perdi. Eles pararam uma duas vezes durante 45 minutos de viagem. Me esvaziaram os bolsos, me deram umas pancadas. Diziam que era para eu me comportar direito e continuavam dizendo palavrões. O do volante parecia ter um nível mais elevado que o outro elemento da direita, que me batia, me dava pancadas na cabeça, no corpo. Aí paramos num lugar, eles me puxaram, tiraram minha roupa toda e tentaram me dar cachaça por baixo do capuz. Eu resisti e eles derramaram cachaça no capuz. Me derrubaram e eu caí, asfíxiado pelo álcool. Me deram pontapés. Essa parte de violência física não foi muito exagerada não! Era mais para me desmoralizar, em amedrontar do que para me causar dor. Diziam:

"Diga que é comunista, seu filho desta..."

Eu digo: nunca fui comunista, não sou e nem serei.

E eles: "Bispo vermelho, chegou a tua hora, denuncia logo esse maldito de Volta Redonda e outros bispos vermelhos. Chegou a hora da vingança, traidor da pátria.

Me jogaram um líquido frio no corpo. Eu estava deitado no capim, havia umas pedrinhas miúdas e quando eles chegavam perto eu sentia eles pisando gravetos. Era um lugar ermo, descampado e eu ouvia passar carros numa distância de 50 a 100 metros. Eles diziam assim: "Vamos cortar". Eu eu pensava: "o que vai acontecer? Como vou morrer?"

Eu não sabia o que tinha acontecido ao meu sobrinho nem à moça. Eles revistaram minha pasta que tinha apenas documentos da paróquia e uma coisa que talvez eles não gostassem: um caderno da Diocese sobre democracia e eleições, com um discurso daquele General do 4º Exército onde ele dizia que a democracia era outorgada pelo Estado e essas barbaridades todas que se dizia naquela ocasião. Escutei a voz do meu sobrinho: "Não façam isso comigo, eu não tenho culpa nenhuma." Aí tomei a defesa dele: "Deixem o rapaz em paz, ele é apenas um empregado e não tem nada a ver com o que vocês me acusam"

"- Quem ajuda comunista é comunista".

Me deram uns pontapés. Uns dez minutos mais tarde, chegou um deles e diz: "O chefe deu ordem de não ter matar dessa vez. Isso é para você deixar de ser comunista. Tiraram minhas algemas e me amarraram as mãos e os pés com a cordas. Depois de meia hora, pararam e disseram: "Saí" Me puxaram do carro, me deram uma pancada na cabeça, me tiraram o capuz mas não me deixaram olhar. Me deram um safanão e eu fiquei

estirado no passeio. Quando me virei, sódeu pra ver que era um carro vermelho.

Eu estava nu, eles tinham cortado minha batina com a tesoura, a rua estava meio escura, sem ninguém. Passou um carro eu eu fiz sinal com as mãos. Eu só podia ficar meio de cócoras amarrado como um quadrupede. Passou um segundo carro, passaram duas ou três mulheres do outrolado da rua, que também não me viram. Depois passou um rapaz a quem eu pedi que me desamarrasse. Um senhor que estava no volante e me ajudou a cortar a corda com uma gilete perguntou: "O que o senhor quer?" Eu disse: "me dá uma calça". Meu maior desejo era uma calça. Então fiquei sabendo que estava em Jacarepaguá. Ele disse: "Mas o senhor está sangrando. Aí eu olhei e vi melhor o líquido vermelho que jogaram no meu corpo, para me caracterizar como comunista. "Bispo vermelho", como eles diziam.

Passamos antes pela paróquia de Jacarepaguá, perto da Praça Seca, e fomos para a 29ª Delegacia. O delegado me ouviu e a primeira coisa que fez foi tirar umas algemas da gaveta e perguntar: "Era assim?" Eu digo: Bom, de fato, era uma alegama, mas se era exatamente assim, não sei. O delegado falou de um jeito que mostrou que pra ele era uma coisa já de rotina o encapuchar e o alegamar. (Rindo) Infelizmente, não deixaram a algema comigo: "Isso é um crime político disse o delegado. Então, fomos para o Dops. Lá, na sala do Delegado Borges Fortes, começou aquele interrogatório. A tese de Borges Fortes é que deveria ser um grupo comunista disfarçado em anti-comunista. Para mim isto não faz sentido. Mas me trataram bem, com aquelas perguntas todas, naquela situação. Nesse dia, eu tinha acordado às 3 da manhã e sucedeu também a filmagem com o Joaquim Pedro de um especial para a TV Globo sobre vocações sacerdotais. Depois tetaram relacionar o sequestro com minha participação no filme, mas eu acho isso uma bobagem.

No interrogatório, me perguntaram se eu tinha ofendido, provocado ou desafiado grupos como a polícia, empresários, etc. E isto tudo ficou a gravado no DPPS (Departamento de Polícia Política e Social): Deus queira que conservem mesmo o que eu disse, porque eu disse umas coisas muito boas. Por exemplo, eles queriam saber sobre a Pastoral. Eu procurei explicar que era um trabalho da Igreja. etc. Eles diziam: "Mas o senhor não acha que essa pastoral não é um trabalho da Igreja?" Eu digo: "Não é nada disso. Uma coisa que eu insisto muito é que o cristão deve ser cristão também em sua profissão. Por exemplo, se o senhor é cristão, não deveria estar me tratando como está agora. Eu sou uma pessoa de responsabilidade, que está cansada, o senhor deveria dizer: "Vá para casa, descanse, vamos conversar amanhã. Não tem sentido começar este interrogatório sem fim depois de ter acontecido tudo isto. Ele disse: "Eu também não estou aqui por prazer. Fui acordado pelo Secretário de Segurança para tomar esse depoimento."

O telefone tocou, era o Núncio, que queria falar comigo. Mandaram esperar. Eu falei: Olha, acho melhor atender, porque afinal de contas se trata de um representante diplomático do Vaticano. O Núncio foi lá, entrou, invadiu a sala, me abraçou e disse: "Eu estou solidário com o senhor. Espero aqui até o senhor terminar: Ficamos no Dops até mais ou menos quatro horas. Eu tinha a impressão de que não era a última, mas sim o réu.

Dom Adriano Hipólito, o Bispo de Nova Iguaçu, responsável por uma diocese de dois milhões de fiéis, foi sequestrado há um ano e dois meses por uma organização de direita, acusado de "comunista". Foi xingado, surrado, humilhado. Na polícia, foi interrogado como um réu. Seu inquérito está arquivado por falta de provas. Dom Hipólito até hoje sorri constrangido ao lembrar a violência de que foi vítima.

REPÓRTER - O senhor disse que a versão do Delegado era de que os sequestradores eram um grupo de esquerda disfarçado em direita. Mas também tem muita gente que acha que é um grupo de direita que conta com o respaldo ou, no mínimo, com a benevolência do Estado. O que acha disso?

DOM HIPÓLITO - Os sequestradores disseram: Nós somos da Ação (ou Aliança) Anti-Comunista Brasileira. Para mim fica claro, se eles quisessem pegar um comunista não podiam ser comunistas. Comunista não sequestra comunista. Também não acho que seja coisa pessoal contra mim. Eles queriam atingir a CNBB, do contrário não teriam explodido meu carro em frente à CNBB. E o que complicava mais a coisa era a bomba logo depois na casa do Roberto Marinho. O mesmo grupo que levou meu carro assumiu a responsabilidade da bomba.

O General Reynaldo me perguntou se eu concordaria em que o Exército fizesse um inquérito paralelo ao Dops, e que seria secreto. De setembro a janeiro, o inquérito correu secreto, até que Veja furou e publicou.

Na Sexta-feira seguinte, fomos fazer a reconstrução. Um detetive do Exército, que veio de Brasília, um ou dois oficiais, eu e o meu sobrinho. Fomos pela Dutra, entramos no Café Pimpinela, pegamos Mesquita, Nilópolis, Avenida Brasil. Meu sobrinho, que não tinha sido encapuçado, reconheceu a Vila Militar. Agora, quando eu penso nisso, fico refletindo: Porque me levaram em direção à Vila Militar? Que negócio é esse? Nós devemos ter passado na Vila Militar um pouco antes das 9 horas. Depois das nove tudo lá é fiscalizado. Como é que os sequestradores se aventuram por lá duas vezes, sem saber o que podia acontecer no caminho?

Na época do inquérito do Exército, foi distribuída uma carta em nome da Ação Anti-Comunista Brasileira. Nesta carta, (com centenas de exemplares), me chamavam de corrupto, subversivo, imoral, diziam que eu tinha oferecido 500 mil cruzeiros para eles me pouparem a vida. Não me passou pela cabeça um só segundo pedir misericórdia a essa gente. Eu estava disposto a morrer tranquilamente e feliz. Por amor ao Evangelho. Eu estava acima disso. A gente sempre sabe o que está fazendo e isso exige um preço alto. Esse preço eu aceito, mesmo que seja a morte.

Noutro ponto da carta, dizia-se que a CNBB é infestada de comunistas, que Roberto Marinho é protetor de comunista, que a TV Globo é um ninho de comunista e que o Governo Geisel é corrupto, covarde e protetor de comunistas. "Agora tomamos a frente da defesa da Revolução", diziam eles. "e não daremos trégua aos comunistas".

Iguaçu, responsável por uma diocese de dois milhões de fiéis, foi sequestrado há um ano e dois meses por uma organização de direita, acusado de "comunista". Foi xingado, surrado, humilhado. Na polícia, foi interrogado como um réu. Seu inquérito está arquivado por falta de provas. Dom Hipólito até hoje sorri constrangido ao lembrar a violência de que foi vítima.

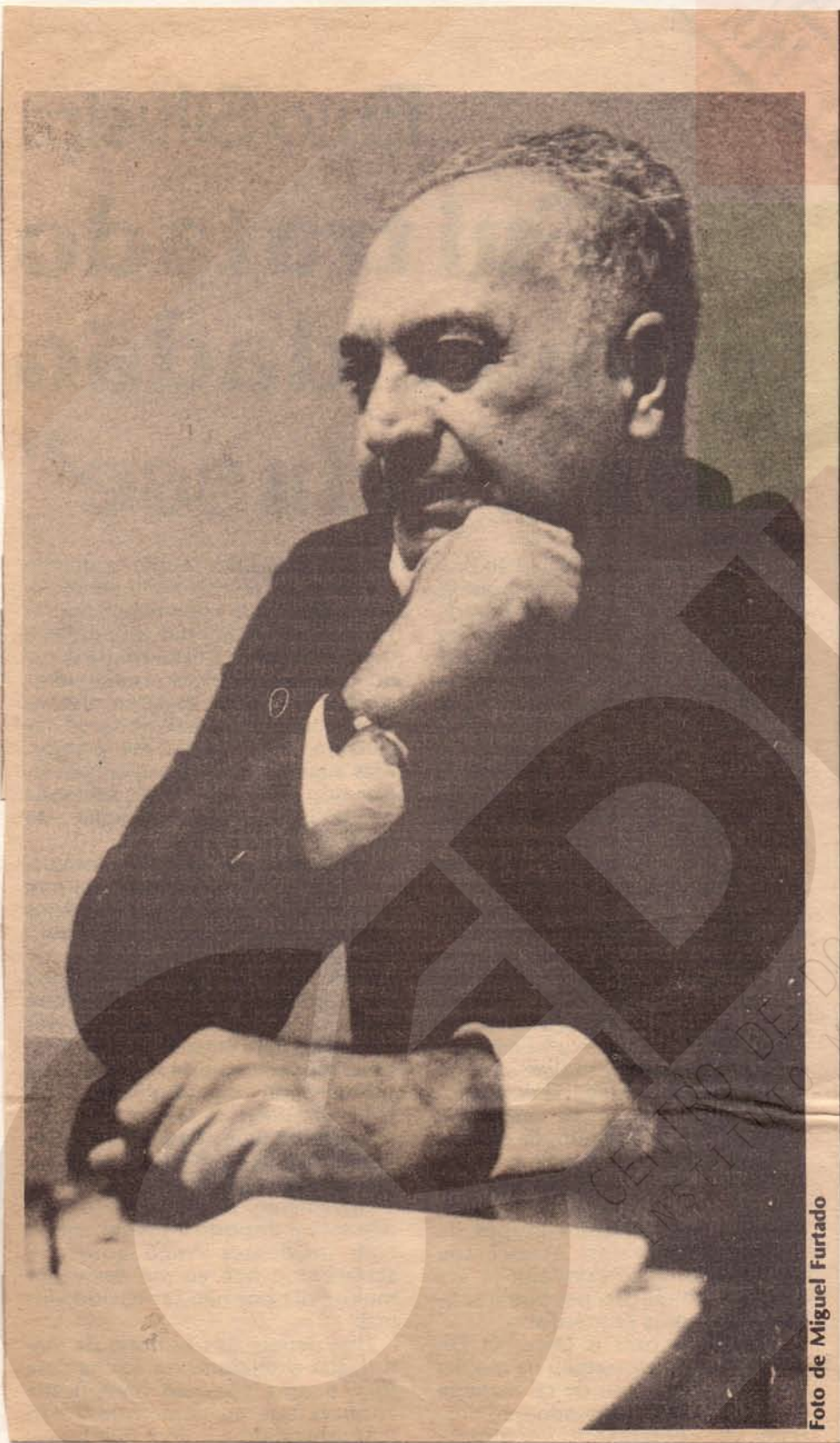


Foto de Miguel Furtado

também tem muita gente que acha que é um grupo de direita que conta com o respaldo ou, no mínimo, com a benevolência do Estado. O que acha disso?

DOM HIPÓLITO – Os sequestradores disseram: Nós somos da Ação (ou Aliança) Anti-Comunista Brasileira. Para mim fica claro, se eles quisessem pegar um comunista não podiam ser comunistas. Comunista não sequestra comunista. Também não acho que seja coisa pessoal contra mim. Eles queriam atingir a CNBB, do contrário não teriam explodido meu carro em frente à CNBB. E o que complicava mais a coisa era a bomba logo depois na casa do Roberto Marinho. O mesmo grupo que levou meu carro assumiu a responsabilidade da bomba.

O General Reynaldo me perguntou se eu concordaria em que o Exército fizesse um inquérito paralelo ao Dops, e que seria secreto. De setembro a janeiro, o inquérito correu secreto, até que Veja furou e publicou.

Na Sexta-feira seguinte, fomos fazer a reconstrução. Um detetive do Exército, que veio de Brasília, um ou dois oficiais, eu e o meu sobrinho. Fomos pela Dutra, entramos no Café Pimpinela, pegamos Mesquita, Nilópolis, Avenida Brasil. Meu sobrinho, que não tinha sido encapuçado, reconheceu a Vila Militar. Agora, quando eu penso nisso, fico refletindo: Porque me levaram em direção à Vila Militar? Que negócio é esse? Nós devemos ter passado na Vila Militar um pouco antes das 9 horas. Depois das nove tudo lá é e fiscalizado. Como é que os sequestradores se aventuram por lá duas vezes, sem saber o que podia acontecer no caminho?

Na época do inquérito do Exército, foi distribuída uma carta em nome da Ação Anti-Comunista Brasileira. Nesta carta, (com centenas de exemplares), me chamavam de corrupto, subversivo, imoral, diziam que eu tinha oferecido 500 mil cruzeiros para eles me pouparem a vida. Não me passou pela cabeça um só segundo pedir misericórdia a essa gente. Eu estava disposto a morrer tranquilamente e feliz. Por amor ao Evangelho. Eu estava acima disso. A gente sempre sabe o que está fazendo e isso exige um preço alto. Esse preço eu aceito, mesmo que seja a morte.

Noutro ponto da carta, dizia-se que a CNBB é infestada de comunistas, que Roberto Marinho é protetor de comunista, que a TV Globo é um ninho de comunista e que o Governo Geisel é corrupto, covarde e protetor de comunistas. "Agora tomamos a frente da defesa da Revolução", diziam eles, "e não daremos mais lições como a que demos neste bispo corrupto, comunista. Daí para frente executaremos os inimigos da Pátria".

REPÓRTER – Em que pé está esta investigação?



RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 1977.

O bispo é comunista?**Não, o sequestrador****é fascista.****SEQUESTRO**

"Qualquer coisa que destoe do estabelecido é tida como comunista. Há ainda uma psicose coletiva: basta dizer você é comunista e não precisa provar nada. Tudo isto explica um caso como o meu"

DOM HIPOLITO - Em março deste ano, li no JB que a Auditoria da Marinha mandou arquivar o processo por falta de provas.

REPÓRTER - Qual a sua reflexão sobre a atuação das autoridades no episódio? Que lições o senhor tira disto?

DOM HIPOLITO - É evidente que, minha atividade pastoral, sendo uma missão profética, implica sempre em área de conflito. Não que a gente procure brigas por aí, mas a missão profética tem a finalidade de desmascarar o que está errado, numa perspectiva de esperança. Eu considero uma consequência natural que muitos não se conformem com esta missão profética do trabalho da Igreja e procurem fazer coisas contra mim ou qualquer outro que age desta maneira.

REPÓRTER - Em que medida este seu trabalho se torna perigoso?

DOM HIPOLITO - Você imagina o seguinte: - Você é um empresário cristão, mas explora seu empregado. Eu digo que está errado, que você não pode comungar. Pra comungar tem de emendar e você quer comungar e não quer emendar. Está criado o conflito. Não é possível que um sujeito que se diz cristão, que participa da missa, da Eucaristia, etc, explore seus empregados. Ou que passe aí todos os anos com carros modernos, importados, pagando salário de fome e explorando a comunidade proletária. Não é possível ser cristão. Mas não se pode dizer isto, pois isto é comunismo.

Existe também a insegurança de quem vive na obsessão anti-comunista. Qualquer coisa que destoe do estabelecido é tida como comunista. Há ainda uma psicose coletiva: basta dizer "você é um comunista" e não precisa mais provar nada. Tudo isto explica um caso como o meu.

O aspecto positivo é que, dentro desta atmosfera de insegurança total em que o povo vive, eu participo desta insegurança. Porque eu não me sinto absolutamente um privilegiado dentro da sociedade. Me sinto um membro desta comunidade do povo que está aí sofrendo coisas horrores. Então acho que foi muito bom para mim que eu sofresse indiretamente essa insegurança do povo. Muitas vezes, em reuniões de operários e estudantes, alguém me perguntou: - Meu irmão, se amanhã eu for preso, o que o senhor faz?

Eu digo: Não sei. Não conheço

nenhum filho de general, não sou amigo de empresários, políticos, gente de poder a quem eu pudesse recorrer. Na hora que acontecer é que eu iria pensar com vocês no que fazer.

REPÓRTER - Como foi a reação da população ao seu sequestro?

DOM HIPÓLITO - Milhares de pessoas passaram por aqui para saber de mim. Cinco mil pessoas vieram à missa comunitária. Eu nunca vi uma igreja tão cheia, tão viva. As pessoas participaram intensamente.

O REPÓRTER - Houve alguma tentativa de limitar a participação das pessoas na manifestação de solidariedade ao senhor?

DOM HIPÓLITO - No dia da missa, o SNI e o Dops estavam aí. Mas eu não tenho nada a temer. Me sinto acima dessas coisas todas.

REPÓRTER - O senhor não acha perigoso deixar que um sequestro aconteça impunemente?

DOM HIPÓLITO - A coisa mais grave é realmente a impunidade. Que aconteçam atos de violência, eu acho que já vem do próprio ânimo da comunidade. Agora, que essas violências não sejam apuradas e nem seja punidos os responsáveis, eu acho que não está certo. Isto provoca a repetição do fato. Quando há impunidade é porque alguma coisa não funciona bem, seja da parte da polícia ou da justiça.

REPÓRTER - Como seu sequestro repercutiu a nível do Vaticano? Pois ele representou um ataque à Igreja enquanto instituição, num país como o Brasil, que se diz católico...

DOM HIPÓLITO - A gente não deve exagerar. A igreja sempre sofreu perseguições. Não sou o primeiro nem o último padre atingido. Há uma atmosfera de hostilidade para com a Igreja porque ela assumiu um papel diferente do que assumia antigamente. A Igreja não se conforma mais com o estabelecimento, sobretudo nos países do Terceiro Mundo. Não aceitamos que a Igreja seja hoje um sustentáculo do poder civil. Ela não é mais caudatária do sistema de poder, mas alguém que contesta, a partir do Evangelho, os abusos do poder. A verdade é que toda a imprensa católica e até o Papa pessoalmente comentaram o caso, mas não como uma exceção.

Foi um caso excepcional no Brasil. Foi a primeira vez, desde Dom

Macedo Costa e Dom Vital, há cem anos, que um bispo sofre perseguição de tal nível. (Na década de 70 do século passada, uma Irmandade católica de Recife aceitou membros maçons. Na época, havia grandes divergências entre a Igreja e a Moçonaria. O bispo de Recife proibiu os maçons na Irmandade e suspendeu o padre que os aceitou. A Irmandade recorrer ao Imperador, que deu ganho de causa a ela. O bispo do Pará apoiou o bispo de Recife e os dois foram condenados a dois anos de trabalhos forçados no Rio. Quando o Duque de Caxias foi convidado para o Ministério da Guerra, impôs como condição a libertação dos dois. O Imperador foi contra e prevaleceu a opinião de Caxias).

- Mas foi diferente, pois os dois foram enquadrados numa lei objetiva. Comigo, o caso foi diferente. Tratou-se de um sequestro, uma violação de leis existentes.

REPÓRTER - Que tipo de conse-

lho o senhor daria a alguém que tivesse sofrido as mesmas violências que o senhor sofreu?

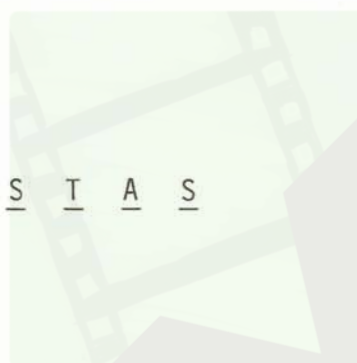
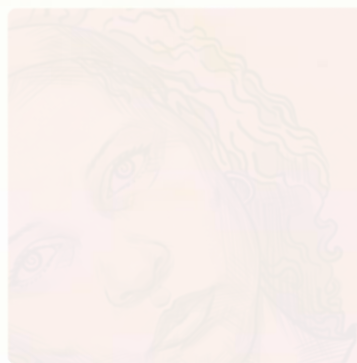
DOM HIPÓLITO - Nós defendemos uma convivência pacífica, somos partidários da não violência. Não somos partidários da passividade, mas sim de uma resistência passiva. Uma resistência não-violenta. Devemos protestar e conservar este protesto. Devemos lutar para eliminar esses abusos, essas deformações, e violações da dignidade da pessoa humana. Este é outro aspecto importante da missão da Igreja. Devemos denunciar essas coisas.

Tem muita gente que diz que não adianta nada. Mas eu acho que, se não adiantasse, não haveria esse medo da palavra frágil que a Igreja diz. Nosso grito incomoda. Os instalados não querem ser perturbados na sua tranquilidade. Esses que exploram, que violam os direitos humanos. Nós temos de continuar usando a palavra, que é a nossa maior força.

D. HIPÓLITO



**“Nosso grito
incomoda. Temos de
usar a palavra.”**



R E V I S T A S

D E

V Á R I O S

E S T A D O S D O B R A S I L

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ



BOLETIM DIOCESANO

Diocese de Nova Iguaçu

95/96

novembro e dezembro de 1976

EDITORIAL

1. Como homenagem à população ordeira e humilde da Baixada Fluminense que, de coração aflito, acompanhou e continua acompanhando a atuação do bispo diocesano, sai a carta de solidariedade que Octávio Mello escreveu a Dom Adriano em nome de sua comunidade de São Jorge, da Vila Tiradentes, em São João de Meriti. Esta carta fala por todas as outras expressões de afeto e de estima. Não só: Octávio Mello compreende o bispo que tem sempre procurado compreender a Baixada Fluminense.

São João de Meriti, 21 de outubro de 1976.
Exmo. Sr. Bispo, Dom Adriano Mandarino Hypolito, O.F.M.
Saudações em Cristo.

Nós aqui em nossa pequena comunidade de São Jorge, situada no Bairro de Vila Tiradentes, acompanhamos estarecidos as notícias sobre o atentado de que o Snr. foi vítima. Somos aqui um punhado de operários e donas de casa, verdadeiros Zés da Silva e Zefas Maria da Conceição. Mais a gente já sabia que o Snr. está desagradando a muitos figurões quando analisa os problemas sociais da Baixada Fluminense, do Brasil e do mundo à luz do evangelho de Cristo. Com tudo, nunca pensamos que eles chegariam ao extremo de pôr em prática uma agressão tão violenta quanto covarde. A gente sabe também que eles querem ver o Snr. calado, para que o Zepovinho receba o chicote das injustiças com as mãos postas dizendo: «Seja feita a vontade de Deus». Para azar deles a reação veio tarde de mais, pois os artigos que o Snr. escreve em «A Folha» já são comentados e transformados em teima para reflexão em nossa comunidade. Sem dúvida outras comunidades estão fazendo a mesma coisa. E daí? Daí segue-se que os Zés da Silva e as Zefas Maria da Conceição já começaram a pensar que os males que se avolumam neste mundo não são todos da vontade de Deus. Já começaram a pensar que os mesmos homens que realizaram a maravilhosa viagem à Lua também criaram (e muito antes) as estruturas sociais injustas que vemos e sentimos em nosso Planeta. É por tudo isso Dom Adriano, que nós estávamos no dia 3 do mês corrente, às 16 hs, aí na Catedral de Nova Iguaçu, tomando parte naquela memorável celebração. E quando o Snr. entrou no altar acompanhado de todos aqueles Padres e Bispos, nós sentimos uma comichão nas mãos, tal era a vontade de bater palmas. Mais pensamos: estamos na Catedral Diocesana minha gente! Com a presença de uma porção de Snres. Bispos visitantes. Como vamos querer bater palmas ao nosso Bispo numa cerimônia grandiosa assim? Foi aí que veio pelos altofalantes a frase que todos esperavam: Palmas para Dom Adriano! Então vimos que aquela comichão estava em todas as mãos ali presentes. Sabemos que o Snr. vive muito ocupado. Por isso não vamos prolongar mais estas linhas. O que queremos dizer por meio delas Dom Adriano é o seguinte:

Nós estaremos com o Snr. para o que der e vier. Rezaremos quando for preciso rezar. Falaremos quando for preciso falar. Agiremos quando for preciso agir; e sofreremos se for preciso sofrer. E aqui vamos terminar nossa mensagem pedindo ao Snr. que nos desculpe a falta de protocolo ao escreve-la; mais nós não sabemos escrever ou falar de outra maneira. Viva Jesus Cristo!

Pela comunidade de São Jorge de Vila Tiradentes assina o coordenador — Octávio Mello.

2. Muitas cartas, mensagens, telegramas vieram de outras dioceses e de muitas regiões de nossa Pátria. Todas exprimindo solidariedade, espírito de fé, e certeza de que o cristão, para imitar Jesus Cristo, tem de sofrer por amor da justiça. Em nome da comunidade de Itaguara, em Goiás, escreveu a P. Fernando de Brito uma carta que resume os sentimentos de todos:

«Itaguara, 18 de outubro de 1976.

Companheiro D. Adriano,
Somos um punhado de cristãos numa cidadezinha de Golaz e tentamos viver o Evangelho na vida de cada dia. Ficamos observando os outros lugares onde a gente vê os companheiros da mesma caminhada.

Seguimos pelos jornais seu acontecimento e recebemos sua carta-depoimento. Ela foi lida em nossa reunião mensal e pudemos refletir nela o Evangelho escrito em 1976. Depois da leitura e reflexão, nosso povo decidiu escrever uma carta de solidariedade ao senhor e a carta foi escrita por nossos poetas. Ei-la:

Aqui vai nossa solidariedade ao nosso irmão e companheiro de luta, D. Adriano de nova Iguaçu, Rio de Janeiro, conte com nosso apoio, por nós saber que você está do lado das pessoas menos favorecidas, esse é o dever de todo cristão, a qual foste chamado para família do povo de Deus.

Aqui vai nossa homenagem pelo que aconteceu
você deu um testemunho da mensagem que recebeu pela firmeza e a coragem foi um exemplo que você deu foi por causa das injustiça que Jesus Cristo morreu.

Jesus Cristo sempre avizou que a Igreja é perseguida quem quiser ser um discípulo arrisca a própria vida Por este Povo derrotado e esta família desolada a fé e a esperança nunca foi e nem vai ser vencida.

Pelo fato acontecido foi uma semente que plantou mecheu em nossas vidas da vida dos trabalhador

da mençagem de Cristo precisamos ser conhecedor dele esperamos o Rei que é nosso Governador.

Em Cristo Jesus, em nome da Igreja que se reúne em Itaguara, Goiaz, Fernando de Brito, vigário».

3. Telegrama do Sr. Nuncio Apostólico Dom Carmine Rocco, transmitindo o telegrama da Santa Sé:

«Tenho honra transmitir vossência texto telegrama Santo Padre dirigido esta nunciatura:

— Sumo Pontífice ficou profundamente penalizado com notícia incidentes ocorridos Dom Adriano Hypolito, bispo Nova Iguaçu no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que deplora acontecido, deseja afirmar-se presente ao irmão no episcopado nesta hora provação com estima fraternal, votos pronto restabelecimento, e suas preces implorando com graças divinas ânimo para serena resignação meritoriamente iluminado pela esperança, olhos fixos em Cristo morto ressuscitado, continuar servir amorosamente reino Deus, ao conceder-lhe confortadora bênção apostólica. Cardeal Villot. —

Reiterando fraterna solidariedade, Dom Carmine Rocco, Nuncio Apostólico».

4. Ainda impedido de agradecer pessoalmente a todos que lhe mandaram telegramas, cartas, mensagens, moções de simpatia, solidariedade e entusiasmo, D. Adriano agradece por meio do Boletim Diocesano a todos os bispos, padres, religiosos, leigos, entidades civis e religiosas, autoridades constituídas e amigos as provas de amizade cristã e de esperança pastoral. Todos são unânimes em reconhecer que o que está em jogo é a sorte do Evangelho anunciado aos irmãos fracos e humildes. Por isso há unanimidade também na palavra de incentivo: é preciso continuar no caminho de Jesus Cristo que é o caminho da Igreja.

UM TESTEMUNHO SEM PRETENSÕES

(Palavras de D. Adriano na concelebração de desagravo, 03-10-76)

Saudação

Meus queridos irmãos no episcopado — vocês que vieram de tão longe para participar desta Eucaristia da unidade e da paz. Meus queridos irmãos no sacerdócio — vocês que vieram de várias dioceses e também da diocese de Nova Iguaçu, para este encontro fraterno. Meus queridos irmãos vindos de tantas paróquias também de fora de nossa diocese — eu lhes agradeço de coração esta presença que é uma presença de Igreja, uma presença da família de Deus que se reúne para louvar o Pai.

Nesta hora eu gostaria de resumir em breves palavras, se fosse possível resumir, os impulsos que animam a nossa atividade de bispos, de padres, de cristãos engajados.

Jesus Cristo

Recordando mais uma vez a força do Espírito que ultrapassa nossa fraqueza, nossa miséria, nossas limitações, para ser presença da força de Jesus Cristo, devemos dizer que diante de nossos olhos paira sempre aquele que disse: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» — Cristo, princípio e fim; Cristo, nossa única esperança; Cristo, nosso único salvador.

É por ele, para ele e nele que nós encontramos a força da doação e da entrega aos irmãos. É ele que nos anima, é ele que nos fortalece, é ele que nos faz suplantiar todas as limitações que sentimos e que também lamentamos.

A Igreja

E mais: quando olhamos o mistério da Igreja, que é o mistério do Cristo continuado no tempo; quando olhamos a presença de Cristo na história através da Igreja — Igreja que somos nós enquanto engajados no Evangelho, verificamos que toda a riqueza sacramental da Igreja, meus irmãos, se resume naquela palavra que Nosso Senhor mesmo disse num momento culminante de sua vida a propósito do mistério de seu corpo e sangue: «Este é o pão que desceu do céu para a vida do mundo».

Sim, toda a riqueza sacramental da Igreja está aí para a vida do mundo. E nós sabemos o que é vida.

A Igreja não é uma instituição meramente humana; não é apenas uma estrutura visível. É muito mais: é a força do amor de Deus, é a força da graça do Espírito Santo, é a força da presença de Jesus Cristo no meio dos homens. A Igreja é a família de Deus, somos todos nós, enquanto engajados no Evangelho.

A força da Igreja está aí para a vida do mundo. E é por isso que toda atividade da Igreja, nas boas e nas más horas, compreendida e incompreendida, tem sempre razão de ser. Não é Política. Não é estratégia. Não é técnica. Não é conquista. Não é estabelecimento. Não é organização. Não. Igreja é o esforço generoso, na força de Cristo, para criar uma comunidade de irmãos, para ser ao menos um sinal de esperança para todos aqueles — e são todos os homens — que no fundo de seu coração gritam pela felicidade.

Continuar

Daí por que, meus irmãos, nós devemos continuar.

Uma vez que não procuramos prestígio, não procuramos posição, não procuramos vantagem; uma vez que a vida da Igreja é realmente doar-se oportuna e inoportunamente; uma vez que a vocação da Igreja é servir os irmãos e ser para todos os homens um sinal de esperança — nós temos de continuar. Como ouvimos na leitura dos Atos dos Apóstolos: Não podemos deixar de falar daquilo que vimos e ouvimos.

E se a Igreja — repito: a Igreja que não é apenas o bispo ou o padre mas todos os cristãos engajados, — se nós portanto temos muitas vezes que dizer a verdade, uma verdade que dói e fere, uma verdade que em primeiro lugar deve ser aplicada a nós mesmos, assim fazemos sempre para construir a paz, sempre na certeza de que é possível construir um mundo melhor; sempre na certeza de que o céu começa aqui no mundo, enquanto nós nos dispomos a servir os irmãos.

Apelo

Por isso também o nosso apelo, quando apelamos insistentemente para as elites, quaisquer que sejam, sentindo no coração as dores do povo humilde, de toda esta imensa multidão de irmãos marginalizados que não têm voz nem vez. Apelamos porque contamos que nas elites há cristãos, há pessoas que foram batizadas no sangue de Jesus Cristo e por isso podem, alertadas, assumir a sua responsabilidade. É por isso que apelamos, não é para criarmos inimigos ou áreas de atrito. Se apelamos para o melhor que há no homem marcado com o sangue de Jesus Cristo, para assumir sua responsabilidade, é porque este mundo, meus irmãos, nos foi entregue a nós para ser construído como mundo melhor, mundo de paz, de amor e de fraternidade. Por isso temos de continuar. Com a graça de Deus, temos de continuar.

Esperanças

Minha esperança para Nova Iguaçu, esta comunidade à qual quero muito bem, com a qual me identifiquei desde o primeiro dia? São dez anos agora de atividade pastoral na Baixada Fluminense. E eu digo que continuo marcado com o mesmo amor do primeiro dia, da primeira hora, quando prometi no primeiro encontro com a comunidade: «Eu peço a Deus morrer aqui, servir sempre aqui». Continua firme esta minha vontade, este meu desejo.

Eu gostaria que estes acontecimentos fossem o princípio de um esforço de unidade, fossem um pouco de cimento para a construção de uma comunidade mais viva, mais responsável. Eu gostaria que todos nós nos sentíssemos responsáveis pela sorte dos irmãos. Não mais uma inchação social, mas uma comunidade verdadeira que sente, que procura dar de si o melhor para crescer, para se desenvolver, para resolver os seus problemas. Com maior largueza de vistas. Com maior generosidade. Coração mais aberto, coração mais sensível para as necessidades dos irmãos.

De certo alguma coisa de grande vai sair daqui desta comunidade de Nova Iguaçu, tão sacrificada, não só de Nova Iguaçu mas de toda a Baixada Fluminense, em caminho para um Brasil melhor, em caminho para uma Igreja mais atuante.

Deus lhes pague.

CÚRIA DIOCESANA**AVISOS****Aviso 41/76: Eleições diocesanas (03-11-76)**

De acordo com a pauta das eleições de 1976 (BD 93/94), em 3 de novembro próximo, na reunião do clero, os eleitores presentes elegem, em votação secreta, dentre os candidatos apresentados nas prévias eleitorais, a) o vigário-geral; b) o coordenador de pastoral catequética; c) o coordenador de pastoral social; d) os sete coordenadores regionais. Na prévia realizada na sessão do Conselho Presbiterial de 29-9-76 foram apresentados os seguintes candidatos: a) para vigário-geral: Mons. Arthur Hartmann, atual vigário-geral e pároco de Olinda, e P. Enrique Blanco Pico, atual coordenador da Região Pastoral 1 e cura da catedral; b) para coordenador da pastoral catequética: P. Hugo Vasconcelos Paiva CM, atual coordenador e diretor do Centro de Formação de Líderes, e P. Humberto van der Togt MSC, atual suplente e vigário das paróquias de Santo Agostinho e Marapicu; c) para coordenador da pastoral social: P. Belmiro de Azevedo Campos, atual pároco de Edson Passos, e Fr. Willi Gaertner OFM, atual vigário de N. Sra. da Conceição, em Nilópolis. Até o dia 3 de novembro as regiões pastorais deverão ter escolhido dois nomes como candidatos ao serviço de coordenadores regionais e respectivos suplentes. Pedimos a todos os eleitores que compareçam à reunião do clero de novembro para exercerem o seu dever/direito de voto. Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 42/76: 10º aniversário da posse de D. Adriano (06-11-76)

No dia 6 de novembro transcorre o décimo aniversário da posse de D. Adriano como bispo diocesano de Nova Iguaçu. A diocese está organizando um programa especial de comemorações que será oportunamente comunicado a todas as paróquias. Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 43/76: Eleições municipais (15-11-76)

Como todos sabem, realizam-se no próximo dia 15 de novembro eleições municipais em todo o país. Serão eleitos pelo povo o governo municipal e a câmara de vereadores. A diocese lançou um caderno intitulado «Conscientização e Participação Democrática» que está à disposição de todos na cúria diocesana, na secretaria da catedral, no Centro de Formação de Líderes e no CEPAC ao preço módico de Cr\$ 5,00. A mão deste caderno os grupos das paróquias poderão refletir e conscientizar-se não só para as eleições próximas mas sobretudo para uma participação mais consciente e responsável no processo social que cabe à democracia. Não devemos deixar passar esta ocasião particular de conscientização do povo. — Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 44/76: Dia Nacional de Ação de Graças (25-11-76)

Como em todos os anos, celebra-se em todo o Brasil na 4ª quinta-feira de novembro — este ano dia 25 — o Dia Nacional de Ação de Graças. Todos os dias são dias de agradecimento ao Pai, certo. No entanto é bom que numa data especial todos os brasileiros se juntem, como comunidade nacional, para agradecerem a Deus todos os benefícios recebidos, em especial as grandes qualidades do nosso povo. Na catedral haverá às 20 h do dia 25 de novembro solene culto de ação de graças, para o qual estão convidadas todas as comunidades. Nas outras igrejas se fará o que for possível para despertar no povo sentimentos de gratidão para com Deus. Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 45/76: Coleta em favor das obras diocesanas (28-11-76)

Por determinação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil será feita no primeiro domingo do Advento (este ano 28 de novembro) uma coleta em favor das obras diocesanas. Recomendamos de modo particular a manutenção de A Folha, do Centro de Formação de Líderes, a construção do futuro Albergue de Emergência S. Francisco de Assis, o Lar dos Velhinhos etc. Não será demais se num dia do ano os responsáveis pelas comunidades apresentam aos fiéis algumas obras diocesanas que são do interesse de todos. Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 46/76: Inauguração do salão festivo de Moquetá (05-12-76)

Como parte do programa de comemorações (décimo aniversário de D. Adriano em Nova Iguaçu) será inaugurado no dia 5 de dezembro o salão nobre do Centro de Formação, além de outras partes novas ou reformadas. Apenas a capela ainda espera os vitrais, que vêm da Alemanha, para o Centro ficar totalmente acabado. Para a inauguração estão convidadas todas as paróquias e comunidades. Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 47/76: Aniversário da morte de Mons. João Müsch (06-12-76)

No dia 6 de dezembro transcorre o 11º aniversário da morte de Mons. João Müsch, o inesquecível apóstolo de Nova Iguaçu. Recordando o grande benfeitor de nossa comunidade, o bispo diocesano celebrará a S. Missa na catedral, às 19 h do dia 6. Estão convidados todos os amigos do P. João. Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 48/76: Eleição dos representantes diretos do presbitério (07-12-76)

Conforme a pauta das eleições (BD 93/94) serão eleitos na reunião mensal de dezembro (dia 7) os três representantes diretos do presbitério e o seu suplente. Contamos com a presença de todos os eleitores, Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Aviso 49/76: Introdução de A Folha nas paróquias

Para o ano de 1977 contamos que todas as paróquias se decidam a introduzir nosso semanário A Folha, como instrumento de participação litúrgica e de conscientização pastoral. A Folha reflete a linha pastoral e as opções de nossa diocese. A Folha transmite também a orientação do bispo diocesano, como unidade de

esforço pastoral. Seria bom se todas as paróquias de nossa diocese aproveitassem o nosso jornal, como instrumento de trabalho. A experiência tem mostrado que o povo simples entende e gosta. Catedral, 24-10-76, Mons. Arthur Hartmann, vig.-geral.

Encerramento deste número: 24-10-76. Endereço do BD: Cúria Diocesana — Cx. Postal 22 — 26000 Nova Iguaçu (Av. Mal. Floriano Peixoto, 2262; tel.: 021/2609) — Estado do Rio de Janeiro.

CALENDARIO PASTORAL NOVEMBRO/1976

- 02 Finados
- 03 r(09 h) mensal do clero/CFL
- eleições diocesanas
- 04/07 44º curs-H/NLar
- 06 posse de D. Adriano em Nova Iguaçu 10 anos
- 07 Todos os Santos
- e(19 h) 44º curs-H/NLar
- 09 r(09 h) CPresb/CFL
- 15 eleições municipais
- 18/21 33º curs-M/NLar
- 19 r(20 h) CPast/CEPAC
- 21 Cristo-Rei
- Dia Nacional da AC
- r(14 h) mensal das religiosas/Tingüá
- e(20 h) 33º curs-M/NLar
- 23 r(09 h) CPresb/CFL
- 25 Dia Nacional de Ação de Graças
- 28 1º dom. do Advento
- Dia Nacional do Migrante
- Assembléia Pastoral Diocesana/CFL
- Coleta em favor das Obras Diocesanas

CALENDARIO SOCIAL NOVEMBRO/1976

- 01 n(1937) Frieda Devos ICM, Moq
- n(1938) Santana Dalchavon FB, IESA
- v(1949) Carolina Xavier Eloy FC, Saco
- 02 n(1903) Carlos Franck, pMesq
- 03 n(1932) A. Judith Filomeno Ferreira FS, P
- 04 n(1905) Mons. Arthur Hartmann, vigário-geral, pO
- 07 v(1917) Eugênia Henrique Duarte FC, Viga
- v(1927) Maria Queiroz de Almeida FC, alt
- 09 o(1975) Estêvão Watté CICM, cSMar
- 11 n(1934) Afonso Jorge Braga OFM, vM
- 15 v(1957) Agnes Vinciquier ICM, Moq
- 16 n(1911) D. Honorato Piazeria SCJ, Lajes
- 20 n(1903) A. Aureliano P. Santos, P.
- 21 v(1933) M. da Natividade Lins SI, H
- n(1935) Victor J. Schymeinsky MM, cR
- v(1944) Maria Cristiana Arnau SI, H
- n(1945) Suelly Rubens Sendra FD, ENSM
- 24 n(1925) Virgília Bazzoni FB, IESA
- 25 n(1918) Tarcisio Bezerra França, cFát
- 26 n(1918) Cristina Mac Intyre FC, SJM
- n(1932) Duse Serpa FC, SJM
- n(1939) João Maria Baethge OFM, vEP
- o(1939) Valdemar do Amaral OFM, cap. Mend
- n(1941) João Martino CEIAL, cCSul
- 27 n(1922) Fernando Gomes Melo cR
- 28 n(1938) Antônio Martins SCJ, cNI-Cat
- v(1970) Henriette Groenen ICM, JRed
- 29 n(1940) Alcira Olga Hansel FB, IESA
- 30 o(1930) Côn. Carlos Greiner, vVMur
- o(1936) D. Honorato Piazeria SCJ, Lajes
- o(1953) Agostinho Pretto aACO nacional

CALENDARIO PASTORAL DEZEMBRO/1976

- 03/05 Planej. Secr. Cursilhos
- 05 Comemoração do 10º aniv. de D. Adriano, em Nova Iguaçu
- 07 r(09 h) mensal do clero
- última etapa das eleições
- 08 Festa da Imac. Conceição (dia santo)
- 12 Ultreya Natalina/Nosso Lar
- 14 r(09 h) CPresb/CFL
- 17 r(20 h) CPast/CEPAC
- 25 Festa do Nascimento de Jesus Cristo (dia santo)
- 28 r(09 h) CPresb/CFL

CALENDARIO SOCIAL DEZEMBRO/1976

- 01 n(1936) M. José Reis SI, H
- 02 n(1914) M. Cláudia Schmid FD, ENSM
- 03 n(1913) João Maria Baethge OFM, vEPed
- 04 o(1956) Nereu Meirelles, CEPAC
- 06 m(1965) Mons. João Müsch
- 07 n(1916) Benvenuta Huber FB, IESA
- 08 n(1888) M. da Conceição Breves FC (88 anos), Saco
- o(1938) Dinarte Duarte Passos, pNI-SCJ
- o(1938) Luís Gonzaga Passos, pMend
- o(1940) Maurício Celestino Fernandes, pRSob
- n(1948) A. Rogéria T. Carvalho FSant, P
- v(1951) Zuleide da Silva FC, NI-Hosp
- o(1967) Willi Gaertner OFM, vN-Con
- 13 o(1969) Estêvão Ottenbreit OFM, cN-Con
- 14 n(1917) Daniel de Leeuw CRL, vNMesq
- 16 o(1962) Antônio Ribeiro Laranjeira CSSp, vO-Trind
- 17 o(1967) Jaime Clasen OFM, cN-Con
- 18 n(1932) Nereu Meirelles, CEPAC
- o(1938) D. José Gonçalves da Costa CSSR, Niterói
- 21 n(....) Engênia Henrique Duarte FC, Viga
- n(1938) Mateus Vivalda CEIAL, vH, dir. dioc. da Carítas
- o(1952) Sebastião Lima, pBR-Seb
- o(1957) Elpidio Chilanti OFMCap, vNI-SFam
- o(1969) Domingos José Hellmann OFM, cN-Con
- 22 o(1968) José Pereira OFM, cSJM
- 23 n(1943) Luisa Natalina Cassel SM, CGde
- o(1945) D. Walmor Battù Wichrowski, Porto Alegre
- 25 n(1919) Virgínia Natalícia de Oliveira FC, Viga
- v(1922) Cristina Mac Intyre FC, Viga
- 26 n(1952) Ana Venância de Aguiar Frota FSant, P
- o(1943) Maurício Vian, pJ
- 28 o(1975) Valdir de Oliveira cPr
- 29 n(1929) Elpidio Chilanti OFMCap, vNI-SFam
- 31 o(1972) João Silvério Romero Garcia, Buenos Aires

Ê GOSTA DE TELEVISÃO?

Recolhido por ANA PAULA

pergunta do título chega a ser boba. Porque ninguém que desse engenhoso aparelho deixa, de certa forma, de se amarrar pelo menos em muitos de seus programas. Uns gostam do formativo em seus horários habituais. Outros, de novelas, sempre impróprias para menores. Velhos perfeitamente "reais", acompanham, com estranha fidelidade, a sua novelinha das 19h. Sei até também de padres que não dispensam sua novelinha de título diário. Para ser sincero, a gente não gosta de perder o "Chico City" ou, para variar "Os Trapalhões" da Tupi... dá para convencer que de fato a TV chegou para abafar ninguém no alcance de seu imã, escapa de suas garras. Mas, entre isso e dizer que a televisão é totalmente útil e boa, vai certa distância. Um exemplo: pessoa amiga que nos visitar. Visita de méra cortezia ou por estarmos enfermos ou indiscentes. Quase sempre acontece, se à noite, que o pessoal acompanha um programa neste caso, ou a visita aguenta o programa (nem sempre do seu gosto), ou se apressa em sair antes do momento previsto, sem tratarmos do porquê da visita. Se, atento, nosso amigo verificou que ninguém da casa lhe deu atenção, que sua presença não passou para aquela família, de uma simples enjeção. Ele papo gostoso, aquela troca de idéias, até mesmo as ideias tesouradas na vida alheia, tudo, tudo ficou arrasado com a anti-social da televisão, o invento do século. Tão mal exemplo neste Brasil culto e civilizado!

Refleta: estou ou não estou com a razão? Além disso, fale das novelas do que a censura tão pouco caso faz! de qualquer crítica em matéria de moral. Ora? Concorde? Ir na onda? - Não! A gente pode dar um jeito. Dar a pouca utilidade da TV, com antigas regras de boa educação. Não será melhor sacrificar um programa em favor de uma bem aproveitada visita do amigo que nos vem trazer um pouco de seu relacionamento? Palavra de ânimo, ou quem sabe, pedido de conselho ou ponto de vista? Bem que tenhamos muito bem instalada nossa TV. Que acompanhe nossos programas de cultura, de lazer, simples passa-tempo. Que aprendamos que nosso aparelho não se destina, jamais, a

(Cont. da pag. 7)

A Noite Horível de Dom Adriano, Nosso Bispo

A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato que aflingiu Dom Adriano, nosso irmão e pastor, na noite de 22 de Setembro de 1976. Ele foi selvagemmente sequestrado, encapuçado, torturado e algemado. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem. São aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, que defende os direitos humanos. Em verdade, nas Igrejas de Nova Iguaçu, Dom Adriano vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos. Todos os leitores do jornalzinho "Luz da Alvorada", sabem muito bem disso. Tantas vezes leram artigos de nosso bispo, inclusive nos meses p.p. de Julho e Agosto, quando escreveu sobre a vida na "Baixada Fluminense!"

Mas têm aqueles que no seu fanatismo, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão de compromissos com os oprimidos, confundido-o com inspirações ideológicas. A Igreja conhece a sortidez das armas empregadas pelos partidários da injustiça, mais não se atemoriza por isso e ela tem a certeza de ser jugada digna da tradição daqueles que selaram com sangue o seu testemunho cristão.

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares das Igrejas estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos «filhos das trevas», os quais em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os «clamores do povo». (Êxodo, 3,7).

Ninguém ignora que nestes últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças. «Sereis odiados por todos por causa de meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação» (Lucas - 21,17 - 19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

Pe. IVO e Pe. ERNESTO, com os Sacerdotes, religiosas e leigos da Diocese de Nova Iguaçu

Inauguração do Salãozinho de Jardim Canaã

O dia da inauguração estava marcado, domingo, 3 de Outubro, com Missa campal, celebrada por Dom Adriano, às 15,30 horas. Mas, por causa dos acontecimentos que atingiram o nosso Bispo, terá neste domingo, 3 de Outubro, às 16 hs., na Catedral uma Missa em redor de Dom Adriano, com todos os católicos da Diocese.

A inauguração em Canaã é adiada! Oportunamente divulgaremos a data.

ACRÉSCIMO AO DIA DA CRIANÇA

ÇA QUE EU AMO
ça você escolheu para
que foi aquela menina
lhinhos azuis? Terá sido
a br-jreira, tranquina, que
car?

seria o menino peralta,
ito, alegre a pular? ou
aroto gorducho, maroto,
bola à jogar?

se se é aquele menino
e ao sorrir mostra seus
os? Sera aquela criança
em seu coração já tem
ou será o menino que
porta a pedir sem cessar:
eu quero matar a fome".

que escolhi para amar,
não medi tamanho, seus
vi... Seus olhinhos azuis
nem sei... Por onde
ntas... vicrianças, iguais,
das, despidas, risonhas,
se comiam, não sei...

quero dar, porque a
escolhi para amar vive
do por mim. E o amor
ingo para ela será, por-
onde o futuro do mundo.

(Por Terezinha Lima)

PARA UM VIVER FELIZ

- Arranje tempo para sorrir
o riso é a música da alma.
- Arranje tempo para pensar
pensar é a fonte do poder
- Arranje tempo para divertir-se
divertir é o segredo da
juventude perpetua.
- Arranje tempo para ler
ler é a fonte da sabedoria.
- Arranje tempo para orar
A oração constitui o maior
poder na terra.
- Arranje tempo para amar
e ser amado
amar é um privilégio
concedido por Deus.
- Arranje tempo para ser
útil aos outros
o dia é muito curto
para os egoístas
- Arranje tempo para sonhar
é este o meio de ligar
uma estrela ao carro em
que viaja na terra.
- Arranje tempo para ser amigo
é este o caminho da felicidade.
- Arranje tempo para trabalhar
o trabalho é o preço do sucesso.
- Arranje tempo para Deus
pois Ele é o caminho para um
viver feliz.

(Recolhido por Antonia - Eridam)

"BATE-PAPO"

(Por Aparecida - B. da Luz)

pos d'agora não são os mesmos de antigamente, é lógico. Mas o
a um retrocesso inesperado: a nostalgia, melhor dizendo. As pessoas
meçaram a copiar a moda dos anos 50, os rapazes e as moças ade-
ças apertadas, os Jeans em geral, olhos escuros, botas, tudo aquilo
rte da geração de 50

stinhas de sábados, os rocks de Bill Harley, Chuck Berry, Little Ri-
Presley, retornaram as vitrolas, o jeito de agir, menos agressivos
tudo de repente voltou.

ndes filmes de Hollywood atacaram o cinema e toda uma grande
e rever os novos clássicos do cinema.

isso? Uma onda que deu na cabeça das pessoas e os comerciantes
esentocar das prateleiras os velhos discos, uma onda não muito
sim publicitária para vender tudo aquilo que estou falando!
ão é de um leitor! O que acha da nostalgia?

Sobre o Sequestro a pag. 7

LUZ DA ALVORADA

EDITADA PELA PAROQUIA DE SANTA LUZIA
ANO IV — Nova Iguaçu - (Bairro da Luz) - Outubro 1976 — N.º XXXVII

OS NOSSOS BAIRROS

Por MARIA e ODETE FRANÇA

Sabemos que muitos moradores dos bairros da paróquia Santa Luzia querem lutar e zelar pelo bem estar social comunitário e chegam a protestar por tudo o que é ruim! Ao mesmo tempo conscientizar todo o povo até ter um dialogo franco com as autoridades para que elas possam entender o que desejamos na vida dos nossos bairros e se lembrar que o objetivo é o "homem"!

— Uma omissão grande, não só aqui como em toda Baixada Fluminense é a falta de sinalização de trânsito. Quem não conhecer bem os bairros, fatalmente se perderá, pois não existe sinalização indicativa que oriente. Então como encontrar o seu caminho de destino? Esta providencia não custa tanto as autoridades responsáveis (financiamento e horas de trabalho), terá a vantagem de dar um cunho de civilização a nossa comunidade.

— É triste ver o desespero dos alunos atravessando a Estrada de Madureira no Alvorada. Sem sinalização, sem limitação de velocidade, sem proteção nenhuma, os adultos e ainda mais as crianças, sofrem constante agonia. Já teve muitos acidentes! Porque temos de sofrer, chorar e gritar para conseguir o que é de direito?

— As ruas de Nova Era e São Vicente são um perfeito estado de aban-

dono. Não temos iluminação, ruas patroladas, com buracos horríveis (os caminhões de entrega de gás nem querem entrar lá) e acima de tudo o mato invade vários trechos. Muitas casas abandonadas após as enchentes vão desaparecendo pouco a pouco. Os residentes que transitam têm que ser "equilibristas" para andarem. Em quase todas as ruas o aspecto é o mesmo: falta de saneamento, água potável, calçamento, comunicação... O progresso em suma ainda não chegou em nossos bairros. Será que um dia um Prefeito vai proceder os melhoramentos das valas que vivem cheias de mosquitos ou pelo menos colocar luz nas ruas, para o abandono não continuar?

— Sabemos que existe um plano do Governo Municipal para iluminação de vários bairros do Município e pedimos, em nome dos que aqui residem, que sejam incluídos neste esquema. Afinal, somos filhos de Deus!

LUZ DA ALVORADA

EDITADA PELA PAROQUIA DE SANTA LUZIA
ANO V — Nova Iguaçu - (Bairro da Luz) - Maio 1978 — N.º LVI

Acorrentados pelo nome de Jesus e pela mesma Esperança

Por Padre Ivo

"Tendo comido o pedaço de Pão, Judas saiu imediatamente. E era noite". (João, 13,30).

A noite, às trevas são sempre a hora das traições e das rene-gações. A noite, o tempo de todas as covardias sem nome e sem rosto.

Na noite de 22 de setembro de 1976, homens cujos crimes e baixezas pretendem esconder-se na escuridão e atrás de capuz, sequestram Dom Adriano, nosso bispo, maltratam-no, ameaçam-no.

Querem, pelas humilhações, pelas bofetadas e pelas ameaças, amedrontá-lo.

Querem que se cale a voz que anuncia a Boa Nova aos pobres, dá ânimo aos oprimidos, vista aos cegos, vida aos paráliticos, em nossa baixada, pisada, marginalizada, crucificada.

Querem que se cale aquele que aqui, se fez a voz dos sem voz.

Querem que se cale a voz que, sem cessar, denuncia a explo-

ração, a marginalização e todos os desprezos e que anuncia um Reino de Paz, baseada na Justiça e na igualdade dos irmãos: o Reino do Pai.

Querem que se cale a voz do Evangelho.

Há dois mil anos que querem silenciar aquela voz:

"Os chefes, Sacerdotes, Prefeito do Templo, Escribas, Doutores, ficaram contrariados pelo fato dos Apóstolos doutrinar o Povo e anunciarem, na pessoa de Jesus, a ressurreição dos mortos. Prederam Pedro e João (...) e proibiram-lhes terminantemente abrirem a boca e ensinarem em nome de Jesus. Mas Pedro e João responderam-lhes: "Julgai vós mesmos se é justo perante Deus obedecer mais a vós do que a de Deus. Não podemos silenciar a respeito do que vimos e ouvimos" Atos dos Apóstolos, 4,1-20).

(Cont. na pag. 2)

Acorrentados pelo nome de...

(Cont. da pag. 1)

A força dos poderosos não conseguiu silenciar a voz dos Apóstolos.

Também a voz de Dom Adriano não se calou. Ele continua anunciando que Jesus, o Crucificado, hoje é Vivo e, hoje, nos chama a participar aqui da Sua própria Ressurreição. Jesus, nossa Esperança. Libertação dos que, na sua Sexta-Feira Santa cotidiana, são tão desfigurados que não têm mais aparência humana. Jesus, Libertação dos pobres a quem são recusados o direito e o poder de ser gente; o direito e o poder de levar, por graça, no seus rostos, às feições do Pai comum, como filhos no Filho Único e Bem-Amado.

Dom Adriano continua anunciando o Evangelho da Libertação e da Ressurreição:

"Hoje como ontem e como amanhã, me proponho a servir os meus irmãos, porque neles vejo a face de Jesus Cristo a quem quero servir".

(B. Adriano, Mensagem de agradecimento, 27/09/1976).

Pedro foi preso uma primeira vez, uma segunda vez, uma terceira vez, não conseguiam que ele deixasse de falar "em nome de Jesus". Foi preso uma última vez e o mataram. Pensavam os poderosos calar assim definitivamente a boca de Pedro. Não sabiam eles que o sangue dos mártires grita, mais alto que todas as bocas do mundo, o que virentes e ouvirem. Não sabem ainda eles, que o "sangue dos mártires é semente de cristãos".

Os homens da noite covarde, querem de novo atentar contra a pessoa de D. Adriano. Continua incomodando uma Igreja que evangeliza os pobres e vive o que ela proclama:

"A Ação pela Justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, isto é, da missão da Igreja em prol da redenção dos homens, de todas as situações de opressão".

(Declaração do Papa Paulo VI e dos Bispos, reunidos em Sínodo em Roma, Justiça no mundo, 1971).

Querem de novo atentar contra a pessoa de D. Adriano. A persuasão pela força, pela hu-

(Cont. na pag. 3)

Acorrentados pelo nome de...

(Cont. da pag. 2)

milhação, pela ameaça, tentada na noite de 22 de setembro de 1976, fracassou.

"Hoje, como ontem e como amanhã, me disponho a servir meus irmãos..."

A covardia dos fracos, mesmo quando numerosos e armados, é capaz de torná-los assassinos. Basta lembrar as mortes dos Pe. Lunkembeine e João Bosco Burnier, do índio Sirão Cristino, para só falar de exemplos recentes.

Na ordem do crime, do sequestro com ameaças ao atentado contra vida humana, a distância não é tão grande, quando, de qualquer maneira se quer impor um silêncio. Seria pefeitamente oportuno e eficaz um "acidente".

Na nossa Baixada Fluminense, a experiência e as técnicas do Esquadrão da Morte aperfeiçoaram a arte de silenciar temporária ou definitivamente testemunhas incomodadas. Mais o "acidente" não faz mártires cujo sangue seria ainda anúncio e apelo do Evangelho.

Em conclusão, queremos deixar claros os sentimentos e as convicções que nos animam:

— "Onde está o Bispo, ali

também está a Igreja", escrevia Santo Inácio de Antioquia. Igreja é Povo de Deus. Onde estiver Dom Adriano, ali também estará o Povo-Igreja de Nova Iguaçu, no serviço de Evangelização, nos sofrimentos, nas perseguições, nas calúnias, na confissão do martírio se um dia precisar, sempre no mesmo serviço aos irmãos e na Esperança. Mas também tudo que atinge à pessoa de D. Adriano, nosso Bispo, atinge ao povo todo. Assim foi e será ressentido, vivido e celebrado.

— Não acreditamos nos "acidentes providenciais" que matam os profetas, quando tantos interesses são dispostos e tantas mãos prontas para armar as armadilhas do crime. A hora não é da ingenuidade. Cristo nos deixou de sobreaviso:

"Lembra-vos do que vos disse: Não é servidor maior do que o seu Senhor. Se a mim perseguiram, a vós também perseguirão". (João 15,20).

— Dom Adriano nos pediu a comunhão de nossa oração fraterna. Fazemos nossa a oração da primeira comunidade cristã na hora da perseguição e da prisão de Pedro e João:

(Cont. na pag. 5)

Acorrentados pelo nome de...

(Cont. da pag. 3)

"Senhor, foste Tu que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe...

Nesta cidade de Jerusalem, Herodes e Pilatos aliaram-se, com as nações, contra o teu santo servidor Jesus..

E agora, Senhor, considera as

suas ameaças e ajuda teus servidores a anunciarem a tua Palavra com plena firmeza.

Ao mesmo tempo, estende tua mão para que se operem no meio de nós, tuas maravilhas, em nome de teu santo servidor Jesus".
(Atos dos Apóstolos, 4, 24-31)

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ



PROFETA

E D I T O R I A L *sobre o Sequestro*

Os católicos que compreendem a quase totalidade do povo brasileiro, e em particular esta paróquia, sentem-se profundamente consternados face ao ocorrido com o nosso bispo diocesano Dom Adriano Hypolito e seu sobrinho Fernando.

É muito profundamente lamentável que o bispo desta diocese de Nova Iguaçu tenha sido sequestrado, torturado, amarrado e pintado de vermelho quando em nenhum momento de sua atuação nessa diocese ao longo dos anos, jamais tivesse ele se deixado envolver pela política partidária ou qualquer ideologia; combatendo as injustiças e tentando interpretar os problemas sociais da Baixada Fluminense à luz do Evangelho, acreditando nas soluções cristãs e pacíficas; características estas, que autoridade eclesásticas, governamentais no âmbito federal e estadual, entidade de classe e do próprio vaticano; e solidariedade ao nosso bispo; caracterizam a repulsa do povo brasileiro, ordeiro e pacífico; a esse ato de vandalismo praticado por uma orda de inconsequentes, empenhados em perturbar e aniquilar a nossa paz, e dividir a nossa pátria.

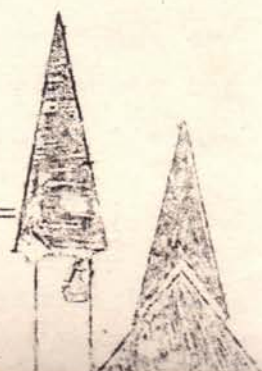
Nossas esperanças residem na apuração da responsabilidade por parte das autoridades competentes, e nas medidas de prevenção contra atentados de tal natureza para que todo o povo brasileiro possa desfrutar de paz, segurança e justiça que lhe são características.

E Q U I P E D E "O P R O F E T A"

| | |
|---------------------|---------------------------|
| DIRETOR RESPONSÁVEL | - Pe. Daniel de Lencastre |
| COORDENADOR | - Antônio José da Costa |
| VICE-COORDENADOR | - Bernardo P. da Silva |
| DATILOGRAFIA | - Vilma dos Santos |
| | - Maria Antônio |
| MIMEÓGRAFO | - José Alcimar |
| | - Vania dos Santos |
| | - Plácido Antônio |

a mensagem de milênios com o sabor de hoje ~ ~ ~

SEMANÁRIO DOMINICAL ~ NOVA MESQUITA



C O M U N I C A D O A O P O V O D E N O S S A D I O C E S E
D E N O V A I G U A C U

Dom Adriano, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente sequestrado, encapuçado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite de dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime / nós conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas de injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: "felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. / Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, / pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (em Mateus, 5, 11 - 12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos / mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os "clamores do povo" (Exodo 3, 7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América / Latina, inúmeros cristãos - leigos, religiosos, padres e bispos - foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de / nosso continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais / fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato / isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: / "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo da vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação" (Lucas 21,17 - 19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

Sacerdotes, religiosas e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, reunidos com o Vigário Geral.

23 de setembro de 1976.

PROFETA



Sobre a missão de desagravo ao D. Adriano

D I A L Ó G O : A R M A D A P A Z

Neste Domingo, dia 3 de outubro, nosso Bispo, Dom Adriano vai rezar Uma missa na Catedral de Santo Antonio em Nova Iguaçu. Dom Adriano será acompanhado pelos bispos da região, pelos padres da Diocese e por todo o povo da Diocese de Nova Iguaçu. Ele conta com todos/vocês. Esta missa será rezada para agradecer a Deus que protegeu o nosso bispo durante o seqüestro. Vamos rezar também para que os responsáveis do seqüestro cheguem a melhores sentimentos com a Igreja e o nosso povo que estão pedindo só a justiça, segurança e paz.

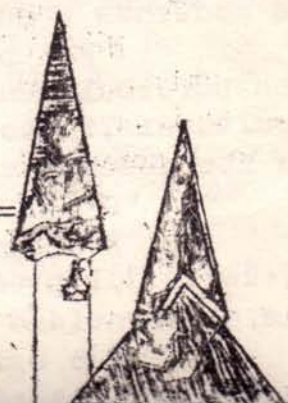
Há mais de oito dias não temos mais notícias sobre o caso de Dom Adriano no Rádio e televisão. São meios de comunicação que devem servir para o povo. Ninguém sabe o que se passa. Diálogo não é possível. O nosso bispo, fala em público, recebe qualquer pessoa, está sempre disposta a dialogar com qualquer um. Usar a força bruta para combater idéias é digno da pessoa humana, é confessar a sua incompetência.

sem diálogo a situação não pode melhorar. A força bruta nunca resolveu nada. Em frente dela, ficamos com medo mas firmes. Enquanto estamos defendendo uma causa justa esta força bruta pode bater, pode matar mas nunca vai mudar a verdade.

Ficamos com a esperança que o silêncio seja rompido, que o diálogo se faça para que a verdade seja conhecida para todos.

M E N S A G E M P. D A N I E L D E L E E U W

a mensagem de milênios com o sabor de hoje
SEMANÁRIO DOMINICAL ~ NOVA MESQUITA
~ PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO ~



CR\$ 10,00
PARA TODO
O BRASIL



ANO 1 - Nº 3 - OUTUBRO - 1976

BLITZ

REVISTA POLICIAL

ESQUADRÃO
DA MORTE

Em
Caxias:
Daniel
viveu e

D
E
D
U
R
O
U

LUDINHO:
Seqüestro e
Morte do Galã
Milionário

NOTÍCIAS SOBRE O
SEQÜESTRO
Página 8.



YOLANDA

**DOIS
DA
GANG**



ARAMIS



D. Adriano:

O sequestro que comoveu o país

TODOS NÓS ESTAMOS ALEGRES PORQUE VOCÊ ESTÁ DE VOLTA



"Todos Nós Estamos Alegres Porque Você Está de Volta". Essa frase estava exposta em uma faixa enorme durante a entrevista de D. Adriano à imprensa, na sua Diocese!

Por Sandra C. Nunes
Fotos de Alvaro Portanova

— Irmãos: aqui estamos para manifestar nossa solidariedade ao nosso irmão e pastor, Dom Adriano. Todos sabemos como, na noite do dia 22 de setembro, foi selvagemmente seqüestrado, encapuçado, algemado e torturado, juntamente com seu sobrinho Fernando. Os autores deste atentado disseram que iriam fazer o mesmo com outros Bispos da Igreja. O que pretendem é atingir a posição da Igreja a favor do povo, dos pobres, dos oprimidos. Querem amedrontar e fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos".

"Nós, cristãos, estamos conscientes de que a Igreja não pode deixar de cumprir a missão que Cristo lhe confiou, que é pregar o Amor e a Verdade, denunciar o erro e a injustiça e lutar pelos direitos humanos. Nosso Senhor foi perseguido por causa de sua pregação, e nos preveniu de que também sofreríamos perseguição. Sabemos que é da morte que nasce a vida, da cruz que vem a ressurreição. O sofrimento do nosso pastor é um sinal de que estamos no caminho certo, no caminho que Nosso Senhor viveu e pregou.

"Celebramos hoje, também, de São Francisco, homem de Deus que optou pelo povo pobre, pelos pequenos e humildes, e colocou toda a sua vida a serviço deles. Também nós queremos celebrar o nosso compromisso de viver o Evangelho até o fim, de colocar nossa vida a serviço do povo e, unidos em nossas comunidades, ser cristãos, sem medo e sem desânimo, diante daqueles que querem destruir a nossa força: No



O Bispo de Nova Iguaçu chegou a causar uma espécie de suspense aos presentes a sua entrevista. Ele narrou, minuciosamente, os lances difíceis vividos por ele e o sobrinho Fernando, durante o seqüestro de que foram vítimas no dia 22 de setembro, depois das 19 horas!



Assim ficou o Volks EB 7591, que era dirigido por Fernando Leal e levava consigo D. Adriano Hipólito, Bispo da Diocese de Nova Iguaçu. Os seqüestradores, não satisfeitos com o seqüestro, ainda explodiram o automóvel!



Alegria, alegria. Tudo terminado. O resto agora ficou por conta da polícia.

mundo tereis aflições. Mas, coragem! Eu venci o mundo".

Esse texto de solidariedade foi distribuído entre milhares de fiéis, padres e Bispos de Dioceses fluminenses e de outros Estados que compareceram à primeira Missa celebrada pelo Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, depois de sua liberação pelo grupo que o seqüestrou.

O INÍCIO E O FIM

No dia 22 de setembro, quarta-feira, Dom Adriano trabalhou até às 19 horas, em seu gabinete, na Cúria Diocesana e a última pessoa a ser atendida foi o operário Fidélis, que tinha sido assaltado no domingo anterior e foi pedir um adiantamento em dinheiro. Depois de conversar alguns minutos com os padres Henrique e David, da Catedral de Nova Iguaçu, dirigiu-se a seu Volks (EB 7591), onde o aguardavam o sobrinho Fernando Leal Webering e a noiva deste, Maria del Pilar Iglesias. Tomaram o caminho de hábito e seguiram para o Parque Flora, onde reside. A moça, conforme fazia todos os dias, aproveitava a carona e ficava em sua casa, na Rua Paraguaçu. O carro entrou na rodovia Presidente Dutra e pouco depois do Km 15, em direção a São Paulo, Fernando, que o dirigia, teve que mantê-lo

no acostamento porque um caminhão passou em alta velocidade. Naquele ponto estava estacionado um Volks vermelho, que inclusive chegou a atrapalhar a volta à pista do veículo em que o bispo viajava. Pelo que observou, o Volks passou a segui-los.

Passado o viaduto que liga a Rua Roberto Silveira à Estrada de Ambaí e o bairro da Posse, Fernando, para evitar um cruzamento perigoso na Praça da Posse, seguiu até o posto de gasolina e dobrou à direita pela Rua Minas Gerais, como vinha fazendo há alguns meses. Na esquina das Ruas Minas Gerais com Gama, lado esquerdo, estava parado um carro com os faróis acesos, que procurou avançar com rapidez na frente do veículo ocupado pelos três. No entanto, o rapaz foi mais rápido e chegou a ser repreendido pelo tio. O Volks do bispo entrou na Rua Gama e a seguir na Dona Benedita. Nessa altura, dois carros o seguiam. Fernando disse que "pareciam estar malucos ou então brigando" e o tio respondeu para ele apressar mais "para não se envolverem na briga". Fernando Leal acelerou o carro e entrou na Rua Moçambique, ocasião em que foram fechados por um Volks vermelho, mas foi possível continuar a viagem. Àquela altura ainda não tinham percebido a situação real.

DESCERAM ARMADOS

Seguiram normalmente pela Rua Moçambique, uma ladeira curta, e no topo dobraram à direita para a Rua Paraguaçu, onde mora Maria, numa das casas do final, pouco antes de se atingir a Estrada do Ambaí. O bispo conta que pediu a Fernando para encostar bem junto ao meio-fio para que a moça pudesse saltar e os "briguentos" passassem sem incomodar. Aproximadamente cinco metros antes do portão da casa da noiva de Fernando, o "Fusca" vermelho cortou o carro pelo lado, saltando cinco ou seis homens armados de pistolas, fazendo ameaças. Do lado do bispo um gritou: "É um assalto. Saia logo senão atiro". Como o bispo hesitasse, tentando entender aquilo tudo, a porta foi aberta com violência e puxaram-no, fazendo tropeçar e cair. Dom Hipólito ainda perguntou: "Meu irmão, o que foi que eu lhe fiz?".

SEMPRE AGREDIDO

Com brutalidade, dois homens arrastaram o bispo e o atiraram no banco traseiro do carro deles, com pancadas na cabeça para que ele se abaixasse. Ao entrar Dom Adriano conseguiu ver que o homem que estava ao volante usava óculos quadrados sem aro, e o outro tinha o rosto redondo e rude, com as faces marcadas por cicatrizes de es-

O sequestro que comoveu o país

pinhas infeccionadas. Nos oito ou dez minutos da ação do seqüestro, Maria conseguiu fugir abaixando o corpo e ainda chegou a ficar imóvel no portão de sua casa, entrando em seguida. Numa padaria que fica logo depois da casa da moça, algumas pessoas assistiram a tudo; imóveis.

O homem de rosto rude começou a espancar o bispo para que não levantasse o corpo e em seguida colocou um capuz de fazenda grossa em sua cabeça, amarrando-o. Dom Adriano ainda conseguiu ver as algemas escuras (seria ferrugem), que instantes depois lhe eram colocadas — um pouco afastadas do pulso, de maneira irregular — e o carro, arrancando com violência, seguiu com destino à Estrada de Ambaí. A hora seria entre 19h30min e 19h45min, segundo o bispo. Sempre que lhe batia, o estranho dizia palavras. Depois de alguns minutos, dando voltas com o carro e fazendo Dom Adriano perder a noção do tempo e impedindo que identificasse os lugares por onde passavam — ele pensava ser na Baixada —, andaram em estradas asfaltadas, ruas com paralelepípedos e estradas de barro. O bispo só recorda ter ouvido um homem dizer ao outro que

"aquele serviço iria render quatro milhas".

Mesmo com o carro em movimento, o homem começou a apalpar o bispo, à procura de carteira. Não encontrando nada, passou a cortar os botões da batina, um a um, descobrindo os bolsos e esvaziando-os. Num deles, estavam os lenços, óculos e um terço. No outro, a agenda de bolso, documentos e algum dinheiro. Aproveitou e arrebatou sua pulseira de prata, retirando o relógio.

Depois de três paradas rápidas, os homens pararam novamente e dizendo palavras mandaram que Dom Adriano descesse. Em seguida o deixaram inteiramente nu. Tentaram enfiar na boca do bispo o gargalo de uma garrafa de "cachça" mas ele resistiu, e não houve insistência, mas um deles derramou o líquido sobre o capuz, chegando a asfixiá-lo. Caiu no chão e recuperou-se logo em seguida. Dom Adriano conta que estava deitado num terreno irregular com pedras e gravetos e, a cerca de no máximo 100 metros, ouvia-se o barulho de motor de carro. Os dois homens começaram os insultos e provocações, e enquanto um rugia, o outro dizia ao bispo: "Chegou a tua hora miserável, traidor vermelho. Nós somos

Ação (o bispo não se recorda se disseram ação, aliança ou comando) anti-comunista brasileira e vamos tirar vingança".

"Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do bispo Calheiros, de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos traidores". Em seguida, disseram: "Diga que é comunista, miserável". O bispo respondeu que nunca fora, não é e jamais será comunista. O que faz é defender o povo. Como resposta, davam-lhe pontapés.

Não muito distante, o bispo ouvia a voz do sobrinho, que gritava: "Não façam isso comigo, eu não fiz nada." O bispo diz que teve a impressão de que estavam batendo no rapz e resolveu pedir para que o deixassem em paz porque não tinha culpa de nada, e um dos homens respondeu que "quem ajuda comunista é comunista". Dito isto, começaram a lançar um spray em seu rosto, fazendo-o pensar que seria queimado. Um homem disse que era "para cortar" e outro disse duas vezes que o "chefe deu ordens para não matar. Você não vai morrer não. É só para aprender a deixar de ser comunista". Depois de 30

Na hora da solenidade que culminou com uma entrevista coletiva, D. Adriano recebeu muitas solidariedades!

